

# CARTAS JESUÍTICAS: 1549-1560

Manuel da Nóbrega

Coleção  
**AUTO**  
CONHECIMENTO

BRUNO  
**FULEJO**





**APOIO FINANCEIRO:**



**GOVERNO  
DO ESTADO**

SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



**PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL

“O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal”.

**Coleção**  
**AUTO**  
CONHECIMENTO

MANUEL DA NÓBREGA

# CARTAS JESUÍTICAS

(1549-1560)

THEATRO  
XVIII

Republica of

INACIO  
FULFEO

BAHIA / 2021

## PREFÁCIO

*O* autor dessas Cartas, Manuel da Nóbrega (1517-1570), chegou a Salvador nos últimos dias de março de 1549, na frota do governador militar Tomé de Souza, liderando os sacerdotes Leonardo Nunes, João de Aspilcueta Navarro, Antônio Pires, Vicente Rodrigues e Diogo Jacome, jesuítas e intelectuais que traziam novos costumes aos Tupinambás, povo ágrafa e dono de uma cultura própria. Segundo as descrições, os jesuítas foram os primeiros recém-chegados a desembarcar - Nóbrega, com uma cruz de madeira nas mãos - seguidos dos soldados em ordem de combate, dos colonos, artesãos, mulheres e crianças. Todos para esse “encontro” extraordinário de culturas europeia e americana, com os Tupinambás e alguns europeus que já habitavam a Vila do Pereira, na Barra.

Nóbrega organizou a criação das cidades de Salvador (1549), Rio de Janeiro (1565) e São Paulo (1554) com seus sacerdotes, representando o Vaticano que guardou para si a Educação do Novo Mundo. Chegados, os jesuítas instalaram escola de ler e escrever no Terreiro de Jesus; em casa de taipa, coberta de palha, hoje belíssima mansão colonial. A partir daí e até 1760, quando foram expulsos da Colônia, educaram crianças europeias e nativas pelo método Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu<sup>1</sup>, que “conduzia” o aluno a uma cultura diversa da sua, imergindo-o na

<sup>1</sup> O método didático só foi implantando em 1560.

*Antiguidade clássica depurada de exemplos maldosos. E em pouco tempo, João de Aspilcueta Navarro (1497-1556) criou orações e hinos católicos em Tupi (antigo) - idioma que José de Anchieta (1534-1597) usou para exortar os pagãos à fé, através do teatro - até que se imprimiu a Gramática Tupi de Anchieta em 1595.*

*Foi o autor destas Cartas quem escreveu: “esta terra é nossa empresa”. E era. Os militares chegaram com a pólvora e os jesuítas com a Educação. Os militares encontraram guerreiros hábeis e corajosos, os jesuítas “papel branco onde se podia escrever, à vontade, as virtudes mais necessárias”<sup>2</sup>. A educação não foi menos violenta que a pólvora, como se pode depreender.*

**Aninha Franco**

*Curadora da Coleção AutoConhecimento Nação Fulejo*

---

<sup>2</sup> Nóbrega, Manuel da – *Cartas do Brasil, Itatiaia, 1988.*

## NOTA PRELIMINAR

**A** colonização europeia dos outros mundos não teve, necessariamente, ainda hoje não tem, senão intuits egoístas metropolitanos, de tráfico e exploração, salvo alguma vaidosa expansão imperialista. Daí, todas as suas taras.

As colônias foram, e ainda são, o purgatório das metrópoles. As mesmas colônias inglesas que formaram os Estados Unidos foram o escoadouro das prisões. “Mal empregada esta terra em degredados”, dizia Nóbrega do Brasil. As Guianas e a Nova Caledônia são remanescentes desses presídios coloniais.

A escravidão do aborígene e do africano para a América foi comum a todo o continente. Ainda hoje, a escravidão existe em colônias europeias da Ásia e da África, sob o eufemismo, discutido na Sociedade das Nações, de “trabalho forçado”.

Finalmente, a moral era suspensa, com a travessia. O “ultra equinoxialem non peceavi”, citado por Barlaeus, refere-se ao intertrópico, mas, na realidade, era por toda parte que sobejava da Europa, o continente digno: mesquinhas por natureza, pensava ela, seriam as outras partes do mundo. Pois se até os cães desaprendiam a ladrar na América, como recordou Hamilton, quanto mais o homem, com a virtude... Os negócios coloniais têm direito — é ainda moral europeia de hoje — de ser “louches”, o direito de serem tortos. Sabemos nós, do Brasil, qual a profecia de Buckle sobre a civilização brasileira: aqui, nem sequer lugar havia para o homem...

Com essa mentalidade, quase intacta ainda quatro séculos depois, é milagroso como, apenas descoberto o

*Brasil, religiosos europeus aqui sustentam, até pelo martírio, doutrinas e ações completamente opostas. Foram os jesuítas. Contra a Metrópole, lá. Contra os reinões, aqui. Eles se bateram, do primeiro ao último dia, até serem expulsos, de 1549 a 1777, por esses três ideais que são o fundamento mesmo da nacionalidade, que nos desejaram e ajudaram a fundar, no que puderam: boa imigração europeia, liberdade dos naturais, identidade moral de todos. E não apenas o tráfico e a exploração, o governo e o fisco da Metrópole; mas um espírito nativista, educando na ciência, nas letras, na moral, a gente para amar a terra, o brasileiro para suscitar, enfim, o Brasil. Até mais, com Vieira, já a autonomia econômica, de onde viria a independência política: “tudo o que se tirar do Brasil com o Brasil se há de gastar!”*

*Se nos admira o milagre, mais nos deve ele mover à gratidão. Por isso os documentos jesuíticos não são apenas história do Brasil: são essenciais à ética brasileira. Mais do que nos historiadores nacionais, aliás justos com eles, os escritos desses padres devem ser os indispensáveis documentos da formação nacional. Bem haja os que, raro e espaçadamente, os publicaram; bem haja Capistrano de Abreu e Valle Cabral que tentaram e realizaram, na maior parte, sob o modesto título de “materiaes e acJéfgas”, a publicação, em livros, dessas cartas e informações jesuíticas.*

*Achamos de nosso dever retomar a empresa, e completamente, realizá-la. As Cartas de Anchieta não saíram em volume. As Cartas Avulsas, apesar de impressas, tão inexplicavelmente desapareceram que se não dirão publicadas, pois não existem em nenhuma biblioteca pública e privada das que conhecemos. As Cartas*

de Nóbrega já são raridade bibliográfica. Pois bem, vai a Academia Brasileira publicar ou reeditar tudo, esses primeiros documentos nacionais da formação moral, civil e natural dos brasileiros.

Agora, como era devido, o primeiro e o igual aos maiores — o grande padre Manuel da Nóbrega. Reproduzimos, neste volume, a modesta edição de 1886 da Imprensa Nacional, fielmente, com as sábias notas de Valle Cabral, aqui e ali alguma outra, de atualização, de Rodolpho Garcia, melhor apresentada a edição. Juntamos os Diálogos do padre Nóbrega sobre a conversão do gentio que publicou a Revista do Instituto Histórico (t. XLIII p. 2a) sem aludir à cópia, que possui de um apógrafo de Évora (cf. t. LXVII p. 1 a). Aliás a eles alude, no seu prefácio, Valle Cabral. Já é muito. Mais prometemos, nos dois volumes seguintes.

Interpretando o sentimento comum, rematamos que o cumprimento desse dever, não vai sem emoção, a que sempre suscitam a justiça e a gratidão...

A. P.

Posto que impressas estas cartas, exceto duas, havia muita conveniência de aparecerem reunidas em livro e é 43 que se faz agora, dispensando assim a consulta dos volumes em que elas se achavam dispersas. O texto foi cuidadosamente revisto: umas foram confrontadas com a cópia manuscrita e o original da Biblioteca Nacional; outras, com a cópia extraída pela comissão Gonçalves Dias, em Évora, pertencente ao Instituto Histórico; uma com a cópia que possui o mesmo Instituto na coleção de documentos colhidos na Torre do Tombo de Lisboa; duas foram traduzidas do italiano.

É provável que ainda exista boa soma delas. Domingos Alves Branco Muniz Barreto, no Plano sobre a civilização dos índios do Brasil (*Rev. do Inst. XIX*, pp. 33-98), escrito em 1788, alude a um discurso de Nóbrega, do qual transcreve uma passagem e a outras cartas dos jesuítas existentes no cartório do Colégio da Bahia<sup>1</sup>. É possível que ainda hoje ali existam ignoradas de todos e seu aparecimento seria de certo achado precioso.

Nóbrega escreveu muitas cartas sobre as missões do Brasil, das quais poucas são aqui conhecidas. Começou a publicá-las no original português Balthasar da Silva Lisboa nos *Anais do Rio de Janeiro*; seguiu-o a *Revista do Instituto Histórico*. Destas duas obras passaram a ser reproduzidas em outras e as primeiras que saíram na *Revista do Instituto* reuniu-as Innocencio Francisco da Silva no final da 2ª edição (Lisboa, 1865) da *Crônica da Companhia de Jesus*, de Simão de Vasconcellos. No próprio século em que foram escritas algumas apareceram em espanhol e depois em italiano, publicadas em coleções jesuíticas. Também uma, pelo menos, foi traduzida em latim.

---

<sup>1</sup>No tomo 2º das “*Cartas escritas das missões*” e no Copiador n. 2º das “*Cartas escritas para fora da capitania*”. É de supor que estes livros a que se refere Alves Branco, que os viu, sejam os próprios registros das cartas dos jesuítas, escritas da Bahia para a Europa e diversas partes do Brasil; entretanto, o padre Antônio Franco, na *Imag. da virt. em o nov. da Companhia de Jesus no Coll. ãe Coimbra*, II, p. 212, diz: “Naqueles primeiros tempos escreviam-se muitas cartas pelos padres e irmãos dos serviços que a Deus ali se faziam, e estas em Portugal se iam lançando em livros, onde hoje as temos; e lá não ficavam originais nem cópias; pois era tanto o que havia que fazer que o tempo para escrituras era muito pouco.” Alves Branco também citando a seguinte frase das memórias dos jesuítas: “Nas guerras que nós intentamos de comum acordo com o governador”, acrescenta em nota: “Assim o referem vários manuscritos, que se acham no cartório do Colégio da Bahia.”

O padre Antônio Franco, na Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Colégio de Coimbra, tomo II, p. 192, dizia em 1719 que, no cartório da Companhia de Coimbra, havia “muitas cartas do padre Nóbrega, que escrevia a esta Província das coisas do Brasil”, e delas reproduz alguns trechos que todos aparecem nas cartas da presente coleção.

Na Biblioteca Pública de Évora existe uma carta de Nóbrega, sem, contudo, saber-se onde está escrita ou de que data, porque assim não o acusam o respectivo Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca, tomo III, p. 137 - Acha-se no Cod. CVIII/2-1, a ff. 147.

A mesma biblioteca possui um manuscrito Respostas de Nóbrega sobre se o pai pode vender seu filho e se pode vender a si mesmo. São assuntos relativos aos índios do Brasil. Registra-as o respectivo Catálogo dos Manuscritos, tomo I, p. 16. Vem no Cod. CVIII/1-33, a ff. 146 v.

A Revista do Instituto Histórico (t. XLHl, p. Ia, pp. 133/152), publicou também de Nóbrega, por cópia extraída de Évora, um Dialogo sobre a conversão do gentio, sendo interlocutores ele, Gonçalo Alves e Matheus Nogueira. Este é o irmão Ferreiro, como lhe chama Nóbrega em uma de suas cartas. V. p. 153.

A carta que, em Barbosa Machado (Bibl. Lusitana, III, p. 323), vem como escrita da Bahia a 10 de julho de 1555 (aliás 1552) e impressa em italiano na coleção de Veneza de Tramezzino (vol. I [1559] dos Diversi avisi), não é de Nóbrega, como se vê do contexto.

Em 1550 e tantos, imprimiu-se pequena coleção de cartas em espanhol com declaração expressa na folha de rosto de serem de Nóbrega e de outros padres. Ainda não

*a pude ver nem obter cópia que pedi. Seu titulo é Cópia de vnas cartas enbiadas dei Brasil por ei padre Nobrega... y otros Padres que estan debaxo ãei su obediência, trasladadas de port. en cast. Recebidas ei afio de 1551. Sem lugar nem data, in-4° de 27 pp. Indica-a Innocencio da Silva, Dicc. Bibl., Port., II, p. 41, e Carayon, Bibliogr. de la Comp. de Jesus, n° 1226. Estas cartas, porém, talvez sejam as mesmas que se acham no vol. I (1559) dos Diversi avisi, ed. de Veneza, de ff. 38 a 60. Os títulos são idênticos, notando-se apenas na edição veneziana a diferença no ano em que elas foram 12 recebidas, que se diz ser no de 1552. Aí a última carta é de 24 de agosto de 1551. Talvez que em Innocencio a data não esteja exata, nem em Carayon, que o seguiu, pois não parece ter visto o opúsculo. As aludidas cartas que se acham na edição de Veneza saíram antes em Roma, em 1552, na coleção Avisi particolari. V. Leclerc, Bibl. Americana, 1867, n° 93.*

*Alguns períodos das cartas de Nóbrega não são bem claros: às vezes a questão de pontuação faz também mudar muito o sentido da frase. Em algumas, além disto, notam-se evidentes cortes de períodos, que ou desfiguram o sentido ou tornam obscuros os que se lhes seguem. Disse-nos o Sfir. Lino d'Assumpção, de presente entre nós, que encontrou indicações que em Portugal as cartas dos jesuítas eram lidas nas horas do refeitório e suprimiam-se os trechos que não pareciam edificantes. Provavelmente estes cortes na leitura pública passavam também para os livros de registro. Os tradutores italianos também faziam supressões, como se vê no Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Nacional, vol. I, p. 37.*

*Anotei as presentes cartas tanto quanto me foi possível fazê-lo; uns fatos ficaram mais ou menos assentados, outros devem ser estudados de novo até a sua completa elucidação. Se tivéssemos todas as cartas dos jesuítas do XVI século, de certo aí encontraríamos elementos para a solução das dúvidas que a cada passo se afluam à tela da discussão. Por isso, às vezes, ocorre-me de conjecturas fundadas nas próprias cartas dos padres que possuímos e em outros documentos contemporâneos que pude consultar. Como tenho, porém, de dar um dos volumes de Cartas avulsas de jesuítas, deixei de tratar por ora de outras questões: dos primeiros padres que vieram missionar no Brasil antes dos jesuítas, “dois frades castelhanos” que converteram Carijós além de São Vicente (pp. 82 e 98), “alguns padres espanhóis” em Porto Seguro (p. 106), “certos padres que mandou D. Manuel” (p. 107), “dois padres de Santo Antônio”, italianos, em Porto Seguro (p. 108); de Diogo Álvares, o Caramuru (pp. 73, 104, 143), o célebre povoador da Bahia; de João Ramalho (p. 145), que não parece ser o Bacharel de Cananeia, apesar da erudita memória de Cândido Mendes, que tanto discutiu o assunto; do bispo D. Pero Fernandes Sardinha (p. 200); de Garcia d’Ávila (pp. 210 e 214), o fundador da famosa casa da Torre da Bahia.*

*Quanto à biografia de Nóbrega, nada temos que seja tão interessante como a sua vida escrita pelo padre Antônio Franco. E como o livro deste publicado em 1719 é muito raro, podendo-se mesmo considerar quase inédito, pelo menos no Brasil, reproduzo-a em seguida. Não é trabalho completo e nele nota-se mais uma inexatidão; mas em quanto não aparecerem novos documentos que orientem a quem se propuser escrever a vida*

do verter jesuíta, é o trabalho mais amplo e satisfatório que se pode consultar.

As cartas desta coleção são:

**I.** É datada da Bahia em 1549, sem mês nem dia; mas foi escrita depois de 31 de março e antes de 18 de abril, como se deduz da 2ª carta escrita em continuação. Na cópia que possui a Biblioteca Nacional lê-se à margem “No mês de abril”. Barbosa Machado, na Biblioteca Lusitana, III, p. 324, também diz que é de abril. V. a nota na p. 76.

**II.** Da Bahia, 1549. É continuação da antecedente e não traz expresso o dia em que foi escrita; mas, do contexto, vê-se que é de segunda-feira, 15 de abril. V. p. 78. A Biblioteca Nacional possui cópia.

**III.** Da Bahia, a 9 de agosto de 1549. V. p. 87. A Biblioteca Nacional possui cópia.

**IV.** Do porto e cidade do Salvador (Bahia) a 10 de agosto de 1549. Traduzida do italiano; não se conhece original português. V. p. 96.

**V.** Não traz data, mas, pelo seu contexto, deve ser de 1549 e da Bahia. V. p. 102. A Biblioteca Nacional possui cópia. **VI.** De Porto Seguro, a 6 de janeiro de 1550. Traduzida do italiano. V. p. 113.

**VII.** Na cópia da Biblioteca Nacional, traz no fim 1549 e à margem de Pernambuco, mas a data está errada e em desacordo até com a que vem no título — 1551. Como se vê do contexto, foi de fato escrita em Pernambuco nesse ano, e, segundo Barbosa Machado, a 11 de agosto. Nóbrega chegou a Pernambuco a 27 ou 28 de julho de 1551 (p. 118). V. p. 117.

**VIII.** *Da capitania de Pernambuco, a 13 de setembro de 1551. V. p. 122. A Biblioteca Nacional possui cópia e desta foram extraídas as duas que possui hoje o Instituto Histórico.*

**IX.** *Da vila de Olinda, a 14 de setembro de 1551. O original conserva-se na Torre do Tombo e o Instituto Histórico possui cópia extraída dele. V. p. 127. Disse-me o Sr. Lino de Assumpção, de passagem nesta corte, que a carta é toda do punho de Nóbrega.*

**XI.** *Sem data; mas vê-se que é da Bahia de 1552, depois da chegada do bispo. Nóbrega fala da primeira pregação do prelado, que foi a 29 de junho. V. p. 136. O Instituto Histórico possui cópia extraída de Évora.*

**XIII.** *Sem data; mas foi escrita na capitania de São Vicente (de São Paulo de Piratininga?), em 1554, porque foi em janeiro desse ano que os jesuítas se passaram a Piratininga, e, como se vê do contexto. Nóbrega já fala do fruto feito na nova povoação. Cândido Mendes diz que é de 1553, mas não dá argumentos que o comprovem. V. p. 146. O Instituto Histórico possui cópia extraída de Évora.*

**XIV.** *Sem data; mas, do contexto, vê-se que foi escrita da capitania de São Vicente em 1556, e, portanto, antes de 3 de maio, porque nesse dia partiu Nóbrega para a Bahia. V. p. 148. O Instituto Histórico possui cópia de Évora.*

**XV.** *Sem data; mas vê-se que foi escrita em São Paulo de Piratininga, em 1556, entre janeiro e 3 de maio; porque nesse dia partiu Nóbrega para a Bahia. No contexto, lê-se “este ano passado de 555” e “este ano de 56”. V. p. 155.*

**XVI.** *Quadrimestre de janeiro até abril de 1557. Não declara de onde é escrita; mas foi da Bahia. V. p. 162. O Instituto Histórico possui cópia de Évora.*

*XVII.* Da Bahia; mas sem data, que deve ser de 1557, depois de 27 de abril e antes de 27 de maio, isto é, depois da Páscoa e antes da Ascensão, como se vê do contexto. *V.* p. 168. O Instituto Histórico possui cópia de Évora.

*XVIII.* Sem data; mas vê-se que foi escrita na Bahia em 1557, provavelmente em agosto, antes do dia 14; porque ainda não tinha chegado à Bahia a nau da Índia comandada por D. Luiz, “filho do arcebispo de Lisboa”, e juntamente a caravela que vinha com Mem de Sá, de quem se havia desgarrado antes da linha, como refere Blasques na carta do último de abril de 1558 (nota 66, p. 178). *V.* p. 176. O Instituto Histórico possui cópia extraída de Évora.

*XIX.* Da Bahia, a 5 de julho de 1559. A Biblioteca Nacional possui cópia e desta foram extraídas as duas que se acham no Instituto Histórico.

*XX.* Da mesma data da precedente. A Biblioteca Nacional possui o original. *V.* p. 219.

*XXI.* De São Vicente a 10 de junho de 1560. Possuem cópias a Biblioteca Nacional e o Instituto Histórico. *V.* p. 228.

O padre Manuel da Nóbrega, um dos primeiros civilizadores desta terra, representa papel muito importante na sociedade brasileira e exerceu tanta influência que seu nome será sempre lembrado. Sua fama era geral em todo o Brasil, e também aos sertões do Paraguai chegou a grande nomeada de seus trabalhos, das suas virtudes. Chegando à Bahia a 29 de março de 1549, assistiu à fundação da nova cidade e, em 10 de novembro, foi aos Ilhéus e Porto Seguro, onde ainda se achava em janeiro de 1550. Daí voltou à Bahia e, em

julho de 1551, dirigiu-se a Pernambuco, tornando de novo à Bahia em janeiro de 1552. Em fins deste ano, ou começos do seguinte, foi à capitania de São Vicente, acompanhá-lo a Tomé de Sousa, a correr a costa, e aí demorou-se até 3 de maio de 1556, quando voltou de novo à Bahia, aonde chegou a 30 de julho. A 16 de janeiro de 1560, saiu da Bahia com Mem de Sá à conquista do Rio de Janeiro, aonde chegou a 21 de fevereiro. Pouco depois de 31 de março, passou-se do Rio a São Vicente. Desta capitania veio em 1564 ao Rio ao encontro de Estácio de Sá, que ia conquistá-lo de novo aos franceses e fundar a cidade do Rio de Janeiro; mas teve de voltar a São Vicente com Estácio de Sá, que não podendo entrar na baía foi ali receber novos socorros para a conquista. Nóbrega não voltou depois em 1565 com Estácio de Sá; deixou-se antes ficar em São Vicente para daí melhor socorrer a armada e o povoamento do Rio. Ainda em junho de 1565 achava-se em São Vicente; depois veio ao Rio de Janeiro, onde morreu a 18 de outubro de 1570. Em todos os lugares que percorreu tão bons serviços prestou que ligou seu nome à história geral do país. Seu merecimento é bastante conhecido.

Todo o mundo sabe o que fez em prol da terra que se lhe rasgava aos olhos; e o movimento que imprimiu no Brasil entre os dois povos, o civilizado e o inculto, o invasor e o indígena. Foi de certo superior ao de Anchieta, ainda que este falasse correntemente a língua dos índios, o que não alcançou Nóbrega, provavelmente pelo defeito natural que tinha. Mas, apesar de gago, com a sua palavra soube conquistar portugueses e brasileiros. Tinha o coração generoso, era verdadeiro amigo da

humanidade. Desbastou a terra, ganhou-lhe amor; não temia o encontro de milhares de índios, falando-lhes com toda a energia e desassombro por meio de intérpretes, tanto que contando a Tomé de Sousa que o bispo fugindo do gentio, “tendo poucos desejos de morrer em suas mãos, fosse comido deles”, acrescenta: “e a mim, que sempre o desejei e pedi a Nosso Senhor, e metendo-me nas ocasiões mais que ele, me foi negado.”

Nóbrega às vezes escreve com grande eloquência, como, entre outros trechos, pode-se ver no relativo à morte do bispo (p. 274) e o que conta do padre João Gonçalves (p. 252); também é muito eloquente quase toda a carta a Tomé de Sousa, a quem Nóbrega na confidência de amigo derramou toda a sua alma.

Nas cartas de Nóbrega encontram-se elementos muito interessantes para a história do povo brasileiro, sob diversos pontos de vista. Entre os fatos que mais prendem a atenção, notarei: a luta intestina entre cristãos e índios, o ódio dos cristãos e as calamidades que cometiam contra os índios, o desamor dos povoadores à terra, a guerra que sofriam os jesuítas dos sacerdotes, que tinham “mais ofícios de demônios que de clérigos” (p. 164), a prejudicial população de degradados, a falta de mulheres brancas que eram tão desejadas “que quaisquer farão muito bem à terra” (p. 187), “ainda que fossem erradas, porque casarão todas muito bem, com tanto que não sejam tais que de todo tenham perdido a vergonha, a Deus e ao mundo” (p. 119).

Quanto aos moradores não quererem bem à terra e que só desejavam ordenados do Estado e tudo usufruírem: “De quantos lá vieram nenhum tem amor a esta terra: todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja à custa da terra, porque esperam de se ir” (p. 184). “Não querem bem

à terra, pois têm sua afeição em Portugal; nem trabalham tanto para favorecer como por se aproveitarem de qualquer maneira que puderem”(p. 188).V. também p. 196.

*Sobre os serviços de Mem de Sá e as contrariedades que sofria do povo (1557-1560), vejam-se as pp. 276, 277, 283, 286, 292, 300 e 304.*

*Referindo-se ao estado da terra em 1559: “Não há paz, mas tudo ódio, murmurações e detrações, roubos e rapinas, enganos e mentiras”(p. 264).*

*Falando de dois meninos que tinha para mandar ao Provincial de Portugal para se ordenarem e que já sabiam ler, escrever, contar e serem pregadores, chama-os “primícias desta terra”(p. 184).*

*Na p. 149 falava em “canções lascivas e diabólicas” que usavam os índios, e na p. 249 em cantigas dos meninos “a seu modo”.*

*Não deixam de ser curiosas as perguntas que os índios muitas vezes faziam a Nóbrega sobre Deus, pois queriam saber - “se Deus tem cabeça e mulher, e se come, e de que se veste, e outras coisas semelhantes”(p. 146).*

*Alegando o seu estado de saúde em 1557: “Fico deitando muito sangue pela boca; o médico de cá ora diz que é veia quebrada, ora que é do peito, ora que pode ser da cabeça; seja de onde for, eu o que mais sinto é ver a febre ir-me gastando pouco a pouco”(p. 241).*

*Pelo testemunho de Nóbrega vê-se que os índios eram dóceis, mostravam grandes desejos de aprender, ter trato com os brancos e que eram “papel branco” para se escrever à vontade “as virtudes mais necessárias”(pp. 138 e 176). “A carne humana que todos comiam e muito perto da cidade é agora tirada e muitos tomam já por injúria lembrar-lhe aquele tempo”(p. 249). E referin-*

do-se aos saltos que lhes faziam os moradores, dizendo alguns que o podiam fazer “por os negros (índios) terem já feito mal aos cristãos”, acrescenta (p. 120): “O que posto seja assim foi depois de terem muitos escândalos recebido de nós.” Mem de Sá, na carta de São Vicente de 16 de junho de 1560<sup>2</sup>, diz: “Ele (Villaganhão) leva muito diferente ordem com o gentio do que nós levamos; é liberal em extremo com eles e faz-lhes muita justiça, enforca os franceses por culpas sem processos; com isto é muito temido dos seus e amado do gentio; manda-os ensinar a todo o gênero de ofícios e de armas, ajuda-os nas suas guerras; o gentio é muito e dos mais valentes de costa; em pouco tempo se pôde fazer muito forte.”

---

Este é o 1º volume da coleção de Cartas Jesuíticas do XVI século. Do 2º, que conterà as cartas do padre José de Anchieta, encarregou-se o dr. Teixeira de Mello, que já nos Anais da Biblioteca Nacional publicou oito, das quais cinco inéditas, deixando outras dispersas em várias obras. Do 3º volume fico incumbido; o 4º será publicado posteriormente, logo que se obtenham as cópias das que existem em Lisboa, cópias que vão ser tiradas sob os cuidados do sr. Lino d’Assumpção.

No último dar-se-ão índices que facilitem a busca fácil do que se deseja consultar nos volumes da coleção; por isso deixam-se de fazer no presente.

Concluindo, com sumo prazer agradeço aos meus amigos srs. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, nosso digno cônsul em Liverpool, e Lino d’Assumpção, distinto jornalista em Lisboa, os excelentes serviços que prestaram a este volume. Devo também lembrar que se

---

<sup>2</sup>V. nota 97, ps. 302.

*não fosse o Excelentíssimo Sr. senador Francisco Belisário Soares de Sousa, ministro da Fazenda, não teríamos hoje reunidas as cartas do venerável jesuíta, que conquistou o Rio de Janeiro com Mem de Sá em 1560, que contribuiu mais que ninguém para a fundação e povoamento desta cidade e que tanto lutou em prol da terra. A Sua Excelência, pois, é a quem devemos agradecer estes livros que vão saindo e estas elucidações que se vão fazendo sobre a história do Brasil. De outro modo não teríamos nem uma nem outra coisa.*

*Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1886.*

*Valle Cabral.*

## ÍNDICE

PREFÁCIO, de Valle Cabral

VIDA DO PADRE MANUEL DA NÓBREGA,  
pelo padre Antônio Franco

### CARTAS

I. AO PADRE MESTRE SIMÃO RODRIGUES  
DE AZEVEDO (1549)

Chegada à Bahia. — Estado da terra. — Ocu-  
pações dos padres e irmãos. — Padre Navarro, irmão  
Vicente Rodrigues. — Caramuru. — Um índio cristão.  
— Leonardo Nunes, Diogo Jacome. — Os sacerdotes  
da terra. — O governador.

II. PARA O PADRE MESTRE SIMÃO (1549)

Os sacerdotes da terra. — Conversão de um con-  
trário. — São Tomé e suas pegadas. — Espanto dos índios.  
— O governador. — Necessidade de vigário-geral.

III. AO PADRE MESTRE SIMÃO (1549)

Falta de mulheres. — Saltos aos índios. — Cau-  
sa da guerra da Bahia. — Carijós. — Padres em São  
Vicente. — Necessidade de bispo. — Lugar escolhido  
para o colégio. — Pedido de oficiais. — Os degrada-  
dos. — Falta de roupa. — Antônio Pires. — Leonar-  
do Nunes, Diogo Jacome, Navarro, Vicente Rodrigues.  
— Missa cantada. — Procissão de Corpus Christi. —  
Agradecimentos ao governador e outros. — Pedidos.

IV. AO DR. NAVARRO, SEU  
MESTRE EM COIMBRA (1549)

Cidade do Salvador. — Clima. — Os naturais.  
— Antropofagia. — Imortalidade da alma. — Noção  
do demônio. — Notícia do dilúvio. — São Tomé. —  
Pregações e batismos. — Padre Navarro. — Morte de  
um cristão. — Uma execução. — Medo dos índios. —  
Apego aos padres. — O nome de Jesus popularizado.  
— Um índio revela ter estado com Deus no Paraíso.  
— Conversão de um feiticeiro.

V. INFORMAÇÃO DASTERRAS  
DO BRASIL (1549)

Clima, frutos e mantimentos. — Guaianases,  
Carijós, Gaimures, Tupiniquins e Tupinambás. — Fra-  
des castelhanos. — Pai Tupã. — Os feiticeiros. — Mor-  
te dos prisioneiros. — Agouros. — Liberalidade dos  
índios. — O dilúvio. — Perguntas sobre Deus. — São  
Tomé.

VI. AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (1550)

Padre Navarro. — Caramuru. — Ódio aos  
cristãos. — Sublevação. — Vicente Rodrigues e Simão  
Gonçalves. — Antônio Pires. — Feitiçarias. — Antro-  
pofagia. — Leonardo Nunes e Diogo Jacome. — Ilhéus.  
— Porto Seguro. — Padres espanhóis. — Tupiniquins.  
— Padres mandados por D. Manuel. — Maus exemplos  
dos cristãos. — Um sacerdote de má vida. — Padres  
de Santo Antônio em Porto Seguro. — Necessidade de  
mulheres. — Escravos. — Preguiça dos senhores. —  
Pedidos. — Clima da terra. — Fumo. — Ouro.

## VII. AOS PADRES E IRMÃOS (1551)

Gentio e cristãos. — Casamentos. — Padre Navarro. — Os órfãos de Lisboa. — Pernambuco. — Perda de dois barcos de índios na Bahia. — O governador determina correr a costa. — Estado de Pernambuco. — Maus costumes dos clérigos. — Obras da casa da Bahia.

## VIII. PARA OS IRMÃOS DO COLÉGIO DE JESUS DE COIMBRA (1551)

Chegada a Pernambuco. — Padre Antônio Pires. — Fruto feito entre índios e cristãos. — Ódios reconciliados. — Maus costumes dos sacerdotes. — Uma índia meirinha. — Casamentos. — Predicas e confissões. — Duarte Coelho.

## IX. A EL-REI [D. JOÃO III] (1551)

Maus costumes de Pernambuco. — Os eclesiásticos. — Ódios. — Reconciliações. — Duarte Coelho. — Pregações. — O gentio da terra. — Necessidade de padres e irmãos. — Os escravos. — O Colégio da Bahia. — Pedido de escravos de Guiné. — Tomé de Sousa. — Notícias de ouro.

## X. PARA O PADRE PROVINCIAL DE PORTUGAL (1552)

Chegada do bispo. — P. Antônio Pires. — O colégio. — O governador. — Pedido de padres e meninos. — Necessidade de escravos de Guiné. — Vicente Rodrigues, Salvador Rodrigues, Navarro, Affonso Braz, Leonardo Nunes, Diogo Jacome, Paiva, Antônio Pires, Francisco Pires. — Dois meninos da terra pregadores. — Franceses. — Tomé de Sousa. — O sertão.

XI. A EL-REI D. JOÃO (1552)

O bispo. — Pedido de mulheres. — Desafeição dos moradores à terra. — Tomé de Sousa. — Pedido de padres. — Necessidade de moradores.

XII. AO PADRE MESTRE SIMÃO (1552)

O estado da terra. — Carijós. — O governador. — O bispo. — Dúvidas a respeito do gentio. — Diogo Álvares, o Caramuru.

XIII. PARA EL-REI D. JOÃO (1554)

Gentio do sertão. — Órfãos da terra. — Povoação de João Ramalho. — Martim Affonso de Sousa. — Piratininga. — Guerras da Bahia. — O bispo.

XIV. PARA O PADRE IGNÁCIO

[DE AZEVEDO] (1556)

Chegada do padre Luiz da Grã a São Vicente. — Nova da ida do bispo ao Reino. — O gentio da Bahia. — O gentio da terra. — Os mestiços.

XV. PARA O PADRE IGNÁCIO

[DE LOYOLA] (1556)

Padre Luiz da Grã. — Órfãos. — Meninos da terra doutrinados em São Vicente. — Ocupações dos padres. — Matheus Nogueira. — Informações do estado da Companhia.

XVI QUADRIMESTRE DE JANEIRO

ATÉ ABRIL DE 1557, AO PADRE IGNÁCIO

Índios e cristãos. — Antropofagia. — Padre Navarro, Antônio Pires e João Gonçalves. — Um feiti

ceiro. — Confissões de gentio e escravos dos cristãos. — Ambrosio Pires. — Falta de mantimento.

XVII. AOS MORADORES DE  
SÃO VICENTE (1557)

Exortações aos moradores. — Padre Antônio Pires — Falta de bispo.

XVIII. PARA O PROVINCIAL  
DE PORTUGAL (1557)

Novas de Mem de Sá. — Morte do padre Navarro. — Antônio Pires, Ambrosio Pires, Antônio Blasques. — Órfãos. — Antônio Rodrigues, João Gonçalves. — Cristãos e índios. — Estado da terra. — Carijós. — Capitania de São Vicente. — Martim Affonso de Sousa. — Castelhanos e portugueses. — Luiz da Grã, Manuel de Chaves.

XIX. AOS PADRES E IRMÃOS  
DE PORTUGAL (1559)

Igreja de São Paulo. — Os feiticeiros. — Punição de um crime. — Christovão da Costa. — Ofícios da Semana Santa. — Simão da Gama. — Sebastião da Ponte. — Grande seca. — Os índios. — O melhor índio da terra. — Vasco Rodrigues de Caldas. — Igreja de São João. — Mirangaoba. — Novas dos Ilhéus. — Igreja do Espírito Santo. — Morte do padre João Gonçalves. — Antônio Rodrigues, Francisco Pires, Antônio Pires. — Demônios. — Uma conversão. — Feitiçarias. — Má vida dos cristãos.

## XX. A TOMÉ DE SOUSA (1559)

Cristãos e gentio. — Morte do bispo. — Maus exemplos dos clérigos. — Fruto feito em São Vicente. — Ódio dos cristãos ao gentio. — Uso da antropofagia. — Tupiniquins de São Vicente. — Gentio do Gato. — Pecados da terra. — Capitania do Espírito Santo. — Mem de Sá. — Mirangaoba. — Maus tratos aos índios. — Índios e cristãos. — O melhor índio da terra. — O governador e o povo. — Garcia d'Ávila. — O gentio do Paraguaçu. — Vasco Rodrigues de Caldas. — Destroços de índios. — Pazes. — A gente do Brasil. — Guerra dos Ilhéus e Porto Seguro. — Castelhanos do Paraguai. — Tupis e Carijós de São Vicente.

## XXI. AO INFANTE CARDEAL

[D. HENRIQUE] (1560)

Conversão do gentio. — Cristãos e índios da Bahia. — Guerra dos Ilhéus. — Os índios do Paraguaçu. — Pazes. — Chegada de uma armada à Bahia. — Mem de Sá. — Vasco Fernandes Coutinho. — Conquista do Rio de Janeiro. — Franceses. — Guerra aos índios.

## DIÁLOGO DO PADRE NÓBREGA

SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO

Interlocutores: Gonçalo Alves e Matheus

Nogueira.

## ESCLARECIMENTOS

VIDA DO PADRE  
MANUEL DA  
NÓBREGA

# Capítulo I

*Entra na Companhia: seu grande fervor em tratar do bem das almas.*

Não posso deixar de dar princípio à vida do padre Manuel da Nóbrega com uma justa queixa contra os nossos antepassados: vem a ser, que, sendo este padre tal homem e tão grande, como se verá da narração de sua vida e virtudes, fundador da nossa Província do Brasil, nos não ficou em memória qual fosse do nosso Portugal o lugar, vila, cidade ou província em que nasceu. É descuido mais de notar, ficando-nos em lembrança muitos indícios de sua nobreza, porque seu pai foi desembargador e um seu tio chanceler-mor deste Reino. São honra dos povos os varões santos e também em suas vidas a circunstância da pátria é das que se tem conta, pelo gosto que com isso costumam ter os que têm por nascimento o mesmo torrão de terra e mais se são parentes de semelhantes heróis. A maior clareza que pude descobrir foi com os livros da matrícula da Universidade de Coimbra, fl. 135, onde se diz ser filho do desembargador Balthazar de Nóbrega, já defunto. Também se diz, nos mesmos livros, em como tomara o grau de bacharel em Cânones aos 14 de junho de 1541, que lhe dera o doutor Martim de Espilcoeta, que provara ter cinco anos de Cânones

em Salamanca. No arquivo de Roma se fez também diligência por sua pátria e nada se achou.

Seu pai foi muito estimado d'el-rei D. João, o Terceiro: por ser homem de muita inteireza, el-rei lhe recomendava coisas de grande peso. Por seus merecimentos tinha já dado a seu filho Manuel da Nóbrega moradia e favor para seus estudos. Depois de aprender latim em Portugal, foi estudar Cânones em Salamanca, nos quais fez grandes progressos. Veio continuar este seu estudo em Coimbra, onde teve por mestre ao insigne doutor Navarro, que dizia ser ele o melhor de seus discípulos.

Em Coimbra se graduou de bacharel. No tempo que nela se davam lugares, como ele era muito gago, não fazia conta de se opor a eles; mas o doutor Navarro o não consentiu. Como sabia o que nele tinha, lhe aconselhou que se opusesse. Acomodando-se ao seu parecer, fez sua lição de ponto com tanta satisfação, que a juízo de todos se lhe devia o primeiro lugar. Mas como o reitor da universidade tinha outros empenhos, fez o possível, porque se lhe não desse. Estava tão seu adverso, que publicamente, depois de acabar a hora da sua lição, disse, que fosse por diante e lesse mais, que por ser gago não tinha lido hora inteira. Virou ele então o relógio e leu com a mesma satisfação tanto tempo que foi necessário fazerem-lhe sinal algumas vezes que acabasse, e assim acabou. E porque o reitor estava já inclinado a outra parte, não se lhe deu senão o segundo lugar, posto que levou a honra do primeiro a juízo de todos os doutores.

Continuou seu estudo em Coimbra algum tempo e tomou ordens de missa. Nesse tempo havia no mosteiro de Santa Cruz algumas colegiaturas, que se davam por oposição. Fez sua oposição a uma delas com outro canonista. Ainda que a juízo de todos fazia ele conhecida vantagem ao competidor, contudo, como os juízes do caso eram os mesmos religiosos, tiveram mais conta com a boa prática do outro que com o saber do padre Nóbrega, por ser gago, e deram sentença contra ele. Este meio tomou a Divina Providência para o tirar do mundo e o fazer um de seus grandes servos. Considerou consigo como o mundo o tinha abatido, quando esperava dele honras: determinou de se vingar e desprezá-lo, e metê-lo debaixo dos pés. Pediu para ser da Companhia. Nela entrou aos 21 de novembro de 1544.

Como então se lançavam os alicerces da Companhia em Coimbra, havia grandes fervores de espírito em todos os nossos, assim em procurar a perfeição própria, como a salvação das almas; em uma e outra cousa se assinalou muito o padre Nóbrega. Exercitava-se assim em casa como fora dela, em muitos exercícios de humildade e mortificação, que naqueles primitivos e dourados tempos eram muito ordinários em todos. Vindo a Coimbra o padre mestre Simão, por saber o que tinha em seus súditos, ordenou que cada um lhe desse por escrito o seu sentimento acerca do grau a que na Companhia se sentia inclinado. O escriptinho do padre Nóbrega continha estas formais palavras: “Quisera não saber o que quero, mas em todo caso somente querer a Jesus Crucificado”, no qual significou bem sua grande indiferença.

Em especial lhe foi encomendado pela obediência o ofício de tratar com o próximo em pregações, confissões, visitar cárceres e hospitais e acudir a outras necessidades espirituais e corporais de pessoas particulares, no qual se houve com tanto espírito e fervor de caridade que, depois que foi para o Brasil, no tempo que ainda estava fresca a memória dele, não se falava em Coimbra senão no *Gago*: assim o nomeavam, contando os que o conheceram seus fervores e virtudes.

Na conversação que tinha com os pecadores, para os trazer ao caminho da salvação, parecia que lançava a alma pela boca com o grande fervor, não somente do pregar, confessar e praticar familiarmente, mas também tomando sobre si os pecados alheios, para dar por eles conta a Deus, para com isto livrar de desesperação alguns desesperados, como, entre outros, fez a dois em Coimbra, posto que um deles se não quis aproveitar de tanta caridade.

Esta foi uma mulher que vivia mal com um eclesiástico, a qual chegando à morte foi visitada e socorrida do padre Nóbrega. Com ajuda de Nosso Senhor, por meio da confissão, tirou-a do mau estado em que vivia e, sarando-a, viveu coisa de um ano bem em muito recolhimento, sendo ajudada do padre. Depois vencida da tentação tornou ao mesmo pecado, nele viveu e chegou ao fim da vida sem tratar da salvação. Um dia, estando acompanhada de algumas vizinhas, começou a dizer consigo em voz que todos ouviam: “É verdade que, por estar eu amancebada vinte anos com um clérigo, me hei-de condenar?” A esta pergunta

respondia ella mesma: “Sim, hei-me de condenar”. Repetindo isto três vezes, concluiu dizendo: “Pois eu creio que Belzebu criou os céus, terra, mar e as areias, e a elle me entrego”. As mulheres que estavam presentes lhe acudiram falando-lhe de Deus, mas ella a nada respondia. Antes, se lhe punham o crucifixo diante dos olhos, virava o rosto para outra parte. Mandaram ellas muito à pressa chamar o padre Nóbrega. Acudiu elle e, com seu costumado fervor, lidou muito com a infeliz, até lhe dizer que elle tomava sobre si seus pecados, para fazer penitência por ella, que confiasse em Deus e se confessasse. Nada aproveitou e naquella obstinação acabou sua triste vida.

O outro caso foi com um mulato que havia na comarca de Coimbra, o qual era muito valente e salteador de caminhos: tremia dele toda a terra, em especial os meirinhos, porque os tinha ameaçado. Depois de cruéis roubos, foi preso, metido no Castello e sentenciado à morte. Acudiu-lhe o padre Nóbrega alguns dias antes da sentença, achou-o desesperado, com ódio mortal contra as justiças, sem querer lhe falassem em confissão.

Disse o padre missas, teve oração, pedindo a Deus o não deixasse de todo. Entre outras palavras, lhe disse o padre que elle tomava seus pecados sobre si, para fazer deles penitência.

Foi esta palavra como um relâmpago de luz do céu, com que se desfez o nevoeiro em que aquella alma estava metida. Disse que se queria confessar e assim o fez. Querendo-lhe o padre dar a comunhão no dia da sentença, por ordem dos padres tomou conselho com o doutor Navarro.

Este lhe aconselhou que a desse; que ele acudiria se quisessem executar a sentença. Com isso se foi o padre Nóbrega e ao ler da sentença, estando ele presente, respondeu o mulato com grande ira: “Oh! Que injusta sentença!” E tornou a renovar os ódios passados e desejo de matar os meirinhos; com as exortações do padre tornou em si. O padre o confessou e, dizendo missa no Castello, lhe deu a comunhão, por causa da qual não padeceu aquele dia. No dia seguinte, o acompanhou até a forca e morreu com mostras de salvação.

Do grande zelo que tinha do bem das almas, nascia repreender asperamente os pecados e desejar ser por isso injuriado. Fez uma peregrinação a Salamanca em tempo que os nossos não eram ainda conhecidos. Nesta viagem, achando um dia santo os homens de um lugar jogando bola, chegou-se a eles, começou a lhes falar de Deus e movê-los à penitência. Como se coisa nova, se perturbaram e o começaram a injuriar, dizendo: “Este é aquele estudante que os dias passados furtou a mulher casada? Prendam-no e levem-no ao corregedor Ledesma”. Como o padre mais se afervorasse, tendo grande desejo de o maltratarem e prenderem, e alegasse alguma autoridade em latim, diziam eles: “Oh! Como fala latim, prendam-no que este é”. Assim o injuriaram algum tempo até que desenfadados o deixaram.

Na mesma ocasião chegando a uns casais, encontrou com um conde, que andava à montaria com sua gente. Acertou de estar jantando tendo consigo à mesa um chocarreiro e rodeado de criados, servia uma moça à mesa, com a qual

ele falava graças e palavras pouco honestas. O padre Nóbrega o conhecia do tempo dos estudos de Salamanca, e sabia ser notado de pouco honesto. Parou o padre diante da mesa, entrou em zelo, começou a o repreender, falando-lhe por vós com tanto espírito, que ele e os seus ficaram pasmados.

O conde, por se ver livre dele lhe dizia: “Irmão, sois dos alumbrados? Quereis esmola?” A isto respondeu o padre: “*Pecunia tua tecum sit in perditionem*. Sois um perdido, que tão sem temor estais ofendendo a Deus. Olhai, não se cumpra em vós o *Vidi impium superexaltatum*, que daqui a poucos dias não heis de ser nada.” O conde estava pasmado sem comer nem falar. Foi isto de maneira que o chocarreiro acudiu por ele, dizendo: “Se quereis esmola, tomai-a e deixai comer Sua Senhoria”. Aqui se voltou para ele o padre e, para o diferenciar do conde, falou-lhe por tu, dizendo: “E tu, inimigo de Deus, não tens temor nem vergonha de estar incitando o conde a pecados?” Desta maneira esteve um bom pedaço de tempo repreendendo-os, esperando por uma boa esmola de pancadas, que sempre cuidou lhe mandasse dar pelos criados. Mas eles e ele ficaram atônitos sem dizer nada, até que o padre saiu, e, apartado um pouco de casa, se assentou à sombra de uma árvore, esperando ainda pela esmola das pancadas que desejava.

Acabado o jantar, o chocarreiro, que parecia homem grave, foi ter com ele e lhe disse: “Irmão, que mau jantar destes ao conde. Por que fizestes aquilo daquela maneira?” Respondeu o

padre já mais brando falando por vós, dizendo: “Ainda vós cá tornais, que estais ali ofendendo a Deus com truanarias?” Praticando com ele mais de espaço, o moveu tanto que começou a chorar, dizendo: “Irmão, que quereis que faça, que tenho mulher e filhos e não tenho outro modo com que os sustentar?” A isto respondeu o padre: “Não haveis de sustentar vossa casa com ofensas de Deus, buscai outro modo de vida que ele vos ajudará”. Finalmente o truão ficou com propósito de mudar a vida e deu um real de prata de esmola ao padre, o qual aceitou, porque saía já de um coração contrito. Ao conde fez Nosso Senhor mercê de o fazer depois tão devoto da Companhia que lhe fundou um colégio no seu condado. Vendo-o depois o padre Nóbrega no Brasil no rol dos fundadores, se alegrou muito e, dando graças a Deus, disse: “Este é o meu conde, hei-lhe de dizer as suas missas com muita devoção. Quem puser os olhos nestes fervores e os julgar à primeira face, os terá por tontices; mas quem sabe os modos que Deus tem em chamar a si os que tem no livro da vida e considera os efeitos destas extravagâncias, vê claramente que são daquelas que em São Pedro e mais apóstolos eram avaliadas por fumos do mosto, sendo Espírito Santo”.

# Capítulo II

*De uma peregrinação que o padre Nóbrega fez a Santiago e daí missão pelo bispado da Guarda. Coisas que nestas ocasiões lhe aconteceram.*

**E**ram aqueles nossos primeiros padres muito dados à peregrinação a diversos lugares de devoção. Estas faziam a pé, vivendo de esmolas que pediam pelas portas, ensinando a doutrina a toda sorte de gente, recolhendo-se de ordinário nos hospitais. Uma destas peregrinações fez o padre a Santiago de Galisa, em que padeceu muita fome e outros trabalhos, e teve não poucas ocasiões de se humilhar.

Estando um domingo em Compostela, depois de ter pregado, foi pedir esmola pelas portas, ele por uma parte, por outra o companheiro. Aconteceu que o irmão foi ter a uma rua onde estava uma roda de mulheres galegas rindo e folgando: uma estava no meio das mais, arremedando o sermão e gagueiras do padre Nóbrega, que pregara sobre aquele passo: *Qui viderit mulierem*. Vendo-as mais ao irmão, disseram à pregadora: “Cala-te, que vem ali seu companheiro”.

O irmão, com o pejo que teve, não se atrevendo a lhe pedir esmola, se foi desviando por outras ruas e ajuntando-se com o padre não se acharam senão com alguns ceitis e com eles passaram o dia.

Chegando a noite se recolheram em um hospital. Deram nele com muitos pobres pedintes peregrinos comendo e bebendo com muitas cabaças de vinho e muitas altercações entre si, como quem estava contente da vida. Vendo eles o padre Nóbrega, pareceu-lhes ser dos seus. Chamaram-no dizendo: “Irmão, assentai-vos e comei, que estamos agora em grande disputa. Qual de nós sabe melhor pedir para ganhar mais dinheiro e queremos que vós sejais o juiz”. O padre, que estava morto de fome, aceitou de boa vontade a esmola. Começaram a comer ele e seu companheiro. Entretanto dizia cada um a maneira que tinha de pedir e traça para enganar a piedade dos fiéis. Saíram ali várias impressões muito sutis e delgadezas dos que só cuidam nesta calaçaria e por se livrar do trabalho que dela vivem.

Um que tinha ouvido a todos disse no fim: “Irmãos, vejo que nenhum de vós sabe pedir; eu tenho este modo. Nunca peço esmola, mas em chegando a uma porta dou um grande suspiro dizendo: ‘Oh! bendita seja a Madre de Deus!’ Os de casa, quando me ouvem, acodem logo. Oh! senhores, digo, quão grandes mercês me tem feito Deus! Eu estava em tal parte da Turquia cativo e o ferro do turco, meu amo, dava-me muito má vida e muitos açoites, porque eu não queria renegar a Fé, dizendo-me que a suas mãos havia de morrer de má morte. ‘Oh! Perro’, dizia eu, ‘não hei de renegar de meu Senhor Jesus Cristo, e a Virgem Nossa Senhora me há de livrar de tuas mãos’ (e se vou a Monserrat, digo que ela me livrou; se a Santiago, que Santiago). Senão quando uma noite, estando

eu em grande atribulação, carregado de ferros, em uma masmorra escura encomendando-me à Madre de Deus (oh! bemdita seja ela!), achei-me no outro dia pela manhã em tal parte, em terra de cristãos, e por lhe dar graças por tão grande mercê, vou agora em romaria á sua casa.”

Concluiu a prática dizendo: “Com isto todos me dão grossas esmolas: que vos parece, irmão?”, disse para o padre Nóbrega, “não tenho ganhado a aposta?” O padre Nóbrega, que, enquanto ele dizia a sua lenda, calara e capiera com o companheiro, tendo acudido à sua necessidade, deu a sentença com grande zelo e gravidade dizendo: “Oh, de uns ladrões, inimigos de Deus, que andais roubando as esmolas dos pobres; todos vós mereceis ser enforcados”. A este tom lhes desencantou em forma que um após outro se foram saindo todos, cuidando que vinha já sobre eles quanto o padre dizia. Depois se algum destes se encontrava na rua com o padre, se desviava a modo de quem fugia, temendo não os denunciasse à Justiça.

Fez o padre Nóbrega uma missão discorrendo a pé pela província da Beira, na qual frutificou muito e lhe aconteceram coisas muito notáveis. Na cidade da Guarda achou uma mulher, na qual um demônio incubo tinha grande senhorio e por meio do padre foi livre. Esta triste era mulher simples; veio-lhe um dia ao pensamento buscar algum escolar, que a gente ignorante daquela terra cuidava, andava pelas nuvens nas trovoadas, pés de vento e chuviros. O intento era haver dele boa ventura. Com este pensamento tomou sua roca na cinta e saiu do lugar por entre uns pães.

Nesta paragem lhe fez encontradiço um demônio em hábitos longos, como escolar estudante. Perguntou-lhe aonde ia. Não quis ela descobrir seus intentos. Aqui o estudante os declarou, dizendo: “Tu vais com tal pensamento. Eu sou o escolar que buscas: que queres que te faça?” Confessou ela a verdade; e o demônio lhe disse que para fazer o que ela queria, havia de consentir com ele em coisas torpes. Ao princípio lhe pareceu isto dificultoso. Por fim veio a fazer o que o demônio queria. E logo de improviso desapareceu.

Vendo-se enganada, espantou-se muito e nada se arrependeu; chegando à sua casa, o demônio lhe tornou a aparecer. Daí por diante não somente continuou em suas ruindades, mas teve nela tanto domínio que com pancadas a obrigava a cometer muitos e enormes pecados. Assim a trouxe por diversas partes de Portugal, por mar e por terra, fazendo-a cair em grandes maldades, e tendo nela um precipício com que arruinou a muitos. Depois de alguns anos retornou para sua terra, onde a obrigava não só a ser laço infernal aos desonestos, mas incitar aos virtuosos que no lugar havia, e, se ela não queria, a obrigava com pancadas.

Pregando, pois, ali o padre Nóbrega da penitência, tocou Deus a esta pecadora. Chegou-se ao padre, contou-lhe a novela da sua vida, pedindo-lhe remédio para sua salvação. Animou-a e a ensinou a se confessar. Tratando ela em sua casa de se aparelhar, lhe apareceu o demônio, sem ousar chegar-se a ela, de longe a ameaçava se acaso se fosse confessar com o padre. Cortando por todos estes temores, se chegou à confissão. Posta aos pés

do padre, se começou a afligir, dizendo: “Padre, ei-lo aqui, está junto de mim ameaçando-me que me não confesse”. Animou-a o padre, confessou-a e deu-lhe a comunhão.

Contando o padre Nóbrega em uma carta sua este caso, tem estas palavras: “Depois que confessou o que lhe lembrou, dilatei-lhe a absolvição para mais examinar a sua consciência e, rezando-lhe o Evangelho de São Marcos, lhe disse o demônio que eu era a causa de ele se ir dela; porém como deixaria pousada tão antiga? Mandei-lhe que o vituperasse e não o ouvisse mais e que me falasse se alguma coisa pretendia. Foi de maneira que estando eu de noite só na casa da Misericórdia que é hospital tudo junto, onde havia muitas túnicas e tumbas, imaginava que o via e quis Nosso Senhor mais prover a minha pouquidade que olhar a minha temeridade, com que o eu pedi. De maneira que, tornando-se a confessar a mim, a absolvi e com muitas lágrimas tomou o Senhor das minhas mãos. Disse-me que ainda lhe falara com muitas saudades que tinha, porém que até a morte ou de uma maneira ou de outra a havia de perseguir.” Até aqui as palavras da carta do padre Nóbrega.

Outra vivia por aqueles lugares na qual o demônio entrava cada vez e quando. Falava-lhe à orelha, dizendo-lhe coisas admiráveis de que todos pasmavam. Buscou esta triste ao padre Nóbrega, pediu remédio para afugentar de si tão importuno hóspede. Entretanto ele, em santo zelo, lhe disse: “Irmã, dizei a esse maldito quando se vier a vós, que se tem alguma coisa venha ter comigo: eu cá me haverei com ele”. Foram estas palavras de tanto

efeito que nunca mais o demônio a tornou a molestar nem lhe apareceu.

Outra vitória alcançou também muito assinalada do inimigo comum acastelado em um eclesiástico nobre, que havia muitos anos vivia com uma ocasião de portas a dentro. Tinham-lhe tentado sem efeito todos os remédios e até o das censuras por ser o escândalo notório. Sabendo de tudo o padre Nóbrega se fez muito seu amigo. Depois de o grangear, procurou desviá-lo do pecado, propondo-lhe uma vez seu perigo. Ao princípio levado do respeito, o ouviu sem dar por seus avisos: como o padre instasse, lhe disse com resolução que se em tal coisa lhe tornava a fatiar, lhe havia de tirar a vida.

Não desistiu o padre da tarefa e nela desejava dar a vida. Posto o homem nestes apertos, fez consigo este discurso: “Terrível coisa que, ou hei de matar a este homem porque me deixe, ou hei de cortar pelo gosto e apetite. Se o não mato, não me há de deixar viver como quero; e se o mato fico perdido; hei de largar casa, fazenda e até a mesma ocasião porque o mato. Pois há de ser, morra antes o meu apetite com vida de minha alma.” Penetrado deste discurso e da divina inspiração, pôs fora de casa o seu precipício, chorou seu pecado e dali por diante fez vida muito honesta e virtuosa, ficando sempre agradecido ao padre Nóbrega, como seu libertador.

Indo nesta sua missão chegou ao Sabugal, onde então estava D. Duarte de Castello Branco, meirinho-mor e alcaide-mor daquela vila, que sabia muito bem que homem fosse o padre Nóbrega

e tinha notícia do seu modo de viver e de se hospedar nos hospitais: procurou que se agasalhasse em sua casa e comesse à sua mesa. Resistiu o padre a esta benevolência, porém ele mandou por seus criados à porta da igreja para que, em pregando, o levassem a jantar com ele. Pressentindo isto o padre, lá teve modo com que se escoar e se foi meter em um mato, porém, fazendo-se toda a boa diligência, o acharam entre umas silvas. Querendo então satisfazer à cortesia de senhor tão ilustre, foi até sua casa e com muita instância lhe rogou não continuasse naquela sua benevolência, pois em ordem à sua missão lhe servia muito fazer vida pobre. Por fim vieram a concerto que o padre ficasse embora no hospital, mas que de sua casa lhe iria por esmola o sustento. Nesta forma se compôs a contenda, no que o padre houve de consentir: ainda que desejava mais pedir o sustento pelas portas, como mendigo, o que até ali fizera.

Em um destes lugares lhe aconteceu entrando em uma igreja ver ali uma folia com bailes e músicas malsoantes com que o sagrado se profanava. Cheio de zelo repreendeu tamanho desacato. Sentiram-se de lhe interromper o festejo, perderam o respeito ao padre e um deles foi tão atrevido que até contra Deus soltou palavras blasfemas. Pasmado o padre de tal desaforo, se pôs de joelhos pedindo a Deus não ouvisse tais desatinos. Acabada a folia, pondo-se a cavalo o blasfemo para ir jantar, todo o ar se cobriu de nuvens, desfez-se em trovões, despediu um raio, o qual reduziu em cinza ao blasfemo e todos conheceram ser evidente o castigo de Deus. Este castigo fez ao padre mui-

to célebre naquelas terras e o respeitavam como a homem do céu, donde se seguiu abraçarem seus avisos e doutrina, como a de um anjo.

Por todos os modos que podia, trabalhava por tirar as almas dos pecados. Em uma carta em que fala desta missão, diz o seguinte: “Visitei alguns lugares, onde se fez algum fruto, admoestando os pecadores públicos e pondo-os a rol para os fazer por justiça apartar, porque, segundo os pecados são velhos, há muito trabalho em apartá-los por amor e mais quem tem tão pouca caridade como eu. Alguns o fazem e isto pela bondade do Senhor, prometendo-me de se emendarem. Fazem-se muitas amizades. Aconteceu vir pregar a uma aldeia grande em um domingo à tarde, a qual toda estava revolta com bandos e ódios. Acabado o sermão, onde Nosso Senhor me ajudou, estando todos na igreja juntos, me assentei em joelhos e pedi perdão para todos: perdoaram-se e pediram-se perdão com muitas lágrimas de todas as partes.

Véspera de São João parti para Covilhã, vila de muita gente, e porque me furtaram ou eu perdi o sombreiro no caminho, fui ao sol três léguas; achei-me lá meio doente, preguei ao dia a muito descontentamento meu e do povo, porque eu sou quem sou: foi de maneira que quando veio ao domingo seguinte que eu havia de pregar outra vez, disse um cura que havia pregação em tal igreja, porém para que era ouvir-me que eu não dizia nada e outras palavras semelhantes. Naquele domingo preguei melhor e publiquei que à tarde em todos os domingos e dias santos ensinaria os Mandamentos a toda a gente e pela semana todos os dias aos

meninos. Dia de Nossa Senhora da Visitação preguei a muito concurso de gente e a contentamento meu e do povo; ao domingo também e melhor que nunca; foi de maneira que era honrado já e me lançavam bênçãos por onde ia”. Até aqui suas palavras em uma carta para os irmãos do Colégio de Coimbra; de muitas cláusulas dela se vê bem a grande bondade e singeleza santa do padre Nóbrega, porque nele foi columbina e a prudência de serpente, qual o Senhor a quer em seus discípulos.

Neste lugar meterei um grande exemplo de caridade, antes que com ele saíamos de Portugal. Indo de Coimbra para o Porto, por ir mal disposto lhe deram uma cavalgada. Em uma vila, 12 léguas do Porto, encontrou em um hospital uma negra enferma que ali padecia muito por não ter quem a levasse até o Porto. O padre a fez subir na cavalgada em que ia, e ele assim indisposto andou a pé aquelas 12 léguas.

# Capítulo III

*É o padre Nóbrega mandado ao Brasil: do que ali obrou este primeiro ano de sua chegada.*

Neste tempo que o padre Nóbrega discorria em missão na província da Beira, determinou el-rei D. João, o Terceiro, com os superiores da Companhia mandar padres ao Brasil, assim para ajudarem aos portugueses como para converter à nossa Fé os brasis.

No ano de 1549, havendo de ir por primeiro governador daquele novo Estado Tomé de Sousa, pediu el-rei lhe dessem para ir com ele ao padre Manuel da Nóbrega, por haver de sua virtude e letras cabal satisfação para tudo o que era do serviço de Deus e d'el-rei. Foi isto a tempo que a frota estava a ponto de partir, e não era possível estar o padre em Lisboa para nela se meter. Sendo tanto o aperto, nunca el-rei quis aceitar outro em lugar do padre Nóbrega. Portanto, se lhe fez aviso da vontade d'el-rei e foi mandado vir a Lisboa.

Partiu o governador de Lisboa ao 1º de fevereiro de 1549, levando consigo alguns padres e irmãos que iam à obediência do padre Nóbrega, pelo qual ficara esperando a nau do provedor-mor Antônio Cardoso de Barros: nesta se embarcou o padre e foi alcançar a frota do governador, do qual foi bem recebido.

No tempo que durou a navegação, fez grande fruto em toda a nau capitânia, a qual se passou,

desterrando jogos e juramentos e fazendo muitos exercícios de devoção, com os quais foi de muito proveito a todos os da nau. Nesta jornada traz a história da nossa província e dela a do Brasil, o caso da cabeça de um peixe, que dizia sucedera com o governador Tomé de Sousa, porém aconteceu noutra ocasião e com outro. Fundou-se o padre Álvaro Lobo, no que lhe disseram, contara o nosso padre Francisco de Araújo, o qual consultado lhe respondeu em carta, que tenho na minha mão, feita em fevereiro de 1606, que, como havia trinta anos, tinha falado com Tomé de Sousa em Alenquer, não estava tão firme no particular da cabeça do peixe, mas que, se ele o contara ou fora por ele lhe contar ou algum padre do Brasil.

No cartório de Coimbra o achei escrito em um papel que denota boa antiguidade, pelas palavras seguintes: “O padre Manuel da Nóbrega, que morreu sendo provincial no Brasil, foi homem de muito rara virtude e santidade: contou dele um cavalleiro chamado Pero de Góes, o qual sendo capitão ou governador naquelas partes se confessava com o mesmo padre e era muito devoto seu. Tinha este senhor superstição de não comer cabeça de coisa viva, à honra de São João Batista, porque neste dia lhe tinham acontecido alguns desastres. Andando ele de armada e indo o padre o visitar no mar, sendo horas de jantar, lhe fez o capitão força que comesse com ele, como fez; e trazendo-lhe uma cabeça de um peixe estimado do capitão, a pôs ele e deu a mesma ao padre, não a querendo comer; e fazendo o padre força que a comesse, lhe fez saber o voto que tinha feito; e logo porfiou que

a comesse e não curasse disso; o que não querendo fazer, lhe prometeu que dali por diante o faria. Chegando-se o dia de São João Batista, que parece estava perto ou era isto em sua véspera, lançou o governador um anzol ao mar, atando a linha no braço; e ferrando logo um peixe do anzol, o levava com grande fúria ao mar; tanto que acudindo-lhe outra gente se embrulhou o cordel no pescoço de um marinheiro e o apertou de tal maneira que o houvera de afogar, metendo-se pela carne dentro. Enfim que tirando suavemente o cordel, veio no anzol a cabeça de um peixe, cortada como uma faca. E daqui entendeu ser vontade de Deus o que o padre lhe tinha mandado, e ser superstição, o que fazia: e me contou isto por coisa milagrosa e que não podia acontecer acaso: e porque me contou isto e outras muitas coisas de virtude do mesmo padre e eu assim o ouvi, ponho aqui meu sinal. Diogo Guerreiro.”

Estas as formais palavras do papel. Bem sei que para a substância do caso vai pouco, ser nesta ou naquela ocasião, com este ou com aquele homem; mas quando se encontram as coisas com a certeza individual, que em se tem, não há porque a deixar. Este papel não veio à mão dos ditos escritores; e fique logo aqui este caso, posto que não seja deste lugar, mas porque nele o trazem sucedido com Tomé de Sousa nesta viagem do Reino para o Brasil.

De sua chegada ao Brasil, diz assim em uma sua carta para o padre mestre Simão o padre Nóbrega: “Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mês de março de 1549. Andamos na viagem oito semanas.

Achamos a terra de paz e quarenta ou cinquenta moradores na povoação que antes era. Receberam-nos com alegria. Achamos uma maneira de igreja, junto da qual logo nos aposentamos os padres e irmãos em umas casas a par dela, que não foi pouca consolação para nós, para dizermos missas e confessarmos. E nisto nos ocupamos agora. Confessa-se toda a gente da armada, digo, a que vinha nos outros navios; porque os nossos determinamos de os confessar na nau. O primeiro domingo que dissemos missa foi a quarta dominga da Quadragésima. Disse eu missa cedo e todos os padres e irmãos confirmaram os votos que tínhamos feito e outros de novo com muita devoção e conhecimento de Nosso Senhor, segundo pelo exterior é lícito conhecer. Eu prego ao governador e à sua gente na nova cidade que se começa, e o padre Navarro à gente da terra. Espero em Nosso Senhor fazer-se fruto, posto que a gente da terra vive toda em pecado mortal. E não há nenhum que deixe de ter muitas negras, das quais estão cheios de filhos e é grande mal: nenhum deles se vem confessar ainda; queira Nosso Senhor que o façam depois.”<sup>1</sup> Estas suas palavras, e vai dando conta dos índios e do que em seu bem podia obrar.

Entrou o padre Nóbrega neste novo mundo com os padres Leonardo Nunes, João de Aspicuelta Navarro, Antônio Pires e com os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome, todos eles homens de singular virtude e dignos fundadores de uma tão santa e dilatada província. No que toca ao sítio da

---

<sup>1</sup> Este trecho e todos os mais reproduzidos adiante por Franco acham-se nas cartas da presente coleção.

terra do Brasil, costumes dos naturais, ainda que aqui pareciam pedir alguma notícia, por serem coisas que andam escritas de muitos, não há por que deter nisto. Só quero dizer de São Tomé a notícia que tem o padre Nóbrega; são suas palavras: “Dizem eles que São Tomé, a quem eles chamam *Zome*, passou por aqui. E isto lhes ficou por dito de seus passados e que suas pisadas estão sinaladas junto de um rio, as quais eu fui ver por ter mais certeza da verdade e vi com os próprios olhos quatro pisadas muito sinaladas com seus dedos, as quais algumas vezes cobre o rio quando enche. Dizem também que quando deixou estas pisadas, ia fugindo dos índios, que o queriam flechar, e chegando ali se abriu o rio e passara pelo meio à outra parte sem se molhar e dali foi para a Índia. Assim mesmo contam que quando o queriam flechar os índios, as flechas se tornavam para eles e os matos lhe faziam caminho por onde passasse. Dizia também que lhes prometeu que havia de tornar outra vez a vê-los.” Noutra carta diz: “Também me contou pessoa fidedigna que as raízes de que cá se faz pão, que São Tomé as deu, porque cá não tinham pão nenhum e isto se sabe da fama que anda entre eles.” Até aqui o padre Nóbrega.

Desta matéria traz coisas muito curiosas o padre Vasconcellos na *História do Brasil*<sup>2</sup>.

Houve nestes princípios grande trabalho. Mudando-se a outro lugar fizeram os padres com suas próprias mãos umas pobres casas de barro. Passaram muitas necessidades do temporal. Acu-

---

<sup>2</sup>Refere-se à *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*.

diam ao bem espiritual dos portugueses, em especial o padre Nóbrega os começou a ajudar com suas pregações e conselhos. Tratava muito familiarmente ao governador e a outros capitães e pessoas principais: todos, pelo muito respeito que lhe tinham, se aproveitavam de sua conversação, tendo alguma maneira de oração mental, fazendo exame de consciência pela ordem que lhes dava. Todas as coisas de importância tratavam com ele.

Tomou logo particular assunto dos escravos naturais, que tinham os portugueses moradores antigos da Bahia, fazendo-lhes ensinar a doutrina cristã e dizer uma missa particular para eles todos os domingos e dias santos, o qual se introduziu por toda a costa, por quanto nem antes nem depois os curas tratavam deles. Com isto se fez muito fruto em todo o Brasil. Por estes se começou a promulgação do Evangelho, porque em tanta cegueira estavam estes como os índios que não eram cativos. A servidão os fazia estar mais à mão aos padres, seus senhores se edificavam muito e ajudavam obra tão santa.

Porém, como o seu principal intento era a conversão dos índios, de que havia infinitos no contorno da Bahia e tinham pazes com os portugueses, começou a tratá-los e denunciar-lhes a Fé. Vendo que os pães como troncos velhos estavam muito indômitos em suas barbáries, lançou mão dos filhos; foi ensinando-lhes a doutrina: pouco a pouco se afeiçoaram e batizaram alguns e depois deles também naquele princípio se batizaram alguns dos pães, principalmente dos que moravam junto da cidade, onde chamam Monte Calvário<sup>3</sup>, que foi

nome posto pelos nossos, onde fizeram uma casa e igreja pequena, para os tratar mais familiarmente e lhes ganhar as vontades. Aqui se batizaram muitos inocentes, que logo depois do batismo morreram.

Era muito introduzido naqueles bárbaros comer carne humana, e assim aos inimigos tomados na guerra cevavam e engordavam, e depois, com grandes algazarras e festas a seu modo, os matavam e comiam. Houveram deles licença os padres para instruírem na Fé a estas vítimas da sua gula, e assim antes de os matarem, batizaram a muitos. Não se podia por então evitar esta carniçaria, por isso se contentavam com lhes acudir as almas. Não tardou muito o demônio em impedir este bem. Meteu na cabeça aos índios que o batismo tirava o gosto das carnes. Levados desta imaginação, revogaram a sua licença, impedindo batizar os seus presos. Então os padres buscaram outra traça. Tinham vigias de quando se haviam de celebrar as suas solenidades; e como acaso procuravam achar-se no tal lugar, convidavam-se para assistir a estas suas festas, coisa de que os índios tinham grande vaidade. Com este pretexto, quando eles andavam embebidos nos seus festejos e como descuidados de atentar ao preso, se chegava algum padre, dava-lhe uma notícia da Fé, o que sofria o aperto, e era o preciso, e fazendo com que pedisse o batismo, levando preparado o lenço, lhe espremia na cabeça e batizava.

Um grande impedimento para a conversão dos índios era certo feiticeiro, porque desta casta de homens vive aquela triste gente muito depen-

---

<sup>3</sup>É o lugar onde está assentado o Convento do Carmo.

dente. Fazia-se o feiticeiro filho de Deus, senhor das tempestades e trovões, das doenças e saúde. Davam-lhe grandíssimo crédito e nenhum caso faziam do que era contra o seu dito: o medo que lhe tinham era enorme. Desafiou-o o padre Nóbrega para o convencer em público terreiro, onde se ajuntaram infinitos bárbaros a ver o espetáculo. Saiu ele muito arrogante, em companhia de muitos, batendo o pé, e fazendo outros meneios a seu modo. Saiu pelo contrário o padre Nóbrega e perguntou-lhe com império: quem lhe dera o poder que fingia, sendo ele um homem como os mais? Respondeu com soberba que ele tinha o poder de si mesmo, por ser filho de Deus, que morava lá sobre os ares, entre os trovões, onde seu pai lhe dizia o que havia de fazer. Entrou em fervor o padre Nóbrega, deu-lhe um brado grande e lhe estranhou a blasfêmia com tanta autoridade que o índio lhe caiu aos pés, confessando ser tudo mentira e rogando-lhe o fizesse seu discípulo.

Abraçou-o o padre Nóbrega, fez uma prática aos circunstantes do seu erro, do que resultou converterem-se 800 dos que o seguiam; depois de instruídos se batizaram com grande solenidade 100 deles. Invejoso o demônio, meteu em os batizados tais enfermidades que pareciam peste. Logo os outros começaram a dizer que aquilo lhes viera de se deixarem molhar do padre e que havia de durar muitos anos e que todos haviam de morrer; que o remédio estava em fugirem dos padres. Acudiu a isto o padre Nóbrega, empenhando sua palavra de que a doença em breve passaria: e assim foi, porque, acudindo-se com o remédio da sangria, coisa

nova entre os bárbaros, cessou a doença e ficou muito acreditado o padre.

Trabalhando o padre Nóbrega com seus companheiros no distrito da Bahia, teve novas de que na capitania de São Vicente, distante 240 léguas, havia muita falta de doutrina, porque os portugueses viviam quase como gentio, cativavam por escravos os índios, fazendo nesta matéria grandes insolência e infidelidades, pois, indo muitas vezes contratar com os índios, vindo eles às suas embarcações como amigos, tanto que os tinham dentro, davam à vela e nesta forma os tomavam por escravos e disto havia muito.

Não obstante serem os nossos tão poucos, como era muito grande o coração do padre Nóbrega, mandou àquela missão dois de seus companheiros, a saber: o padre Leonardo Nunes, natural da vila de São Vicente, no bispado da Guarda, e ao irmão Diogo Jacome. Partiram da Bahia no dia de Todos os Santos de 1549. Ali foram recebidos e obrou o padre Leonardo coisas muito gloriosas, como se dirá em sua vida.

# Capítulo IV

*De muitas obras do padre Manuel da Nóbrega e como foi a diversas regiões do Brasil e do que nelas efetuou.*

No seguinte ano de 1550 lhe chegou do Reino novo socorro de operários mandados por ordem do nosso santo patriarca, que fazia ao padre Nóbrega vice-provincial do Brasil. Nesta ocasião fez o padre Nóbrega algumas experiências muito notáveis dos seus súditos: a mais admirável foi no padre Manuel de Paiva, a quem mandou vender em público, sendo pregoeiro o padre Vicente Rodrigues, tomando por pretexto da venda a pobreza em que se achavam os nossos. Chegou isto a tal extremo que o povo se persuadiu era de veras e houve lançadores; até que no dia em que se havia de arrematar, o padre Nóbrega o deixou ficar em casa e declarou aos amigos o espírito daquela fingida venda. Foi este padre Paiva homem de rara virtude, como em sua vida se dirá.

Uma das obras que o padre Nóbrega fez neste tempo foi um seminário, em que se criassem meninos filhos dos índios. Os padres com suas mãos fizeram de barro as casas em que os agasalhar. Ali eram ensinados a ler, escrever e contar, ajudar a missa e a doutrina cristã.

Neste tempo, sendo muito a seara e os obreiros tão poucos, entre eles o padre Vicente Rodrigues ia continuando com doença de um ano. Vendo isto, o padre Nóbrega lhe disse um dia com grande espírito:

“Padre Vicente, o bem das almas tem necessidade de vós; portanto vos ordeno em virtude de santa obediência, lanceis fora essa doença e vades acudir a nossos ministérios.” Foi coisa estupenda que no mesmo ponto ficou o padre são e com suas forças, e começou a trabalhar como se por ele não tivesse passado tão prolongada enfermidade.

No ano de 1551, tendo mandado dois obreiros à capitania do Espírito Santo, se determinou ele em pessoa a ir a Pernambuco, que é uma das principais regiões do Brasil; levou por companheiro o padre Antônio Pires. A terra estava muito estragada de vícios; para isto se entender melhor, bastam as palavras seguintes de uma carta do padre Nóbrega: “Os clérigos desta terra têm mais ofício de demônios que de clérigos; porque além de seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Cristo, e dizem publicamente aos homens que lhes é lícito estar em pecado com suas negras, pois que são suas escravas, e que podem ter os salteados, pois que são cães, e outras coisas semelhantes, por escusar seus pecados e abominações, de maneira que nenhum demônio temo agora que nos persiga, senão estes. Querem-nos mal, porque lhes somos contrários a seus maus costumes e não podem sofrer que digamos as missas de graça em detrimento de seus interesses. Cuido que, se não fora pelo favor que temos do governador e principais da terra, e porque Deus não o quer permitir, que nos tiveram já tiradas as vidas.”

Bem se vê destas palavras quais eram os curas das almas e quais seriam as almas curadas; pois a todos, segundo a opinião dos seus curas, era lícito usar mal de suas escravas e cativar os índios. Estes dois

pontos deram muito que fazer ao santo varão. Os que estavam enredados com pecados tão horrendos se defendiam com a doutrina dos seus clérigos, a qual julgavam elles estava mais a conto, dizendo que sem índios e índias ficavam perdidos e sem remédio.

Começou logo o padre a batalhar contra estas enormidades, em que houve muita emenda. Dos clérigos teve o padre tamanha perseguição e dos que se acostavam a elles que, se não foram reprimidos dos homens principais que o abrigavam, ou seria morto ou lançado fora da terra. Os índios das aldeias o convidaram para que os fosse fazer cristãos. Instruiu bem e batizou a cem deles que pudessem ser como mestres dos mais, por assim poder com melhor cômodo acudir aos muitos que se queriam converter. Depois de assentar o melhor que pôde as coisas em Pernambuco, deixando ali o padre seu companheiro para conservar e levar adiante o que estava feito, se voltou à Bahia aonde chegou em março de 1552.

Vendo ele que os brasis se levavam muito do canto, fez ordenar em solfa as orações e mistérios da Fé, coisa de que os índios muito gostavam, e teve este santo artifício efeitos muito notáveis, e aos meninos do seminário que as cantavam tinham os índios tanto respeito que punham neles os olhos como em coisa sagrada.

No ano de 1553, indo o governador Tomé de Sousa visitar a costa do Sul, foi com ele o padre Nóbrega, assim para ajudar aos das naus, como para visitar os nossos religiosos que ali estavam em diversas partes. Indo para São Vicente, não longe do porto, houve uma cruel tempestade, na qual se foi ao fundo o navio em que ia o padre Nóbrega. Bem se vê o sen-

timento que haveria em todos, sendo tão amado e venerado por suas excelentes virtudes. Porém não quis o Senhor, que o tinha para coisas grandes, que ali acabasse; com espanto de todos e do mesmo padre, por andar ele muito fraco e não saber nadar, foi visto sobre as ondas, com grande sossego, até que uns índios nadadores, cortando as ondas, o tomaram em braços e puseram em salvo em uma ilhota; onde o vieram buscar e foi levado a São Vicente com alegria tão geral em todos, como se a cada um lhe ressuscitara seu pai. Saindo o padre Nóbrega desta tormenta no mar, teve outra na terra, para ele muito mais brava e cruel. Foi o caso que os padres que ali assistiam tinham recolhido em casa alguns mestiços para os ir provando e, se fossem capazes, metê-los na Companhia; ou quando não, servir-se deles para intérpretes. Estes, como não eram da Companhia, saíam às vezes de casa e a partes de ruim suspeita. Certo João Ramalho, homem rico e perdido, grande inimigo dos padres, e seus filhos tais como o pai impuseram, sem alma nem consciência, aos nossos o crime dos mestiços. Divulgaram no povo grandes ruindades dos nossos. Foram acusá-los ao padre Nóbrega. Ouviu o padre coberto de pejo coisas tão fora de caminho; e respondeu aos acusadores que faria justiça.

Não cria ele tais coisas de homens tão santos e sabia muito bem quão malvados eram os acusadores.

Querendo, pois, que o mundo visse a inocência de uns e a malícia dos outros, mandou em primeiro lugar sair de casa os religiosos. Eram estes os padres Manuel de Paiva, Francisco Pires, Manuel de Chaves e alguns irmãos. Pôs o caso diante do vigário-geral, que em todo o rigor tirasse devassa e sentenciasse; que se

os da Companhia eram quais os acusadores diziam, nada era de lucro à Companhia e, portanto, se desfaria logo deles; e, se estavam inocentes, visse o mundo a maldade dos acusadores e não tivessem outros afoiteza para infamar os servos de Deus e impedir o fruto dos seus trabalhos. Feita exata e jurídica inquirição, se achou estarem os nossos inocentes e se publicou a malícia daqueles homens.

Fez também o padre Nóbrega sua inquirição e achou que em verdade houvera culpa em um mestiço, ao qual deu um notável castigo. Convencido ele lhe encareceu o seu crime e agravo que fizera à pureza da Companhia, em cuja casa estava, e lhe disse: “Irmão, tal pecado só se pode satisfazer sendo enterrado vivo: confessai-vos, comungai e tende santa paciência, que amanhã a tais horas vos hei de mandar abrir a sepultura; há-vos de cantar o ofício de finados, dizer missa dos defuntos e heis de ser enterrado vivo”. Como o padre era tão eficaz e inteiro no que dizia, o moço se deu por concluído. Confessou-se e comungou para morrer. Fez-se sinal com os sinos, celebrou-se o ofício e a missa dos defuntos, estando amortalhado e presente o mestiço. Pasmavam os portugueses e índios de coisa tão nova.

Acabado o ofício e dito o último responsório, foi o triste estendido na cova e se lhe foi lançando alguma terra. Neste passo o irmão Pedro Corrêa, que só em segredo sabia a intenção do padre Nóbrega, pediu com muitas lágrimas ao padre que tivesse compaixão daquele miserável: ao irmão seguiram todos os presentes, a cujos rogos o padre, que só queria meter horror no culpado e aviso aos mais, se dobrou mostrando nisso grandes dificuldades. E logo dali o

deu por despedido de casa, ordenando que tal casta de gente nem para o serviço doméstico se admitisse algum em nossas casas.

Compostas assim as coisas nesta capitania, determinou fazer uma entrada ao interior do sertão, para fundar ali cristandade, que se criasse sem ter diante dos olhos os maus exemplos dos portugueses. Soube destes intentos o governador e os impediu com boas razões. Contudo, havendo uma boa língua no irmão Antônio Rodrigues, que entrara na Companhia, e antes estivera entre os Carijós, entrou pela terra dentro coisa de 40 léguas até uma aldeia por nome Maniçoba; onde fez igreja e residência, que continuou alguns anos e nela houve grande serviço de Deus, concorrendo ali os índios ao bom nome do padre, que se divulgou pelas nações do sertão, sendo chamado entre os bárbaros com o nome de *Homem Santo*<sup>4</sup>.

Vendo o padre quão grande porta se lhe abria nesta terra de São Vicente, determinou deter-se nela mais tempo e fazer vir mais obreiros da Bahia. Acudiu o Senhor a estes seus desígnios, porque em julho de 1553, com a frota e novo governador D. Duarte da Costa, lhe vieram de Portugal sete sujeitos, dos quais era superior o padre Luiz da Grã, reitor que fora do Colégio de Coimbra, homem em tudo cabal. Neles chegou o incomparável varã (e taumaturgo do Novo Mundo) José de Anchieta, que ainda não era sacerdote.

Mandara o padre Nóbrega à Bahia para conduzir os novos obreiros ao padre Leonardo Nunes. Este trouxe consigo alguns dos quais era um o irmão

---

<sup>4</sup>V. *Esclarecimentos no fim deste volume.*

José de Anchieta. Nesta ocasião veio ao padre Nóbrega patente de Santo Ignácio, em que o fazia provincial do Brasil, porque até então só governara com título de vice-provincial, dependente do de Portugal. Também lhe chegou licença para que ele e o padre Luiz da Grã fizessem a profissão de quatro votos.

Achando-se o padre com este novo socorro, por boas razões e muitas conveniências do bem das almas, que nisso havia, em janeiro de 1554 mandou padres e irmãos que dessem princípio a um colégio nos campos de Piratininga, distante de São Vicente 12 ou 13 léguas, muito abastados de víveres para o sustento humano, ainda que o caminho por onde a eles se vai é fragosíssimo. Padeceram ali muito os nossos religiosos em fundar esta nova colônia, de onde ao depois se recolheram frutos copiosos. Correu o padre Nóbrega grandes perigos em querer tirar daqueles bárbaros o insaciável apetite de comer carne humana; no que teve muito gloriosas vitórias. Nas partes de São Vicente se deteve o padre Nóbrega até os princípios do ano de 1556, e deixando ali em seu lugar o padre Luiz da Grã, que lhe era colateral no governo com iguais poderes, ele se voltou a ter cuidado com as coisas na Bahia.

# Capítulo V

*De como foi causa de grandes aumentos da cristandade: como por suas orações houve o governador grandes vitórias. Casa de uma fonte milagrosa. E outras coisas de grande serviço de Deus por meio deste seu servo.*

Chegou o padre Manuel da Nóbrega a tempo que o governador D. Duarte tinha aquietado uma grande guerra que os índios lhe tinham feito. Pediu-lhe que reduzisse a aldeias os índios novamente sujeitos e aos que já eram cristãos em lugares acomodados, onde os padres pudessem levantar igrejas e assistir com eles, para nesta forma ir adiante a cristandade, sendo melhor e mais à mão o cômodo de a cultivar. Fez o governador quanto se lhe pediu. Formaram-se diversas aldeias. Pôs nelas padres e irmãos e meteu escolas em que se ensinassem os meninos. Cresceu com isto notavelmente o ensino, porque os filhos bem industriados ensinavam a seus pais.

O culto divino se adiantou muito, porque aprendiam solfa e todos os instrumentos, com que se formavam coros de música muito suaves e concertados, com os quais os ofícios divinos se faziam com devoção e asseio. Extinguiu-se o uso de comerem carne humana.

No ano de 1558, indo por governador do Estado Mem de Sá, teve com ele o padre Nóbrega estreita amizade. Fez leis muito proveitosas ao bem dos índios, como foram proibir-lhe aos

confederados conosco comer carne humana; que não fizessem guerra, sem que ele e seu conselho a aprovasse; que vivessem em aldeias grandes, fizessem igrejas e casas aos padres, que os cultivassem. Estas leis atribuíram todos a influxo do padre Nóbrega. Fizeram a elas muita resistênciã os portugueses, dando muitas razões em bem do Estado, chamando-as violentas e ocasião de se porem em guerra os índios, pois lhe queriam tirar seus inatos appetites. Resistiu o padre Nóbrega e desprezadas todas as dificuldades, se viram os desejados efeitos. Formaram-se grandes aldeias, entrando os padres a amansar estes tigres.

Também promulgou outra lei em favor dos índios, que fossem postos em liberdade os que estavam em cativeiro injusto feitos escravos dos portugueses. Esta lei, executada muito à risca, causou nos índios um retiro das coisas proibidas nas outras leis, vendo como o governador atentava por sua liberdade. Sucedeu neste tempo que alguns índios de outra nação muito poderosa mataram e comeram a três dos nossos índios das aldeias. Deram conta ao governador que ou os vingasse ou que os deixasse ir vingar tamanha afronta. Mandou logo Mem de Sá pedir os criminosos; responderam-lhe que os fosse ele buscar. Aqui cresceram as queixas do povo contra o padre Nóbrega; porém ele animou o governador, com esperança certa da vitória. Foi em pessoa a esta guerra, em que ia também o nosso padre Antônio Rodrigues. Estavam inumeráveis inimigos entrincheirados em uma grande eminência; ali os avançou Mem de Sá e desapossou do sítio com morte de muitos.

No dia seguinte foram os nossos rompendo caminho em demanda do restante do inimigo, abrindo caminho por densíssimos arvoredos. Chegaram a certo posto em que o principal de 200 aldeias se tinha guarnecido. Era o sítio formidável, assim pelas águas que o cingiam, como pela eminência dos montes, quase talhados a pique. Todas estas dificuldades se venceram. Foram entrados os inimigos, em que se fez brava matança. Estas vitórias fizeram muito respeitado Mem de Sá de todo o sertão do Brasil e causaram veneração à pessoa do padre Nóbrega; pois viam com seus olhos não ser vã a confiança, com que aos nossos prometera que sairiam vencedores nesta guerra em que a honra e serviço de Deus eram tão interessados. Foi o gosto e a vitória completa; quando três dias depois de recolhido Mem de Sá, chegou á Bahia uma embarcação daquela gente, que vinha entregar os matadores que foram a causa da guerra, e a pedir pazes e que se reduziriam a aldeias, onde seriam ensinados dos padres; coisa para o padre Nóbrega de gosto inexplicável.

Por este tempo padecia o santo varão muitos achaques, mas com nenhum se rendia. Davalhe alento ver que a glória de Deus ia crescendo. Corria a pé com um bordão na mão estas aldeias de índios. Em todos metia fervor. Pelos fins do ano de 1559 chegou patente de nosso padre-geral Diogo Laynes, em que fazia provincial dos nossos o padre Luiz da Grã. Achava-se muito enfermo o padre Nóbrega e lançava sangue pela boca. Ficou muito alegre por se ver livre do governo, mas nem por isso se desobrigou de trabalhar, como se de todo estivera com suas forças.

Antes que passe adiante, quero dizer aqui uma grande mercê de Deus, que na residência de Porto Seguro se alcançou do céu, em que teve boa parte a Fé do padre Nóbrega. Assistindo o nosso padre Francisco Pires com outros nossos em Porto Seguro, fabricavam em um monte uma capela de Nossa Senhora da Ajuda. Ficava-lhe muito longe a água assim para obra como para beber. Era preciso ir por ela ao baixo do vale pelas terras de um morador, que nisso tinha paixão, dizendo que devastavam suas fazendas. Formava por esta causa queixas contra a obra e contra os nossos.

Afligiam-se os servos de Deus com o seu trabalho e com o desassossego do homem. Rogaram á Senhora que lhes acudisse. Achava-se ali o padre Nóbrega. Animou-os, dizendo-lhe tivessem fé e se foi dizer missa na capela, que ainda estava por acabar. Coisa muito rara! No meio do sacrifício ouvem soar um borbulhão d'água debaixo do altar e dali por baixo da terra foi sair junto a uma árvore perto da ermida. Ficaram consolados e admirados com esta estranheza. Esta fonte e ermida é no Brasil um perene rio de favores do céu e o santuário de maior veneração naquelas terras até o tempo presente\*.

Corria o ano de 1560 e davam aos portugueses muito cuidado as coisas do Rio de Janeiro, porque tendo ali os anos antes entrado os francezes, se iam fortificando e se não se acudisse a este mal, seguir-se-ia grande detrimento aos portugue-

---

\*Sobre a fonte milagrosa de Nossa Senhora da Ajuda, veja Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, 297 e 388, Rio, 1925. — Uma lista dos milagres encontra-se no escrito *De algumas coisas mais notáveis do Brasil*, in *Revista do Instituto*, XCIV, 372/373. — G.

ses. Neste ano chegou ordem da rainha D. Catarina, que governava na menoridade de seu neto D. Sebastião, a Mem de Sá, que pusesse todo o esforço em lançar fora do Brasil os franceses. Tinha a empresa muitas dificuldades, parecendo termos para ela pouco poder. Além de outras consultas, a de que Mem de Sá fez mais caso, foi o conselho do padre Nóbrega, que lhe persuadiu a empresa e quase seguiu a vitória.

Aprestou logo Mem de Sá uma armada de 11 velas maiores, fora muitos barcos, e se fez na volta do Rio de Janeiro, levando consigo o padre Nóbrega, cujo conselho era para ele como oráculo, fora também parecer dos médicos que o padre mudasse de clima e entendiam que lhe seria mais favorável o da capitania de São Vicente. Chegou ao Rio a armada, e logo Mem de Sá fez ir ao padre Nóbrega para São Vicente, por vir fraco e ter necessidade de remédios. O padre ali fez artilhar um bergantim e preparou algumas canoas cheias de boa gente, que mandou ao governador comboiadas por dois irmãos da nossa Companhia.

Foi assaltada com muito valor uma fortaleza que tinham os franceses chamada Villagailhon<sup>5</sup>, obra por natureza e arte ao parecer inexpugnável. Mas, o valor de Mem de Sá foi tanto e tão poderosas as orações de seu amigo,

---

<sup>5</sup>O Visconde de Porto Seguro escreve fortaleza de Villegaignon, acrescentando "o que, adulterado pela nossa gente, se ficou dizendo, mais aporuguesadamente, Villagálhão"; e é de parecer que se deve conservar este antigo nome e ortografia". (Hist. Geral Brás., I, pg. 277). Pedro Taques diz: "Ilha que ficou tomando o nome de Villegaignon, que a pronunção portuguesa corrompeu pelo decurso do tempo em Vergalhão." (Hist. da cap. de São Vicente, 1772, in Rev. do Inst. Hist., IX (1847), página 320).

o padre Nóbrega, que a entrou com morte de muitos inimigos e com a fugida de outros, que nos batéis se passaram à terra firme. Arrasou-se o que era obra da arte. Por então com isto se contentaram, porque o presidar tinha grandes inconvenientes.

Na volta decaiu o governador com a armada em Santos, distante duas léguas de São Vicente, onde se viu com o padre Nóbrega e lhe agradeceu o socorro e, abaixo de Deus, a vitória. O padre, com extrema caridade, agenciou provimento de mantimentos para a armada; acudiu aos soldados enfermos; tratou com Mem de Sá sobre coisas dos soldados, como litígios e prisões; fez nisto tais obras de caridade com todos, que lhe não sabiam outro nome, senão o de Pai dos Necessitados. Também conseguiu em bem dos naturais, da Companhia e d'el-rei, que o governador mandasse mudar a vila de Santo André para Piratininga e que o colégio da Companhia se passasse de Piratininga para São Vicente; onde se abriram os estudos, que depois se passaram, e hoje perseveram, no Rio de Janeiro.

Nesta ocasião com o favor de Mem de Sá, fez o padre abrir novo caminho de São Vicente para Piratininga em uma espaçosa montanha, porque no ordinário eram os passageiros assaltados e comidos dos Tamoios, inimigos cruéis do nome português. Por agência de dois irmãos nossos engenhosos, se abriu com grande trabalho este caminho, de que todos receberam grande segurança e proveito.

Ainda que o padre Nóbrega estava já neste tempo muito cortado dos trabalhos e achaques, nem por isso se desobrigava de trabalhar: discorria

a pé encostado no seu bordão pelas aldeias, acudindo a todos com zelo incansável. Andava a terra muito desinquieta com os contínuos assaltos dos Tamoios, amigos dos franceses do Rio de Janeiro e inimigos capitães do nome português. Servia este contínuo açoite de Deus como de um aviso aos cristãos, que andassem sempre preparados para a morte: a isso os exortava o padre e não sem fruto.

Estando ele em Piratininga, deram os nossos um assalto nos Tamoios. Cativaram um dos seus capitães, grande salteador e comedor dos nossos. Tendo receio que alguns portugueses não escapassem, consentiram que os índios o matassem e comessem; para este fim lhe deram uma casa dentro na vila. Soube o padre Nóbrega em Piratininga desta desordem e a sentiu tanto que escreveu aos padres da vila de São Vicente, saíssem disciplinando-se pelas ruas públicas, em ordem a aplacar a ira de Deus. E que bradassem alto pedindo ao mesmo Senhor tivesse misericórdia daquele povo, porque não viesse sobre ele seu açoite.

Não eram estas coisas somente para terror, mas como mostraram os efeitos, devia ter o servo de Deus algum aviso do céu, de quão indignado estava Deus contra os portugueses e cristãos brasis daquela vila. Sobre ela veio doença como peste, que fez cruel estrago e maior o fizera, se lhe não acudissem os nossos ainda com os remédios corporais da sangria; exercício que naquelas terras lhes ensinou a caridade; e perguntado sobre ele Santo Ignácio, respondeu que a tudo se estendia a caridade.

Além da sobredita disciplina, ordenou que houvesse oração noturna continuada em casa, a

qual era nesta forma. Tinha um por relógio de areia sua hora acabada; ela tomava uma disciplina e logo entregava o relógio a outro; nesta forma se iam sucedendo em toda a noite. Durou a oração em todo o tempo da quaresma. Sobretudo houve procissões públicas pelas ruas. Com todas estas preces se entendeu que Deus aplacara muito sua ira.

# Capítulo VI

*Da jornada que o padre Nóbrega fez aos Tamoios; do que ali passou, até fazer paz entre eles e os portugueses.*

Continuava o padre Nóbrega na capitania de São Vicente, na qual havia muito desassossego por causa das invasões dos Tamoios. Andavam estes em canoas muito equipadas de remeiros, faziam cruéis assaltos e cativeiros. Entendia o padre que tudo era castigo de Deus por muitos desmandos dos portugueses: gritava em púlpitos e praças, houvesse penitências, porque Deus temperasse sua ira; pois os inimigos com os contínuos assaltos tudo traziam assombrado e entravam em consideração de se fazer por uma vez senhores de todo o país. O cuidado do padre era ver como se podia divertir tanto mal. Instava com Deus e em suas orações sentia dentro de si grandes impulsos de se meter entre aqueles bárbaros ou para fazer pazes entre eles e os nossos ou para ali acabar nesta demanda seus cansados dias. Tratou este seu sentimento com os do governo; a todos, pareceu bem, porque sem perigo seu, poderiam conseguir o que unicamente desejavam; e quando não houvesse efeito, ficariam como estavam.

Não era isto tanto prudência humana, quanto disposição divina. O santo padre José de Anchieta disse que dois anos inteiros tratara o padre Nóbrega com Deus este requerimento. Cor-

rendo, pois, o ano de 1563, depois de renovados os votos na oitava da Páscoa, se despediu dos mais padres e irmãos e tomando por companheiro ao padre José de Anchieta, que ainda era irmão, se pôs em caminho para os Tamoios<sup>6</sup>. Levou-os em uma sua embarcação Francisco Adorno<sup>7</sup>, genovês, homem rico da terra e grande inimigo da Companhia. Tendo partido a 21 de abril, a 4 de maio do dito ano chegaram às praias do principal lugar dos Tamoios.

Ao princípio se assustaram, cuidando serem inimigos. Forem vendo os padres, dos quais entre eles era coisa sabida serem amigos dos índios, falando-lhes o padre Anchieta na sua língua, tomaram confiança e entraram na barca sem algum sossobro\*. No dia seguinte acudiram os principais, entendendo vinham a tratar de pazes. Deram por reféns 12 mancebos, que foram na barca para São Vicente e eles levaram para suas terras os padres. Foram hospedados na casa de um principal chamado Caoquira. Primeiro que tudo armaram entre um arvoredor uma igreja coberta de palmas: nesta se disse aos 9 de maio a primeira missa que viram aquelas terras. Foi em ação de graças pelos benefícios recebidos e para pedir a Deus o bom sucesso de coisas tanto do seu serviço. Assim foram conti-

---

<sup>6</sup>*Sobre esta viagem e empresa veja-se a interessante carta de Anchieta de 8 de Janeiro de 1565, publicada pelo Dr. Teixeira de Mello nos Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. II, pp. 78-123.*

<sup>7</sup>*Segundo Anchieta, o capitão era José Adorno, tio de Francisco Adorno, Irmão da Companhia de Jesus.*

\**Deve ler-se sobroço, vocábulo decaído em Portugal, mas em pleno uso na linguagem popular brasileira, como synonymo de receio, medo, tejnôr. — G.*

nuando com grande espanto dos Tamoios: porque não havia sino, a vozes chamavam os meninos e mais gente, para ouvir a santa doutrina, que o padre José lhes explicava com frases e demonstrações da sua língua, de que eles gostavam tanto, que se a terra fosse outra, segundo tomavam bem o que se lhes dizia, poderiam ser batizados muitos deles. Fazia neles grande impressão o terror dos castigos, que diziam estar aparelhados aos maus que comiam carne humana e faziam outras maldades.

A mesma doutrina pregavam nas aldeias circunvizinhas. Tinham os Tamoios respeito aos padres e como os reconheciam por pais dos índios, lhes descobriram seus segredos, dizendo o modo com que tinham disposto a guerra, para acabar com os portugueses; era este pôr duzentas canoas por mar, e por terra no mesmo tempo muitos mil arcos dos que habitavam as margens do rio Paraíba. Aqui viram os padres o perigo da capitania de São Vicente, pois não havia nela poder que pudesse resistir a tanto aparato de guerra.

Logo se divulgou pelos índios da costa a chegada dos padres e a causa de sua vinda. Com esta nova se alteraram os índios do Rio de Janeiro, a quem a guerra servia mais que a paz. De diversas partes acudiram em suas canoas com intento de matar os padres e impedir as pazes. Chegou em primeiro lugar Ambiré, amigo dos franceses e aparentado com eles, inimigo cruel do nome português. Trazia este bravo Tamoio 10 canoas, todas a ponto de guerra. Em chegando tomou por melhor assaltar de noite os padres, matá-los e tomar o barco que os trouxera, o qual ainda não era partido.

Estando o bárbaro neste pensamento, se ajuntaram os principais da terra a tratar das pazes. Pareceu bem entrar no conselho Ambiré. Assistiu à junta com muitos índios armados. Bem viram os padres seu perigo, porém estavam muito confiados em Deus. Indo correndo os votos, o de Ambiré foi em primeiro lugar que lhe haviam os nossos de entregar três índios seus, para os matar e comer, porque lhe tinham feito guerra com os cristãos.

Depois de vários dares e tomares, se acabou com Ambiré, que este ponto dos três que queria fossem entregues, se propusesse aos principais da capitania de São Vicente. Vindo ele neste partido, quis ser o embaixador da proposta. Tomaram os padres este conselho para meter tempo, o qual costuma em negócios intrincados desfazer grandes embaraços e descobrir novos caminhos. Os padres escreveram aos principais de São Vicente, que por nenhum caso fizessem o que Ambiré requeria, ainda que eles houvessem por isso de ser comidos dos Tamoios, em cujo poder estavam. Fizeram-se em São Vicente tão boas passagens a Ambiré, que depôs sua fereza e se contentou com as razões que lá se lhe deram.

Após este perigo, veio outro mais apertado. Andando ambos na praia viram que vinha voando com trinta remeiros uma canoa e nela certo índio, filho do principal da aldeia, em que estavam os padres; ficavam atrás outras oito canoas desta sua esquadra. Os intentos eram matar os padres por serem, como dizia, perniciosos ao bem comum com as pazes que intentavam. Dera ordem aos seus que em chegando lançassem mão dos padres, que ele os mataria.

Vendo os padres o fio que trazia a canoa, suspeitaram o que poderia ser. À toda pressa se foram recolhendo para a aldeia. Apressou-se o padre Nóbrega o quanto pôde e mais do que pôde até passar a praia; no fim da qual havia um ribeiro que dava pela cinta. Não tendo o padre Nóbrega tempo para descalçar as botas que trazia por causa de muitas chagas, o irmão José de Anchieta o tomou às costas, mas como elas eram fracas, não o podendo acabar de passar, deu o padre consigo no meio do ribeiro e passou todo ensopado em água. Apenas houve tempo de se encobrirem no mato.

Como a aldeia estava em um outeiro alto e o padre não podia ir por diante, tirou todo o fato, descalçou-se, até ficar em camisa. O irmão, que todo estava molhado, tomou às costas o fato do padre Nóbrega e começaram a andar: mas nem com isso o padre podia ir, senão devagar e lançando a alma pela boca. Vendo o irmão seu trabalho e que era impossível daquela maneira chegar à aldeia, lhe disse que se escondesse no mato. Neste aperto acudiu o Senhor porque vindo da aldeia um índio, a poder de promessas acabou o irmão com ele, que lhe ajudasse a levar o padre. Assim, meio às costas, meio puxando por um bordão, entrou na aldeia muito pouco antes que chegassem os da canoa.<sup>8</sup>

Era isto em conjunção que aí não estava o principal que os abrigava, por se ver mais o evidente favor de Deus. Entrou o da canoa em casa de seu pai, que estava ausente; um seu tio lhe deu

---

<sup>8</sup>*Anchieta na sua carta de 8 de Janeiro de 1565 conta minuciosamente esta curiosa passagem da viagem. V Ann. da Bibl. Nac, II, pp. 94 e 95.*

conta das pazes. Não se deteve mais que enquanto o Padre rezou vésperas de Corpus Christi, que era no dia seguinte. Dissimulou o bárbaro seus intentos, falou com os padres sobre as pazes e se tornou quieto; confessou depois todo o propósito com que viera do Rio de Janeiro, mas que, em vendo aquele velho e ouvindo suas palavras, ficara fraco e sem forças e de todo mudado, dizendo que semelhantes pessoas não vinham com traição e bem se podiam fiar delas.

Os índios destas aldeias, principalmente o maioral desta, chamado Pindobuçú, trataram largamente com o padre e irmão, assim das pazes como do seu modo de viver. Por tudo lhe perguntavam muito particularmente. Ofereciam-lhes suas filhas e irmãs por mulheres como costumavam aos mais cristãos, quando tratavam com eles de pazes, porque tinham este uso por mais firmeza das mesmas pazes. Porém entendendo o modo de vida continente que os padres guardavam, ficavam espantados. Quase incrédulos nisto lhe chegavam a perguntar pelos pensamentos e desejos, dizendo: “Nem quando vedes mulheres formosas não as desejais?” A isto respondeu o padre Nóbrega, mostrando-lhes umas disciplinas e dizendo-lhes: “Quando vêm semelhantes pensamentos e tentações acudimos-lhe com este remédio”<sup>9</sup>.

Ficaram com esta resposta muito espantados e tinham para si que os padres falavam com Deus e que

---

<sup>9</sup>“Pindobuçú... y sabiendo que no teniamos Muger es se espanto mucho preguntandonos, ny las ãeseaes, quando vejs algunas hermosas? Nos Otros por repuesta xe mostramos las distíplinas, com que se domava la carne, quando se demendava a semejantes deseos maios.”Anchieta, Carta citada.

ele lhes descobria tudo quanto passava. Este principal pregava assim aos da sua aldeia como aos do Rio de Janeiro, que com seu filho iam a matar os padres, que os padres eram muito amados de Deus; que se algum agravo se lhes fizesse, logo havia de vir mortandade sobre eles. Com isto os maus se intimidavam e o bom índio lhes rogava que pedissem a Deus por ele, já que os defendia e falava em seu favor.

Tratando das pazes, dizia o bom velho aos padres: “Antigamente fomos vossos amigos e compadres; mas os vossos tiveram toda a culpa das nossas guerras, porque nos começaram a saltar e tratar mal. Quando nós começamos a ter guerra com os Temiminós, gente do Gato Grande, os nossos confiados na multidão de nossos inimigos, que eram muito mais do que nós e juntamente inimigos vossos, que tinham mortos muitos de vós outros, se meteram com eles contra nós; mas Deus ajudou-nos e pudemos mais.”

Como padre Nóbrega sabia ser tudo verdade, cada vez folgava mais de ter tomado entre mãos esta empresa desejando aplacar a ira de Deus contra os portugueses. Por isso, quando tratava com eles nesta matéria lhes dizia: “Porque sei que Deus está irado contra os meus pelos males que vos têm feito, sendo vós seus amigos, vim cá a fazer pazes com vós outros para aplacar a Deus e fazer que perdoe aos meus, os quais da sua parte não hão de quebrar estas pazes; por isso trago eu cá minha cabeça e de meu irmão sem medo nenhum, porque trato verdade; mas se vós outros as quebrais, entendi que a ira de Deus se há de virar contra vós outros e haveis de ser destruídos de todo.”

Dizia estas coisas não como ameaças e medo que lhes quisesse meter, se não com tanta certeza e firmeza que parecia ter-lhe Deus revelado. Eles assim o criam. Portanto estes fronteiros nunca tornaram atrás, antes quebrando as pazes os do Rio de Janeiro e Cabo Frio, que era toda a multidão dos Tamoios, estes se foram para o sertão, pelos não ajudar contra os portugueses. A profecia do padre Nóbrega ficou tão cumprida nos demais que toda aquela nação por tempos foi destruída, exceto alguns que no Rio de Janeiro se tornaram cristãos e os descendentes dos índios destas aldeias.

Esteve o padre Nóbrega com os Tamoios quase dois meses. Neles dizia missa todos os dias. Ainda que o fazia muito antemanhã, sempre madrugavam muitos índios e o iam ver. A estes se dava conta do que era, conforme sua capacidade e se lhes explicava a doutrina. Neste tempo, já muitos do Rio de Janeiro caminhavam para São Vicente e estavam lá alguns dias: portanto parecendo já ao capitão que estavam as pazes fixas, mandou um bergantim ao padre Nóbrega, em que se pudesse retirar.

Os índios, como estavam ainda tenros, não consentiam em sua partida nem o padre lhes fez instância. Contudo encomendou a Deus o negócio e pareceu ser mais necessária sua presença em São Vicente, ainda para as mesmas pazes, em ordem a agasalhar os Tamoios que lá fossem e lhes tirar de todo algum ressábido de medo. Portanto consentiram os índios que fosse só o padre Nóbrega e ficasse o irmão Anchieta, sabendo que enquanto consigo o tivessem não receberiam dano algum dos portugueses.

Não havia acabar com o padre Nóbrega ir-se e deixar ali o irmão só; mas enfim, à instância do mesmo irmão, se embarcou e partiu. No caminho padeceu uma noite tal tempestade, que já todos se davam por perdidos e dois valentes mestiços tratavam entre si de levar o padre à praia sobre uma escotilha; porém abrandando a tormenta, no fim de junho chegaram a São Vicente. Com sua chegada se dava tal tratamento aos Tamoios, que se deixavam estar lá muitos dias, como em suas casas. O padre Nóbrega os levou às aldeias dos índios nossos discípulos, onde se abraçavam uns aos outros sem lembrança das guerras passadas. O mesmo se fazia em Piratininga, indo os Tamoios do sertão muito seguros, tratando com muita paz com os portugueses e com os nossos índios.

O irmão Anchieta ficou entre os Tamoios, dizendo-lhe o padre Nóbrega que quantos meios se lhe oferecessem para se poder ir, todos os deixava mandados. Deteve-se ali o irmão quase três meses, nos quais lhe sucederam coisas muito notáveis, que se contam em sua prodigiosa vida e não são deste lugar. Depois os mesmos Tamoios o levaram a São Vicente, aonde chegou dia de São Matheus. Estas tão proveitosas pazes quebraram depois os Tamoios do Rio de Janeiro, do que se lhes originou sua destruição e o princípio da cidade, que ali têm hoje os portugueses e o do nosso colégio, que nela há. Aquele bom índio, que foi o amparo dos padres entre os Tamoios, em prêmio desta sua obra o fez Deus filho seu pelo batismo e veio a morrer como bom cristão.

# Capítulo VII

*Do grande zelo que o padre Nóbrega teve na conquista do Rio de Janeiro e do que nisso passou e como ali faleceu santamente.*

**H**avendo em Portugal notícia do estado das coisas do Rio de Janeiro, entendendo os do governo o quanto convinha fazer ali cidade e fortificação, mandou a rainha D. Catarina alguns galeões e, por capitão deles, Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, o qual sujeito em tudo às ordens do tio fosse povoar o Rio de Janeiro e lançar de todo fora os franceses. Nada mais desejava Mem de Sá. Aviou com presteza o sobrinho e o despediu para o Rio nos princípios do ano de 1564, com regimento que em tudo se regesse pelo conselho do padre Nóbrega e lhe obedecesse como a ele em pessoa, tendo para si que, pelo grande ser que reconhecia no padre Nóbrega, teriam as coisas o desejado acerto, como em verdade o tiveram.

Em chegando Estácio de Sá ao Rio, despediu um barco a São Vicente a chamar o padre Nóbrega. Logo se embarcou com dois companheiros e chegou ao Rio em abril, sexta-feira da Semana Santa<sup>10</sup>, à meia-noite, com grande tempestade, onde correu evidente perigo de ser tomado dos Tamoios, que tinham já quebrado as pazes. Acudiu Deus neste

---

<sup>10</sup> 31 de março, segundo o calendário Juliano; 11 de abril, segundo o calendário Gregoriano.

aperto, porque amanhecendo viu entrar no porto a armada de Estácio de Sá, que o padre Nóbrega imaginara estar dentro. Fora o caso que Estácio de Sá cuidando pelo que lhe dissera um Tamoio, que a capitania de São Vicente estava em guerra e que esta era a causa da tardança do padre Nóbrega, se resolvera o dia antes a partir para ela e quis Deus que o mesmo vento tempestuoso que meteu ao padre Nóbrega dentro no rio, obrigou os galeões a nela se recolherem. Em que bem se viu o favor que Deus fizera a todos, pois o padre, por não poder sair, seria tomado dos Tamoios e Estácio de Sá faria a jornada debalde, porque nem São Vicente estava em guerra nem lá acharia ao padre Nóbrega.

Em dia de Páscoa<sup>11</sup> se disse missa na ilha dos Franceses, onde o padre Nóbrega fez uma prática a todos, em que procurou tirar-lhes o grande medo que tinham dos Tamoios, pelo que deles tinha experimentado. Exortou-os a confiar em Deus, cuja vontade era que se povoasse o Rio. Ficaram todos muito animados. Houve, contudo, muitas dificuldades em continuar a empresa, assim por falta de canoas sem as quais nada se podia obrar, como de mantimentos; e de tudo estava o inimigo muito pujante como em país próprio. Portanto, assentaram ir-se refazer a São Vicente, para onde se partiram com boa viagem.

Estava a capitania por causa das guerras passadas, falta de mantimentos; por isso foi necessário mais tempo do que se cuidava para refazer a armada. Como os mais dela tinham pouca

---

<sup>11</sup> 2/12 de abril.

vontade de tornar ao Rio e muitos de ir para suas casas, não cessavam requerimentos e inquietações dissuadindo ao capitão-mor a empresa. O padre Nóbrega, como tinha por muito certo ser vontade de Deus esta empresa e grandíssima confiança, por não dizer certeza que se havia de povoar o Rio, se pôs contra todos com invencível constância, assim nas pregações como em práticas particulares. Ia muitas vezes de São Vicente a outra vila, que distava daí duas léguas, onde estava o capitão-mor, a esforçá-lo e animá-lo, ajudando em tudo. Por esta causa era murmurado de todos. Tanto que chegava, logo começavam quase em sua presença a dizer “Ih, cá vem o tirano, demônio, faraó, que nos tem quase cativos”.

Estas coisas e ditos fazia o padre que não ouvia, continuando sem afrouxar em nada; antes levou o capitão-mor com alguns dos mais honrados à nossa casa de São Vicente, onde os agasalhou com todo o necessário alguns dias, instruindo o capitão-mor no que havia de fazer, dando-lhe ânimo, tanto assim que dizendo uma vez o capitão: Que conta darei a Deus e a el-rei se deitar a perder esta armada? Respondeu-lhe o padre: Eu darei conta a Deus de tudo e, se for necessário, irei diante d’el-rei a responder por vós.

Não contente com isso, levou-o com muitos dos seus a Piratininga, onde havia mais abundância de mantimentos: ali os proveu muitos dias com o de casa e mandou mensageiros aos principais do sertão, que ainda estavam de guerra, dando-lhes seguro da parte do capitão-mor que viessem a fazer pazes. Eles vieram e as fizeram e tornou a ficar o sertão

quieto, como antes: de onde se seguiu também virem muitos a receber o santo batismo.

A todos os moradores que via com alento, incitava para esta empresa. A outros que pediam por terem gente e família, emprestava dinheiros da esmola que dava el-rei à casa. A alguns grandes de outras capitánias que poderiam obrar muito na empresa, porque pretendiam escrúpulos de consciência com restituções que deviam antepor a outros gastos, levava-os à casa; ali os tinha com muito bom tratamento, confessava-os, dava-lhes remédio. Desta maneira andou o santo varão tendo mão em todos. Mandaram-se juntamente alguns barcos à Bahia e à capitania do Espírito Santo por mantimentos, fazendo-se outros na terra e também canoas. Esforçou os mancebos mestiços que eram valentes e aos índios. Todos lhe obedeciam. Nesta forma se moveram muitos, uns para ir conquistar, outros para ficar logo povoando.

Neste tempo não deixava de ajudar a todos os que tinham negócios e culpas diante do ouvidor-geral, que também acompanhava o capitão-mor, fazendo dar remédio a todos e prometendo perdões da parte do governador Mem de Sá; tudo ao depois cumpria. Com ajuda de Deus e zelo incansável, acabou de vencer todos os impedimentos que dificultavam a jornada: ela se veio a pôr em efeito no janeiro seguinte de 1565, dia de São Sebastião, a quem logo tomaram por padroeiro da empresa. Nesta armada mandou o padre Nóbrega a dois nossos, o padre Gonçalo de Oliveira e irmão José de Anchieta. Nos princípios de março lançou âncora junto às ilhas vizinhas à

barra do Rio de Janeiro, esperando até chegar a capitânia, que vinha mais devagar.

Houve nesta guerra coisas muito notáveis e toda ela foi cheia de prodígios e favores do céu; em que bem se via pelejava ali Deus pelos portugueses, para desempenhar a seu servo. Podem vê-las os curiosos no livro terceiro da primeira parte da História de nossa Província do Brasil. Durante esta conquista mandou o padre Nóbrega ao irmão José de Anchieta, que fosse tomar ordens à Bahia e ele em pessoa acudiu ao Rio de Janeiro; onde de São Vicente de contínuo fazia acudir com bastimentos e canoas, que de novo por sua agência se armavam, em forma que se pode bem dizer que o muito que ali tem o Reino, se deve ao zelo deste santo padre.

Havendo na Bahia muito miúdas notícias de todas estas coisas por relação do padre José de Anchieta, e que ainda que os sucessos eram prósperos da nossa parte\*, por ser muito o inimigo ajudado dos franceses, a guerra se dilataria mais do que era conveniente, tomou resolução Mem de Sá de passar com novo poder em pessoa e acabar de uma vez com o inimigo. Em 18 de janeiro de 1567 entrou com uma boa armada pelo rio. Logo dia de São Sebastião deu com tal fúria nos inimigos, que estavam bem fortificados, que os entrou e desbaratou e pôs fim a tão porfiada guerra. Como não há gosto perfeito, houve geral sentimento na

---

\*Os sucessos dessa guerra, dos quais foi Anchieta testemunha presencial, vêm descritos em uma sua carta, datada da Bahia, 9 de julho de 1565, impressa na Revista do Instituto, III, 248 / 258. Dessa carta se infere que a cidade do Rio de Janeiro principiou a ser fundada no último dia de fevereiro, ou primeiro de março daquele ano, em que “começaram a roçar em terra e a cortar madeira para acerca...” — G.

perda de Estácio de Sá, o qual no conflito foi no rosto ferido com uma flecha, e desta ferida veio a morrer daí a um mês. Era homem de tanta cristandade que quando se trasladaram seus ossos despediam de si um cheiro suavíssimo.

Achou-se nesta conquista o santo varão Ignácio de Azevedo, que viera de Portugal por Visitador do Brasil e passara a estas partes com Mem de Sá e com grandes ânsias de tratar ao padre Nóbrega. Portanto, acabada a conquista, partiu para São Vicente em companhia do bispo D. Pedro Leitão e dos padres Luiz da Grã, Provincial, e do padre José de Anchieta. Não é explicável o gosto que houve entre estes santos homens. Andava o padre Nóbrega muito gastado de trabalhos, anos e enfermidades. Ali assentaram entre si a fundação de um colégio no Rio de Janeiro, conforme a vontade e dote que para isso dava el-rei D. Sebastião.

De São Vicente voltou o Padre Visitador ao Rio, levando consigo o padre Nóbrega, que, pois, era pai daquela província, o fosse do novo colégio e ali como em doce remanso, grangeado com suas fadigas e orações passasse o restante de sua cansada velhice. Nesta viagem sucedeu junto a uma paragem chamada Britioga, que saindo os quatro padres à terra em um batei para dizerem missa, se chegou ao batei uma baleia assanhada e esteve a ponto de o meter no fundo; mas por orações de tais servos de Deus, a tempo que tinha a cauda levantada para descarregar no batei, se foi saindo sem lhe fazer mal.

Chegando ao Rio, acharam a Mem de Sá dando ordem à nova cidade. Deu sítio aos padres para o colégio no lugar que escolheram e em nome

d'el-rei, cuja era a fundação, lhes assinou dote para cinquenta religiosos. Ficou o padre Nóbrega por superior deste novo colégio e das outras casas, que havia para aquelas partes. Mem de Sá, deixando por capitão-mor a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá, lhe ordenou que se governasse pelo conselho do padre Nóbrega.

Andando o padre dispondo as coisas do colégio e ajudando a fundação da nova cidade, sentiu vir-se chegando sua última hora: padecia muitas enfermidades, com todas elas não afrouxava em seu zelo.

Acudia aos portuguezes com pregações, dirigia ao governador Salvador Corrêa de Sá. Junto com isto teve cuidado de doutrinar os índios, que da capitania do Espírito Santo tinham vindo à conquista.

Fez que se juntassem em uma grande aldeia nas terras do colégio, pelos ter mais quietos. Esta aldeia foi sempre em grande aumento e veio a ser uma valente defesa da cidade contra Tamoios, franceses e ingleses.

Passou no Rio o padre Nóbrega o restante de sua vida, que foram três anos, sempre com muito trabalho; porque como era muito doente e a terra nova, na qual se não ousavam os moradores ainda estender com medo dos inimigos, havia muita falta do necessário para o sustento corporal. Os maiores mimos que tinha eram alguma esmola que lhe mandava o superior de São Vicente. E assim quis Nosso Senhor que o que toda a vida andou com tanto zelo e cuidado ajuntando sustentação para todos os irmãos do Brasil no fim deles carecesse

de tudo abraçado com a cruz da obediência, que ali o deixou falto do corporal, mas muito cheio de consolações espirituais.

Sentindo ele muito antes que se lhe acabava a vida, assim o escreveu a São Vicente. Quanto mais se lhe chegava o tempo, tanto mais se chegava a Deus, recolhendo-se com as meditações de Santo Agostinho e gastando muita parte do dia em colóquios e suspiros, porque era muito terno, devoto e fácil nas lágrimas. Dois dias ou três antes de seu falecimento se andou pela cidade despedindo dos amigos e devotos da Companhia: perguntando-lhe eles onde queria ir, pois não havia no porto embarcação? Respondia: À nossa pátria celestial.

Sobrevieram-lhe umas grandes dores causadas do sangue, que havia muito tempo se lhe não sangrava. Caiu em cama, onde esteve só um ou dois dias. Logo se preparou com os Sacramentos que no tal aperto se costumam receber. Chamou um padre dando-lhe muita pressa, para que logo o ungissem. Recebida a extrema unção, disse a um dos padres que dissesse logo missa, antes que ele expirasse e o outro ficasse para depois.

Daí a pouco espaço de tempo, lançando um pouco de sangue corrupto pela boca, deu seu espírito ao Senhor, em 18 de outubro do ano de 1570, dia de São Lucas, no qual dia ele nasceu. O santo padre Anchieta tem que nele entrara também na Companhia; mas o que disse no princípio desta vida é o que consta dos livros das entradas dos noviços do colégio de Coimbra.

Foi sua morte muito sentida, porque era como pai de toda aquela nova cidade do Rio de

Janeiro, em cujo colégio faleceu e na sua igreja foi sepultado, entre as lágrimas de seus filhos e dos seus índios e portugueses, que muito o amavam. Era este grande homem como pai universal das cristandades do Brasil, que viu copiosamente fundadas e feitas numerosas aldeias de gente bruta trazida dos matos, onde vivia a modo de feras e a viu cultivada com costumes cristãos. Agora direi com mais especialidade os exemplos de suas virtudes.

# Capítulo VIII

*Do amor e caridade que tinha a seus próximos e aos inimigos.*

**A**té agora fui seguindo um como discurso da vida do padre Nóbrega, contando seus santos e virtuosos empregos; agora referirei os exemplos das virtudes cristãs e religiosas que dele nos ficaram em memória. Escreveu-as o admirável padre José de Anchieta.

Eu as quero contar em diversos capítulos com as palavras do mesmo padre que, por serem suas, têm outro espírito muito diverso das minhas; e, como são cerceadas, não farão a lição molesta. Escreve, pois, as virtudes do padre Nóbrega na forma seguinte:

“A vida do padre Manuel da Nóbrega foi insigne e tanto mais quanto menos conhecida dos homens, os quais ele amava intimamente, desejando e procurando a salvação de todos para glória de Deus, que ele, cheio de seu amor, sobretudo tinha diante dos olhos: para dilatação do qual e conhecimento de seu nome, todo o Brasil lhe parecia pouco, o qual, como dava pouco de si ao princípio, pretendia que fosse sua fé pregoada por outras regiões que pareciam dar mais de si. Fazendo, porém, grande caso do que tinha entre mãos, nisso se empregava todo, e além do principal, que era a conversão dos brasis, em particular acudia a todas as necessidades espirituais e temporais dos próxi-

mos com quanto podia, como se viu claramente em dar sua vida pela de muitos, pondo-a nas mãos dos Tamoios, confiando muito que a Divina Providência tiraria disso para os portugueses e brasis muito fruto que depois se seguiu.

Era Pai dos Desamparados, fazendo casar muitas órfãs com esmolos que lhes havia e tirando dentre os índios alguns filhos e filhas dos portugueses, que lá andavam perdidos do tempo antigo, e dando-lhes vida, além dos pequenos que tirava com tempo e os fazia criar por pessoas virtuosas. Tinha muito especial caridade com os enfermos, acudindo-lhes com a pobreza que havia em casa e quando os visitava parecia que se derretia com piedade, principalmente para os pobres brasis. Uma noite, vindo chamar um padre para um homem que estava quase morto às estocadas e sem fala, ele mesmo lhe foi acudir e fazendo-lhe coser as tripas que tinha rotas começando o ferido a falar, tomou o padre juramento de segredo ao cirurgião e a outro que lhe ajudava a curar e logo diante deles o confessou, curando-lhe a alma, enquanto eles curavam o corpo, o qual depois viveu.

Disse-lhe uma vez um moço de casa que na vila de Santos, duas léguas de São Vicente, havia pranto: cuidou o padre Nóbrega que seria falecido um homem honrado e rico, que de ordinário andava mal disposto, o qual, posto que nos fazia algumas caridades, contudo no tocante à sua consciência era pouco nosso devoto e muito afastado da confissão. Logo no outro dia lhe fez um ofício de defuntos de nove lições com muita solenidade. Indo lá um homem da dita vila, perguntava quem

morrera, por quem faziam aquele ofício. E ouvindo que por aquele homem, disse ele: “Agora o deixo eu vivo e são em sua casa”. Foi-lhe dizer o que o padre Nóbrega fizera. Ao que ele respondeu: “Quem isso me faz cuidando ser eu morto, sendo eu vivo, não quer herdar minha fazenda, mas deseja a salvação de minha alma”.

Dali por diante deu tal volta à vida que foi um exemplo para todos: tomou particular cuidado de prover os padres, quando iam pregar e confessar àquela vila; ainda que se detivessem lá muitos dias, continuamente lhes mandava o jantar e a ceia de sua casa muito bem concertada e às vezes por sua própria mão, porque era solteiro. Quando lhe parecia que eram horas, mandava logo um escravo que espreitasse os padres quando vinham da igreja de confessar, para logo vir a provisão. (Outras muitas obras de caridade e virtude conta deste homem o padre Anchieta e não há por que aqui deter nelas; todas mostram bem a rara mudança que fez em sua vida.) Por morte, deixou parte de sua fazenda para a nossa igreja, que ali então se edificava; parte à Misericórdia e a outra parte aos pobres. Houve neste homem, enquanto se não deu a Deus, soltura no vício da luxúria; mas por respeito de Nossa Senhora nunca quis pecar com mulher que tivesse o nome de Maria.

Com esta caridade e benignidade com que abraçava a todos, era muito amado dos bons e muito severo e rigoroso contra os vícios e pecados.

Os públicos publicamente os repreendia, assim nas pregações como em particular. Achou-se uma vez em uma grave tormenta no mar e um marinheiro, tomando a vela, começou: “Apesar de

São Lourenço”. Ouviu o padre e saindo do camarote o repreendeu asperamente falando-lhe por tu; e virando-se ao Santo, posto de joelhos, lhe disse: “Bendito sejais vós, Senhor São Lourenço. Rogai a Deus que não nos castigue pelas blasfêmias que disse contra vós este maldito”. Com que o homem ficou castigado e os mais que o ouviram, amedrontados, e acudiu São Lourenço à pressa em que estava com bonança.

Tendo avisado por vezes a um clérigo escandaloso, como se não emendasse, sabendo o padre estar com a ocasião do seu pecado, se foi à porta da casa, gritando a grandes vozes que acudisse gente, que estavam ali crucificando Cristo. Acudiu gente e ficaram tão espantados os dois pecadores que se apartaram e cessou o escândalo.

Era grande defensor da liberdade dos brasis, sem querer admitir à confissão algum que nisso fosse culpado. Sentia os roubos e assaltos que se faziam neles: chorava-os, bradava sobre isso publicamente e para remediar o que podia da sua parte, se meteu com os Tamoios, como dito é, para fazer pazes com eles e aplacar a justa ira de Deus contra os portugueses, pelos muitos roubos e mortes que tinham feito neles. Com este zelo, pregando diante do capitão-mor Estácio de Sá e de toda sua armada, que ele exortava a povoarem o Rio de Janeiro e aplacarem com penitência a ira de Deus pelos roubos feitos aos índios da Bahia, que foram gravíssimos, cativando-os e vendendo-os, trouxe a história dos Gabaonistas, que pediam sete da geração de Saul para enforcarem e com isso se aplacar a ira de Deus. Concluiu com grande veemência: “Se

agora tomasse sete destes ladrões salteadores que têm destruído os pobres índios da Bahia e de toda a costa, Nosso Senhor se aplacaria e seria favorável para esta empresa que queremos fazer”.

Estas e outras semelhantes repreensões e desenganos sabiam mal aos culpados e cobiçosos, principalmente porque em nenhuma maneira queria consentir em nenhum modo de cativo dos brasis, salvo nos que fossem tomados com guerra justa. E assim dizia muitas vezes: “Não posso acabar com minha ciência e consciência aprovar os remédios que se buscam para cativar os brasis, ainda que venha da Mesa da Consciência, porque lá não são informados na verdade. Porque nunca se achou que pai no Brasil vendesse filho verdadeiro, porque os amam grandissimamente. Os que dizem que se vendem a si mesmos fazem-no ou porque não entendem que coisa é vender a liberdade, ou induzidos com mentiras e enganos e às vezes com muitos açoites (como confessam os mesmos línguas do Brasil) e assim os pobres, achando-se alcançados, fogem e antes querem ir morrer por esses matos e a mãos de inimigos que sofrerão grave cativo que têm.

Pois obrigá-los a servir toda a vida com o título de livres é verdadeiro cativo, porque não tem mais que o nome de liberdade, pois os deixam em testamento aos filhos que os sirvam toda a sua vida e assim os avaliam e vendem como escravos, com título de lhes venderem somente o serviço.” *Equidquã sit de jure*, dizia ele que de fato constava o contrário: pois os homens pervertiam os remédios que se lhes buscavam, usando deles para sua perdição, e, se dois timoratos cumpriam as condições

que se punham, a maior parte as não guardava, e finalmente os padres letrados nisso se vêm a resolver, ensinados pela experiência.

Contudo isto não deixava o padre de buscar todo o remédio possível a algumas pessoas que lhe pediam para restituição e satisfação do passado.

Porém para o futuro nunca de sua parte quis abrir porta para se usar de semelhantes remédios, que se buscavam para os homens ter serviços com boa consciência, comprando e vendendo índios livres, dos quais remédios dizia muitas vezes: “Preza a Deus que por remediar os homens não nos vamos nós com eles ao inferno”.

Era tão inteiro que, como se fundava diante de Deus em uma verdade, bem se podia pôr todo o mundo contra ele, como foi nisto da liberdade dos brasis, em defender as fazendas dos colégios, por serem bens da Igreja, sobre o qual era muitas vezes afrontado por palavras e escrito em resposta de feitos muito feios, que ele deixava passar sem nenhum sentimento, prosseguindo com muita paz a justiça dos colégios e orando pelos injuriadores e tratando-os com muito amor; em fazer com o governador Mem de Sá, que usasse de força com os índios da Bahia para se ajuntarem em aldeias grandes e igrejas para ouvirem a palavra de Deus, contra o parecer e vontade de todos os moradores, o qual depois se estendeu por toda a costa, que foi meio único de salvação de tantas almas e propagação da Fé, e na constância da povoação do Rio de Janeiro, que a experiência tem mostrado ser ele movido com o espírito de Deus e puro zelo de seu serviço e salvação das almas.

Para estas coisas procurava o remédio com Deus por continua oração e dos reis, principalmente d'el-rei D. João, o Terceiro, e de sua mulher D. Catarina, por cartas, e el-rei lhe escrevia muito familiarmente, encomendando-lhe a conversão do gentio e o mais tocante ao bom governo do Brasil e que o avisasse de tudo, e assim mais faziam por uma carta do padre Nóbrega que por muitas outras informações e instrumentos.

Por este seu grande zelo e constância era dos que mal viviam murmurado, perseguido e tido por tirano, e algumas vezes afrontado com palavras, em ausência e presença de pessoas ainda baixas e vis. Em certo tempo, porque o padre estranhava muito em particular e em público um caso feio de um poderoso e então ouvidor da capitania, que tinha tomado a mulher a um pobre, comparando-o com o caso de Herodes, houve muito provável suspeita e indícios que se lhe maquinava a morte, e assim dizia ele aos irmãos: 'Eu, se houver de ser mártir, há de ser à mão de nossos portugueses cristãos e não dos brasis'.

Com tudo isso, a todos acudia em suas necessidades, quando havia mister sua ajuda. Entre estes, foi o sobredito poderoso, que, estando preso e indo-lhe já o padre de Santos para São Vicente, despedido do governador Mem de Sá, que se embarcara e o deixava por alguns casos em poder do capitão da terra, de que ele, com razão, muito se temia, movido de compaixão, tornou de caminho e acabou com o governador que lhe desse remédio, que depois de sua partida nenhum lhe ficava senão ser muito vexado do capitão”.

# Capítulo IX

*Da caridade que o padre Nóbrega tinha com os da Companhia, culto das coisas santas, devoção e lágrimas.*

**D**o grande zelo da conversão dos brasis ajuntava outro que lhe era consequente, convém saber: grandíssimo cuidado e diligências de criar irmãos da Companhia que pudessem ser instrumento desta conversão.

Por esta causa ajuntava em casa moços pequenos mestiços e outros de todo portugueses, nascidos na terra, por serem línguas. E trabalhava pelos fazer chegar até onde alcançasse sua habilitade, assim no espírito como no estudo, e por não deixar coisa por intentar para este fim, determinava mandar a Portugal alguns de melhor índole e habilitade, para que de lá viessem feitos bons obreiros, como em efeito mandou dois que morreram na Companhia, no Colégio de Coimbra.

Era para com os irmãos muito benigno e piedoso e pelas entranhas de amor com que os amava, sempre conservou a santa sinceridade antiga de Coimbra, falando a todos por vós; e além de lhe ser muito trabalho só de pronunciar este nome padre, pelo impedimento da língua, parece que o nome de irmão lhe excitava mais amor e assim aos mesmos padres falava por estes termos dizendo: “Irmão, vós tal e tal”. E posto que os homens de

fora cuidavam que tratava com os irmãos asperamente, pelo zelo que nele conheciam, contudo a benignidade passava sempre pela severidade para com eles, assim nas repreensões e penitências como nas práticas espirituais, que fazia a miúdo com muita suavidade e lágrimas.

Com as mesmas entranhas de caridade procurava todo o possível de conservar um na Companhia depois de admitido, ainda que não tivesse tantas partes e outros tivessem diverso parecer, confiando sempre em que não estava abreviada a mão de Deus. Um moço de boa habilidade tinha ele admitido quando chegou a São Vicente o padre visitador Ignácio de Azevedo, o qual querendo-o despedir com parecer do padre provincial e de outros, contudo o padre Nóbrega com sua caridade intercedeu por ele, resignado, porém, na vontade e parecer do padre visitador, e tratou com ele que o levasse para a Bahia, porque lhe dava Nosso Senhor particularmente boas esperanças dele. E assim foi, que procedeu sempre muito bem em tudo, assim na virtude como nas letras, chegando a ouvir o curso e alguma teologia e neste tempo lhe deu Nosso Senhor bom fim na Companhia com edificação, consolação e sentimento de todos.

Procurava que houvesse muito exercício de oração mental e vocal e mortificação. Aos estudantes fazia rezar o Ofício Divino. Aos pequenos não faltavam disciplinas quando era necessário, que lhes mandava dar, as quais aceitavam com muita humildade, e com ser a pobreza muita e o comer muito fraco, fazia-os jejuar os dias que a Igreja manda e ainda toda a quaresma e para

tudo lhes dava força Nosso Senhor. Com o grande desejo que tinha de acrescentar a Companhia no Brasil, deitando os olhos ao longe com grande espírito de providência, logo em chegando à Bahia houve terras e algumas vacas para fundação de colégios e o mesmo fez em São Vicente e depois no Rio de Janeiro, e ainda que a alguns dos nossos parecia sobeja solícitude, por serem poucos os irmãos daquele tempo, dizia: “Não sabeis, irmãos, o que dizeis; eu faço isto para os que hão de vir, porque ainda há de haver grande multidão de padres e irmãos no Brasil que ajudem as almas”.

E bem se pôde cuidar que, além do espírito de providência, foi isto mais particular lume de Deus, com quem ele conversava muito na oração, como também se viu em outras coisas, principalmente no cumprimento do que disse os Tamoios que, se quebrassem as pazes, haviam de ser todos destruídos. Tendo o padre Vicente Rodrigues grandíssimas e quase contínuas dores de cabeça, muitos anos sem remédio algum, lhe disse o padre Nóbrega: “Vós, irmão, não haveis de sarar senão quando vos faltar todo o necessário e então vos cairão os dentes”. E assim se cumpriu, porque na missão em que veio a acudir ao Rio de Janeiro no princípio, onde se padeceu grandíssima fome e falta de tudo, sarou da cabeça e começou a perder os dentes, sem lhe ficar senão dois ou três.

De maneira que com a certeza que tinha da multiplicação dos irmãos no Brasil, no princípio em Piratininga ainda que se padezia muita fome, muito raramente mandava matar alguma rês, enquanto eram poucas as vacas, para que multiplicas-

sem para os vindouros. Bem mostra a experiência o espírito de Deus que o movia, porque, ainda que os colégios da Bahia e Rio tenham fundação d'el-rei, contudo era impossível sustentarem-se com ela, se não fossem as terras e vacas que o padre Nóbrega com tanta caridade foi grangeando, que é a melhor sustentação que agora têm, com que se criam tantos irmãos que fazem tantos serviços a Deus no Brasil.

No culto divino, ainda que faltassem ornamentos ricos, procurava que houvesse toda a perfeição. Dizia as missas cantadas com toda a solenidade, com canto de órgão e flautas, por amor dos índios, cujos filhos as ajudavam a officiar. Nunca deixava de lavar os pés aos irmãos à Quinta-feira Santa publicamente na igreja. Era tão zeloso de se pregar sempre a palavra de Deus que até aos irmãos que lhe pareciam para isso, fazia pregar em português e *brasil*, ainda que não fossem sacerdotes. Por este fim e por impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas, fez um ano com os principais da terra que deixassem de representar um que tinham, e mandou-lhes fazer outro por um irmão<sup>12</sup>, a que ele chamava Pregação Universal, porque além de se representar em muitas partes da costa com muito fruto dos ouvintes que com esta ocasião se confessavam e comungavam, em particular em São Vicente, à fama dele, por ser parte na língua do Brasil, se ajuntou quase toda a capitania véspera da circuncisão, e estando se representando

---

<sup>12</sup>Este irmão é o próprio Anchieta. O manuscrito do auto não se sabe onde para; talvez em Roma. V. Norberto, *Catequese e instr. dos selv. bras. pelos jesuítas*, in *Rev. Popular*, t. 3o (1859), pp. 295/297.

à noite no adro da igreja, sobreveio uma grande tempestade, pondo-se uma nuvem muito negra e temerosa sobre o teatro e começou a lançar umas gotas de água muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, até que acabou a obra com muito silêncio e todos se recolheram quietamente às suas casas e então descarregou com grandíssima tormenta de vento e chuva, e a gente movida com muita devoção ganhou o Jubileu, que era o principal intento da obra.

Dizia sempre missa e, como era muito gago, gastava de ordinário nela uma hora e ali se lhe comunicava muito Nosso Senhor. Era muito solícito no rezar do Offício Divino, no qual usava sempre do companheiro pelo mesmo impedimento da língua; mas não bastava isso para deixar o offício da pregação, o qual exercitava visitando as povoações dos portugueses a miúdo, ouvindo juntamente suas confissões e remediando a todos; e as de suas mulheres, filhos, escravos e índios livres ouvia por intérprete, enquanto os irmãos línguas não eram sacerdotes.

Era na pregação muito fervente e suave, e por uma parte movia muito à compaixão os ouvintes pelo trabalho que nela tinha, por outra à devoção. E não era muito abranger aos outros, pois nele era tanta que bem se lhe sentia nas palavras afetuosas, nos suspiros e colóquios com Nosso Senhor e lágrimas, as quais, assim quando tratava com ele como compadecendo-se dos próximos em suas aflições, facilmente derramava.

Algumas vezes, estando em Piratininga com poucos irmãos, mais afastado de negócios, se metia

na sacristia com um devoto amigo, que lhe tangia uma viola às portas fechadas, e ele, entretanto, se estava desfazendo em lágrimas com muita serenidade. Quando deixou o irmão companheiro entre os Tamoios, indo-se para São Vicente, os Tamoios que lá estavam muito quietos, uma noite por lhe meter um escravo em cabeça que os queriam matar os portugueses, fugiram todos para suas terras. Sabendo-o, o padre Nóbrega, temendo-se que lhe matariam lá o irmão, teve tanto sentimento e lágrimas que fez um grande pranto cheio de devoção diante de Nosso Senhor e dos irmãos, arremessado sobre um leito, dizendo entre outras coisas: — Ah! meu irmão, que vos deixei só entre inimigos e não fui eu merecedor de morrer convosco por amor de Cristo.

Isto era com tanta desconolação que não bastara a o consolar senão o mesmo Deus, que ordenou que daquela fugida se tornassem alguns principais para São Vicente, com o qual se assegurou da vida do irmão, e, contudo, lhe escreveu uma carta sobre isso, cujo princípio era: “Irmão, se ainda estais vivo”. Nos derradeiros anos que andava já muito fraco em São Vicente, com as muitas doenças que levou da Bahia, dormia um pouco à noite e o mais dela gastava em oração, rezar o Ofício Divino, em cuidar e traçar as coisas do governo, não somente as tocantes à Companhia, mas de tudo o que entendia pertencer ao bem comum, pretendendo em tudo o aumento da cristandade e salvação das almas, e assim diziam dele pessoas graves que era para governar todo o mundo.

# Capítulo X

*Da exação com que se houve na guarda dos votos religiosos.*

No tocante ao voto de castidade, tinha especialíssima vigilância, engrandecendo muito a integridade e pureza da Companhia, tão conhecida e louvada de todos nesta parte, e assim dizia muitas vezes com grande sentimento: “Mal aventurado será aquele por quem se quebrar o sigilo virginal da castidade da Companhia”. Achando-se uma vez no mar em uma grave tormenta, dizia que uma das coisas que mais o consolavam naquele perigo era a guarda do voto de castidade. Nisso todo resguardo lhe parecia pouco, procurando que toda a espécie de mal, ainda em coisas mínimas, se evitasse. E com isto fez e faz Nosso Senhor muito especiais mercês aos verdadeiros filhos da Companhia nesta parte, com não pequena admiração e louvor dos seculares.

O padre Ignácio de Azevedo, vendo as muitas e propínquas ocasiões pelas quais, quase por fogo e água, passam os nossos por amor das almas com vitória pela graça divina, dizia que era milagre a castidade dos da Companhia no Brasil. (Neste lugar traz o padre Anchieta o castigo que acima dissemos fizera no mestiço que fingira querer enterrar vivo. E logo dando graças a Nosso Senhor, dizia: “Irmãos, muito devemos a Deus, que nos não tocou senão na roupa, sem chegar ao corpo, que são os irmãos membros da Companhia”.)

Como os padres sacerdotes não sabiam a língua da terra, serviam os irmãos de intérpretes para as doutrinas, pregações e confissões, ainda dos mestiços, mulheres e filhos dos portugueses, principalmente nas confissões gerais, para melhor se darem a entender e ficarem satisfeitos. Aconteceu que uma mulher casada das mais graves da vila, que fazia uma confissão geral com um irmão que só então ali havia e tinha cargo da doutrina, veio um domingo à tarde perguntar algumas dúvidas no confessionário e, estando as tratando com ele, passou o marido pela igreja, acompanhado de muitos da vila, a tratar alguns negócios da república com o padre Nóbrega, e indo-se para fora lhe disse o que o acompanhara: “Senhor, como consentis que vossa mulher esteja falando com um mancebo no confessionário?”. Como o crédito do irmão era muito grande para com todos, não fez ele caso disto. Contudo deu disso conta à sua mulher, ficando muito satisfeito com sua resposta. Ela contou o que se passara ao mesmo irmão e o irmão sem mais detença ao padre Nóbrega.

Posto que ele tinha tanta satisfação do irmão nisto e em tudo o mais, como de sua própria pessoa, contudo, pelo grande zelo que tinha da limpeza da Companhia nesta parte, alegrou-se muito e disse-lhe: “Oh, Irmão, veio-nos Deus a ver com este aviso, não faleis mais com ela nem com outra no confessionário, senão presente o sacerdote ou em público na igreja, como costumais falar e a ensinar a todos.”

Finalmente não sofria nesta parte coisa, por pequena que fosse, procurando, conforme a per-

feição que ele nisto tinha, que vissem os irmãos com tanto resguardo quanto demanda a castidade angélica que nosso padre Santo Ignácio de Loyola pede nas Constituições.

Não tinha menos zelo e cuidado que a obediência dos súditos para com os superiores fosse exata em tudo e da sua parte a ensinava com o exemplo. Em coisas graves esperava, quanto era possível, resposta de Roma ou Portugal, ainda que lhe parecesse que as podia determinar por si. Quando depois de muito tempo encomendar o negócio a Deus, se resolveu ir ao rio da Prata por terra, estava tão dependurado de querer saber a vontade de nosso padre Santo Ignácio de Loyola, que esperava que lhe seria clara como o parecer do padre Luiz da Grã, seu colateral, que estava ausente, que tinha prometido 20 missas de alvíssaras a quem lhe desse novas de sua chegada a São Vicente, e posto que estava já para se partir, por não perder a ocasião boa que então tinha daquela gente castelhana, principalmente para que com sua presença e autoridade que tinha com os índios, os ajudar a passar para suas terras a salvamento, contudo deixava ordenado que se chegasse o padre Luiz da Grã o fossem chamar à muita pressa, ainda que fosse muitas léguas pelo sertão adentro.

Como Nosso Senhor ordenou que no mesmo dia que estava para partir lhe chegasse a nova, logo desistiu de tudo até se ver com ele. E chegando-lhe o recado a Piratininga às 9 ou 10 horas antes do meio-dia, logo no mesmo dia se partiu para o mar, sem querer deixar descansar o irmão que o levava, e chegando a uma vila daí a três léguas a

pousar, lhe mandou fazer a doutrina aos índios da terra. Ao seguinte dia andou muito grande e áspero caminho a pé e mais do que pareciam sofrer suas forças e, chegando quase noite ao mar, se embarcou em uma pequena canoa de casca, para passar umas três léguas que havia até a vila. Sobreveio a noite com grande escuridade, tormentas e chuva e foi forçado recolher-se à terra.

Estava ali um homem poderoso pouco bem afeito ao padre Nóbrega e que então de fresco estava muito indignado contra ele; à casa deste se recolheu, atinando com a porta às apalpadelas, confiando em Deus de o ganhar com isto e torná-lo a reconciliar, e disse ao irmão, seu companheiro: “Ide vós adiante e dizei-lhe que estou aqui e faça ele o que quiser”. O homem, ouvindo o recado, esquecido de seus agravos, saiu logo acompanhado de seus escravos com muito lume e levou o padre nos braços e o vestiu com seus próprios vestidos e o mesmo fez ao irmão, agasalhando-os com muita caridade e queixando-se por querer passar o padre com tal tempo, estando ali sua casa, e dali por diante ficou grande amigo do padre e da Companhia, na qual depois o mesmo padre lhe recebeu um filho. Finalmente não descansou até o outro dia se ver com o padre Grã, e, tratando com ele o negócio, desfez logo toda a traça de sua ida ao rio da Prata, deixando seu próprio parecer e seguindo o do padre, que logo se persuadiu seria mais conforme a vontade de nosso padre Santo Ignácio.

Ao padre Luiz da Grã, seu colateral, tratava com tanto respeito e reverência como se fora seu superior, não fazendo coisa de importância sem seu parecer e conselho, o qual facilmente tomava e

seguia. Depois que o padre foi provincial, a todos dava exemplo de obediência. Para ele bastava a mínima significação da vontade do padre Luiz da Grã, provincial. Desejou muito e procurou que um irmão pregasse em português: o irmão escusava-se; finalmente vendo-se apertado, lhe respondeu: “O padre Luiz da Grã me disse à sua partida que não era nada dos irmãos pregarem sem ordens por falta de autoridade”. Com isto se calou o padre Nóbrega, sem insistir mais, como que fora obediência expressa, posto que tinha para si que nada faltava ao irmão para isso. Daí a algum tempo foi necessário acudir o mesmo irmão a pregar uma paixão, ao qual depois de a pregar, disse o padre: “Vós haveis de dar conta a Deus, porque não quisestes pregar até agora”. E contudo nunca mais o convidou para isso, pelo que tinha dito do padre Luiz da Grã.

Não era muito ter ele esta obediência aos superiores, porque era tão humilde que aos mesmos súditos se sujeitava facilmente, seguindo o parecer deles, quando lhe davam boa razão, e deixando o próprio. Estava ele muito determinado, quando se começou a povoação do Rio de Janeiro, de mandar um padre e com ele um irmão por superior; dissimulou o irmão com isso por alguns dias e, depois de encomendar a coisa a Deus, disse ao padre Nóbrega que não devia mandá-lo por superior por algumas razões que lhe deu. Ouvia-o o padre e cuidando nisso mudou logo o parecer despachando-os para aquela missão, juntos os mais de casa, disse: “Padre, por ser sacerdote será superior; mas lembrar-se-á, pois o irmão foi seu mestre, do respeito e reverência que se lhe deve ter e de tomar seus conselhos”.

Tomava muito bem e folgava que os irmãos fossem avisados de outros padres e irmãos, que lhe parecia o podiam fazer ainda que fosse diante dele mesmo. Uma vez, queixando-se o irmão mestre da gramática de si mesmo, porque diante dele os reprendia algumas vezes, respondeu-lhe o padre: “Fazei-o assim, irmão, fazei, folgo muito que nisso me ajudais”. Quando se achava alguns tempos só sem sacerdote, confessava-se com algum irmão, desejando descobrir suas faltas e ser repreendido e recebia dele a absolvição geral da missa. Uma vez com este espírito de humildade praticando com os padres e irmãos em um repouso, disse: “Daqui por diante quero ter dois confessores, um padre que me absolva e um irmão que me repreenda”.

No tratamento pessoal era necessário terem cuidado dele, porque ele o não tinha de si. Seguia sempre a comunidade sem singularidade alguma, salvo para mais estreiteza. Era de pouco comer; e ainda que de compleição delicada, nenhum trabalho receava, como andar sempre a pé por caminhos muito ásperos de matos e serras, com grandes frios, chuvas e alagadiços. E às vezes, por não poder com o peso da roupeta, caminhava sem ela, por escusar ser levado às costas alheias. Seu vestido era o pior e não podia trazer roupa nova, senão velha e remendada e sem uso de manter, porque então pela muita pobreza o não havia.

Quando andava fora de casa, de toda pessoa que lhe oferecia a pousada a aceitava de boa vontade, e jantava e dormia aí todo o tempo que era necessário, assim por ser esmola, como porque com isso ganhava a vontade a todos; a uns para se tirarem do

mau estado e a outros para no seu viverem conforme a lei de Deus e serem mais prontos para boas obras. Em especial usava disto com um vigário muito velho e honrado, que conformava pouco com o proceder da Companhia no governo de suas ovelhas, que achavam nele refúgio para suas consciências, com pouco escrúpulo da verdade que dos padres ouviam e criam. Com este pousava muitas vezes e recebia suas esmolos, advertindo-o do que tocava à sua consciência e de suas ovelhas. E tendo ele alguns tempos impedimentos de enfermidade e outros, supria o padre Nóbrega por si e pelos padres nas missas e em tudo mais por ele e depois, pondo-lhe embargo em sua paga pelos officiais d'el-rei, lhe fez pagar tudo.

Com estas boas obras o vigário se chegava cada vez mais aos padres, até que já no cabo da vida fez uma confissão geral com um deles e por seu conselho deixou muitos meses de dizer missa, por ser trêmulo pela muita velhice e fazer o mais do seu officio, deixando tudo aos padres, e com isto acabou em paz, com muita edificação de todas as suas ovelhas, que com esta ocasião se deixavam também reger pelos da Companhia. Era o padre Nóbrega em suas enfermidades muito paciente, dando pouca occupação e trabalho aos irmãos e, como sua última idade foi uma contínua doença, esta passou alguns anos com muita falta de remédios temporais. E abraçado com esta pobreza deu com muita paz seu espirito ao Senhor.”

Até aqui a narração das virtudes do padre Nóbrega, com as mesmas palavras do santo padre Anchieta, digníssimo discípulo de tal mestre. Na

---

\*O irmão era Anchieta e o padre Gonçalo de Oliveira, que já era sacerdote, quando entrou para a Companhia. — G.

matéria de sua pobreza traz o nosso padre Simão de Vasconcellos que na Bahia não tendo muitas vezes camisa que vestir e sucedendo nesse tempo vir à nossa casa o governador Mem de Sá, o padre Nóbrega punha no pescoço um lenço, com que dissimulava a falta da camisa, e costumava chamar por graça a este lenço a sua hipocrisia. As alfaias do seu uso todas eram a mesma pobreza. Em tudo foi este santo padre homem grande. Sua vida escrevem muitos autores, e em especial o nosso padre Simão de Vasconcellos na primeira parte da *História da Província do Brasil* e o santo varão José de Anchieta na *Relação dos princípios* daquela província, cujo traslado trazido a este Reino pelo padre Fernão Cardim temos em nosso cartório de Coimbra, onde também há muitas cartas do padre Nóbrega, que escrevia a esta Província das coisas do Brasil. De todos estes documentos me aproveitei para esta narração, a qual é só um como índice de quão grande foi o padre Manuel da Nóbrega.

Quero acabar com um parágrafo de uma carta do irmão Ambrósio Pires sobre o que lhe dissera certo homem que lhe trouxera carta do padre Nóbrega, quando assistia em São Vicente, que certo me fez devoção a primeira vez que o li. É o seguinte: “Quem, estes dias passados, me deu a carta do padre, em que me manda ir à Bahia, é uma pessoa devota e conversava com os padres misticamente. Quis-me informar dele da vida dos irmãos e padres. E contou-me ele, de maneira com não ser muito retórico, que eu desejei mais, que o ouvirem a ele contar que escrever o que ele me disse. Eu lhe perguntava por sua maneira de vida e ele me contou sua maneira de morte; disse-me

que os irmãos eram umas mortes vivas ou umas vidas mortas. Disse-me: Oh, padre, se vísseis os padres que andam em São Vicente por esses matos e campos. Se vísseis o Nóbrega que é o seu superior, veríeis um homem que o não parece e um homem de engonços e de pele e ossos; um rosto de cera amarela, ainda que muito alegre sempre e cheio de riso; uns olhos sumidos, com um vestido que não sabeis se o foi alguma hora; os pés descalços, esfolados do sol. Seu comer são suspiros, seu beber, lágrimas pela conversão dos infieis e pela má vida dos cristãos, mais infieis nas obras que eles. Para sustentar o corpo, seu manjar são abóboras de Guiné cozidas em água e, quando lhe fazem alguma festa, deitam-lhe sumo de laranja; a farinha vem-lhe de longe, primeiro é podre que comida. Se com isto vísseis sua afabilidade, alegria espiritual e caridade dentro e fora de casa; se vísseis seus compridos caminhos com poucos alforges e borsoletes, porque a sua mula não pôde com eles ainda que vazios; o passar dos rios, alagoas, lamas, matos sem caminho, fomes, sedes nos despovoados, os perigos das onças e bichos, e bichos que suspiram por carne humana que lobos por cordeiros; o cuidado de visitar agora a uns e agora a outros irmãos, que têm postos entre os índios tão longe uns dos outros e que ele tanto ama e com que tanto se consola. Oh, padre, vós veríeis quão boa vida cá levais ao longo do mar e rogaríeis a Deus que vos fizesse companheiro dos trabalhos, pois é certo que o quereis ser das consolações e da gloria.”

*P. Antônio Franco*

CARTAS

## I - AO PADRE MESTRE SIMÃO RODRIGUES DE AZEVEDO (1549)

*Chegada à Bahia. — Estado da terra. — Ocupações dos padres e irmãos. — Padre Navarro, irmão Vicente Rodrigues. — Caramuru. — Um índio cristão. — Leonardo Nunes, Diogo Jacome. — Os sacerdotes da terra. — O governador.*

A graça e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo seja sempre em nosso favor e ajuda. Amém. Somente darei conta a Vossa Reverendíssima de nossa chegada a esta terra, e do que nela fizemos e esperamos fazer no Senhor Nosso, deixando os fervores de nossa próspera viagem aos irmãos que mais em particular a notaram.

Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mês de março de 1549. Andamos na viagem oito semanas<sup>1</sup>. Achamos a terra de paz e quarenta ou cinquenta moradores na povoação que antes era; receberam-nos com grande alegria e achamos uma maneira de igreja, junto da qual logo nos aposentamos os padres e irmãos em umas casas a par dela, que não foi pouca consolação para nós para dizermos missas e confessarmos. E nisso nos ocupamos agora.

Confessa-se toda a gente da armada, digo, a que vinha nos outros navios, porque os nossos determinamos de os confessar na nau. O primeiro domingo que dissemos missa foi a quarta dominga

---

<sup>1</sup>Nóbrega veio com o 1º governador do Brasil Tomé de Sousa, que partiu de Lisboa a 1º de fevereiro de 1549. Seus companheiros foram os padres Leonardo Nunes, João de Aspicuelta Navarro e Antônio Pires e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

da Quadragésima<sup>2</sup>. Disse eu missa cedo e todos os padres e irmãos, confirmamos os votos que tínhamos feito e outros de novo com muita devoção e conhecimento de Nosso Senhor, segundo pelo exterior é lícito conhecer. Eu prego ao governador e à sua gente na nova cidade<sup>3</sup> que se começa, e o padre Navarro, à gente da terra. Espero em Nosso Senhor fazer-se fruto, posto que a gente da terra vive em pecado mortal e não há nenhum que deixe de ter muitas negras das quais estão cheios de filhos e é grande mal. Nenhum deles se vem confessar; ainda queira Nosso Senhor que o façam depois. O irmão Vicente Rijo<sup>4</sup> ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os índios desta terra, os quais têm grandes desejos de aprender e, perguntados se querem, mostram grandes desejos.

Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem hábeis para o batismo. Todos estes que tratam conosco dizem que querem ser como nós, senão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm. Se ouvem tanger à missa, já acodem e quanto nos veem fazer, tudo fazem, assentam-se de joe-

---

<sup>2</sup>31 de Março.

<sup>3</sup>A primitiva cidade, fundada por Francisco Pereira Coutinho, 1º donatário da Bahia, ficava no sítio da Vitória, segundo Jaboatão (Novo Orbe, part. 2\*, vol. I, p. 18), e chamou-se depois Vila Velha. A nova cidade era compreendida entre o lugar que depois tomou o nome de Terreiro de Jesus e o largo do teatro, atual praça Castro Alves. Esta estabeleceu-se no dia 1º de novembro, tomando posse o governador, ao que acusa Jaboatão (l. c., p. 21).

<sup>4</sup>Alíás Rodrigues. Viveu no Brasil 49 anos, falecendo no Rio de Janeiro a 9 de junho de 1598. Seu irmão, o padre Jorge Rijo, foi quem educou José de Anchieta no Colégio de Coimbra. V. Franco, *Imag. da virt. do Col. de Coimbra*, I, p. 551.

lhos, batem nos peitos, levantam as mãos ao céu e já um dos principais deles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado e em dois dias soube o A, B, C todo, e o ensinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser cristão e não comer carne humana, nem ter mais de uma mulher e outras coisas; somente que há de ir à guerra, e os que cativar vendê-los e servir-se deles, porque estes desta terra sempre (1549) têm guerra com outros e assim andam todos em discórdia, comem-se uns a outros, digo os contrários. É gente que nenhum conhecimento tem de Deus. Têm ídolos<sup>5</sup>, fazem tudo quanto lhes dizem.

Trabalhamos de saber a língua deles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos<sup>6</sup>. Temos determinado ir viver com as aldeias, quando estivermos mais assentados e seguros, e aprender com eles a língua e ir doutrinando-os pouco a pouco. Trabalhei por tirar em sua língua as orações e algumas práticas de Nosso Senhor e não posso achar língua que o saiba dizer, porque são eles tão brutos que nem vocábulos têm. Espero de as tirar o melhor que puder com um homem<sup>7</sup> que nesta terra se criou de moço, o qual agora anda muito ocupado no que o governador lhe manda e não está aqui. Este homem com um seu genro<sup>8</sup> é o que mais confirma as pazes com esta gente, por serem eles seus amigos antigos.

---

<sup>5</sup>É o que se lê no cód. msc. da Bibl. Nac. ; mas os índios da costa não tinham ídolos, como se vê da 9ª carta e de muitos outros documentos contemporâneos. Houve, pois, erro de cópia.

<sup>6</sup>“Foi o primeiro que pôs na língua brasílica algumas orações e diálogos da nossa santa Fé.” S. de Vasc., Cron., l. I, n.º 48.

<sup>7</sup>Diogo Álvares, o Caramuru.

Também achamos um principal deles já cristão batizado, o qual me disseram que muitas vezes o pedira, e por isso está mal com todos os seus parentes. Um dia, achando-me eu perto dele, deu uma bofetada grande a um dos seus por lhe dizer mal de nós ou coisa semelhante. Anda muito fervente e grande nosso amigo; demos-lhe um barrete vermelho que nos ficou do mar e umas calças. Traz-nos peixe e outras coisas da terra com grande amor; não tem ainda notícia de nossa Fé, ensinamo-a; madruga muito cedo às 7 horas, tomar lição e depois vai aos moços a ajudá-los às obras. Este dia que fará cristãos a seus irmãos e mulheres e quantos puder. Espero em o Senhor que este há de ser um grande meio e exemplo para todos os outros, os quais lhe vão já tendo grande inveja por verem os mimos e favores que lhe fazemos. Um dia comeu conosco à mesa perante dez ou doze ou mais dos seus, os quais se espantaram do favor que lhe dávamos.

Parece-nos que não podemos deixar de dar a roupa que trouxemos a estes que querem ser cristãos, repartindo-a até ficarmos todos iguais com eles, ao menos por não escandalizar aos meus

---

<sup>8</sup>*Provavelmente Paulo Dias Adorno. V a carta publ. por Porto Seguro, Hist. Ger. do Brasil, p. 236 e a nota 2 da p. 239. [Tomo I, p. 297/298, 4ª ed.]. A notícia do achado do doc. foi publ. no Diário Oficial de 13 de dezembro de 1872 e não novembro, como diz a nota 1 da p. 237 da Hist. Geral. Jaboatão já o conhecia e o transcreve no seu catálogo genealógico, 1768, [Publ. na Revista do Instituto, LII, parte I], declarando à margem: "Acha-se no Liv. 4 de Serviços da Câmara da B". fol. 24, e aí as certidões dos tabeliães, que as reconhecerão." Cândido Mendes (Rev. do Inst., XL, 1877, p. 2a, p. 20) duvida da sua autenticidade. Segundo fr. Vicente do Salvador (Hist. do Bras., liv. 3o, cap. 10), Paulo Dias era comendador de Santiago e esteve na conquista do Rio de Janeiro com Estácio de Sá. [Ed. de 1918, p. 178]. — G.*

irmãos de Coimbra, se souberem que por falta de algumas ceroulas deixa uma alma de ser cristã e conhecer a seu Criador e Senhor e dar-lhe glória; *ego, Pater mi, in tanto positus igne charitatis non cremor*. Certo o Senhor quer ser conhecido destas gentes e comunicar com eles os tesouros dos merecimentos da sua Paixão, *sicut aliquem te audivi prophetantem*. E portanto, *mi Pater, compele multas intrare naves et venire ad hanc quàm plontat Dominus vineam suam*. Cá não são necessárias letras mais que para entre os cristãos nossos, porém virtude e zelo da honra de Nosso Senhor são cá muito necessários.

O padre Leonardo Nunes mandou aos Ilhéus e Porto Seguro a confessar aquela gente que tem nome de cristãos, porque me disseram de lá muitas misérias, e assim a saber o fruto que na terra se pode fazer. Ele escreverá a Vossa Reverendíssima de lá largo. Leva por companheiro a Diogo Jacome, para ensinar a doutrina aos meninos, o que ele sabe bem fazer; eu o fiz já ensaiar na nau, é um bom filho. Nós todos três confessaremos esta gente; e depois espero que irá um de nós a uma povoação grande, das maiores e melhores desta terra, que se chama Pernambuco<sup>9</sup> e assim em muitas partes apresentaremos e convidaremos com o Crucificado. Esta me parece agora a maior empresa de todas, segundo vejo a gente dócil. Somente temo o mau exemplo que o nosso cristianismo lhe dá, porque há homens que há sete e dez anos que se não

---

<sup>9</sup>É palavra tupi já então alterada. Veja-se a sua ortogr. e etimologia nos *An. da Bibl. Nac.*, vol. VIII, p. 215. *Aí escaparam dois erros tipográficos que ora se corrigem: na interpretação do Dr. Baptista Caetano em vez de paranãmburú e purú-mburú leia-se paranãmbukú e pWuUr / úru--mmbhunlkruA.*  
74 CARTA DO BRASIL (1549).

confessam e parece-me que põem a felicidade em ter muitas mulheres. Dos sacerdotes ouço coisas feias. Parece-me que devia Vossa Reverendíssima lembrar a Sua Alteza um vigário-geral, porque sei que mais moverá o temor da Justiça que o amor do Senhor. E não há óleos para ungir, nem para batizar; faça-os Vossa Reverendíssima vir no primeiro navio, e parece-me que os havia de trazer um padre dos nossos\*.

Também me parece que mestre João<sup>10</sup> aproveitaria cá muito, porque a sua língua é semelhante a esta e mais aproveitar-nos-emos cá da sua teologia.

A terra cá achamo-la boa e sã. Todos estamos de saúde, Deus seja louvado, mais sãos do que partimos.

As mais novas da terra e da nossa cidade os irmãos escreverão largo e eu também pelas naus quando partirem. Crie Vossa Reverendíssima muitos filhos para cá, que todos são necessários. Eu um bem acho nesta terra que não ajudará pouco a permanecerem depois na Fé, que é ser terra grossa, e todos têm bem o que hão mister, e a necessidade

---

\*A carência de óleo foi depois suprida pelo da árvore cabureiba, que o Sumo Pontífice declarou por "matéria legítima da santa unção e crisma, e como tal se mistura e sagra com os santos óleos onde falta o da Pérsia", frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 30, ed. de 1918. — G.

<sup>10</sup>Refere-se provavelmente ao padre Misser João, aragonês. Dele diz Franco: "Foi capelão das infantas de Castela D. Maria, imperatriz, e D. Joanna, mãe d'el-rei D. Sebastião; foi recebido pelo padre Pedro Fabro em Lovayna e dali mandado ter seu noviciado em Coimbra no ano de 1544. Sempre deu mostras de muita virtude, em especial sendo companheiro do padre mestre Simão, quando sendo mestre do príncipe D. João o acompanhava à corte, na qual a todos era exemplo de rara santidade. Era amparo de pobres, viúvas e necessitados, zeloso do bem das almas, incansável em confessar; tinha particular graça para trazer a gente ás confissões. Morreu em Lisboa na Casa de Santo Antão o Velho aos 2 de março de 1553." (*Imag. da vvr. do Col. de Coimbra*, II, pg. 572).

lhes não fará prejuízo algum. Estão espantados de ver a majestade com que entramos e estamos, e temem-nos muito, o que também ajuda. Muito há que dizer desta terra; mas deixo-o ao comento dos caríssimos irmãos. O governador é escolhido de Deus para isto, faz tudo com muito tento e siso. Nosso Senhor o conservará para reger este seu povo de Israel. *Tu autem, Pater, ora pro omnibus et presertim pro fiUis quos enutristi.* Lance-nos a todos a bênção de Cristo Jesus Dulcíssimo.

*Desta Bahia, 1549.*

---

*Esta carta não traz mês nem dia; mas foi escrita depois de 31 de Março e antes de 15 de Abril, como se deduz da 2ª carta escrita em continuação. No códice msc. da Bibl. Nac. lê-se á margem No mês de Abril. Barbosa Machado (Bibl. Lus., III, pg. 324) também diz que é de Abril, e que o autógráfo se conservava no arquivo do Colégio de S. Roque de Lisboa.*

*Publicou-se pela primeira vez em 1843 no tomo V da Bev. ão Inst. Hist., pp. 429/432 [3ª ed., 457/460]; foi reproduzida no 2º vol. da Chron. da Comp. de Jesu de Simão de Vasconcellos, ed. de Lisboa de 1865, pp. 289/292.*

## II - PARA O PADRE MESTRE SIMÃO (1549)

*Os sacerdotes da terra. — Conversão de um contrário. — São Tomé e suas pegadas. — Espanto dos índios. — O governador. — Necessidade de vigário-geral.*

A Graça e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo seja sempre em nosso favor. Amém.

Depois de ter escrito a Vossa Reverendíssima, posto que brevemente, segundo meus desejos, sucedeu não se partir a caravela, e deu-me lugar para fazer esta e tornar-lhe a encomendar as necessidades da terra e o aparelho que tem para se muitos converterem. E certo é muito necessário haver homens *qui quo&grant Jesum Christum solum crucifixum*. Cá há clérigos, mas é a escória que de lá vem; *omnes qucerunt qum sua sunt*. Não se devia consentir embarcar sacerdote sem ser sua vida muito aprovada, porque estes destroem quanto se edifica; *sed mitte, Pater, filios tuos in Domino nutritos fratres meos, ut in omnem hanc terram exeat sonus eorum*.

Ontem que foi domingo de Ramos<sup>11</sup>, apresentei ao governador um para se batizar depois de doutrinado o qual era o maior contrário que os cristãos até agora tiveram: recebeu com amor. Espero em Nosso Senhor de se fazer muito fruto.

Também me contou pessoa fidedigna que as raízes de que cá se faz o pão, que São Tomé as deu, porque cá não tinham pão nenhum. E isto se sabe da fama que anda entre eles, *quia patres eorum nuntiaverunt eis*. Estão daqui perto umas pisadas figu-

---

<sup>11</sup> 14 de abril.

radas em uma rocha, que todos dizem serem suas. Quando tivermos mais vagar, havemos de ir vê-las. Estão estes negros<sup>12</sup> muito espantados de nossos Ofícios Divinos.

Estão na igreja, sem ninguém lhes ensinar, mais devotos que os nossos cristãos. Finalmente perdem-se à míngua. *Mitte igitur operários quia jam satis alba est messis.*

O governador tem escolhido um bom vale para nós; parece-me que teremos água, e assim me dizem todos. Aqui devíamos fazer nosso valhacouto, e daqui combater todas as outras partes. Há cá muita necessidade de vigário-geral para que ele com temor e nós com amor procedendo busquemos a glória do Senhor. O mais verá pelas cartas dos irmãos.

*Vale semper in Domino, mi Pater, et benedic nos omnes in Christo Jesu.*

Da Bahia, 1549

---

*Continuação da antecedente, não traz expresso o dia em que foi escrita, mas do contexto vê-se que é de segunda-feira, 15 de abril. Segundo Barbosa, Machado, o original conservava-se também no arquivo do Colégio de São Roque. Imprimiu-se pela primeira vez em 1843 no tomo V da Rev. do Inst. Hist., p. 433 [3a ed., 461/462]; transcrita no 2º vol. da Cron. de S. de Vasconcellos, ed. citada, pp. 300/301.*

---

<sup>12</sup>Assim eram às vezes chamados os que mais tarde ficaram conhecidos, não menos propriamente, pelo nome de índios.

### III - AO PADRE MESTRE SIMÃO (1549)

*Falta de mulheres. — Saltos dos índios. — Causa da guerra da Bahia. — Carijós. — Padres em São Vicente. — Necessidade de bispo. — Lugar escolhido para o colégio. — Pedido de oficiais. — Os degradados. — Falta de roupa. — Antônio Pires. — Leonardo Nunes, Diogo Jacome, Navarro, Vicente Rodrigues. — Missa cantada. — Procissão de Corpus Christi. — Agradecimentos ao governador e outros. — Pedidos.*

A graça e amor de Nosso Senhor Jesus Christo seja sempre em nosso favor. Amém.

Pela primeira via escrevi a Vossa Reverendíssima e aos irmãos largo, e agora tornarei a repetir algumas coisas, ao menos em soma, porque o portador desta, como testemunha de vista, me escusará de me alargar muito, e algumas coisas mais se poderão ver pela carta que escrevo ao doutor Navarro.

Nesta terra há um grande pecado, que é terem os homens quase todos suas negras por mancebas, e outras livres que pedem aos negros por mulheres, segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres. E estas, deixam-nas quando lhes apraz, o que é grande escândalo para a nova Igreja que o Senhor quer fundar. Todos se me escusam que não têm mulheres com que casem, e conheço eu que casariam se achassem com quem; em tanto que uma mulher, ama de um homem casado que veio nesta armada, pelejavam sobre ela a quem a haveria por mulher, e uma escrava do governador lhe pediam por mulher e diziam que a

queriam forrar. Parece-me coisa muito conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá têm pouco remédio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas muito bem, contanto que não sejam tais que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casarão muito bem, porque é terra muito grossa e larga, e uma planta que se faz dura dez anos aquela novidade, porque, assim como vão apanhando as raízes, plantam logo ramos, e logo arrebentam. De maneira que logo as mulheres terão remédio de vida, e estes homens remediarão suas almas, e facilmente se povoaria a terra.

E a estes amancebados, tenho mostrado, por vezes, assim em pregações em geral como em particular, e uns se casam com algumas mulheres se acham, outros com as mesmas negras, e outros pedem tempo para venderem as negras, ou se casarem. De maneira que todos, glória ao Senhor, se põem em algum bom meio: somente um que veio nesta armada, o qual quando chegou logo tomou uma índia gentia pedindo-a a seu pai, fazendo-a cristã, porque este é o costume dos portugueses desta terra, e cuidam nisto *obsequium se prestare Deo*, porque dizem não ser pecado tão grande, não olhando a grande irreverência que se faz ao sacramento do batismo, e este amancebado, não dando por muitas admoestações que lhe tinha feito, se pôs a permanecer com ela, o qual eu mostrei no púlpito; que dentro daquela semana a deitasse fora, sob pena de lhe proibir o ingresso da igreja; o que fiz por ser pecado muito notório e escandaloso, e ele pessoa de quem se esperava outra coisa, e muitos

tomavam ocasião de tomarem outras. O que tudo Nosso Senhor remediou com isto que lhe fiz, porque logo a deitou de casa, e os outros que o tinham imitado no mal o imitaram também nisto, que botaram também as suas, antes que mais se soubesse, e agora ficou grande meu amigo. Agora ninguém de que se presuma mal merca estas escravas. Neste ofício me meti em ausência do vigário-geral, parecendo-me que em coisas de tanta necessidade, Nosso Senhor me dava cuidados destas ovelhas.

Alguns blasfemadores públicos do nome do Senhor havia, aos quais admoestamos por vezes nos sermões, lendo-lhes as penas do direito, e admoestando ao ouvidor-geral<sup>13</sup> que atentasse por isso. Glória ao Senhor, vai-se já perdendo este mau costume e, se acontece cair alguém pelo mau costume, vem-se a mim pedir-me penitência. Nestes termos está esta gente. Agora temo que, vindo o vigário-geral que já é chegado a uma povoação aqui perto, se ousem a alargar mais. Eu ladrarei quanto puder.

Escrevi a Vossa Reverendíssima acerca dos saltos que se fazem a esta terra, e de maravilha se acha cá escravo que não fosse tomado de salto, e é desta maneira que fazem pazes com os negros para lhes trazerem a vender o que têm, e por engano enchem os navios deles e fogem com eles; e alguns dizem que o podem fazer por os negros terem já feito mal aos cristãos. O que posto que seja assim, foi depois de terem muitos escândalos recebidos de nós. De maravilha se achará cá na terra, onde os cristãos não fossem causa da guerra e dissensão,

---

<sup>13</sup>Dr. Pero Borges, que veio com Tomé de Sousa.

e tanto que nesta Bahia, que é tido por um gentio dos piores de todos, se levantou a guerra pelos cristãos, porque um padre<sup>14</sup>, por lhe um principal destes negros não dar o que lhe pedia, lhe lançou a morte, no que tanto imaginou que morreu, e mandou aos filhos que o vingassem.

De maneira que os primeiros escândalos são por causa dos cristãos, e certo que, deixando os maus costumes que eram de seus avós, em muitas coisas fazem vantagem aos cristãos, porque melhor moralmente vivem, e guardam melhor a lei da natureza. Alguns destes escravos, me parece que seria bom juntá-los e torná-los à sua terra e ficar lá um dos nossos para os ensinar, porque por aqui se ordenaria grande entrada com todo este gentio.

Entre outros saltos que nesta costa são feitos, um se fez há dois anos, muito cruel, que foi irem uns navios a um gentio, que chamam os Carijós<sup>15</sup>, que estão além de São Vicente, o qual todos dizem que é o melhor gentio desta costa, e mais aparelhado para se fazer fruto. Ele somente tem duzentas léguas de terra; entre eles estavam convertidos e batizados muitos. Morreu um destes clérigos, e ficou o outro e prosseguiu o fruto. Fo-

---

<sup>14</sup>Provavelmente o Bezerra, a quem se refere Porto Seguro, *Hist.*, p. 200. — [Veja a carta de Pero Borges a D. João III, de 7 de fevereiro de 1550, *op. cit.*, tomo I, 234, da 4a ed.]. — G.

<sup>15</sup>No msc. da Bibl. Nac. lê-se *Chaçios*, evidentemente erro de cópia. Os Carijós dos portugueses e os Carioes e Carios dos espanhóis são os Guaranis, v Gusman, Argentina (1624), publ. por Angelis em 1835, Liv. I, Cap. V, p. 17. Já em 1527 Diego Garcia os conhecia com o nome de Guaránies (*Rev. do Inst.*, 2º V, 1852, p. 13); Luiz Ramirez na carta do Rio da Prata de 10 de julho de 1528 (*Ibi, ibi*, pp. 21 e 27) também os chama Guarenis y por otro nombre Chanãis II. Ainda em 1556 Bartholomeu Garcia os chamava em Assunção do Paraguai de Guaranies. (*Cartas de índias, Madrid, 1877*, p. 606).

ram ali ter estes navios que digo, e tomaram o padre dentro em um dos navios com outros que com ele vinham e levantaram as velas; os outros que ficaram em terra vieram em paus a bordo do navio, que levassem embora os negros e que deixassem o seu padre, e, por não quererem os dos navios, tornaram a dizer que, se levavam o seu padre, que levassem também a eles, e logo os recolheram e os trouxeram, e o padre puseram em terra, e os negros desembarcaram em uma capitania, para venderem alguns deles, e todos se acolheram à igreja, dizendo que eram cristãos, e que sabiam as orações e ajudar a missa, pedindo misericórdia.

Não lhes valeu, mas foram tirados e vendidos pelas capitancias desta costa. Agora me dizem que é lá ido o padre a fazer queixume; dele poderá saber mais largo o que passa. Agora temos assentado com o governador que nos mande dar estes negros, para os tornarmos à sua terra, e ficar lá Leonardo Nunes para os ensinar.

Desejo muito que Sua Alteza encomendas-se isto muito ao governador, digo, que mandasse provisão para que entregasse todos os escravos salteados para os tornarmos à sua terra, e que por parte da Justiça se saiba e se tire a limpo, posto que não haja parte, pois disto depende tanto a paz e conversão deste gentio. E Vossa Reverendíssima não seja avarento desses irmãos e mande muitos para socorrerem a tantas e tão grandes necessidades, que se perdem estas almas à míngua, *petentes panem et non ést qui frangat eis*. Lá bem abastam tantos religiosos e pregadores, muitos Moisés e Profetas há lá.

Esta terra é nossa empresa, e o mais gentio do mundo. Não deixe lá Vossa Reverendíssima mais que uns poucos para aprender, os mais venham. Tudo lá é miséria quanto se faz: quando muito ganham-se cem almas, posto que corram todo o Reino; cá é grande mancheia. Será coisa muito conveniente haver do Papa ao menos os poderes que temos do Núncio e outros maiores, e podermos levantar altar em qualquer parte, porque os do Núncio não são perpétuos, e assim que nos cometa seus poderes acerca destes saltos, para podermos comutar algumas restituições e aquietar consciências e ameaças que cada dia acontecem, e assim também que as leis positivas não obriguem ainda este gentio, até que vão aprendendo de nós for tempo, *scilicet*: jejuar, confessar a cada ano e outras coisas semelhantes; e assim também outras graças e indulgências, e a bula do Santíssimo Sacramento para esta cidade da Bahia, e que se possa comunicar a todas as partes desta costa, e o mais que a Vossa Reverendíssima parecer.

É muito necessário cá um bispo para consagrar óleos para os batizados e doentes, e também para confirmar os cristãos que se batizam, ou ao menos um vigário-geral para castigar e emendar grandes males, que assim no eclesiástico como no secular se cometem nesta costa, porque os seculares tomam exemplo dos sacerdotes e o gentio de todos; e tem-se cá que o vício da carne não é pecado, como não é notavelmente grande e consente a heresia que se reprova na Igreja de Deus. *Quod est dolendum*. Os óleos que mandamos pedir nos mande, e vindo bispo, não seja dos que *quoerunt*

*sua, sed quæ Jesu Christi.* Venha para trabalhar e não para ganhar.

Eu trabalhei por escolher um bom lugar para o nosso colégio dentro na cerca e somente achei um, que lá vai por mostra a Sua Alteza, o qual tem muitos inconvenientes, porque fica muito junto da Sé e duas igrejas juntas não é bom, e é pequeno, porque onde se há de fazer a casa não tem mais que dez braças, posto que tenha ao comprido da costa quarenta, e não tem onde se possa fazer horta, nem outra coisa, por ser tudo costa muito íngreme, e com muita sujeição da cidade. E, portanto, a todos nos parece melhor um teso que está logo além da cerca, para a parte de onde se há de estender a cidade, de maneira que antes de muitos anos podemos ficar no meio, ou pouco menos da gente, e está logo aí uma aldeia perto, onde nós começamos a batizar, na qual já temos nossa habitação<sup>16</sup>. Está sobre o mar, tem água ao redor do colégio, e dentro dele tem muito lugar para hortas e pomares; é perto dos cristãos, assim velhos como novos. Somente me põe um inconveniente o governador: não ficar dentro na cidade e poder haver guerra com o gentio, o que me parece que não convence, porque os que hão de estar no colégio hão de ser filhos de todo este gentio, que nós não temos necessidade de casa, e posto que haja guerra, não lhes pode fazer mal; e quando agora nós andamos, lá dormimos e comemos, que é tempo de mais temor, e nos parece que estamos seguros, quanto mais depois que a terra mais se po-

---

<sup>16</sup>No monte Calvário.

voar. Quanto mais que primeiro hão de fazer mal nos engenhos, que hão de estar entre eles e nós, e quando o mal for muito, tudo é recolher à cidade, mormente que eu creio que, ainda que façam mal a todos, a nós nos guardarão, pela afeição que já nos começam a ter; e ainda havendo guerra, me pareceria poder estar seguro entre eles neste começo, quanto mais depois. De maneira que cá todos somos de opinião que se faça ali, e Vossa Reverendíssima devia de trabalhar por lhe fazer dar logo princípio, pois disto resulta tanta glória ao Senhor e proveito a esta terra.

A mais custa é fazer a casa, por causa dos oficiais que hão de vir de lá, porque a manutenção dos estudantes, ainda que sejam duzentos, é muito pouca, porque, com o terem cinco escravos que plantem mantimentos e outros que pesquem com barcos e redes, com pouco se manterão; e para se vestir farão um algodoal, que há cá muito. Os escravos são cá baratos, e os mesmos pais hão de ser cá seus escravos. É grande obra esta e de pouco custo; nos vindo agora o vigário nos passamos para lá, por causa dos convertidos, onde estaremos, Vicente Rodrigues, eu e um soldado que se meteu conosco para nos servir, e está agora em exercícios, de que eu estou muito contente. Faremos nossa igreja, onde ensinaremos os nossos novos cristãos; e aos domingos e festas visitarei a cidade e pregarei.

O padre Antônio Pires e o padre Navarro estarão em outras aldeias longe, onde já lhes fazem casas. E, portanto, é necessário Vossa Reverendíssima mandar oficiais, e hão de vir já com a paga,

porque cá diz o governador, que, ainda que venha alvará de Sua Alteza para nos dar o necessário, que não o haverá para isto. Os officiaes que cá estão têm muito que fazer, e que o não tenham estão com grande saudade do Reino, porque deixam lá suas mulheres e filhos, e não aceitarão a nossa obra, depois que cumprirem com Sua Alteza, e também o trabalho que têm com as viandas e o mais os tira disso. Portanto me parece que haviam de vir de lá, e, se possível fosse, com suas mulheres e filhos, e alguns que façam taipas, e carpinteiros. Cá está um mestre para as obras que é sobrinho de Luiz Dias<sup>17</sup>, mestre das obras d'el-rei, o qual veio com 30\$ de partido; este não é necessário, porque basta o tio para as obras de Sua Alteza, a este haviam de dar o cuidado de nosso colégio; é bom official.

Serão cá muito necessárias pessoas que teçam algodão, que cá há muito e outros officiaes. Trabalhe Vossa Reverendíssima por virem a esta terra pessoas casadas, porque certo é mal empregada esta terra em degradados, que cá fazem muito mal, e já que cá viessem havia de ser para andarem aferrolhados nas obras de Sua Alteza. Também peça Vossa Reverendíssima algum petitório de roupa, para, entretanto, cobrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada mulher, pela honestidade da religião cristã, porque vêm todos a esta cidade à missa aos domingos e festas, que faz muita devoção, e vêm rezando as orações que lhes ensinamos e não parece honesto estarem nuas en-

---

<sup>17</sup>Este veio com Tomé de Sousa. (Porto Seguro, Hist., p. 235). — [O sobrinho de Luis Dias chamava-se Diogo Peres, op. cit. tomo I, 296, da 4a ed.]. — G.

tre os cristãos na igreja, e quando as ensinamos. E disto peço ao padre mestre João que tome cuidado, por ele ser parte na conversão deste gentio, e não fique senhora nem pessoa a que não importune por causa tão santa, e a isto se haviam de aplicar todas as restituições que lá se houvessem de fazer, e isto agora somente no começo, que eles farão algodão para se vestirem ao diante.

Os irmãos todos estão de saúde, e fazem o ofício a que foram enviados: somente Antônio Pires se acha mal das pernas que lhe arrebentaram depois das maleitas que teve, e não acaba de ser bem são. Leonardo Nunes mandei aos Ilhéus, uma povoação daqui perto, onde dá muito exemplo de si e faz muito fruto, e todos se espantam de sua vida e doutrina; foi com ele Diogo Jacome, que fez muito fruto em ensinar os moços e escravos. Agora pouco, vieram aqui a consultar-me algumas dúvidas, e estiveram aqui por dia do Anjo<sup>18</sup>, onde batizamos muitos; tivemos missa cantada com diácono e subdiácono; eu disse missa, e o padre Navarro, a Epístola, outro, o Evangelho.

Leonardo Nunes e outro clérigo com leigos de boas vozes regiam o coro; fizemos procissão com grande música, a que respondiam as trombetas. Ficaram os índios espantados de tal maneira que depois pediam ao padre Navarro que lhes cantasse como na procissão fazia. Outra procissão se fez dia de Corpus Christi<sup>19</sup>, muito solene, em que jogou toda a artilharia, que estava na cerca, as ruas muito enramadas, houve danças e invenções à

---

<sup>18</sup> 19 de julho.

<sup>19</sup> 13 de junho.

maneira de Portugal. Agora é já partido Leonardo Nunes com Diogo Jacome, e lá me hão de esperar quando eu for com o ouvidor, que irá daqui a dois meses, pouco mais ou menos. O padre Navarro fez muito fruto entre este gentio, lá está toda a semana. Vicente Rodrigues tem cuidado de todos batizados. Antônio Pires e eu estamos mais tempo na cidade para os cristãos, e não para mais que até chegar o vigário. Todos são bons e proveitosos, senão eu que nunca faço nada; e assaz devoção há, pois meu mau exemplo os não escandaliza.

Temos muita necessidade de batistérios, porque os que cá vieram não valiam nada e hão de ser romanos e bracarenses, porque os que vieram eram venezianos, e assim de muitas capas e ornamentos, porque havemos de ter altares em muitas partes, e imagens e crucifixos, e outras coisas semelhantes, o mais que puder; tudo o que nos mandaram que lá ficava veio a muito bom recado.

Folgaríamos de ver novas do Congo; mande-nos Vossa Reverendíssima. A todos estes senhores devemos muito, pelo muito amor que nos têm, posto que o de alguns seja servil.

O governador nos mostra muita vontade. Pero de Góes<sup>20</sup> nos faz muitas caridades. O ouvidor-geral é muito virtuoso e ajuda-nos muito. Não falo em Antônio Cardoso<sup>21</sup>, que é nosso pai. A todos mande Vossa Reverendíssima os agradecimentos.

---

<sup>20</sup>O desafortunado donatário de Campos dos Goitacases, irmão do cronista Damião de Góes, segundo Varnhagen, *Hist.*, p. 13. [A versão desse parentesco entre o cronista e o donatário está completamente arredada por Pedro de Azevedo, *Hist. da Col. Portuguesa do Brasil*, III, 212/213]. — G. — Veio ainda uma vez ao Brasil com Tomé de Sousa como capitão-mor da costa.

Antônio Pires pede a Vossa Reverendíssima alguma ferramenta de carpinteiro, porque ele é nosso oficial de tudo; Vicente Rodrigues, porque é ermitão, pede muitas sementes; o padre Navarro e eu, os livros, que já lá pedi, porque nos fazem muita míngua para dúvidas que cá há, que todas se perguntam a mim. E todos pedimos sua bênção e ser favorecidos em sua orações com Nosso Senhor.

Agora vivemos de maneira que temos disciplina às sextas-feiras, e alguns nos ajudam a disciplinar; é pelos que estão em pecado mortal e conversão deste gentio, e pelas almas do Purgatório, e o mesmo se diz pelas ruas, com uma campainha, segundas e quartas-feiras, assim como nos Ilhéus. Temos nossos exames à noite, e antemanhã uma hora de oração, e o mais tempo visitar o próximo e celebrar, e outros serviços de casa. Resta, *mi Pater*, que rogue a Nosso Senhor por seus filhos e por mim, *ut quos deãisti non perdam ex eis quemquam*. Pedimos sua bênção.

*Desta Bahia, a 9 de agosto de 1549.*

---

*Publicada pela primeira vez em 1843 na Rev. do Inst. Hist., t.V., pp. 435/442 [3a ed., 463/470]; depois reproduzida no vol. 2º da Crônica de Simão de Vasconcellos, ed. de Lisboa de 1865, pp. 293/300. Barbosa Machado diz que o autógrafo igualmente se conservava no arquivo do Colégio de São Roque.*

---

<sup>21</sup> de Barros, que veio com o governador como provedor-mor da Fazenda. Foi um dos primeiros donatários do Brasil, mas a respeito da sua donatária quase nada se sabe.

#### IV - AO DR. NAVARRO, SEU MESTRE EM COIMBRA (1549)

*Cidade do Salvador — Clima. — Os naturais. — Antrapofagia. — Imortalidade da alma. — Noção do demônio. — Notícia do dilúvio. — São Tomé. — Pregações e batismos. — Padre Navarro. — Morte de um cristão. — Uma execução. — Medo dos índios. — Apego aos padres. — O nome de Jesus popularizado. — Um índio revela ter estado com Deus no Paraíso. — Conversão de um feiticeiro.*

*Gratia et pax Domini Nostri Jesu Christi sit semper nobiscum. Amen.*

Pensando eu muitas vezes na graça que o Senhor me fez, mandando-me a estas terras do Brasil, para dar princípio ao conhecimento e louvor do seu santo nome nestas regiões, fico espantado de ter sido para esse fim eleito, sendo eu a escória de toda a universidade; mas, além da divina graça, cuido que o ter sido discípulo da doutrina e da virtude de Vossa Reverendíssima e as suas orações me impetraram esta misericórdia de Deus, *qui potens est de lapidibus istis suscitare Abrace*; e, porém, é de razão que eu dê contas a Vossa Reverendíssima do que o Senhor começa a obrar nesta sua nova vinha, a qual talvez queira estender a *mari usque ad more*, e a *flumine usque ad terminos orbis terrarum*; para que Vossa Reverendíssima louve por sua parte ao Senhor, a quem só se deve toda a glória e honra.

Depois que partimos de Portugal, o que foi em 1º de fevereiro de 1549, toda a armada trouxe-a Deus a salvamento; sempre com ventos prós-

peros e de tal arte que chegamos à Bahia de Todos os Santos dentro de 56 dias<sup>22</sup>, sem que sobreviesse nenhum contratempo e antes com muitos outros favores e graças de Deus, que bem mostrava ser sua a obra, que agora se principiou.

Desde logo se fez a paz com o gentio da terra e se tomou conselho sobre onde se fundaria a nova cidade, chamada do Salvador\*, onde muito ainda obrou o Senhor, deparando logo muito bom sítio sobre a praia em local de muitas fontes, entre mar e terra e circundado das águas em torno aos novos muros. Os mesmos índios da terra ajudam a fazer as casas e as outras coisas em que se queira empregá-los; pode-se já contar umas cem casas e se começa a plantar canas-de-açúcar e muitas outras coisas para o mister da vida, porque a terra é fértil de tudo, ainda que algumas, por demasiado pingues, só produzam a planta e não o fruto. É muito salubre e de bons ares, de sorte que sendo muita a nossa gente e muito grandes as fadigas, e mudando da alimentação com que se nutriam, são poucos os que enfermam e estes depressa se curam. A região é tão grande que, dizem, de três partes em que se dividisse o mundo, ocuparia duas; é muito fresca e mais ou menos temperada, não se

---

<sup>22</sup>O Visconde de Porto Seguro (*Hist. Ger.*, pg. 237), diz que sendo assim Thomé de Sousa chegaria a Bahia a 26 de Março. Esqueceu-se que Fevereiro tem 28 dias e que o ano não era bissexto. Nobrega na primeira carta diz que gastaram na viagem 8 semanas, que são exactamente 56 dias.

\*Do que se infere de *Jaboatão, Novo Orbe Serafico Brasilico*, I, 124, Rio, 1858, Thomé de Sousa trazia ordens reais para dar o título do Salvador à cidade que fundasse. Uma provisão de 7 de Janeiro de 1549, anterior à partida do primeiro governador geral para o Brasil, mandava dar 72\$000 a Luis Dias, "que Ma por mestre das obras da fortaleza do Salvador." — *Conf. Cartas, Alvarás e Provisões, na Bibl. Nacional*, 11-30, 27, 42. — G.

sentindo muito o calor do estio; tem muitos frutos de diversas qualidades e muito saborosos; no mar igualmente muito peixe e bom. Assemelham-se os montes a grandes jardins e pomares, que não me lembro de ter visto pano de raz tão belo. Nos ditos montes há animais de muitas diversas feituradas, os quais nunca conheceu Plínio, nem deles deu notícia, e ervas de diferentes cheiros, muitas e diversas das de Espanha; o que bem mostra a grandeza e beleza do Criador na tamanha variedade e beleza das criaturas.

Mas é de grande maravilha haver Deus entregue terra tão boa, tamanho tempo, a gente tão inculca que tão pouco o conhece, porque nenhum Deus têm certo, e qualquer que lhes digam ser Deus o acreditam, regendo-se todos por inclinações e apetites sensuais, que está sempre inclinado ao mal, sem conselho nem prudência. Têm muitas mulheres e isto pelo tempo em que se contentam com elas e com as dos seus, o que não é condenado entre eles - Fazem guerra, uma tribo a outra, a 10, 15 e 20 léguas, de modo que estão todos entre si divididos. Se acontece aprisionarem o contrário na guerra, conservam-no por algum tempo, dão-lhe por mulheres suas filhas, para que o sirvam e guardem, depois do que o matam com grande festa e ajuntamento, dos amigos e dos que moram por ali perto, e se deles ficam filhos, os comem, ainda que sejam seus sobrinhos e irmãos, declarando às vezes as próprias mães que só os pais e não a mãe têm parte neles\*. É esta a coisa mais abominável

---

\*Anchieta (*"Informação dos casamentos dos índios do Brasil"*, in *Revista do Instituto*, VIII, 259/260) diz que "o parentesco verdadeiro vem pela parte

que existe entre eles. Se matam um na guerra, o partem em pedaços, e depois de moqueados os comem, com a mesma solenidade; e tudo isto fazem com um ódio cordial que têm um ao outro, e nestas duas coisas, isto é, terem muitas mulheres e matarem os inimigos, consiste toda a sua honra. São estes os seus desejos, é esta a sua felicidade. O que tudo herdaram do primeiro e segundo homem, e aprenderam daquele *qui homicida erat ab initio*. Não se guerreiam por avareza, porque não possuem de seu mais do que lhes dão a pesca, a caça e o fruto que a terra dá a todos, mas somente por ódio e vingança, sendo tão sujeitos à ira que, se acaso se encontram no caminho, logo vão ao pau à pedra ou à dentada, e assim comem diversos animais, como pulgas e outros como este, tudo para vingarem-se do mal que lhes causam, o que bem deixa ver que não tomaram ainda aquele conselho evangélico de pagar o mal com o bem. Quando morre algum deles, enterram-no em posição de quem está assentado, em frente lhe põem de comer com uma rede e aí dormem, e dizem que as almas vão pelos montes e ali voltam para comer. Têm grande noção do demônio e têm dele grande pavor e o encontram de noite, e por esta causa saem com um tição, e isto é o seu defensivo.

---

*dos pais, pois são os agentes, e que as mães não são mais que uns sacos em respeito aos pais, em que se criam as crianças, e por esta causa os filhos dos pais, posto que havidos de escravas e contrárias cativas, são sempre livres e tão estimados como os outros; e os filhos das fêmeas, se são filhos de cativos, os têm por escravos e os vendem, e às vezes matam e comem, ainda que sejam seus netos, filhos de suas filhas, e por isso também usam das filhas das irmãs sem nenhum pejo ad copulam.”.*

Sabem do dilúvio de Noé, bem que não conforme a verdadeira história; pois dizem que todos morreram, exceto uma velha que escapou em uma árvore.

Têm notícia igualmente de São Tomé e de um seu companheiro, e mostram certos vestígios em uma rocha, que dizem ser deles, e outros sinais em São Vicente, que é no fim desta costa. Dele contam que lhes dera os alimentos que ainda hoje usam, que são raízes e ervas e com isso vivem bem; não obstante dizem mal de seu companheiro, e não sei por que, senão que, como soube, as flechas que contra ele atiravam voltavam sobre si e os matavam. Muito se admiravam de ver o nosso culto e veneração que temos pelas coisas de Deus. Entre eles, os que são amigos vivem, em grande concórdia e amor, observando bem aquilo que se diz: *Amicorum omnia sunt communia*. Se um deles mata um peixe, todos comem deste e assim de qualquer animal. Nesta terra alguns há que não habitam casas, mas vivem pelos montes; dão guerra a todos, e de todos são temidos. Isto é o que me ocorre sobre a terra e sobre a gente que a habita e que é coisa muito para lastimar e se ter compaixão dessas almas.

Falarei agora da porta que Nosso Senhor se dignou de abrir nestes poucos meses para escolher dentre eles os que foram predestinados; porém começamos a visitar as suas aldeias, quatro companheiros que somos, a conversar familiarmente, e a anunciar-lhes o Reino do Céu, se fizerem aquilo que lhes ensinarmos; e são estes aqui os nossos bandos. Convidamos os meninos a ler e escrever e, conjuntamente, lhes ensinamos a doutrina cristã

e lhes pregamos para que com a mesma arte com que o inimigo da natureza venceu o homem dizendo: *Eritis sicut Dii scientes bonum et malum*, com arte igual seja ele vencido, porque muito se admiram de como sabemos ler e escrever e têm grande inveja e vontade de aprender e desejam ser cristãos como nós outros. Mas somente o impede o muito que custa tirar-lhe os maus costumes deles, e nisso está hoje toda a fadiga nossa.

E já por glória do Senhor nestas aldeias que visitamos em torno da cidade, muitos se abstêm de matar e de comer carne humana; e se algum o faz, fica segregado daqui.

Aonde quer que vamos somos recebidos com grande boa vontade, principalmente pelos meninos, aos quais ensinamos. Muitos já fazem as orações e as ensinam aos outros. Dos que vemos estarem mais seguros, temos batizado umas cem pessoas, pouco mais ou menos: começou isto pelas festas do Espírito Santo, que é o tempo ordenado pela Igreja: e devem haver uns 600 ou 700 catecúmenos prontos para o batismo, os quais estão bem preparados em tudo.

E alguns vêm pelos caminhos a nosso encontro, perguntando-nos quando os havemos de batizar, mostrando grande desejo e prometendo viver conforme o que lhes aconselhamos; costumamos batizar marido e mulher de uma só vez, logo depois, casando-os, com as admoestações daquilo que o verdadeiro matrimônio reclama; com o que se mostram eles muito contentes, prestando-nos muita obediência em tudo quanto lhes ordenamos. Dentre muitas coisas referirei uma que bastante me

maravillhou, e foi que ensinando um dia o padre João de Aspilcueta os meninos a ler e a fazer o sinal da cruz, e tendo os ditos meninos certas pedras de várias cores nos lábios, que é uso trazer furados e muito estimam, embaraçando as pedras de fazer-se o sinal da cruz, veio a mãe de um deles e logo tirou a pedra dos lábios de seu filho e atirou ao telhado; de repente os outros fizeram o mesmo: e isto foi logo quando começamos de ensinar. Outra vez descobriu o mesmo padre em uma aldeia, que cozinhavam o filho de um inimigo, a fim de comerem-no; e por-que fossem repreendidos, soubemos mais tarde que o enterraram e o não quiseram comer.

Outras coisas semelhantes se têm dado, que seria longo enumerar, e a maior parte delas com o dito padre que anda sempre pelas aldeias e aí dorme e come para ter mais facilidade em pregar à noite, porque a esta hora é que estão juntos na aldeia e mais descansados: e já sabe a língua deles que, ao que parece, muito se conforma com a biscainha, de modo que com eles se entende; e a todos nos leva vantagem, que parece Nosso Senhor ter feito especial graça à nação de Navarra, em acudir aos infiéis como fazem mestre Francisco<sup>23</sup> nas outras índias do Rei de Portugal, e este padre nas terras do Brasil, onde corre com tanto fervor de uma terra à outra, que parece abraçar os montes com o fogo da caridade.

Em duas das principais aldeias de que tem cargo, fizeram-lhe uma casa onde esteja e ensine aos catecúmenos; em outra aldeia, também pró-

---

<sup>23</sup>São Francisco Xavier, Apóstolo das índias, fallecido a 2 de Dezembro de 1552.

ximo a esta cidade, fizemos uma casa a modo de ermida, onde um de nós está incumbido de ensinar e pregar aos batizados de pouco, e a outros muitos catecúmenos, que nela vivem.

Os principais da terra batizaremos em breve, que outra não se espera senão que tornem a suas mulheres, que têm esperança em que conservem a fidelidade; porque é costume até agora entre eles não fazerem caso do adultério, tomarem uma mulher e deixarem outra, como bem lhes parece e nunca tomando alguma firme. O que não praticam os outros infiéis de África e de outras bandas, que tomam mulher para sempre e, se a abandona, é mal visto; o que não se usa aqui, mas ter as mulheres simplesmente como concubinas.

De muitas partes somos chamados, para irmos ensinar as coisas de Deus e não podemos chegar, porque somos poucos; e certo, creio que em todo o mundo não se nos depara terra tão disposta para produzir o fruto como esta, onde vemos almas perecerem, por se não poder remediá-las. Em falta, vamos lhes acendendo a vontade de ser cristãos, para que se morrerem, neste comenos, enquanto dura o catecismo, deles Deus haja misericórdia. Aos que amam a Deus e desejam a sua glória não sei como lhes sofre a paciência de se não embarcarem logo e virem cavar nesta vinha do Senhor que tão espaçosa é, e que tão poucos operários possui. Poucas letras bastariam aqui, porque tudo é papel branco, e não há que fazer outra coisa, senão escrever à vontade as virtudes mais necessárias e ter zelo em que seja conhecido o Criador destas suas criaturas.

Estando tudo nestes termos e em tão bom princípio, pelos poucos meses que aqui estamos, esforçou-se o inimigo da natureza humana (como só sempre fazer) em impedir o bom sucesso da obra: e assim determinou que a 7 ou 8 léguas daqui matassem um cristão, o da armada em que viemos; o que nos pôs em perigo de guerra e nos acharia, à nossa gente, em má ocasião, desprevenidos e mal fortificados na nova cidade. Mas quis o Senhor, que do mal sabe tirar o bem, que os mesmos índios trouxessem o homicida e apresentaram-no ao governador, o qual logo o mandou colocar à boca de uma bombarda e foi assim feito em pedaços\*. Isto pôs grande medo aos outros todos que estavam presentes; e os nossos cristãos se abstiveram de andar pelas aldeias, o que foi serviço de Deus, por evitarem os escândalos que aos índios davam, andando pelas suas terras.

Quando viajamos nós outros da Companhia, nunca nos abandonam, e antes nos acompanham para onde se queira, maravilhados com o que pregamos e escutando com grande silêncio.

Dentre outras coisas, recorde-me que por meio de um menino língua eu lhes dizia, uma noite em que eu pregava ao luar (não lhes podendo ensinar mais), que tivessem fé em Jesus Cristo, e que ao deitar e ao levantar o invocassem dizendo: “Jesus, eu te encomendo a minh’alma”. Depois que deles me parti, andando pelos caminhos, notei a alguns que diziam em voz alta o nome de Jesus,

---

\*Conf. Carta de Thomé de Sousa a El-rei, de 18 de Junho de 1551, 3n *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*, III, 362, Porto, 1924.

como lhes havia eu ensinado, o que me dava não pequena consolação. E coisa admirável é quanto por sua bondade e consolação, o Senhor todos os dias nos comunica e ainda mais avantajadamente aos outros irmãos, porque visitam mais vezes aldeias que eu, e mais o merecem a sua virtude.

Um dos que batizamos veio a nós, dizendo, por acenos e de modo que o compreendíamos, que naquela noite estivera com Deus no Paraíso, com grande alegria; e assim nos vinha contar muito contente.

Uma coisa nos acontecia que muito nos maravilhava a princípio foi que quase todos os que batizamos caíram doentes, quais do ventre, quais dos olhos, quais de apostema, e tiveram ocasião os seus feiticeiros de dizer que lhes dávamos a doença com a água do batismo e com a doutrina a morte; mas se viram em breve desmascarados, porque logo todos os enfermos se curaram. Quis por ventura o Senhor a estes seus filhos perfilhados em seu sangue provar-lhes desde cedo e ensinar-lhes que é preciso sofrer e que esta é a mesinha com que se purgam os eleitos do Senhor. Procurei encontrar-me com um feiticeiro, o maior desta terra, ao qual chamavam todos para os curar em suas enfermidades; e lhe perguntei em virtude de quem fazia ele estas coisas e se tinha comunicação com o Deus que criou o Céu e a Terra e reinava nos Céus, ou acaso se comunicava com o demônio que estava no Inferno? Respondeu-me com pouca vergonha que ele era Deus e tinha nascido Deus e apresentou-me um a quem havia dado a saúde, e que aquele Deus dos Céus era seu amigo e lhe aparecia frequentes

vezes nas nuvens, nos trovões e raios; e assim dizia muitas outras coisas. Esforcei-me vendo tanta blasfêmia em reunir toda a gente, gritando em altas vozes, mostrando-lhe o erro e contradizendo por grande espaço de tempo aquilo que ele tinha dito; e isto, com ajuda de um língua, que eu tinha muito bom, o qual falava quanto eu dizia em alta voz e com os sinais do grande sentimento que eu mostrava. Finalmente ficou ele confuso, e fiz que se desdissesse de quanto havia dito e emendasse a sua vida, e que eu pediria por ele a Deus que lhe perdoasse; e depois ele mesmo pediu que o batizasse, pois queria ser cristão, e é agora um dos catecúmenos. Vi entre os que estavam presentes alguns homens e mulheres como atônitos daquilo que eu falava, das grandezas de Deus. Estas e outras coisas obram o Senhor por nosso ministério intergentes. Vossa Reverendíssima, pois que tem o zelo da Divina honra, nos ajude com as suas orações e escrevendo-nos o que Deus lhe faça sentir.

E assim fico pedindo a bênção do Pai e Mestre em Jesus Cristo Senhor Nosso.

Deste porto e cidade do Salvador a 10 de agosto de 1549. De V. R. P. servo no Senhor.

---

*Foi publicada em italiano no 1º vol. (1558) dos Diversi avisi, ed. de Veneza, de ff. 32 v. a 37 v., e agora traduzida em brasileiro pelo sr. João Ribeiro Fernandes, digno oficial da Biblioteca Nacional. [Sábio professor do Colégio Pedro II, filólogo, historiador e membro da Academia Brasileira].*

## V - INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO BRASIL

Clima, frutos e mantimentos. — Guianases, Carijós, Gaimares, Tupiniquins e Tupinambás. — Frades castelhanos. — Pai Tupã. — Os feiticeiros. — Morte dos prisioneiros. — Agouros. — Liberalidade dos índios. — O dilúvio. — Perguntas sobre Deus. — São Tomé.

A informação que destas partes do Brasil vos posso dar, padres e irmãos caríssimos, é que tem esta terra mil léguas de costa, toda povoada de gente que anda nua, assim mulheres como homens, tirando algumas partes muito longe de onde estamos, onde as mulheres andam vestidas à moda de ciganas, com panos de algodão, pela terra ser mais fria que esta, a qual é aqui muito temperada, de tal maneira que o inverno não é frio nem quente, e o verão, ainda que seja mais quente, bem se pode sofrer; porém é terra muito úmida, pelas muitas águas que chovem em todo o tempo muito a miúdo, pelo qual as árvores e as ervas estão sempre verdes, e por esta causa é a terra muito fresca. Em partes é muito áspera, por causa dos montes e matas, que sempre estão verdes.

Há nela diversas frutas que comem os da terra, ainda que não sejam tão boas como as de lá, as quais também creio se dariam cá, se se plantassem, porque vejo que se dão uvas, e ainda duas vezes no ano, porém são poucas por causa das formigas, que fazem muito dano, assim nisto como em outras coisas. Cidras, laranjas, limões dão-se

em muita quantidade, e figos tão bons como os de lá. O mantimento comum da terra é uma raiz de pau, que chamam mandioca, da qual fazem uma farinha de que comem todos, e dá também vinho, o qual, misturado com a farinha, faz um pão que escusa o de trigo\*.

Há muito pescado e também muito marisco, de se que se mantêm os da terra, e muita caça de mato e patos que criam os índios; bois, vacas, ovelhas, cabras e galinhas se dão também na terra e há delas grande quantidade.

O gentio é de diversas castas, uns se chamam Guaianases, outros, Carijós. Este é um gentio melhor que nenhum desta costa. Os quais foram, não há muitos anos, dois frades castelhanos ensinar e tomaram tão bem sua doutrina que têm já casas de recolhimento para mulheres, como de freiras, e outras de homens, como de frades. E isto durou muito tempo até que o diabo levou lá uma nau de salteadores e cativaram muitos deles. Trabalhamos por recolher os tomados e alguns temos já para os levar à sua terra, com os quais irá um padre dos nossos. Há outra casta de gentio que chamam Gaimares<sup>24</sup>; é gente que mora pelos matos e nenhuma comunicação tem com os cristãos, pelo que se espantam quando nos vêm e dizem que somos seus irmãos, porque trazemos barbas como eles, as

---

<sup>24</sup> *Mais tarde conhecidos com o nome de Aimorés, de quem descendem, segundo se diz, os atuais Botocudos, que, entretanto, não são barbados.*

*\*Para Gabriel Soares, Tratado descritivo do Brasil, 170, Rio, 1851, a mandioca era mais sadia do que o trigo, por ser de melhor digestão. "E por se averiguar por tal, os governadores Tomé de Sousa, D. Duarte e Mem de Sá não comiam no Brasil pão de trigo, por se não acharem bem com ele, e assim fazem outras muitas pessoas."*

quais não trazem todos os outros, antes se rapam, até as pestanas, e fazem buracos nos beiços e nas ventas dos narizes e põem uns ossos neles, que parecem demônios. E assim alguns, principalmente os feiticeiros, trazem todo o rosto cheio deles. Este gentio são gigantes, trazem um arco muito forte na mão e na outra um pau muito grosso, com que pelejam com os contrários e facilmente os espedaçam e fogem pelos matos e são muito temidos entre todos os outros.

Os que comunicam com nós outros até agora são de duas castas, uns se chamam Tupiniquins e os outros, Tupinambás. Estes têm casas de palmas muito grandes, e delas em que pousarão cinquenta índios com suas mulheres e filhos. Dormem em redes de algodão junto do fogo, que toda a noite têm aceso, assim por amor do frio, porque andam nus, como também pelos demônios que dizem fugir do fogo. Pela qual causa trazem tições de noite quando vão fora. Esta gentilidade nenhuma coisa adora, nem conhece a Deus; somente aos trovões chama Tupã, que é como quem diz coisa divina. E assim nós não temos outro vocábulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Jesus que chamar-lhe *Pai Tupã*.

Somente entre eles se fazem uma cerimônia da maneira seguinte: de certos em certos anos vêm uns feiticeiros de muito longes terras, fingindo trazer santidade e, ao tempo de sua vinda, lhes mandam limpar os caminhos e vão recebê-los com danças e festas, segundo seu costume; e antes que cheguem ao lugar andam as mulheres de duas em duas pelas casas, dizendo publicamente as

faltas que fizeram a seus maridos umas às outras, e pedindo perdão delas. Em chegando o feiticeiro com muita festa ao lugar, entra em uma casa escura e põe uma cabaça, que traz em figura humana, em parte mais conveniente para seus enganos e, mudando sua própria voz na de menino junto da cabaça, lhes diz que não curem de trabalhar, nem vão à roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará que comer, e que por si virá à casa, e que as enxadas irão a cavar e as flechas irão ao mato por caça para seu senhor e que hão de matar muitos dos seus contrários, e cativarão muitos para seus comeres e promete-lhes larga vida, e que as velhas se hão de tornar moças, e as filhas que as deem a quem quiserem e outras coisas semelhantes lhes diz e promete, com que os engana, de maneira que creem haver dentro da cabaça alguma coisa santa e divina, que lhes diz aquelas coisas, nas quais creem. Acabando de falar o feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem demoniadas (como de certo o são), deitando-se em terra, e espumando pelas bocas, e nisto lhes persuade o feiticeiro que então lhes entra a santidade; e a quem isto não faz a mal. Depois lhe oferecem muitas coisas e nas enfermidades do gentio usam também estes feiticeiros de muitos enganos e feitiçarias. Estes são os maiores contrários que cá temos e fazem crer algumas vezes aos doentes que nós outros lhes metemos em corpo facas, tesouras, e coisas semelhantes, e que com isto os matamos. Em suas guerras aconselham-se com eles, além dos agouros que têm de certas aves.

Quando cativam algum, trazem-no com grande festa com uma corda pela garganta e dão-lhe por mulher a filha do principal ou qual outra que mais o contente e põem-no a cevar como porco, até que o hajam de matar, para o que se ajuntam todos os da comarca a ver a festa, e um dia antes que o matem lavam-no todo, e o dia seguinte o tiram e põem-no em um terreiro atado pela cinta com uma corda, e vem um deles muito bem ataviado e lhe faz a prática de seus antepassados; e, acabada, o que está para morrer lhe responde, dizendo que dos valentes é não temer a morte, e que ele também matara muitos dos seus e que cá ficam seus parentes que o vingarão e outras coisas semelhantes. E morto, cortam-lhe logo o dedo polegar, porque com aquele atirava as flechas, e os demais fazem em postas para o comer, assado e cozido.

Quando morre alguns dos seus, põem-lhe sobre a sepultura bacias cheias de viandas e uma rede, em que eles dormem, muito bem lavada; e isto porque creem, segundo dizem, que, depois que morrem, tornam a comer e descansar sobre a sepultura. Deitam-nos em umas covas redondas e, se são principais, fazem-lhe uma choça de palma. Não têm conhecimento de Glória nem Inferno, somente dizem que depois de morrer vão descansar em um bom lugar, e em muitas coisas guardam a lei natural. Nenhuma coisa própria têm que não seja comum e o que um tem de partir com os outros, principalmente se são coisas de comer, das quais nenhuma coisa guardam para o outro dia, nem curam de entesourar riquezas.

A suas filhas nenhuma coisa dão em casamento, antes os genros ficam obrigados a servir a

seus sogros. A qualquer cristão que entra em suas casas dão-lhe de comer do que têm, e uma rede lavada em que durma. São castas as mulheres a seus maridos. Têm memória do dilúvio, porém falam que na terra d'água, uma mulher com seu marido subiram em um pinheiro e, depois de minguadas as águas, se desceram, e destes procederam todos os homens e mulheres. Têm muito poucos vocábulos para lhes poder bem declarar nossa Fé. Mas, contudo, damos-lhes a entender o melhor que podemos, e algumas coisas lhes declaramos por rodeios. Estão muito apegados com as coisas sensuais. Muitas vezes me perguntam se cabeça e corpo e mulher, e se come e de que se veste e outras coisas semelhantes.

Dizem eles que São Tomé, a quem eles chamam *Zomé*<sup>25</sup>, passou por aqui, e isto lhes ficou por dito de seus passados e que suas pisadas estão si-

---

<sup>25</sup>O cônego Fernandes Pinheiro (nota 10 da *Chron. de S. de Vasconcellos*, ed. brasileira de 1867) sugere que a tradição de São Tomé é criação dos jesuítas; entretanto a *Copia der Newen Zeytung auss Presillg Lanāt*, que deve ter sido impressa em 1508, segundo Wieser (*Magalhães-Strasse*, 1881, pg. 92), diz: "Sye haben aueh auff der se selbigen Costa oder lanndt gedechtnüss von sant Thomas, Sye haben auch den Portugalesern die schrit im landt dynnen wöllen zaygen, Zaygen auch an das Creütz im lannd dynnen steen. Vnd wann sie von sant Thomas reden, So sagen sie er sey der kleyn got. Doch es sey ein ander got der grossef sey. Es ist wol zuglauben, das eie gedechtnüss von sant Thomas haben, dann wissenlieh ist, das sant Thomas hyndter Malaqua leibhefftig leyt, auf der Cost Siramatl, jm Golffo de Celon. Sie haissen auch im land Ire kynder fast Thomas." (O. c., pg. 102). Acresce ainda que Thevet encontrou a mesma tradição entre os Tamoios do Rio de Janeiro ainda não visitados pelos jesuítas.

"O nome (*Zomé*), diz Southey, segundo todas as probabilidades, é uma corrupção do *Zemi* do Hayti, divindade ou pessoa divinizada. No Paraguay chamavam-no *Payzume*, palavra composta, com que designavam os seus sacerdotes." (*Hist. do Bras.*, trad., I, pg. 324).

"*Sumê*, diz Cândido Mendes (*Rev. do Inst.*, XLI, 1878, p. 2a, p. 97), segundo a interpretação do padre Vasconcellos, é São Tomé, mas parece-nos mais natural *Noé*."

naladas junto de um rio; as quais eu fui ver por mais certeza da verdade e vi com os próprios olhos quatro pisadas muito sinaladas com seus dedos, as quais algumas vezes cobre o rio quando enche; dizem também que quando deixou estas pisadas ia fugindo dos índios, que o queriam flechar, e chegando ali se lhe abriu o rio e passara por meio dele à outra parte sem se molhar, e dali foi para a Índia. Assim mesmo contam que, quando o queriam flechar os índios, as flechas se tornavam para eles, e os matos lhe faziam caminho por onde passasse: outros contam isto como por escárnio. Dizem também que lhes prometeu que havia de tornar outra vez a vê-los. Ele os veja do Céu e seja intercessor por eles a Deus, para que venham a seu conhecimento e recebam a santa Fé como esperamos.

Isto é o que em breve, caríssimos irmãos meus, vos posso informar desta terra; como vier a mais conhecimento das outras coisas que nela há, não o deixarei muito particularmente de fazer.

---

*Não traz data; mas deve ser de 1549. Balthasar da Silva Lisboa, publicando-a no vol.VI dos Anais do Rio de Janeiro, assinalou-lhe o ano de 1550. Com data de 1552 apareceu em italiano, traduzido do espanhol, no vol. I dos Diversi avisi, ed. cit., ff. 38/40. Em latim também saiu com data de 1552 nas Epistolce Japonicce, ed. de 1569, ff. 177/186, e na de 1570, ff. 396/401. [Impressa na Revista do Instituto Histórico, t.VI, 91/94]. — G.*

## VI - AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (1550) <sup>26</sup>

Padre Navarro. — Caramuru. — Ódio aos cristãos. — Sublevação. — Vicente Rodrigues e Simão Gonçalves. — Antônio Pires. — Feitiçarias. — Antropofagia. — Leonardo Nunes e Diogo Jacome. — Ilhéus. — Porto Seguro. — Padres espanhóis. — Tupiniquins. — Padres mandados por D. Manuel. — Maus exemplos dos cristãos. — Um sacerdote de má vida. — Padres de Santo Antônio em Porto Seguro. — Necessidade de mulheres. — Escravos. — Preguiça dos senhores. — Pedidos. — Clima da terra. — Fumo. — Ouro.

A GRAÇA e o amor eterno de Jesus Cristo Senhor Nosso seja sempre em ajuda e favor nosso. Amém.

Pelas naus da Bahia escrevi acerca de nossas ocupações nesta terra e de quanto se serve o Senhor Deus dos filhos de Vossa Reverendíssima que aqui estão. Agora, passarei adiante. Partidas as naus da Bahia, fiquei com os irmãos dois meses ou mais, tempo que foi distribuído deste modo.

O padre Navarro estava (como ainda está) em suas aldeias, pregando aos grandes e ensinando a ler e a fazer orações aos pequenos e ajudando a se afervorarem no amor de Deus e no desejo do batismo alguns homens e catecúmenos, entre os quais alguns o pedem com muita instância. Esperamos por todas as vias fazer-lhes deixar os muitos

---

<sup>26</sup>Não declara a quem é dirigida, mas deve ser a este Padre.

maus costumes que têm, e desejamos congregar todos os que se batizam apartados dos mais, e por isso ordenamos que Diogo Álvares fique entre eles como pai e governador, estando em bons créditos e muito na graça deles todos.

Ainda não podemos cumprir esta intenção, pela se ter demorado com receio de guerra, pois certo é que alguns povos de mais longe têm em muito ódio os cristãos e um escravo que em outro tempo fora cristão tem sublevado a maior parte deles, dizendo que o governador os quer matar a todos ou fazê-los escravos, e que nós procuramos os enganar, e a todos queremos ver mortos, e que batizar-se é fazer-se uma pessoa escravo dos cristãos e outras coisas semelhantes. Juntamente com ele ainda fizeram pressão os pecadores portugueses, e não há muito tempo que mataram em uma aldeia o filho de um cristão nascido de uma negra da terra, o que trouxe muito ressentimento ao governador, e pensamos que será origem de um bom castigo e de grande exemplo ao outro gentio, e talvez por medo se convertam mais depressa do que o fazem por amor; tanto vivem corrompidos nos costumes e apartados da verdade.

Fizemos construir em lugar mais conveniente uma igreja onde os cristãos ouvem missa e junto uma casa onde o irmão Vicente Rodrigues e Simão Gonçalves<sup>27</sup> ensinam os meninos, e existe entre a cidade e a aldeia ao pé de um rio um lugar, segundo o parecer de todos os irmãos, muito a

---

<sup>27</sup>Este Irmão foi admitido no Brasil (*Anchieta, Cart. quaãr. de Maio a Set. de 1554, publ. nos Ann. da Bibl. Nac, I, pg. 62*).

propósito e conveniente para se fazer um colégio, como já escrevi a Vossa Reverendíssima.

Os meninos cristãos e igualmente as mulheres sabem já muito bem fazer as orações e assim os filhos dos catecúmenos, os quais não batizaremos senão quando esteja a terra mais pacífica.

O padre Antônio Pires está na cidade em outra casa que temos, e cura do ensino da doutrina cristã e dos pobres nos hospitais, e diz missa e confessa, de modo que nos envergonha a todos nós com ser muito diligente em trabalhar na vinha do Senhor e em procurar sofrer por amor de Cristo.

Na língua deste país alguns somos muito rudes e mal exercitados, mas o padre Navarro tem especial graça de Nosso Senhor nesta parte, porque andando pelas aldeias dos negros, em poucos dias que aqui estamos, se entende com eles e prega na mesma língua e finalmente em tudo parece que Nosso Senhor lhe presta favor e graça para mais poder ajudar as almas. À sexta-feira quando fazemos a disciplina, juntamente com muitos da terra e depois da predica sobre a Paixão de Cristo, ainda ele se reúne a nós, nos outros dias visita ora um, ora outro lugar da cidade e à noite ainda faz cantar aos meninos certas orações que lhes ensinou em sua língua deles, em lugar de certas canções lascivas e diabólicas que antes usavam. Remetendo-me aos irmãos, não escreverei muitas coisas que aqui obra o Senhor por meio deles e que são, todavia, bastantes.

Não calarei, porém, esta que eu vi: o filho do senhor de uma aldeia que estava *in extremis*, de modo que estavam todos desesperados de que vol-

tasse à vida e o pai chorava-o já, vendo que nem mesinhas nem encantamentos ou feitiços davam proveito; sabendo o que, o padre Navarro foi vê-lo e, achando-o no meio daquelas feitiçarias, começou de o repreender e tirou-o dali para fora, pedindo ao pai do mancebo que conviesse em deixá-lo batizar, e que só pusesse a esperança em Jesus Cristo, o qual podia curar o seu filho.

Suspeitando o negro que o padre antes viera ajudá-lo a morrer, como lhe haviam dito os feiticeiros, não quis estar por nada e pôs-se a fazer mofa.

E assim o padre procurou-me para me perguntar se podia batizar sem consentimento do pai, e porque São Tomaz diz que não se deve deixar de fazê-lo quando de antemão se emprega diligência em fazer que consinta, tal como fez com muitas e muito eficazes exortações, e assim foi batizado e aprouve depois ao Senhor restituir-lhe a saúde com muita edificação dos outros e grande crédito do padre Navarro; de maneira que todos se querem batizar e aprendem a doutrina, e o mesmo chefe com toda a aldeia nada fazem senão o que lhes manda o padre, e porque antes costumavam por pouca coisa matarem-se uns aos outros e comerem carne humana, ao encontrar o padre em qualquer casa, logo se escusam dizendo que não mataram pessoa alguma e muito menos da gente em cujo lugar ele está. Em outra aldeia de cristãos que tínhamos batizados, um dia o gentio comeu uma perna de um inimigo que tinham trazido da guerra, mas secretamente e sem fazer as festas do costume; e porque nunca o soubéssemos e porque aí se achava uma mulher cristã, foi esta muito espancada pelo

marido, o qual veio ter conosco, escusando-se com declarar que não comia carne humana. Fiz por esta razão congregar os cristãos todos para exortá-los a abandonar esses costumes tão brutais, e porque muito se envergonhava aquela mulher de vir à nossa presença, serviu isto de edificante exemplo.

Quando alguns enfermam mandam-nos chamar para que lhes demos remédio e desta sorte muitos têm recobrado a saúde por graça de Deus, pelo que muito se tem neles aumentado a Fé cristã.

O padre Leonardo Nunes fez muito fruto em Ilhéus, juntamente com o irmão Diogo Jacome, não só em predicas, mas em ensinar aos meninos. No dia de Todos os Santos<sup>28</sup> partimos, eles e eu, e com a armada que veio visitar a costa, e chegando a Ilhéus encontramos o irmão Diogo Jacome<sup>29</sup> doente de febre, mas ligeiramente, depois pôde reaver a saúde por graça de Deus. Daí seguimos até a fortaleza e guarnição de Porto Seguro, onde achamos toda a terra revirada por muitas inimizades que aí havia, e quis o Senhor que por tais voltas conhecêssemos todos, que ele veio para trazer a paz à terra, porque muitos se reconciliaram com seus inimigos, perdoando todas as injúrias. Aqui ficaram o padre Leonardo e irmão Diogo Jacome, buscando crescer o fruto nas almas, começado antes por alguns padres espanhóis, como já escrevi a Vossa Reverendíssima.

Para São Vicente foram-se dez ou doze<sup>30</sup> com o padre Leonardo, não podendo ir mais por

---

<sup>28</sup> 1º de novembro de 1549.

<sup>29</sup> Como se vê, aqui há engano; provavelmente deve ser outro.

<sup>30</sup> Meninos

ser a embarcação pequena. Quando vier o governador mandaremos os outros. Neste comenos fará o padre Leonardo algum fruto e sabe Vossa Reverendíssima que ele é forte na pregação, e quando vamos juntos os dois, ele me parece o meu Abraão e eu o seu Moisés.

Diogo Jacome e eu ficamos neste Porto Seguro. Eu prego aos domingos e festas, ele ensina a doutrina cristã e os meninos estão bem adiantados nela. Esta festa de Natal confessamos muita gente por graça do Senhor, de modo que se faz ainda assim algum fruto, bem que a tudo impeçam os meus pecados. Neste Porto Seguro e em Ilhéus encontrei uma certa gente que é casta de Tupiniquins, entre os quais existem muitos dos nossos e dos naturais, ainda que dos cristãos, muitos maus exemplos são escândalos, e me parece gente mais mansa que a da Bahia e se mostram sempre amigos; e entre esses há cerca de 20 ou 30 cristãos e alguns que foram batizados por certos padres que mandou a boa memória d'el-rei Dom Manuel a este país, os quais padres foram mortos por culpa dos mesmos cristãos, segundo ouvi. Vivem eles à maneira de gentio, por carência de quem lhes aponte a verdade, e posto venham alguns à missa na matriz, seria necessário que alguns irmãos houvessem por ajudar os cristãos e mesmo converter o gentio. Visitei algumas aldeias deles e acho-lhes bons desejos de conhecer a verdade; e instavam para que ficasse no meio deles, e se bem que seja difícil fazer desarraigar aos mais velhos as suas más usanças, com os meninos, porém, se pode esperar muito fruto, porque não se opõem quase nada à nossa lei e as-

sim me parece que esteja aberta a porta para muito ajudar as almas nesta terra (ainda que aqueles que *dicunt bonum malum, et malum bonum*, pensem diversamente), pois que não têm feito resistência nem matado aos que queriam fazê-los cristãos e se deixam arrastar para a Fé, conquanto não sejam induzidos pelos cristãos que aqui vêm com o exemplo ou com a palavra ao conhecimento de Deus, mas antes os chamam cães e fazem-lhes todo o mal. E toda intenção que trazem é de os enganar, de os roubar, e por isso permitem que vivam como gentio sem a ciência da lei e têm praticado muitos desacatos e assassinatos, de sorte que quanto mais males fazem *vident obsequium se proestare Deo* e assim é de todo perdido nesta terra o zelo e a caridade para com as almas que tanto ama o Senhor.

E daí vem pouco crédito que gozam os cristãos entre o gentio, os quais não estimam mesmo nada, senão vituperam aos que de primeiro chamavam santos e tinham em muita veneração e já tudo o que se lhes diz acreditam ser manha ou engano e tomam a má parte. Esses e outros grandes males fizeram os cristãos com o mau exemplo de vida e a pouca verdade nas palavras e novas crueldades e abominações nas obras. O gentio deseja muito o comércio dos cristãos pela mercancia que fazem entre si do ferro e disto nascem da parte destes tantas coisas ilícitas e exorbitantes que nunca as poderei escrever, e não pequena dor sinto n'alma, *maxime* considerando em quanta ignorância vive aquele pobre gentio e que pedem o pão de Deus e da santa Fé, sem haver *qui frangat eis*.

A Vossa Reverendíssima direi uma coisa mais para se lastimar do que se escrever; um sacerdote da religião, comunicado do diabo, levou um dia o principal de uma aldeia ao seu adversário para fazê-lo matar e comer, o que não querendo pôr em prática o adversário, alegando que para tal efeito quisera apanhá-lo na guerra e não por astúcia. O sacerdote começou de incitá-lo chamando-o vil e pusilânime por não matar o seu inimigo, tanto que o fez e o comeu, sem outro proveito daquele religioso senão que teve não sei que pouca de fazenda. Iguais casos frequentes vezes acontecem e por isto digo que quanto mais longe estivermos dos velhos cristãos que aqui vivem, maior fruto se fará.

Chegaram aqui dois padres de Santo Antônio, os quais estiveram alguns meses neste Porto Seguro e deixaram de si muito bom exemplo e grande nome pelas suas virtudes e eram italianos, mas querendo passar para além para o gentio, desejosos de sofrerem pela Fé, a umas dez milhas daqui um deles se afogou em um rio (que eu já atravesssei com muito pouco perigo) e por isso voltou o outro a procurar um companheiro\* e onde pareça que Nosso Senhor com esses sinais nos chame a nós para tal empresa, ele nos dê as forças e a graça de servi-lo em toda parte.

Visitando estas aldeias encontrei um menino de três ou quatro anos, que alguns o tendo tirado aos adversários queriam matar e comer, coisa na verdade digna de grande lástima, e é tão difícil fazer o resgate com esta geração de Tupiniquins

---

\*Conf. *Jaboatão, Novo Orbe Serafico Brasilico, II, 16/17, Rio, 1858. O rio ficou sendo chamado do Frade.*

como nunca se poderia imaginar, de modo que não nos foi possível reavê-lo, mas por graça de Deus, de tal sorte obrei que consegui batizá-lo e a outros que havia na prisão, para o mesmo fim. Visitando os povos vizinhos desta terra, confessei a muitos e grande fruto se fez, porque muitos deixaram os pecados e tomaram por mulheres as concubinas ou as abandonaram, posto que entre estes se veem muitos cristãos que estão aqui no Brasil, os quais têm não só uma concubina, mas muitas em casa, fazendo batizar muitas escravas sob pretexto de bom zelo e para se amancebar com elas, cuidando que por isso não seja pecado, e de par com estes estão alguns religiosos que caem no mesmo erro, de modo que podemos dizer: *Omnes commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum.*

Muitos cristãos, por serem pobres, se têm casado com as negras da terra, mas bastantes outros tencionam voltar ao Reino e não queremos absolvê-los (ainda que tenham filhos) por se terem casado em Portugal e antes muito os repreendemos nas predicas. Se el-rei determina aumentar o povo nestas regiões, é necessário que venham para se casar aqui muitas órfãs e quaisquer mulheres, ainda que sejam erradas, pois também aqui há várias sortes de homens, porque os bons e ricos darão o dote às órfãs. E desta arte assaz se previne a ocasião do pecado e a multidão se aumentará em serviço de Deus.

Nesta terra, todos ou a maior parte dos homens tem a consciência pesada por causa dos escravos que possuem contra a razão, além de que muitos, que eram resgatados aos pais não se isen-

tam, mas ao contrário ficam escravos pela astúcia que empregam com eles e por isso poucos há que possam ser absolvidos, não querendo abster-se de tal pecado nem de vender um a outro, posto que nisto muito os repreenda, dizendo que o pai não pode vender o filho, salvo em extrema necessidade, como permitem as leis imperiais, e nesta opinião tenho contra mim o povo e também os confessores daqui e assim Satanás tem de todo presas as almas. Desta maneira muito difícil é tirar este abuso, porque os homens que aqui vêm não acham outro modo senão viver do trabalho dos escravos, que pescam e vão buscar-lhes o alimento, tanto os domina a preguiça e são dados a coisas sensuais e vícios diversos e nem curam de estar excomungados, possuindo os ditos escravos.

Pois que nenhum escrúpulo fazem os sacerdotes daqui, o melhor remédio destas coisas seria que o Rei mandasse inquisidores ou comissários para fazer libertar os escravos, ao menos os que são salteados, e obrigá-los a ficar com os cristãos até que larguem os maus costumes do gentio já batizado e que a nossa Companhia houvesse deles cuidado, amestrando-os na Fé, da qual pouco ou nada podem aprender em casa dos senhores e antes vivem como gentio, sem conhecimento algum de Deus. E com esta base poderemos principiar a igreja do Senhor na capital onde se casariam e viveriam junto de nós, cristãos.

Vossa Reverendíssima faça encomendar isto a Deus pelos padres e irmãos, conseguindo também de Sua Alteza que ponha aqui qualquer ordem conveniente. Seria ainda muito a propósito e de

grande proveito, haver licença da Sé Apostólica para fazer-se regulamento e outras coisas necessárias sobre a restituição dos ditos escravos salteados, porque já passaram a terceiros, e sobre os salários que lhes devem e sobre outras coisas injustas, pelo que não se pode mais restituir aos mesmos, e coisas iguais que todos os dias acontecem, por amor das quais bom expediente seria que tivéssemos da Sé Apostólica a faculdade de absolver e consolar muitas almas, *maxime* não havendo aqui bispo ou vigário-geral, bem que tenhamos esperança de que o haja em breve.

Deus queira que nos venha de tal edificação que dele se possa dizer: *Qui episcopatum desiderat, id est bonum ônus*, e não que venha para enriquecer, porque a terra é pobre, senão para alcançar as ovelhas desencaminhadas do rebanho de Jesus Cristo e ainda que muitas há aqui, que *nondum sunt ex ejus ovili, tamefr oportet Mas adducere ut sit unus Pastor et unum ovile et recem bant cum Abraham, Isaac et Jacob in regno ccelorum si quidem multi filii Regni se indignos faciunt*. E se, entretanto, por meus pecados não se puder introduzir aqui a justiça eclesiástica, deveria ao menos Sua Alteza conter a esses amancebados sob as penas que merecem, e com maior razão isto se alcançaria, como disse, mandando para cá mulheres, e tão mau exemplo se deixaria de dar ao gentio que veem estas coisas.

Recebemos aqui tudo segundo nos haveis escrito, isto é, duas caixas com os livros e ornamentos para as igrejas, os quais eram muito necessários, porque com a ajuda do Senhor se farão igrejas em muitos lugares. Quiséramos que nos

mandásseis mais algumas campainhas pequenas e grandes e igualmente cálices, ainda que sejam de metal, não podendo mais ser, e tudo o que é preciso para a missa, como o vinho e farinha, mas acima de tudo, muitos irmãos para plantarem esta nova vinha do Senhor.

Esperamos também resposta de Vossa Reverendíssima para começar o colégio do Salvador na Bahia, no qual não tanto gastaremos como pensais, porém com cem cruzados se poderão fazer moradias de taipa que bastem para principiar.

Os estudantes com pouco se manterão. Poder-se-ia até fazê-las de pedra, se assim parece a Vossa Reverendíssima, porque agora há muito boa cal.

Alguns padres daqui nos inquirem sobre a faculdade que temos de confessar e absolver, por isso desejaria poder-lhes mostrar. Vossa Reverendíssima veja se o faz pelos primeiros que para cá venham, interpondo-nos a autoridade do legado ou de outros quaisquer que portem fé.

Esta terra, como já escrevi a Vossa Reverendíssima, é muito sã para habitar-se e assim averiguamos, que me parece a melhor que se possa achar, pois que desde que aqui estamos nunca ouvi dizer que morresse alguém de febre, mas somente de velhice, e muitos de mal gálico; para a hidropisia não é boa por serem úmidos os alimentos. A água é muito boa, a terra é naturalmente quente e úmida. Para se estar de saúde, é preciso trabalhar e suar como faz o padre Navarro. Todas as comidas são muito difíceis de desgastar, mas Deus remediou a isto com uma erva<sup>31</sup>, cujo fumo muito ajuda à digestão e a outros males corporais e a purgar a

fleuma do estômago. Nenhum de nossos irmãos a usa e nem assim os outros cristãos por não se conformarem com os infiéis, que muito a apreciam. Teria dela precisão por causa da umidade e do meu catarro, mas abstenho-me considerando *non quid mihi utile est sed quod multis ut sálvi fiant*.

Até agora os negociantes e forasteiros não têm feito fazendas com medo de serem salteados pelo gentio. Se vier mais gente e tiver segura a terra, espero em Jesus Cristo que muitos e não perdidos frutos se farão em serviço de Deus com o gentio os quais se hão de batizar.

---

<sup>31</sup>Damião de Góes (Chron. de D. Manoel, ed. de Lisboa, 1566-67, p. Ia, cap. 56, ff. 52), tratando das ervas do Brasil, diz: "E a que chamamos do fumo e eu chamaria erva-santa, a quem dizem que eles (índios) chamam betun... Esta erva trouxe primeiramente a Portugal Luiz de Góes, que depois sendo viúvo se fez na Índia dos da Companhia do nome de Jesus."

Thevet, que escreve petun, foi quem o introduziu na França e não Nicot (V. Gaffarei, na Not. biogr. que precede a nova ed. das Singularitez de la France Antarctique).

Hans Staden, escreve Bittin; Lery, Petun; Oardim (Do prin. e orig. dos Inã. ão Brasil, 1881, pg. 11), Petigma, e observa o dr. Baptista Caetano na nota correspondente a esta palavra: "Muito frequentemente o y gutural é expresso pelos portugueses (inclusive Anchieta) por ig em vez de o ser por y, como posteriormente se tornou mais usado (até em Guarani). Pety ou petym ou petyma e também petum, é nome indígena da Nicotiana (tabaco) e o verbo brasileiro pitar vem evidentemente de pety ar (tomar ou chupar o petym). A palavra pito, exprimindo "cachimbo", evidentemente vem do verbo pitar por um processo de derivação inteiramente à portuguesa, tal e qual "câmbio" de "cambiar", "mando" de "mandar", "castigo" de "castigar" etc. É de notar-se que no Chillidugu ha púthem tabaco, puthemm pitar, fumar, (tomar o tabaco) e putyen queimar-se. O u do Chillidugu creio que é exatamente o y do Abafieenga." Gabriel Soares diz: "Petuma é a erva a que em Portugal chamam santa." No Vocabulário guarani do XVI século, ainda inédito, lê-se: Petigma (petyma), e no Dicc. Fort. Brás., Petyma. Montoya escreve Pety. Porto Seguro (Comm. á G. Soares, pg. 392), referindo-se a Luiz de Góes, acrescenta: "E de quem nenhum botânico tem feito caso até hoje, apesar do serviço que fez, muito maior do que Nicot."

Luiz de Góes era irmão de Pero de Góes, com quem veio ao Brasil para a donatária de Campos (P. Seg., Hist., pg. 194).

Dizem que aqui se encontrará grande quantidade de ouro que pelas poucas forças dos cristãos não está descoberto, e igualmente pedras preciosas. Deus queira que o verdadeiro tesouro e as verdadeiras joias, isto é, as almas suas que estão nas trevas, comecem a ver a luz como esperamos que será, mediante a sua misericórdia. Os nossos irmãos estão todos de saúde. Dois que admiti em Porto Seguro foram para a Bahia e são de muito boas partes. Queira Deus Nosso Senhor que para cá venham muitos irmãos plantar esta sua vinha e nos dê também graça abundante e força para servir a Sua Majestade e sem dizer mais nada sobre isto, pedindo a bênção de Vossa Reverendíssima nos recomendamos às orações de todos os padres e caríssimos irmãos nossos em Jesus Cristo.

Deste Porto Seguro, a 6 de janeiro de 1550.

Indigno filho de Vossa Reverendíssima em Cristo Nosso Senhor.

---

*Foi publicada em italiano no 3º vol. (1565) dos Diversi avisi. Não existindo aqui esta coleção completa, o ilustrado e prestimoso sr. conselheiro J. M. da Silva Paranhos [barão do Rio Branco] enviou-me a cópia de que me servi, extraída do exemplar da Biblioteca Nacional de Paris. A tradução brasileira é devida ao sr. João Ribeiro Fernandes.*

## VII - AOS PADRES E IRMÃOS (1551)

Gentio e cristãos. — Casamentos. — Padre Navarro. — Os órfãos de Lisboa. — Pernambuco. — Perda de dois barcos de índios na Bahia. — O governador determina correr a costa. — Estado de Pernambuco. — Maus costumes dos clérigos. — Obras da casa da Bahia.

EM estas partes depois que cá estamos, caríssimos padres e irmãos, se fez muito fruto. O gentio, que parece que punham sua bem-aventurança em matar os contrários e comer carne humana e ter muitas mulheres, se vão muito emendando, e todo o nosso trabalho consiste em os apartar disto; porque todo o demais é fácil, pois não têm ídolos, ainda que haja entre eles alguns que se fazem santos, e lhes prometem saúde, e vitória contra seus inimigos.

Com quanto gentio tenho falado nesta costa, em nenhum achei repugnância ao que lhe dizia. Todos querem e desejam ser cristãos; mas deixar seus costumes lhes parece áspero. Vão, contudo, pouco a pouco caindo na verdade.

Os escravos dos cristãos e os mesmos cristãos muito se têm emendado e certo que as capitânicas que temos visitado têm tanta diferença do que dantes estavam, assim no conhecimento de Deus, como em obrar virtude, que parece uma religião. Fazem-se muitos casamentos entre o gentio, o qual na Bahia está junto à cidade, e tem sua igreja junto a uma casa, onde nos recolhemos, na qual reside agora o padre Navarro. Estes determinamos tomar

por meio de outros muitos, os quais esperamos com a ajuda do Senhor fazer cristãos. Nosso Senhor se sirva de tudo, e nos ajude com sua Graça que trabalhemos, que todos venham ao conhecimento de nossa Santa Fé, e a todos a ensinemos que a queiram ouvir, e dela aproveitar-se. Principalmente pretendemos ensinar bem os moços, porque estes, bem doutrinados e acostumados em virtude, serão firmes e constantes, os quais seus pais deixam ensinar e folgam com isso, e por isso nos repartiremos pelas capitánias, e com as línguas que nos acompanham nos ocupamos nisto; aprendendo pouco a pouco a língua, para que entremos pelo sertão adentro, aonde ainda não chegaram os cristãos, e tenho sabido de um homem gentio que está nesta terra, que vivem em obediência de quem os rege e não comem carne humana, andam vestidos de peles, o que tudo é uma disposição para mais facilmente se converterem e sustentarem. Isto será o primeiro que cometeremos, como Vossa Reverendíssima mandar quem sustente estas outras partes, e as quais por cada uma das capitánias tenho ordenado que se façam casas para se recolherem e ensinarem os moços do gentio, e também dos cristãos: e para nelas recolhermos algumas línguas para este efeito.

Os meninos órfãos, que nos mandaram de Lisboa, com seus cantares atraem os filhos do gentio e edificam muito os cristãos. Em esta capitania de Pernambuco, onde agora estou, tenho esperança que se fará muito proveito, porque, como é povoada de muita gente, há grandes males e pecados nela. Andam muitos filhos dos cristãos pelo sertão

perdidos entre o gentio, e sendo cristãos vivem em seus bestiais costumes. Espero em Nosso Senhor de os retornar todos à virtude cristã, e tirá-los da vida e costumes gentílicos, e o primeiro que tenho tirado é esse que lá mando, para que, se acharem seu pai, o deem. O gentio aqui vem de muito longe a ver-nos pela fama, e todos mostram grandes desejos. É muito para folgar de os ver na doutrina, e, não contentes com a geral, sempre nos estão pedindo em casa que os ensinemos, e muitos deles com lágrimas nos olhos.

Escreveram-me agora da Bahia que, à partida, se haviam perdido dois barcos de índios que iam a pescar, nos quais iam muitos, assim dos que eram já cristãos, como do gentio. E aconteceu que todo o gentio morreu e escapou os cristãos todos, até os meninos que levavam consigo. Parece que Nosso Senhor faz tudo isto para mais aumentar sua Santa Fé.

O governador determina de ir cedo a correr esta costa e eu irei com ele, e dos padres que Vossa Reverendíssima mandar levarei alguns comigo, para deixar as capitánias providas. El-rei Nosso Senhor escreveu ao governador que lhe escrevesse se havia já padres em todas, as quais, sem ficar nenhuma, temos visitado, e em todas estão padres senão nesta de Pernambuco, que é a principal e mais povoada, e onde mais aberta está a porta, à qual até aqui não tínhamos vindo por falta de embarcação, e por sermos poucos.

Os clérigos desta terra têm mais ofício de demônios que de clérigos: porque, além de seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a

doutrina de Cristo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em pecado com suas negras, pois que são suas escravas, e que podem ter os salteados, pois que são cães, e outras coisas semelhantes, por escusar seus pecados e abominações, de maneira que nenhum demônio temo agora que nos persiga, senão estes.

Querem-nos mal, porque lhes somos contrários a seus maus costumes e não podem sofrer que digamos as missas de graça, em detrimento de seus interesses. Cuido que, se não fora pelo favor que temos do governador e principais da terra, e assim porque Deus não o quer permitir, que nos tiveram já tiradas as vidas. Esperamos que venha o bispo, que proveja isto com temor, pois nós outros não podemos com amor.

A casa da Bahia, que fizemos para recolher e ensinar os moços, vai muito adiante, sem el-rei ajudar a nenhuma coisa, somente as esmolas do governador e de outros homens virtuosos. Quis-nos o Senhor deparar um oficial pedreiro, e este a vai fazendo pouco a pouco; tem já feito grande parte da casa e têm também cercadas as casas de uma taipa muito forte.

Cristo Nosso Senhor nos cerque com sua graça nesta vida, para que na outra sejamos recebidos em sua glória. Amém.

---

*(De Pernambuco, 1551). No cód. da Bibl. Nac. traz no fim — 1549, data errada e que está em desacordo até com a que vem no título — 1551. Foi escrita*

*em Pernambuco nesse ano e, segundo Barbosa Machado, a 11 de agosto. No original foi publicada pela primeira vez no t. VT (1844) da Rev. do Inst., pp. 104/106, e dali transcrita no Ostensor Brasileiro, t. I (1844-46), pp. 228/229, e na Cron. de S. Vasconcellos, ed. de Lisboa de 1865, vol. 2o, pp. 309/311. Em italiano anda sem o nome do autor nem data no vol. Io (1558) dos Diversi avisi, ed. de Veneza, ff. 48/50. O original conservava-se no arquivo do Colégio de São Roque, diz Barbosa Machado.*

## VIII - PARA OS IRMÃOS DO COLÉGIO DE JESUS DE COIMBRA (1551)

Chegada a Pernambuco. — Padre Antônio Pires. — Fruto entre índios e cristãos. — Ódios reconciliados. — Maus exemplos dos sacerdotes. — Uma índia meirinha. — Casamentos. — Predicas e confissões. — Duarte Coelho.

PORQUE me quero consolar escrevendo-vos, caríssimos irmãos, escrevo esta e não por ter novas que vos escrever, porque vossos irmãos que cá estão têm este cuidado. De cá vos estou contemplando e pelos cubículos visitando e com o coração amando e somente nos Céus vos desejo ver e lá vos aguardar. E isto porque o Senhor Jesus Cristo é bom e vós, caríssimos, muitas vezes lhe rezais por mim. Porque, segundo crescem meus pecados e descuidos, já tudo se perdera se tantos Moisés não tiveram de contínuo cuidado de mim.

Haverá um mês, pouco mais ou menos, que chegamos a esta capitania de Pernambuco<sup>32</sup>, o padre Antônio Pires e eu qual nos faltava por visitar e tinha mais necessidade que nenhuma outra por ser povoada de muito e ter os pecados muito arraigados e velhos. É feito muito fruto, glória ao Senhor,

---

<sup>32</sup>O padre Antônio Pires, em carta aos irmãos da Companhia datada de Pernambuco a 2 de agosto de 1551, diz: "Desta capitania de Pernambuco, onde haverá poucos dias que o padre Nóbrega e eu somos chegados." Ainda na mesma carta acrescenta: "O padre Nóbrega e eu partimos haverá 15 dias ou 20 para esta capitania de Pernambuco, onde há 6 ou 7 dias que somos chegados." [Rev. do Inst., VI, 95 / 103]. — G. Assim os jesuítas entraram pela primeira vez em Pernambuco entre 27 e 28 de julho de 1551.

por meio destes dois pobres, ou, por melhor dizer, por meio de vossas orações e pela fama da Companhia, a qual é cá tida em muita veneração. Em somente verem que somos membros dela (posto que eu podre e prouvesse a Nosso Senhor que não cortado) isto faz em todos abalo, a emendar-se de suas vidas. Os mais aqui tinham índias de muito tempo de que tinham filhos e tinham por grande infâmia casarem com elas. Agora se vão casando e tomando vida de bom estado. São feitas muitas amizades porque esta capitania estava em bandos com os principais da terra, e os fizemos amigos à porta da igreja com que já todos estão em paz. Havia muitas moças filhas de cristãos, dadas à soldada a solteiros, com a Justiça; fi-las ajuntar em casa de casados virtuosos e agora se vão casando e amparando. Pelo sertão há muitos, assim machos como fêmeas, e algumas já mulheres, filhos de brancos. Damos ordem a se tirem todos e já são fora alguns, dos quais já lá mandei um mancebo que estava perdido e comia carne humana com o gentio para lá servir e ter alguma notícia da cristandade.

Havia cá muito pouco cuidado de salvar almas; os sacerdotes que cá havia estavam todos nos mesmos pecados dos leigos, e os demais irregulares, outros apóstatas e excomungados. Alguns reconheceram seu pecado e principalmente um pediu perdão a todo o povo com muita edificação. Alguns que foram contumazes não dizem missa e andam como encartados sem aparecer, por seus erros serem muito públicos e escandalosos; os outros nos amam de muito. Estavam os homens cá em grande alusão que não comungavam quase todos

por estarem amancebados, e, todavia, os absolviam sacramentalmente, de maneira que pelas Constituições ficavam excomungados e homens que havia 20 anos que estavam nesta terra sem comungar. Tudo se vai remediando como Nosso Senhor ensina. A índias *fórras* que há muito que andam com os cristãos em pecado, trabalhamos por remediar por não se irem ao sertão porque são cristãs e lhes ordenamos uma casa à custa dos que as tinham para nela as recolher e dali casarão com alguns homens trabalhadores pouco a pouco. Todas andam com grande fervor e querem emendar-se de seus pecados e se confessam já as mais entendidas e sabem-se muito bem acusar. Com se ganharem estas se ganha muito, porque são mais de 40 só nesta povoação, afora muitas outras que estão pelas outras povoações, e acarretam outras do sertão, assim já cristãs como ainda gentias. Algumas destas mais antigas pregam às outras. Temos feito uma delas meirinha, a qual é tão diligente em chamar à doutrina que é para louvar a Nosso Senhor: estas, depois de mais arraigadas no amor e conhecimento de Deus, hei de ordenar que vão pregar pelas aldeias de seus parentes e certo que em algumas vejo claramente obrar a virtude do Altíssimo. Ganharemos também que estas nos trarão meninos de gentio para ensinarmos e criarmos em uma casa que para isso se ordena e já fazem nela com muita pressa e fervor todo o povo assim homens como mulheres. Muitos casamentos tenho acertado com estas fórras; quererá Nosso Senhor por esta via acrescentar sua Fé católica e povoar esta terra em seu temor e será fácil coisa casar todas porque com

não os absolverem e lhes mandarem tomar estado, hão-se de casar como puderem os homens, como a experiência das outras capitânicas nos tem ensinado, onde se casaram todas quantas negras forras havia entre cristãos.

Há cá muita soma de casados em Portugal que vivem cá em graves pecados: a uns fazemos ir, outros mandam buscar suas mulheres. Porém de tudo o que me alegra mais o espírito é ver por experiência o fruto que se faz nos escravos dos cristãos, os quais com grande descuido dos seus senhores viviam gentilmente em graves pecados. Agora ouvem missa a cada domingo e festa e têm doutrina e pregação na sua língua às tardes. Andam tais que assim festas como pela semana o tempo que podem furtar vêm a que lhes ensinemos as orações e muito antes de irem pescar ou a seus trabalhos hão de ir rezar à igreja e o mesmo da tornada antes que entrem em casa. E destes é a multidão tanta que não cabem na igreja e muitas vezes é necessário fazer duas equipações deles, de maneira que assim nós, como os meninos órfãos, é necessário o mais do tempo gastá-lo com eles.

Os que estão amancebados com suas mesmas escravas, fazemos que casem com elas e, por ser costume novo a seus senhores, hão medo que casando lhes fiquem forras, e não lhe podemos tirar da cabeça. Isto é coisa muito proveitosa para estas partes; e para São Tomé e outras partes onde há fazendas de muitos escravos, devia el-rei de mandar desenganar aos senhores, que não ficam forros, porque isto receiam; que de outra maneira todos os casariam.

Destes escravos e das pregações corre a fama às aldeias dos negros, de maneira que vêm a nós de muito longe a ouvir nossa prática. Dizemolhes que por seu respeito principalmente viemos a esta terra e não por os brancos. Mostram grande vontade e desejos de os conversarmos e ensinarmos. Muito fácil coisa é serem todos cristãos se houver muitos obreiros que os conservem em bons costumes, porque de outra maneira far-se-á a grande injúria ao sacramento.

Vinde, caríssimos irmãos, ou chorai tanto que Nosso Senhor vos outorgue. Em todas as capitánias se ordenam casas para os filhos do gentio se ensinarem, de que se crê resultar grande fruto e para mais em breve o Senhor ajuntar seus escolhidos que nesta gentilidade tem. Eu prego domingos e festas duas vezes a toda a gente da vila que é muita e às sextas-feiras tem prática com disciplina com que se muito aproveitam todos. Vão-se confessando e juntamente fazendo penitência. Assim em brancos como nos índios há grande fervor e devoção. O capitão desta capitania<sup>33</sup> e sua mulher são muito virtuosos e somente por ignorância se deixavam de fazer muitas coisas do serviço de Nosso Senhor; muito nos favorecem e ajudam em tudo.

Isto vos quis escrever assim em breve para que vejais, caríssimos, quanta necessidade cá temos de vossas orações. *Non solum nobis nati estis*: um corpo somos em Jesus Cristo; se lá não sustentardes, este vosso membro perecerá.

---

<sup>33</sup>Duarte Coelho, a quem coube a donatária. Sua mulher chamava-se Brites de Albuquerque, mas fr. Vicente de Salvador (*Hist. ão Brás.*, 1. 2º, c. 8º e 10º) chama-lhe Beatriz. [Ed. de 1918, pp. 107 e 116].

Com as novas e cartas que recebemos nos alegramos muito no Senhor. Queira ele sempre aumentar o fervor com que se obra, pois é por seu amor: e grande coisa é a Índia e o fruto dela, e eu em muito tenho também o que se cá fará, si vós vierdes, caríssimos. Lá converter-se-ão muitos Reinos e cá salvar-se-ão muitas almas, e das mais perdidas que Deus tem em todas as gerações. Até agora pouco podemos conversar o gentio, porque os cristãos estavam tais que nos ocupam muito suas confissões e negócios com eles. Das outras partes creio que vos terão escrito os irmãos Valete, *mi fratres*.

Desta capitania de Pernambuco, a 13 de setembro de 1551.

---

*Inédita. O original, segundo Barbosa Machado, conservava-se no arquivo do Colégio de São Roque.*

## IX - A EL-REI (D. JOÃO III) (1551)

Maus costumes de Pernambuco. — Os eclesiásticos. — Ódios. — Reconciliações. — Duarte Coelho. — Pregações. — O gentio da terra. — Necessidade de padres e irmãos. — Os escravos. — O Colégio da Bahia. — Pedido de escravos de Guiné. — Tomé de Sousa. — Notícias de ouro. JESUS.

A GRAÇA e amor de Cristo Nosso Senhor seja com Vossa Alteza sempre. Amém.

Logo que a esta capitania de Duarte Coelho chegamos, outro padre e eu, escrevi a Vossa Alteza dando-lhe alguma informação das coisas desta terra, e por ser novo nesta capitania e não ter tanta experiência dela, me ficara por escrever alguma coisa que nesta suprirei.

Nesta capitania se vivia muito seguramente nos pecados de todo gênero, e tinham o pecar por lei e costume; os mais ou quase todos não comungavam nunca e a absolvição sacramental a recebiam perseverando em seus pecados. Os eclesiásticos que achei, que são cinco ou seis, viviam a mesma vida e com mais escândalo e alguns apóstatas, e por todos assim viverem não se estranha pecar. A ignorância das coisas da nossa Fé católica é cá muita e parece-lhes novidade a pregação delas. Quase todos têm negras forras do gentio e quando querem se vão para os seus.

Fazem-se grandes injúrias aos sacramentos que cá se ministram.

O sertão está cheio de filhos de cristãos, grandes e pequenos, machos e fêmeas, com vive-

rem e se criarem nos costumes do gentio. Havia grandes ódios e bandos. As coisas da Igreja muito mal regidas, e as da Justiça pelo consequente; finalmente *commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum*. Começamos com a ajuda de Nosso Senhor a entender em todas estas coisas e faz-se muito fruto e já se evitam muitos pecados de todo gênero, vão-se confessando e emendando e todos querem mudar seu mau estado e vestir a Jesus Cristo Nosso Senhor. Os que estavam em ódio se reconciliaram com muito amor, vão-se ajuntando os filhos dos cristãos que andam perdidos pelo sertão e já são tirados alguns e espero no Senhor que os tiraremos todos. E posto que por todas as outras capitánias houvesse os mesmos pecados e, porém, não tão arraigados, como nesta, e deve ser a causa por que foram já muito castigados de Nosso Senhor, e pecavam mais a medo, e esta não.

Duarte Coelho e sua mulher são tão virtuosos quanto é a fama que têm, e certo creio que por eles não castigou a justiça do Altíssimo tantos males até agora e, porém, é já velho e falta-lhe muito para o bom regimento da Justiça e por isso a jurisdição de toda a costa devia de ser de Vossa Alteza.

Com os escravos que são muitos se faz muito fruto, os quais viviam como gentio sem terem mais que serem batizados com pouca reverência do sacramento. Das pregações e doutrina que lhes fazem corre a fama a todo o gentio da terra e muitos nos vêm ver e ouvir o que de Cristo lhes dizemos e, segundo o fervor e vontade que trazem, parecem dizer o que outro gentio dizia a São Felippe:

*Volumus Jesum videre*; esperam-nos em suas aldeias e prometem fazer quanto lhes dissermos.

Este gentio está muito aparelhado a se nele frutificar por estar já mais doméstico e ter a terra capitão, que não consentiu fazerem-lhe agravos como nas outras partes. O converter todo este gentio é muito fácil coisa, mas o sustentá-lo em bons costumes não pode ser senão com muitos obreiros, porque em coisa nenhuma creem e estão “papel branco” para neles escrever à vontade, se com exemplo e continua conversação os sustentarem. Eu, quando vejo os poucos que somos, e que nem para acudir aos cristãos bastamos, vejo perder meus próximos e criaturas do Senhor à míngua, tomo como remédio clamar ao Criador de todos e a Vossa Alteza que mandem obreiros e a meus padres e irmãos que venham.

Damos ordem a que se faça uma casa para recolher todas as moças e mulheres do gentio da terra que há muitos anos que vivem entre os cristãos e são cristãs e têm filhos dos homens brancos e os mesmos homens que as tinham ordenem esta casa porque ali, doutrinadas e governadas por algumas velhas delas mesmas; pelo tempo em diante muitas casarão e ao menos viverão com menos ocasião de pecados, e este é o melhor meio que nos pareceu por se não tornarem ao gentio. Entre estas há muitas de muito conhecimento e se confessam e sabem bem conhecer os pecados em que viveram e as que mais fervor têm pregam às outras, e assim destas como dos escravos somos importunados de contínuo para os ensinar, de maneira que assim os meninos órfãos que conosco temos como

nós, o principal exercício é ensiná-los. Com estas forras se ganharão muitas já cristãs que pelo sertão andam e assim muitos meninos seus parentes do gentio para em nossa casa se ensinarem, além de outros muitos proveitos, que disto a glória de Nosso Senhor resultará e a terra se povoará em temor e conhecimento do Criador.

Por toda esta costa há muitos homens casados em Portugal e vivem cá em grandes pecados com muito prejuízo de suas mulheres e filhos, e devia Vossa Alteza mandar aos capitães que nisto tenham muito cuidado.

Nestas partes há muitos escravos e todos vivem em pecado com outras escravas; alguns dos tais fazemos casar, outros receiam ficarem seus escravos forros e não ousam a casá-los. Seria serviço de Nosso Senhor mandar Vossa Alteza uma provisão em que declare não ficarem forros casando, e o mesmo se devia prover em São Tomé e outras partes, onde há fazendas com muitos escravos. Com a vinda do bispo o esperávamos remediar, e agora me parece ser necessário Vossa Alteza prover nisso por se evitarem grandes pecados.

Os moradores destas capitánias ajudam com o que podem a fazer-se estas casas para os meninos do gentio se criarem nelas, e será grande meio e breve para a conversão do gentio.

O Colégio da Bahia seja de Vossa Alteza para o favorecer porque está já bem principiado e haverá nele vinte meninos, pouco mais ou menos, e mande ao governador que faça casas para os meninos, porque as que têm são feitas por nossas mãos e são de pouca duração e mande dar alguns

escravos de Guiné à casa para fazerem mantimentos, porque a terra é tão fértil que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos, se tiverem alguns escravos que façam roças de mantimentos e algodoais, e para nós não é necessário nada, porque a terra é tal que um só morador é poderoso a manter a um de nós.

Para as outras capitánias mande Vossa Alteza mulheres órfãs, porque todas casarão. Nesta não são necessárias por agora, por haver muitas filhas de homens brancos e de índias da terra, as quais todas agora casarão com a ajuda do Senhor, e se não casavam antes, era porque consentiam viver os homens em seus pecados livremente, e por isso não se curavam tanto de casar, e alguns diziam que não pecavam, porque o arcebispo do Funchal lhes dava licença.

O governador Tomé de Sousa me pediu um padre para ir com certa gente que Vossa Alteza manda a descobrir ouro; eu lhe prometi, porque também nos releva descobri-lo para o tesouro de Jesus Cristo Nosso Senhor, e ser coisa de que tanto proveito resultará a glória do mesmo Senhor e bem a todo o Reino e consolação a Vossa Alteza, e porque há muitas novas dele e parecem certas, e parece-me que irá Vossa Alteza mandar padres, porque qualquer que for fará muita falta no começado, se não vierem padres para o sustentar, e porque por outra tenho dado mais larga conta, e com a vinda do bispo, que esperamos, a quem tenho escrito, o mais aguardamos ser socorridos<sup>34</sup>. Seja isto também em ajuda para Vossa Alteza mandar Padres, porque qualquer que fôr fará muita falta no

começado, se não vierem Padres para o sustentar, e porque por outra tenho dado mais larga conta, e com a vinda do Bispo, que esperamos, a quem tenho escrito, o mais aguardamos ser soccorridos.

Cesso pedindo a Nosso Senhor Ihe dê sempre a conhecer sua vontade santa para que, cumprindo-a, seja augmentada sua Fé Católica para gloria do nome santo de Jesus Cristo Nosso Senhor *qui est benedictus in seecula*.

Desta villa de Olinda a 14 de Setembro de 1551 anos.

---

*Coimbra, II, pg. 201; dizem ter ela sido em 1552 e acrescenta este: "Chegados ao fim da viagem às minas, só as descobriu o padre Aspilcueta em grande multidão de índios, que em sua companhia o vieram seguindo até Porto Seguro." A carta de Navarro foi publicada em espanhol no mesmo ano de 1555 na pequena coleção (Copia de*

---

<sup>34</sup>*Esta empresa parece que só se realizou em 1553 e foi nela o padre Aspilcueta Navarro, que em carta de Porto Seguro, de 24 de junho de 1555 dá conta da expedição, dizendo que passava de ano e meio que andava nela. Vasconcellos (Chron., I, I, n° 122) e Franco (Imag. do Coll. O original desta carta conserva-se na Torre do Tombo de Lisboa (O. Chron. Part. Ia Maç. 86. D. 125) e o Instituto Histórico possui cópia extraída dele. Publicada pela primeira vez no t. II (1840) da Rev. do Inst., pp. 277 / 280 [pp. 279/282 da 2a ed.], foi reproduzida no vol. 2° da Cron. de Vasconcellos, ed. de Lisboa de 1865, pp. 301 / 308. Havendo dúvida se a data era 14 de setembro, como está na cópia do Inst. Hist., ou 17, como saiu na citada Rev., foi consultado a este respeito o sr. Lino de Assumpção, que escreve: "A data da carta de Nóbrega é 14. Está bem visível e para não haver dúvida está escrita duas vezes no sobrescrito em algarismo 14. São duas folhas de papel almaço amarelado do tempo com boa letra do século muito firme." Ainda ao sr. Lino de Assumpção devemos o fac-símile da assinatura que aqui se vê; a gravura é do distinto xilógrafo sr. Manoel J. da Costa Pinheiro.*

*umas Cartas de algunos Padres y Hermanos de la Comp. de Jesus que escr. ãe la Inãia, Japon, y Brasil... trasl. ãe port. en cast.) de Coimbra; entretanto S. de Vasconcellos (no n. 124 do 1. I da Chron.) dá a expedição terminada em princípio de 1553 e diz que Nóbrega partindo da Bahia em janeiro do mesmo ano estivera em Porto Seguro com o padre Navarro. — [A expedição só partiu em março de 1554, Anchieta, Anais da Biblioteca Nacional, XIX, 54, no governo de D. Duarte da Costa].*

## X - PARA O PADRE PROVINCIAL DE PORTUGAL (1552)

Chegada do bispo. — Padre Antônio Pires. — O colégio. — O governador. — Pedido de padres e meninos. — Necessidade de escravos de Guiné. — Vicente Rodrigues, Salvador Rodrigues, Navarro, Affonso Braz, Leonardo Nunes, Diogo Jacome, Padre Antônio Pires, Francisco Pires. — Dois meninos da terra pregadores. — Franceses. — Tomé de Sousa. — O sertão.

Uma recebi de Francisco Henriques, escrita por mandado de Vossa Reverendíssima; alegrou-nos muito com as mais que dos irmãos recebemos.

Véspera da véspera de São João<sup>35</sup>, chegou o bispo a esta Bahia, com toda a nau e gente de saúde, posto que trouxeram proluxa viagem, e cá parecia a todos que não viria, de que a cidade era muito triste, e muito nos tememos querer Nosso Senhor castigar os pecados desta terra com não nos trazer, *sed tristitia nostra versa est in gaudium*, com a trazer, com tanto trabalho, que, como todos dizem, foi muita obra de Nosso Senhor. O bispo veio pousar conosco, até que lhe cercaram umas boas casas, em que agora está; e muito benigno e zeloso, e mostra-se nele bem ter

---

<sup>35</sup>D. Pero Fernandes Sardinha, que, como se vê, chegou a 22 de junho de 1552 e não em 1551, como diz o Visconde de Porto Seguro na sua *Hist. ão Brás.*, pg. 251. O bispo partiu de Lisboa a 24 de março e não em fins de setembro de 1551, como diz o mesmo autor. Esta data nos dá o próprio bispo na carta escrita a D. João III da ilha de São Thiago de Cabo Verde a 11 de abril de 1551 (aliás 1552), existente na Torre do Tombo e da qual possui cópia o *Inst. Hist. O prelado assigna-se O Bispo ão Salvador.*—[A carta do bispo está publicada na *Hist. Geral*, I, 332/333].

amor, e sentir as coisas da Companhia; pregou dia de São Pedro e São Paulo com muita edificação, com que muito ganhou os corações de suas ovelhas; eu trabalharei sempre por lhe obedecer em tudo, e ele não mandará coisa, que prejudique a nosso Instituto e bem da Companhia.

O bispo determina ocupar-nos na visitação das capitâneas, e agora neste navio encarrega ao padre Antônio Pires, que está em Pernambuco<sup>36</sup>, até ele ir visitar; e, considerando eu a obediência que lhe devo ter, e não nos ocupar mais que inquirir e admoestar, a não julgar ninguém nem tomar conhecimento de coisas, e a falta que disso há de homens, e assim esta primeira vez há de ser tudo por amor, me determino fazê-lo por me parecer muito serviço de Deus Nosso Senhor; se Vossa Reverendíssima lhe não parecer bem, escreva-lhe que não o mande; porque diz que Vossa Reverendíssima lhe disse que nós o ajudaríamos nisto.

Este colégio dos meninos de Jesus vai em muito crescimento, e fazem muito fruto; porque andam pelas aldeias com pregações e cantigas de Nosso Senhor pela língua, que muito alvoroça a todos, do que largamente se escreverá por outra via; o mantimento e vestuário, que nos el-rei dá, todo o damos a eles, e nós vivemos de esmolas, e comemos pelas casas com os criados desta gente principal, o que fazemos por que se não escandalizem de fazermos roças e termos escravos, e para saberem que tudo é dos meninos.

---

<sup>36</sup> *Nóbrega deixou Pernambuco em janeiro de 1552, como declara Antônio Pires em carta de 5 de julho do mesmo ano. Chegou à Bahia em março, segundo Franco (Imag. do Coll. de Coimbra, II, p. 17).*

O governador ordenou de dar a dez<sup>37</sup> que viemos de Portugal um cruzado em ferro cada mês, para a manutenção de cada um, e cinco mil e seiscentos réis para vestir cada ano, com o qual nenhuma roupa se poderá fazer nesta terra; e, porém, eu não lhe pus groza, porque nem ainda esse merecemos.

Já tenho escrito sobre os escravos que se tomaram, dos quais um morreu logo, como morreram outros muitos, que vinham já doentes do mar; também tomei doze vaquinhas para criação, e para os meninos terem leite, que é grande mantimento; em toda maneira este ano tragam os padres provisão d'el-rei, assim de escravos como destas doze vacas, porque tenho dado fiador para dentro de um ano as pagar a el-rei, e será grande fortuna se deste ano passar; nas vacas se montaram pouco mais de trinta mil réis, e também os outros colégios das capitanias querem fazer os moradores, e escrevem-me cartas sobre isso, e querem dar escravos e muita ajuda.

Daqui a dois meses irá o governador correr a costa e irei com ele visitando as casas, e darei ordem, como me Nosso Senhor ensinar, para que se comecem a fazer; posto que algumas estão já bem principiadas.

Mande Vossa Reverendíssima padres, e com eles alguns meninos de bom exemplo e boas falas, para lhes darem bom princípio. Nesta terra, custa muito pouco fazer-se um colégio e sustentar-se,

---

<sup>37</sup>Os seis primeiros já ficaram indicados; os outros quatro vieram em 1550 e foram os padres Salvador Rodrigues, Manuel de Paiva, Affonso Braz e Francisco Pires.

porque a terra, e os meninos da terra sustentam-se com pouco, e os moradores muito afeiçoados a isso, as terras não custam dinheiro. Este da Bahia foi mais trabalho, porque se fez sem ajuda dos moradores em terra povoada de pouco, e os mais dela serem degradados e gente pobre; se el-rei favorecer a este e lhe fizer igreja e casas, e mandar dar escravos, (que digo); me dizem que mandam mais escravos a esta terra, de Guiné. Se assim for, podia vir logo provisão para mais três ou quatro, além dos que a casa tem, antes de um ano se sustentariam bem meninos e mais; porque, assim como ela está agora, mantém a 30 pessoas, e mais agora mando fazer algodoais para mandar lá muito algodão, para que mandem panos, de que se vistam os meninos, e não será necessário que o Colégio de Coimbra cá nos ajude senão com orações, antes de cá lhe sermos bons em alguma coisa.

Vicente Rodrigues era muito doente e enfermo, sempre se queixava da cabeça; mandei-lhe que não fosse mais doente, e assim o fez, já o não é, de um ano para cá, e nos ajuda muito bem em tudo. Salvador Rodrigues tem cuidado dos meninos, e falo muito bem, e também se acha já melhor; o padre Navarro está em Porto Seguro, faz seu officio. Affonso Braz tem cuidado do Espírito Santo, tem grande colégio, manda-me pedir meninos para os principiar. Leonardo Nunes e Diogo Jacome estão em São Vicente, há dias que não tenho novas deles. Este ano mandei o padre Paiva<sup>38</sup> e alguns meninos a visitá-los, por eu não poder

---

<sup>38</sup>Manuel de Paiva, que faleceu no Espírito Santo a 21 de dezembro de 1584. (*Anchieta, Mat. e Ach.*, I, pp. 14 e 72).

ir agora; irei cedo com a armada. A fama deles é grande; Antônio Pires está em Pernambuco; Francisco Pires está agora nesta Bahia, todos servem a Nosso Senhor, e empregam bem seus talentos: *Pater, quos dedisti mihi non perdidisti...* por suas virtudes, e pelas orações de Vossa Reverendíssima, posto que meu mau exemplo bastava bem a destruir tudo, e, quando regidos por mim, são tão bons, que fará, se Vossa Reverendíssima mandar um bom, que deles e de mim tenha cuidado: *Veniat, pater, veniat, si amat Jesum Christum.*

Eu tinha dois meninos da terra para mandar a Vossa Reverendíssima, os quais serão muito para a Companhia; sabem bem ler e escrever, e cantar, e são cá pregadores, e não há cá mais que aprender, e mandava-os para aprenderem lá virtudes um ano e algum pouco de latim, para se ordenarem quando tiverem idade, e folgará el-rei muito de os ver, por serem primícias desta terra. Mas por não ter embarcação boa, e ser já tarde, e andarem franceses, os não mando este ano; para outro irão com o governador, se Vossa Reverendíssima me não escrever o contrário.

O governador Tomé de Sousa eu o tenho por tão virtuoso e entende tão bem o espírito da Companhia que lhe falta pouco para ser dela; não creio que esta terra fora avante com tantos contrastes, como teve, se houvera outro governador. Dizem que se vai este ano que vem, que tememos muito vir outro que destrua tudo; de quantos lá vieram nenhum tem amor a esta terra, só ele, porque todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja à custa da terra, porque esperam de se

ir. Parece-me que se el-rei lhe der lá o que tem à sua filha, e a casar, e lhe mandar sua mulher, que folgará muito de viver cá, não por governador, senão por morador, com o que cá tem; digo de sua criação e seus escravos; porque é muito contente desta terra, e acha-se muito bem nela, e muitas vezes conheci isto dele, nem quererá ordenado de el-rei mais que qualquer favor de honra em sua vida; e se este homem cá assentar, será grande favor da terra, e com ele se ganharão muitos moradores; dê Vossa Reverendíssima disso conta a el-rei, e veja-se o espírito de suas cartas; Vossa Reverendíssima lhe escreva os agradecimentos de muitos favores que nos cá faz, porque certo nos ama muito no Senhor.

Muito desejosos andamos todos de ir pelo sertão, porque a nenhuma parte iremos onde não haja aparelho melhor para se fazer bons cristãos que nas capitánias, os quais para bem nos serem é necessário que por tempo nos experimentem e venham a conhecimento da verdade; porque ainda agora a medo nos querem, por razão das muitas maldades dos brancos, até agora o porque o dilatamos é por dar princípio a estas casas das capitánias onde fique fundamento da Companhia, a que nos matem e comam a todos os que formos; mande Vossa Reverendíssima logo muitos para que haja para deixar nos colégios, e levar dois ou três, e com eles e com o bispo teremos lugar a ir ganhando terra adiante, porque temos novas de gentio, onde acharemos alguns escolhidos para o Reino dos Céus.

A nossa igreja, que fizemos, se nos cai; porque era de taipa de mão e de palha, agora ajunta-

rei estes senhores mais honrados que nos ajudem a repará-la, até que Deus queira dar outra igreja de mais dura, se a Vossa Reverendíssima parecer bem falar nisso a el-rei; senão, os padres que vierem farão outra; que virão com fervores, que dure outros três anos, porque nossas mãos já não poderão fazer outra, senão se for daqui quinhentas léguas pelo sertão.

(Da Bahia, 1552).

---

*Sem data. Cândido Mendes (Rev. do Inst., XL, p. 2a, p. 365) assinala-lhe o mês de agosto. Publicada pela primeira vez no t. XLIII (1880) da Rev. do Inst., p. 1a, pp. 100/104.*

## XI - A EL-REI D. JOÃO (1552)

O bispo. — Pedido de mulheres. — Desafeição dos moradores à terra. — Tomé de Sousa. — Pedido de padres. — Necessidade de moradores.

### JESUS

Nosso Senhor Jesus Cristo dê muita graça e consolação a Vossa Alteza sempre. Amém.

De Pernambuco escrevi a Vossa Alteza mais largo, do que agora farei, porque de lá não havia tantos, que informassem a Vossa Alteza como há de cá; o bispo nos trouxe Nosso Senhor tão desejado de todos, posto que com muitos trabalhos e prolixa viagem, apesar do príncipe das escuridades, que bem quisera estorvar sua vinda, pois com ela *efficientur foras*, e darão muitas almas glória ao Senhor.

Já que escrevi a Vossa Alteza a falta que nesta terra há de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos pecados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas órfãs, e se não houver muitas, venham de mistura delas e quaisquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaisquer farão cá muito bem à terra, e elas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-ão do pecado.

Esta terra é tão pobre ainda agora, que dará muito desgosto aos oficiais de Vossa Alteza que lá tem com terem muito gasto, e pouco proveito ir de cá, maiormente aqueles, que desejam mais irem de cá muitos navios carregados de ouro, que para o

Céu, muitas almas para Cristo; se não se remediar em parte, com Vossa Alteza mandar moradores que rompam e queiram bem à terra, e com tirar oficiais tantos e de tantos ordenados, os quais não querem mais que acabar seu tempo e ganhar seus ordenados, e terem alguma ação de irem importunar a Vossa Alteza. Como este é seu fim principal, não querem bem à terra, pois têm sua afeição em Portugal; nem trabalham tanto para favorecer como por se aproveitarem de qualquer maneira que puderem; isto é geral, posto que entre eles haverá alguns fora desta regra.

Acrescentam-se agora gastos de bispo e cabido, o que a terra neste princípio não poderá sustentar juntamente com os oficiais: bastava cá um governador com um ouvidor-geral, sem assinaturas para não haver muitas demandas, e pouco mais para tudo o que ao presente na terra há por fazer, porque não sei que parece haver oficiais de 200\$000, com fazerem pouco mais de nada, dos dízimos da Igreja, e os padres morrerem de fome, com rezarem todo o dia. O mais do que aproveitar até agora foi de representar gente, eles e seus criados, o qual bem se escusaria, se viessem moradores. Algumas vezes cuidou quão bem empregada seria, entretanto que a terra ajuda mais dar, Vossa Alteza uma igreja ao bispo e cabido do mestrado de Cristo ou Santiago, pois é tanto para serviço do mesmo Cristo.

Temos por nova que manda Vossa Alteza ir para o ano a Tomé de Sousa; obriga-me Nosso Senhor a dizer o muito que temo vir outro, que destrua isso pouco que está feito, e que favoreça

mais os pecados, vícios que este, e que queira ir aproveitado à custa da terra; sei que folgará muito de viver nesta terra se cá tivesse sua mulher, ainda que não fosse governador, se uma filha que tem a tivesse casada. Isto tudo não sei como possa ser; os meus desejos em Nosso Senhor são que ou ele se não vá, ou façam lá outro por ele, porque o maior mal que lhe achamos é ser mais amigo da Fazenda um pouco de Vossa Alteza do que deve; ao menos, lembro a Vossa Alteza que não mande a esta terra governador solteiro nem mancebo, se a não quer ver destruída, e grande bem seria se fosse casado, e viesse com sua mulher por darmos princípio e fundamento a estas casas das capitánias, que começamos a fundar.

Não somos já idos a descobrir a terra, segundo as novas que temos, posto que com todos os meus irmãos muito o desejamos já; e certo que o espírito do Senhor nos compele e força já muito. Mande Vossa Alteza muitos da Companhia, que sustentem este pouco que está ganhado, para que nós possamos ir buscar tesouro d'almas para Nosso Senhor, e descobrir proveito para este Reino e Rei que tão bem o sabe gastar em serviço e glória do Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores.

As mais novas da terra, haverá muitos que as dirão a Vossa Alteza; o que me a mim ocorre para dizer é que vai tudo em crescimento, assim no espirital como temporal; alguns se fazem cristãos, depois de muito provados, e vai-se pondo em costume de, ou serem bons cristãos, ou apartarem-se de todo da nossa conversação; e os que se agora batizam os apartamos em uma aldeia, onde estão

os cristãos, e têm uma igreja e casa nossa, onde os ensinam; porque não nos parece bem batizar muitos em multidão, porque a experiência ensina que poucos vêm a lume, e é maior condenação sua, e pouca reverência do sacramento do batismo; o temporal também vai em crescimento, posto que devagar, porque Vossa Alteza não manda moradores, que aproveitem a terra.

Para mim tenho por averiguado que, se vierem moradores, que este gentio se senhoreará facilmente, e serão todos cristãos, se vindo eles se defender e resgatar com o gentio, permitindo-se somente resgatar com os cristãos e catecúmenos, que viverem apartados dos outros, debaixo da obediência de um pai que os reja, e de um padre nosso que os doutrine, e desta opinião acho cá a todos os que da terra mais sabem, porque gente que não tem Deus, por quem morram, e tem tanta necessidade de resgate, sem o qual não terão vida, ainda que muito a salvo nos pudessem botar da terra, não lhes convinha, e se os obrigarem a serem cristãos para poderem resgatar facilmente o farão, e já agora o fariam, se lhe defendessem; e, porém, a necessidade que temos deles e de seus serviços e mantimentos o não permite, e se vierem moradores, que rompam a terra, escusar-se-á o trato com eles, e a terra de todo se assegurará.

A terra recebe muito bem o bispo, e já se começa de ver a olho o fruto, o qual esperamos que cada vez mais irá em crescimento, porque, da primeira pregação que fez já, cada um começa a cobrir e dar roupas a seus escravos, e vêm vestidos à igreja, o que faz a autoridade e majestade de

um bispo! Espero no Senhor que, com sua vinda e doutrina, se faça nesta terra um bom povo cristão; favoreça Vossa Alteza de lá, e não bastem friezas e desgostos de estorvadores a estorvarem o santo zelo e propósito de aumentar a Fé católica, que Deus Nosso Senhor tem dado a Vossa Alteza.

(Da Bahia, 1552).

---

*Sem data; mas é de 1552, depois da chegada do bispo, que foi a 22 de junho. Publicada no t. XLIII (1880) da Rev. do Inst., p. Ia, pp. 96/100.*

## XII - AO PADRE MESTRE SIMÃO (1552)

O estado da terra. — Carijós. — O governador. — O bispo. — Dúvidas a respeito do gentio. — Diogo Álvares, o Caramuru.

Por todas as vias que posso escrevo a Vossa Reverendíssima, *quia amo patrem meum, qui et ipse amat me*; e porque me parece que tenho já bastante escrito, nesta somente darei conta a Vossa Reverendíssima de algumas coisas, que nas outras fui falto.

Todos os padres e irmãos estamos de saúde, glória a Nosso Senhor, corporal, e quietos no espírito; cada um trabalha segundo seu talento e graça, que Nosso Senhor lhe dá.

Já tenho escrito por vezes a Vossa Reverendíssima como nestas partes pretendíamos criar meninos de gentio, por ser ele muito, e nós poucos, e sabermos-lhe mal falar em sua língua, e eles dos tantos “mil anos criados e habituados em perversos costumes, e por este nos parecer meio tão necessário à conversão do gentio, trabalhamos por dar princípio a casas, que fiquem para enquanto o mundo durar, vendo que na Índia isso mesmo se pretende, e em outras partes muitos colégios, em que se criem soldados para Cristo. Confirmou isto mandarem de lá meninos, os quais, como não fossem para este fim, e para darem princípio à casa, não sei para que cá eram; o que tudo praticando com o governador, e vendo a dificuldade de manter os meninos que de lá vieram, por razão da terra ser nova, e pouca gente nela, que lhes pudesse dar es-

molas, por serem os mais degradados e outra gente pobre e miserável: assentamos com o parecer dos mais padres nossos de tomarmos terra, e ordenarmos casas de meninos, e logo assim, nós, por nossas mãos, como rogando aos índios da terra, como os escravos dos brancos, e eles mesmos, por sua devoção, começamos a roçar, e fazer mantimentos aos meninos; e, entretanto que não eram para se comer, supriu o governador com todo o necessário aos meninos, como zeloso e virtuoso que é, porque as esmolas que se pediam não bastavam a um só comer. Depois que de lá mandaram o alvará de el-rei para nos darem mantimentos e vestuário, ordenaram os oficiais de darem a dez que viemos, um cruzado em ferro a cada um, que saía pouco mais de dois tostões em dinheiro, para a manutenção nossa, e cinco mil e seiscentos réis para vestido de cada padre, cada ano; o que tudo aplicamos à casa para os meninos, e nós no vestido remediamos-nos com o que ainda do Reino trouxemos; porque a mim ainda me serve a roupa com que embarquei, que Vossa Reverendíssima por especial mandado me mandou trazer, a qual já tinha servido no colégio, em São Fins<sup>39</sup>: e, no comer, vivemos por esmolas.

Depois que vieram os escravos d'el-rei, de Guiné a esta terra, tomaram os padres fiados por dois anos três escravos, dando fiadores a isso, e acabava-se o tempo agora cedo. Deste vestuário fiz mercar outros escravos da terra; este ano, que vieram vacas d'el-rei, também tomei doze fiadas a el-rei, dando fiadores para daí a um ano se pagar, para cria-

---

<sup>39</sup>*Residência jesuítica na província de Entre Douro e Minho. (Franco, Imag. da virt. em o nov. da Comp. de Jesus na cArte ãe Lisboa, pg. 92).*

ção e leite para os meninos; tenho principiado casas para os meninos conforme a terra; até agora passamos muito trabalho para os manter; já agora que os mantimentos se vão comendo vai a casa em muito crescimento, e os meninos têm o necessário cada vez melhor, de maneira que de onde antes com muita fortuna mantínhamos a sete ou oito, agora mantêm a casa cinquenta e tantas pessoas, sem o sentir; tem a casa um barco e escravos, que matam peixe.

Alguns escravos destes, que fiz mercar para a casa, são fêmeas, as quais eu casei com os machos e estão nas roças apartados todos em suas casas, e busquei um homem leigo, que deles todos tem cuidado e os rege e governa, e nós com eles não temos conta, e com o homem nos entendemos, e o homem com eles. A causa por que se tomaram fêmeas é porque de outra maneira não se pode ter roças nesta terra, porque as fêmeas fazem a farinha, e todo o principal serviço e trabalho é delas; os machos somente roçam, e pescam e caçam, e pouco mais; e como nesta terra os mais homens sejam solteiros e tem escravas com que pecam, os quais não absolvemos sem que primeiro as não apartam de si, e eles acham outros padres que os absolvam, tornam ocasião de dizerem que também nós temos escravas, que se não escusam.

Acerta-se tão bem algumas vezes sermos causa de se forrarem negros salteados; porque de outra maneira não absolvemos, no que lhes não falam os outros padres; junta-se tudo para lançarem mão de murmurarem, e principalmente os Carijós, que fizemos forrar por serem salteados, sendo cristãos já na sua terra; e os pusemos no Espírito

Santo casados, os machos com as fêmeas em sua liberdade, e somente recolhi conosco dois moços para aprenderem conosco a serem bons cristãos. Também nos pediam dízimos do peixe e mantimentos dos meninos, o qual, por eu não consentir que se pagassem, se queixaram alguns. Estas coisas e outras, que por serem de pouca substância as não digo, são ver que me desinquietavam muito porque esta casa fosse avante e quanto mais a nosso sabor vivêramos se fôramos e vivêramos sós, e com se falar menos que temos terras e escravos, posto que se fizera menos, e ganhara menos para Cristo, me determinei com meus irmãos de darmos a entender ao mundo que desta casa não queríamos nada para nós senão para os meninos, por todas as vias que pudéssemos, e assim ordenamos de ir pedir de comer pelas casas, e os mais dos dias, dois que estamos na cidade, irmos comer com os criados do governador, o qual dá de comer com seus criados a todos que o não têm e querem ali ir tomar, e entre outros somos nós destes, e em parte nos foi bom o murmurarem de nós, porque antes as mais das vezes passávamos como Nosso Senhor bem sabe, e não sei a vida que levávamos com tanto trabalho, se pudera muito durar. Agora uma vez ao dia comemos de maneira que é melhor que duas, que antes comíamos em casa; e nos tiramos de negócios temporais, quando podemos, cometendo-os a leigos.

Neste comenos chegou o bispo tanto de nós e de toda a terra desejado, ao qual chegaram logo as vozes dos murmuradores e ele, como zeloso e pai, me disse, aconselhando-me o que devia de fazer, o que tudo posto em seu parecer e co-

municando com o governador e outros, que muito em Cristo nos amam, determinamos escrever assim tudo largo a Vossa Reverendíssima, e entretanto que em nenhuma maneira desabrisse mão da casa, a qual eu dava à Misericórdia desta cidade, e que tivessem cuidado dos meninos, o que nem eles, nem ninguém quiseram aceitar. Casas de meninos nestas partes são muito necessárias, não se podem ter sem bens temporais e de maneira que esta casa está fundada, e sendo assim há de haver estes e outros escândalos; para a Companhia se lançar de todo disto não se podem sustentar estas casas nem há zelo, nem virtude, nem homens para isto, que baste, podem-se reger no temporal por homens leigos, com ser a superioridade de tudo da Companhia, e do padre dos meninos no espiritual haver cuidado; se lá houvesse homens ou padres do espírito e virtude do padre Domenico<sup>40</sup>, a quem isto tudo encarregassem, tudo estaria em seu lugar. Agora veja Vossa Reverendíssima e dê conta disso muito larga a Nosso Senhor, e mande-nos o que façamos desta casa e das outras; também me parece que o bispo dará conta a Vossa Reverendíssima.

Com a vinda do bispo, foi a terra muito alegre, e estão todos muito edificados de suas pregações; é muito zeloso da glória e honra de Nosso Senhor, e tal qual esta terra havia mister, porque, a vir um, Bispo passeiro, fleumático e negligente como tenho visto outros, eu morrera de triste, e por ventura fora ao Inferno com ter pouca paciência. Disse missa em pontificai, dia

---

<sup>40</sup>*Pedro Domenico.*

de Nossa Senhora de Agosto, coisa tão nova e de tanto espanto nesta terra, e eu e outros padres ministramos ali com capas, e folgara muito Vossa Reverendíssima de nos ver por quão bem o fazíamos, não o havendo feito nunca. É muito desconsolado, a terra tão pobre que nem seu ordenado lhe podem pagar, e ele tem obrigações de manter a muitos e sua idade não sofre já os desamparos desta terra; é necessário que Vossa Reverendíssima tome nisto a mão, pois lá não tem ninguém, que suas coisas lembrem, e fazendo a ele fá-lo-á à toda terra, e à honra do nome de Cristo, e à Companhia e a todos; cá nos parecia bem a todos que desse el-rei alguma comenda de Cristo ou Santiago grossa a esta terra, ou pensão em outro bispado para o bispo e cabido, até esta terra dar de si mais amor, porque até agora há nela pouco mais de matos, e boas águas, e bons ares, e alguma miséria se de lá vem, e para mim, que nunca me fartei de pão e bom, porque me farto nela cada dia de farinha, sem haver medo a que venha ano de fome, nem muita chuva, nem muita seca, o que a idade do bispo não sofre, e de outra maneira nem nós teremos prelado, nem a terra poderá ir avante. Pois Vossa Reverendíssima foi princípio de tão grande bem, aparelhe-se aos trabalhos de o levar avante.

Com a vinda do bispo se moveram algumas dúvidas, nas quais eu não duvidava porque era soberbo e muito confiado em meu parecer, as quais nos pareceu bem comunicá-las com Vossa Reverendíssima para que as ponha em disputa entre parecer de letrados e me escreva o que devo fazer.

Primeiramente: se se poderão confessar por intérprete a gente desta terra que não sabe falar nossa língua; porque parece coisa nova, e não usada em a cristandade, posto que *Caiet. in summam, . 11a condit.*, e os que alegam *Nau. c. fratres n<sup>o</sup> 85, de penit. dest 5'*, digam que pode, posto que não seja obrigado.

Item: há costume nestas partes de se permitirem o gentio nas igrejas, à missa juntamente com os cristãos, e não os deitam fora por os não escandalizar: se se guardará o direito antigo ou se se permitirá estarem todos de mistura?

Item: se nos abraçarmos com alguns costumes deste gentio, os quais não são contra a nossa Fé católica, nem são ritos dedicados a ídolos, como é cantar cantigas de Nosso Senhor em sua língua pelo seu tom e tanger seus instrumentos de música, que eles em suas festas, quando matam contrários, e quando andam bêbados, e isto para os atrair a deixarem os outros costumes essenciais, e, permitindo-lhes e aprovando-lhes estes, trabalhar por lhes tirar os outros, e assim pregar-lhes a seu modo em certo tom, andando, passeando e batendo nos peitos, como eles fazem, quando querem persuadir alguma coisa, e dizê-la com muita eficácia, e assim tosquiarem-se os meninos da terra, que em casa temos, a seu modo, porque a semelhança é causa de amor, e outros costumes semelhantes a estes?

Item: como nos haveremos acerca do gentio que nos vêm a pedir o batismo, e não têm camisas nem roupas para se vestirem: se, somente por razão de andarem nus, tendo o mais aparelhado, lhes negaremos o batismo e a entrada na igreja, à missa e doutrina; porque parece que andar nu é contra a lei

de natura, e, quem a não guarda peca mortalmente, e o tal não é capaz de receber sacramento, e por outra parte eu não sei quando tanto gentio se poderá vestir, pois tantos mil anos andou sempre nu, não negando ser bom persuadir-lhes, e pregar-lhes, que se vistam e metê-los nisto quanto puder ser?

Item: se é licito fazer guerra a este gentio e cativá-los, *hoc nomine et titulo* que não guarda a lei de natura por todas vias?

Isto e as mais dúvidas que o ano passado escrevi, as quais ainda me não satisfizeram, faça Vossa Reverendíssima pôr em disputa no Colégio de Coimbra e mande-me o parecer dos principais letrados da Universidade, porque, assim como para cá, como para a Índia e outras partes de infiéis, será proveitoso saber-se, ou por melhor dizer, mande Vossa Reverendíssima quem de todos nós tenha cuidado, ensinado, ensaiado e amestrado no que cá devemos de fazer em tudo.

O bispo mostra grande fervor de se entender na conversão deste gentio, ordena um pai dos que se converterem, o qual é muito para isto, que é Diogo Álvares, muito acreditado entre este gentio; andará conosco pelas aldeias pregando; favoreça Vossa Reverendíssima de lá com fazer que el-rei lhe escreva e agradeça, e lhe ordene algum pobre ordenado por isso, pois tão bem empregado será.

(Da Bahia, 1552).

---

*Não traz data; mas, como se vê, foi escrita da Bahia, pouco depois do 15 de agosto de 1552. Publicada no t. XLIII (1880) da Rev. do Inst., p. Ia, pp. 105/111.*

### XIII - PARA EL-REI D. JOÃO (1554)

Gentio do sertão. — Órfãos da terra. — Povoação de João Ramalho. — Martim Affonso de Sousa. — Piratininga. — Guerras da Bahia. — O bispo.

A GRAÇA e consolação do Espírito Santo seja com Vossa Alteza sempre. Amém.

Porque mando este ano um padre de cá a dar conta a Vossa Alteza e à Companhia das coisas destas partes<sup>41</sup>, e por Tomé de Sousa, haver pouco, que de cá partiu, pelos quais de tudo será bem informado, não tinha eu para que escrever; mas para cumprir com a devoção de Vossa Alteza, e com os desejos, que em Nosso Senhor eu tenho, destas partes serem favorecidas dele, somente lhe darei alguma conta desta capitania de São Vicente, onde a maior parte da Companhia residimos, por ser ela terra mais aparelhada para a conversão do gentio que nenhuma das outras, porque nunca tiveram guerra com os cristãos, e é por aqui a porta e o caminho mais certo e seguro para entrar nas gerações do sertão, de que temos boas informações; há muitas gerações que não comem carne humana, as mulheres andam cobertas, não são cruéis em suas guerras, como estes da costa, porque somente se defendem; algumas têm um só principal, e outras coisas muito amigas da lei natural, pela qual razão nos obriga Nosso Senhor a mais presto lhes

---

<sup>41</sup>Foi Leonardo Nunes, que naufragando na viagem, morreu a 30 de junho de 1554. Segundo Simão de Vasconcellos, em São Vicente o chamavam Abarêbebé, "padre que voa"

socorrermos, maiormente que nesta capitania nos proveu de instrumentos para isso, que são alguns irmãos línguas, e por estas razões nesta capitania nos ocupamos mais que nas outras.

Está principiada uma casa na povoação de São Vicente, onde se recolheram alguns órfãos da terra e filhos do gentio; e do mar dez léguas, pouco mais ou menos duas léguas de uma povoação<sup>42</sup> de João Ramalho<sup>43</sup>, que se chama Piratinin<sup>44</sup>, onde Martim Affonso de Sousa primeiro povoou, ajuntamos todos os que Nosso Senhor quer trazer à sua Igreja, e aqueles que sua palavra e Evangelho engendra pela pregação, e estes de todo deixam seus costumes e se vão estremando dos outros, e muita esperança temos de serem verdadeiros filhos da Igreja, e vai-se fazendo uma formosa povoação e os filhos destes são os que se doutrinam no Colégio de São Vicente.

Na Bahia não se entende agora com o gentio por falta de línguas, que não temos; somente se sustenta aquela casa e se doutrinam alguns moços, e assim também por que andam eles agora todos baralhados em tão cruéis guerras\* que vi-

---

<sup>42</sup>Esta povoação chamava-se Santo André. — [Dela fez Tomé de Sousa capitão a João Ramalho, “natural do termo de Coimbra, que Martim Afonso já achou quando cá veio. Tem tantos filhos, netos, bisnetos e descendentes dele que não ousa de dizer a V. A., não tem cãa na cabeça nem no rosto e anda nove léguas a pé antes de jantar...” — Carta de Tomé de Sousa a el-rei, de 1º de junho de 1553, in *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, III, 364/366].

<sup>43</sup>É o famoso povoador de São Paulo sobre quem tanto se tem escrito. Dele terei ocasião de tratar nas Cartas avulsas dos jesuítas, pois de uma destas cartas se colige que ele ainda vivia em abril de 1568. É a que se refere o Visconde de Porto Seguro na sua Hist., p. 605.

<sup>44</sup>Chamavam também Piratininga; é a atual cidade de São Paulo.

\*Sobre a guerra do gentio da Bahia, veja a carta de D. Duarte da Costa a el-rei, de 10 de junho de 1555, in *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, III, 377/379.

zinhos com vizinhos e casa com casa se comem, que é grande juízo de Nosso Senhor, e é agora o mais conveniente tempo para a todos sujeitarem e os imporem no que quiserem. Já agora a terra estava honestamente segura e cheia de gente para se poder fazer, se os índios o quisessem contradizer, quanto mais que por certo se tem, que assim uns como os outros, que dentro daquela geração de dez ou doze léguas estão, lhes viriam bem, e folgariam aceitar qualquer sujeição moderada, antes que viverem nos trabalhos em que vivem; e, porém, os homens comumente vivem e buscam que sua *sunt, non quae Jesus Christi*, e querem mais qualquer repouso seu que o muito que Nosso Senhor ganharia, e não querem aventurar qualquer paz sua, por ganharem muito para Cristo e para o bem da terra, e por isso se permite que junto das portas da cidade se espedacem corpos humanos e se comam, o que é opróbrio de Cristo e desonra da nobreza portuguesa, e todos dizem: *pax, pax, et non erat pax; curavimus Bábilonem, et non est curata*. Parece razão deixarmos esta parte e quinhão ao bispo e a seus padres, o qual quer levar outro estilo com eles diferente do nosso proceder, e o seu deve ser o melhor, pois é muito virtuoso, zeloso e letrado e em tudo muito experimentado.

(Da capitania de São Vicente, [de São Paulo de Piratininga?], 1554).

---

*Sem data; mas é de 1554, porque foi em janeiro deste ano que os jesuítas se passaram a Piratininga:*

*e como se vê do contexto, Nóbrega já fala do fruto feito na nova povoação. V. Anchieta (Ann. da Bibl. Nac., I, 63 e Mat. e Ach., I, pg. 15). Cândido Mendes (Rev. do Inst., XL, p. 2a, p. 371), diz que esta carta é de 1553, o que não pode ser, porque ela mostra ter sido escrita em Piratininga.*

*Publicada no t. XLIII (1880) da mesma Rev., p. Ia, pp. 94/96. 146*

#### XIV - PARA O PADRE IGNÁCIO [DE AZEVEDO] (1556)

Chegada do padre Luiz da Grã a São Vicente. — Nova da ida do bispo ao Reino. — O gentio da Bahia. — O gentio da terra. — Os mestiços.

A UMA graça etc. Depois de ter escrito a Vossa Paternidade o ano passado de 1555 por duas, veio o padre Luiz da Grã no mês de maio, com cuja vinda nos alegramos todos e tomamos novo fervor e esforço para o serviço do Senhor, e eu me determinei com seu conselho em algumas dúvidas que tinha.

Por este navio que veio soubemos como ellei mandava ir o bispo de cá; e creio que já o não acharei na Bahia. Portanto nos determinamos, o padre e eu, de fazermos nossa profissão desta maneira: ele a fez em minhas mãos, como provincial, por não haver outro prelado na terra, o qual eu depois nas suas, como professo e, porque as embarcações nesta terra são dificultosas, e não nos esperamos ver tão cedo, o padre Luiz da Grã e eu, me aceitou com tal intenção, que V. P. o haja por bem e com vontade de ele e eu a tornarmos a fazer, quando na feita houvesse alguma dúvida.

Se eu achar o bispo na Bahia, ou outro provincial, como espero, lá a tornarei a ratificar, e o mesmo fará o padre Luiz da Grã, quando tiver quem lhe aceite; se nisso acertamos, ou se o podíamos fazer, e se a aceita, nos faça escrever V. P.

Da Bahia tenho novas estar o gentio subjugado por guerra, e muito aptos para receberem

lá doutrina; levo de cá alguns irmãos para nisso se entender de propósito, e o mesmo quererá Nosso Senhor que seja por toda a costa.

O gentio desta terra, como tem matrimônio verdadeiro, com ânimo de perseverarem toda a vida, mas tomam uma mulher e apartam-se quando querem, de maravilha se achará em uma povoação, e nas que estão ao redor perto, quem se possa casar, dos que se convertem legitimamente à nossa Fé, sem que haja impedimento de consanguinidade ou afinidade, ou de pública honestidade, e este nos é o maior estorvo que temos não os poder pôr em estado de graça, e por isso não lhe ousamos a dar o sacramento do batismo, pois é forçado a ficarem ainda servos do pecado. Será necessário haver de Sua Santidade nisto largueza destes direitos positivos, e, se parecer muito duro ser de todo o positivo, ao menos seja de toda afinidade e seja tio com sobrinha, que é segundo grau de consanguinidade, e é cá o seu verdadeiro casamento, a sobrinha, digo, da parte da irmã, porque a filha do irmão é entre eles como filha, e não se casam com as tais\*. Posto que tenhamos poder de dispensar no parentesco de direito positivo com aqueles que, antes de se converterem, já eram casados, conforme as nossas bulas, e ao direito canônico, isto não pode cá haver lugar; porque não se casam para sempre viverem juntos, como outros infieis, e se disto usamos alguma hora é fazendo-os primeiro casar, *in lege natura*, e depois se batizam.

Nestas coisas estamos muito atados e desejamos ver a clareza e um largo poder; e o mesmo

---

\*Conf. nota p. 90. — G.

é dos mestiços da terra, que nisto são iguais ao gentio; e também há destes impedimentos entre os cristãos que cá vivem, e muitos não podem ter recursos a Roma, e apartarem-se seria escândalo.

Saberá V. P. como me embarco para a Bahia<sup>45</sup>, muito chegado à morte de uma enfermidade de que nesta terra não tenho visto escapar nenhum, que é inchação do estômago; vou muito confiado de achar na Bahia provincial, assim por se me acabar os três anos, como por ser já razão que me deixe já refrigerar algum pouco, como por vezes já tenho escrito a V. P. e creio que já deve de ter ouvida a petição deste seu pobre filho.

(Da capitania de São Vicente, 1556).

---

*Sem data; mas como se vê, foi escrita em 1556, antes de 3 de maio. Publicada no t. XLIII (1880) da Rev. do Inst., p. Ia, pp. 111/113.*

---

<sup>45</sup>Nóbrega partiu a 3 de maio de 1556 e chegou à Bahia a 30 de junho. (Blasques, Carta de 4 de Agosto de 1556, publ. no t. XLIX da Rev. do Inst., p. Ia, p. 1).

## XV - PARA O PADRE IGNÁCIO [DE LOYOLA] (1556)

Padre Luiz da Grã. — Órfãos. — Meninos da terra doutrinados em São Vicente. — Ocupações dos padres. — Matheus Nogueira. — Informações do estado da Companhia.

SABERÁ Vossa Paternidade como a estas partes me mandaram os padres e irmãos que viemos, e até agora vivemos sem lei nem regra mais que trabalharmos de nos conformar com o que havíamos visto no colégio, e, como nele havíamos estado pouco, sabíamos pouco.

Chegamos à Bahia onde começamos de exercitar-nos com o gentio, e com os cristãos, vivendo de esmolas. No ano logo seguinte vieram outros quatro padres e com estes sete ou oito meninos órfãos da Casa de Lisboa, com uma procuração do padre Pedro Domenico, que deles tinha cuidado, para eu poder fazer casas e confrarias da mesma maneira que em Lisboa se fizera, e com eles não veio nenhum aviso, mas estes vinham encarregados aos padres. Vendo eu isto, determinei-me com os mais padres e irmãos que aqui nos achamos, parecendo-nos ser coisa de que a Companhia se encarregava, fazer-lhes casa, e pedi terras ao governador, ovelhas, alguns escravos d'el-rei e umas vacas para criação, determinando, com aqueles que vieram, meter outros órfãos da terra, que havia muito perdidos e faltos de criação e doutrina, e dos filhos do gentio quantos se pudessem manter na casa. E entendendo-se nisso,

chegou o padre Luiz da Grã e os mais padres e irmãos, que com ele vieram índios, lhe dão de seus mantimentos, e é a boa indústria de um homem leigo que, com três ou quatro escravos da Casa e outros tantos seus, faz mantimentos, criação, com que mantém a casa, e com algumas esmolas, que alguns fazem à casa, e com a esmola que el-rei dá<sup>46</sup>, Com a vinda dos quais soubemos, como se a Companhia lançara de ter cargos dos tais ór-

---

<sup>46</sup>chegou à Bahia em 1553, na armada de D. Duarte da Costa, trazendo em sua companhia, segundo Anchieta (*Inform. do Bras.*, 1584, nos *Hat. e Ach.*, I, p. 14), o padre Braz Lourenço e os irmãos João Gonçalves, Antônio Blasques, Gregorio Serrão e José de Anchieta, e segundo Vasconcellos (*Chron.*, I, I, n. 134) e Franco (*Synopsis ann. Soe. Jesu*, 1726), mais o padre Ambrosio Pires. Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Bras.*, I. 3o, e. 3o), que diz que a armada partiu de Lisboa a 8 de maio, dá além do padre Grã, mais dois padres sacerdotes e quatro irmãos da Companhia, cujos nomes não declara, a não ser o de Anchieta. O próprio padre Ambrosio Pires, em carta da Bahia de 15 de junho de 1555 (vol. I dos *Diversi avisi*) diz: "Dois anos há que viemos para estas terras do Brasil", e ainda acrescenta: "Como eu chegasse, mandaram-me logo para este lugar que chamam Porto Seguro e comigo veio o nosso irmão Antônio Blasques." Entretanto, Anchieta é muito explícito, dá a vinda de seis padres na armada de D. Duarte, omite o nome de Ambrosio Pires, e acrescenta que, exceto o padre João Gonçalves, todos cinco ainda viviam (1584). Nas suas *Cartas quaãr. ãe maio a setembro de 1554*, todavia, alude ao padre Ambrosio Pires, como residindo em Porto Seguro com o irmão Blasques (*An. da Bibl. Nac.*, I, p. 61, onde em vez de "Antônio Pires", que aí se lê, corrija-se "Ambrosio" como está no msc. que serviu para a publicação). Ambrosio Pires voltou ao Reino em companhia de D. Duarte da Costa, como se sabe pelo testemunho do padre Antônio Pires, na carta da Bahia de 19 de junho de 1558. Quando, porém, foi D. Duarte, em 1557 ou em 1558? É o que agora parece ficar apurado; ainda que pareça pouco provável que ele voltasse em 1558, demorando-se tanto tempo depois da vinda de Mem de Sá, que foi pouco depois de 14 de agosto de 1557, o que entretanto é exato. Nóbrega (p. 170), quando alude a demora da armada de Mem de Sá, diz: "Se N. S. trouxer a armada, que cada hora esperamos e ela se tornar este ano..." "Daqui se vê que não havia certeza de a armada voltar no mesmo ano de 1557. Na *Quaãr. ãe janeiro até abril de 1557* diz Nóbrega: "O padre Ambrosio Pires fez muito fruto esta quaresma, com suas pregações." É prova que na quaresma de 1557 o padre Ambrosio estava na Bahia. Blasques na carta do último dia de abril de 1558 (*Rev. do Inst.*, XLIX, p. Ia, p. 29) escreve: "Esta quaresma (de 1558) não houve aqui

fãos; todavia escreveu-me o padre Mirão<sup>47</sup>, que dos filhos do gentio tivéssemos, como tínhamos, até sabermos recado de V. P.; e quanto aos órfãos, de que o padre Domenico tinha cargo, trabalharia que não mandassem mais; todavia este ano passado de 555 anos, mandaram 18 ou 20 à Bahia, que não foi pequena opressão para os padres que aí estavam, para lhes buscarem a sustentação, porque o que eles tinham não lhes bastava.

Agora que eu vou à Bahia<sup>48</sup>, trabalharei quanto for possível para apartar a eles, e a outros da terra, dando cargo deles e de seus bens temporais a quem deles tenha cuidado, ficando-nos o ensiná-los e doutriná-los somente; V. P. me avise disto o que lhe parecer mais glória de Nosso Senhor.

Nesta capitania de São Vicente o padre Leonardo Nunes fez o mesmo, ajuntou muitos meninos da terra do gentio, que se doutrinavam nesta casa, e estavam de mistura com alguns irmãos, que ele recolheu nesta terra; a todos era muito dificultosa, e obrigávamo-nos a coisas que não eram de nosso Instituto, porque a manutenção deles e na terra

---

*sermão na cidade, porque nesta casa o padre Ambrosio e o padre Nóbrega estiveram sempre doentes”; e logo adiante: “E havia nisto muitas particularidades que dizer, mas bastará o que o padre Ambrosio disse poderá contar, pois vai lá”. Ora, se Ambrosio Pires se achava na Bahia na quaresma de 1558 e como ele foi com D. Duarte, segundo está provado, é certo que o ex-governador voltou em 1558, provavelmente pouco depois do último dia de abril, por todo o mês de maio. E pelo dizer de Blasques referindo-se a Ambrosio Pires — “pois vai lá” — é também certo que este foi o próprio portador da carta, que diz. “tratará de maio” (de 1557) em diante, “até a partida dos navios” para o Reino. Ainda a carta de Ambrosio Pires de 19 de julho de 1588 serve de bom argumento, porque mostra que a ida do padre tinha sido recente.*

<sup>47</sup>Diogo Mirão, que foi provincial,

<sup>48</sup>partiu a 3 de maio de 1556. (1556)

haver poucas esmolas para tanta gente, foi-me forçado, desde que à esta capitania vim, a passar os meninos a uma povoação de seus pais, donde era a maior parte deles, e com eles passei alguns irmãos e fizemos casa e igreja, e tivemos conosco somente alguns que eram de outras partes. Esta casa servia de doutrinar os filhos e os pais e mães, e outros alguns, como pelas cartas dos quadrimestres veja; daqui se visitam outros lugares do gentio, que estão ao redor.

Nesta casa se lê gramática a quatro ou cinco da Companhia e lição de casos a todos, assim padres como irmãos, e outros exercícios espirituais; a manutenção da casa, a principal, é o trabalho de índios, lhe dão de seus mantimentos, e é á boa industria de um homem leigo que, com três ou quatro escravos da Casa e outros tantos seus, faz mantimentos, criação, com que mantém a Casa, e com algumas esmolas, que alguns fazem á casa, e com a esmola que El-Rei dá; tem também esta casa umas poucas de vacas, as quais, por nossa contemplação, se deram aos meninos, quando estavam em S. Vicente, e do leite delas se mantém a casa; a casa um Irmão ferreiro<sup>49</sup>, que, por concertar as ferramentas dos de S. Vicente se ficou para se viver de esmolas, os que se nela pudessem sustentar, que serão dois ou três somente.

Desta maneira vivemos até agora nesta capitania, onde estávamos seis padres de missa e quinze ou dezesseis irmãos por todos; e aos mais sustentava aquela casa de S. Paulo de Piratinin

---

<sup>49</sup>Matheus Nogueira, recebido no Espírito Santo pelo padre Leonardo Nunes.

com alguns meninos do gentio, sem se determinar se era colégio da Companhia, se casa de meninos, porque nunca me responderam à carta que escrevesse sobre isto, e nestes termos nos tomaram as Constituições, que este ano de 56 nos fez Nosso Senhor mercê de nos mandar, pelas quais entendemos não devermos ter cargo nem de gente para doutrinar na Fé. Ao menos em nossa conversação conhecemos também não poderem os irmãos ter bens temporais nenhuns, se não for colégio; vemos que, para se fazer daquela casa de São Paulo colégio, não tem mais que a grangearia daqueles homens com aqueles escravos, os quais morreram, e nós não buscamos outros. Assim mesmo o irmão ferreiro é doente e velho, não sei quanto durará<sup>50</sup>.

As vacas foram adquiridas para os meninos da terra e são duas; a esmola d'el-rei é incerta; para não ser colégio, senão casa, que viva de esmolas, é impossível poderem se sustentar os irmãos daquela casa em toda esta capitania, nem que eu agora levasse cinco ou seis e fôssemos deles para o Espírito Santos, deles para a Bahia, porque as povoações dos cristãos são muito pobres, e, se nesta casa de São Vicente se não podem manter mais de dois ou três, que é a principal vila, quanto mais nas outras partes! Vendo-nos, o padre Luiz da Grã e eu, nesta perplexidade, dando conta aos padres, que nós aqui achamos, nos pareceu escrever estas coisas

---

<sup>50</sup> *Morreu em S. Vicente a 10 de Janeiro de 1561. (Anehieta, Carta de 12 de Junho de 1561, publ. nos Annaes ão Bio ãe Janeiro de B. da Silva Lisboa, t. VI, pg. 61).*

todas a V. P. e ao padre mestre Ignácio<sup>51</sup>, para que com o que lá se assentarem, se tomar resolução nas coisas seguintes.

Primeiramente, se nos convém que aquela casa de Piratinin seja de meninos; a nós cá parecia-nos que não, e que é melhor andá-los doutrinando por suas povoações, a pães e a filhos; e, se, todavia, el-rei quisesse casa deles, e os quisesse manter, nós não termos mais que a superintendência espiritual sobre eles. Já que el-rei os não queira manter, nem nos convenha tê-los, será bom fazermos daquela casa colégio da Companhia; e nisto o nosso voto é que, se Sua Alteza quisesse dar àquela casa alguns dízimos de arroz e miudezas, já que ali hão de estar padres e irmãos, aplicando àquela casa para sempre, e tirar de nós toda a esmola que cá nos dão, que era muito bem fazer-se colégio e se serviria muito Nosso Senhor dele. A Sua Alteza custaria menos do que lhe custa o que nos agora dá, e podia dar-nos alguns moios de arroz do dízimo, e o dízimo da mandioca da vila de Santo André, que creio que tudo é menos do que nos cá dão; e a nós escusar-nos-ia de mandarmos fazer mantimentos, nem termos necessidade de ter escravos, e com isto e com o mais que a casa tem, seria colégio fixo, porque já tem casas e igrejas e cerca em muito bom sítio, posto o melhor da terra, de toda abastança que na terra pode haver, em meio de muitas povoações de índios, e perto da vila de Santo André, que é de cristãos e todos os cristãos desejam ali viver, se lhes dessem licença. Ali foi a primeira povoação de cris-

---

<sup>51</sup>Provavelmente Ignácio de Azevedo.

tãos que nesta terra houve em tempo de Martim Afonso de Sousa e vieram a viver ao mar, por razão dos navios, de que agora todos se arrependem, e, todavia, a alguns deixaram lá ir viver; assim também se ensina já ali gramática a alguns estudantes nossos, e lição de casos a todos: e, sendo colégio, alargando-se de todo o cuidado dos meninos da terra, será necessário haver trespassação do Nuncio ou de quem o puder fazer, para aquelas vacas que são dos meninos, ficarem ao colégio nosso, no qual não haverá escândalo nenhum; porque como se houveram por contemplação do nosso irmão Pero Corrêa<sup>52</sup>, todas as têm por dos irmãos, mas elas, na verdade, delas foram doadas com umas terras, assim mesmo do irmão Pero Corrêa.

Na Bahia, se el-rei ordena de fazer colégio da Companhia, deve-lhe de dar coisa certa e dotar-lhe para sempre, que seja manutenção para certos estudantes da Companhia, e não deve aceitar V. P. dada de terras com escravos, que façam mantimento para o colégio, senão coisa certa, ou dos dízimos, ou tanto cada ano de seu tesouro, salvo se lá acharem maneira com que nós em nada nos ocupemos nisso, o qual eu não sei como possa ser, e ordene V. P. que não nos deem cá nada aos padres, que entendemos com os próximos. Porque parece que é dar-nos renda e como salário de nossos trabalhos; mas o que Sua Alteza nos havia de dar se devia repartir por estes dois colégios; *scilicet*: o da Bahia e este de São Paulo de Piratinin, que está principiado, de tal maneira, que a maior

---

<sup>52</sup>Este irmão foi admitido em São Vicente pelo padre Leonardo Nunes. Morreu a 8 de junho de 1555.

parte fosse para a Bahia, e os mais padres, que não estiverem nos colégios viverão de escolas; nisto assentamos o padre Luiz da Grã e eu.

(De Piratininga, 1556).

---

*Sem data; mas foi escrita entre janeiro e 3 de maio de 1556. Publicada no t. XLIII (1880) da Rev. do Inst., p. Ia, pp. 113/118.*

**XVI - QUADRIMESTRE DE  
JANEIRO ATÉ ABRIL DE 1557,  
AO PADRE IGNÁCIO (1557)**

Índios e cristãos. — Antropofagia. — Padres Navarro, Antônio Pires e João Gonçalves. — Um feiticeiro. — Confissões de gentio e escravos dos cristãos. — Ambrosio Pires. — Falta de mantimento.

ESTE quadrimestre de janeiro até abril relatará coisas que muito aos de cá nos hão consolado, e outras que nos hão entristecido; porque à maneira de lavradores nos havemos que se veem suas sementeiras ir bem, se alegram, e se tempo contrário lhes sucede, se entristecem: de um e de outro será Vossa Paternidade informado, para que lhe caiba parte das consolações e assim das desconsoações de seus filhos, para que, apresentando tudo a sua divina majestade em seus sacrifícios e orações, negocie com a divina misericórdia o que cumpre a estes seus filhos desterrados, e para este povo que em Cristo e para Cristo se começa a criar.

A estes índios, que ficaram aqui junto com os cristãos, posto que lhes defenderam o comer carne humana, não lhes tiram o irem à guerra e lá matarem, e, por conseguinte, comerem-se uns a outros, o que bem se poderá defender a estes vizinhos dos cristãos, segundo estão amedrontados, mas é a prática comum de todos os cristãos fazerem-nos guerrear e matar, e induzirem-nos a isso, por dizerem, que assim estarão mais seguros; o que é total estorvo de sua conversão, e por esta causa

e outras, não ousaram os padres a batizá-los, até se nisso não prover. Aconteceu, pois, que véspera dos Reis<sup>53</sup>, na aldeia do Tubarão, onde residia o padre Navarro, sendo ido o principal com sua gente à guerra aos contrários, que está além da Bahia. Os mesmos contrários vieram por outra parte, e deram em uns poucos, que estavam fazendo sal para o governador<sup>54</sup>, menos de meia légua desta cidade, e mataram muitas mulheres da aldeia do Tubarão, e outros feriram e levaram. A vinda, que este principal vinha, deu com os que haviam tomado os seus, e depois de muita peleja, tomou a alguns dos mesmos que haviam dado o salto, dos quais lhe coube um ao quinhão da aldeia do Tubarão; pediu ele licença ao governador para matar aquele, pois era dos que haviam mortos aos seus, para consolar o nojo, que tinha, dos que lhe haviam mortos; deu-lhe o governador licença para o matarem fora da aldeia. Fizeram-no assim, e mataram-no, e comeram-no, porque lhe acharam a coser; mostraram os padres muito sentimento de tão grande abominação, e veio-se o padre Navarro da aldeia, que muito sentiu a aldeia toda, queixaram-se ao governador, por haver dado tal licença, o que ele muito sentiu. Mas Nosso Senhor, que sabe do mal tirar bem, o permitiu assim pelo bem, que disso se seguiu, porque o governador fez nisso grandes ameaças aos índios e mandou apregoar por sua aldeias, sob pena de morte, que ninguém comesse carne humana; de maneira que os índios ficaram aterrorizados, e contudo isto não quiseram os pa-

---

<sup>53</sup>5 de janeiro de 1557.

<sup>54</sup>D. Duarte da Costa.

dres tornar à aldeia até o principal mostrar sinais de muito arrependimento, e os que comeram da carne fizeram penitência e não entraram na igreja por certo tempo. Nisso verá Vossa Paternidade o piedoso coração a crueldade dos cristãos desta terra, que, podendo defender a uns e a outros que não guerreiem, e todos obedeceriam, pelo grande medo que têm depois da guerra passada. Todavia lhes consentem que junto às portas da cidade venham matar aos que estão em serviço dos mesmos cristãos, e aprendem a doutrina com desejos de se batizarem; estas e outras semelhantes são cá as angústias dos que zelam a honra e casa de Deus.

Nesta igreja de São Sebastião, povoação do Tubarão, tornou a residir o padre Navarro com o padre Antônio Pires, e daqui visitavam a outra aldeia do Simão, de que nos outros quadrimestres faço menção; o trabalho que se com eles leva é dispô-los e fazê-los capazes do batismo, para quando parecer bem, dá-lhes. Aqui há 30 moços de escola nesta aldeia, e na de Simão haverá 60 ou mais, aprendem muito bem e há muitos entre eles de muito bom engenho; os mais deles sabem a doutrina toda e sabem o essencial da Fé, que em perguntas, à maneira de diálogo, lhes ensinam na sua língua; têm grande obediência aos padres, ninguém da aldeia vai fora sem pedir licença aos padres, e se algum faz alguma travessura, faz a penitência que lhe dão, e às vezes é disciplinar-se na igreja. Os que nesta aldeia residem se mantêm das esmolas dos índios, porém não deixam de padecer muita falta, porque esta aldeia não está junto do mar, mas pelo sertão um pedaço, está a pescaria longe, e por

amor dos contrários que ali os costumam de esperar, não ousam de ir pescar, senão todos juntos, o que é causa de muitas vezes eles e seus mestres padecerem muita fome.

No casa de Nossa Senhora, que está no rio Vermelho, se continuou o exercício acostumado de doutrinar aquelas duas aldeias, no que se passou muito trabalho, por estarem mais espalhados e os meninos terem ali a pescaria, onde todo o dia andam, ora uns, ora outros, de maneira que, se os não iam a buscar, não vinham, por mais que lhes tangesse a campainha, nem seus padres eram mais diligentes em vir, se primeiro não lhe rogavam, importunavam, no que experimentava grande trabalho e aflição de espírito, até que Nosso Senhor quis abrir mais caminho para nos consolar, e foi que, na povoação, perante o padre João Gonçalves, foram muitos ou todos da aldeia a fazer oferta das raízes de seu mantimento a um seu feiticeiro, para que lhes fizesse crescer a que tinham plantada, dando-lhe chuva e tempo conveniente. Outras muitas ofertas destas haviam feito, quando partiam para a guerra, mas era em secreto, posto que não faltava quem os descobrisse dos mesmos seus, a quem aquilo parecia mal e havia sua repreensão, mas esta foi em público perante o padre seu mestre, e sobre isso se ajuntou blasfemarem da nossa doutrina e desprezarem-na, o que sabido pelo governador, mandou prender ao feiticeiro e a outro que contra a doutrina falava, estiveram presos sete ou oito dias, até que pelos rogos dos padres, os soltaram, de que ficaram todos amedrontados, que daí por diante se começaram a encher as igrejas; favoreceu

a isto muito mandar o governador por sua língua pregar-lhes e autorizar-lhes, que nós ensinávamos, de maneira que subitamente vimos o notável proveito que nasceu de se castigar aquele feiticeiro, porque de onde antes nem com rogos nem com importunações queriam vir à igreja, depois logo, como ouviam a campainha acudiam todos, e logo os meninos, que antes vinham à escola com tanto trabalho de os irem buscar, vinham todos, como os chamavam com a campainha os domingos e festas, em que se ajunta a gente de duas povoações, não cabiam na igreja. De onde antes ofereciam a seus feiticeiros, trazem a oferecer à igreja; e vêm já a pedir saúde a igreja a Nosso Senhor para si e para os seus, se estão doentes, antes se tinham algum filho pequeno para morrer, não queriam que lhe o batizassem, por lhe dizerem seus feiticeiros, que morreriam logo, nem eles, se adoeciam, negavam estarem doentes por lhes não falarem no batismo, mas já agora de boa vontade dão seus filhos, antes que morram, ao batismo, e destes mandamos bom quinhão de inocentes regenerados com o santo batismo aos Céus.

O governador vendo que sucedia tão bem à prisão do feiticeiro e que tanto fruto disso *sahiu*, *apposuit ut apprehenderentur alii málefactores*, os que impediam a palavra do Evangelho do Senhor; do que resultou muito maior bem, e os índios se sujeitaram com isso mais, e se fizeram muito nossos obedientes. Assim que por experiência vemos que por amor é muito dificultosa a sua conversão, mas, como é gente servil, por medo fazem tudo, e posto que nos grandes por não concorrer sua li-

vre vontade, presumimos que não terão fé no coração; os filhos criados nisto ficarão firmes cristãos, porque é gente que por costume e criação com sujeição farão dela o que quiserem, o que não será possível com razões nem argumentos. Já agora dão os filhos de boa vontade para lhes ensinarem, e lhes levam disso que têm para ajuda de sua mantença, mas destes se aceitam poucos, por causa da sustentação que não temos para lhes dar; nesta igreja do rio Vermelho se começam já alguns a extremar dos seus e vieram a fazer casa junto da igreja, com desejos de em tudo se conformarem com a vida cristã; escolheram uma só mulher, são muito contínuos, e quanto parece ao de fora não pode ser melhor exterior, porque mostram sentir no coração o que dizem pela boca; mas, todavia, não se batizam até mais serem provados, porque como estes índios têm tantas ocasiões para tornarem atrás e muitos tornarão, não ousam os padres a batizar, sem primeiro muito os provarem. As ocasiões que têm são terem outras aldeias perto, e tão perto que uma está a uma légua da cidade, e outras a duas, e outras a mais, e onde se come carne humana, e são importunados e convidados para tais festas, assim mesmo os seus das outras aldeias tem-nos em pouco si se fazem cristãos, e ficam desonrados para com os seus além das ocasiões dos outros pecados de luxúrias, nos quais vícios, como se neles criaram e neles viveram, sempre é muito dificultoso tirá-lo.

A um destes, que estão junto da igreja, nasceu um filho, e fez muito que o batizassem logo como a um filho de cristão com solenidade, o que

se fez em um domingo, com festa e solenidade; fizeram-lhe o ofício solene e cantado, os meninos fizeram procissão com todos pela aldeia, cantando a ladainha; ali se fez uma boa pregação a todos, que eram mais de trezentas pessoas. Ofereceu este com seu filho uma oferta de peixe assado e farinha; com este se batizaram outros inocentes, por serem filhos de índios, que creem que estarão quedos sem se mudarem dali por terem obrigação ao lugar.

Esta quaresma nos quis Nosso Senhor muito consolar com as confissões do gentio, maiormente dos escravos dos cristãos, no que se conheceu tanto fervor e devoção, quando nós não cuidávamos. O padre Navarro confessava por si só, os outros padres por intérpretes; e foi de maneira, posto que todos confessassem, sempre sobejavam muitos, que não se podiam confessar; foram tão proveitosas estas confissões, que enxergamos muita emenda de seus vícios e maus costumes, e temos alcançado, que se os senhores pusessem qualquer cuidado em os fazer viver em bom estado, casando os que fossem para isso e fazê-los ir domingos e festas à missa e doutrina, que seriam melhores cristãos que seus amos, porque tirados do vício da carnalidade, todo o mais neles é muito venial.

Disto havia muitas particularidades que dizer; mas basta o dito; uma só direi, pela qual conhecerão as outras: poucos dias há que veio uma velha com uma oferta à igreja do rio Vermelho, rogando ao padre João Gonçalves que sarasse a um seu neto, que trazia, que tinha muito doente. Quis o Senhor, por virtude de suas palavras, que sarasse, para confusão do demônio, que lhes mete em cabe-

ça que lhes deitamos a morte com o batismo; outras crianças trazem à igreja enfermas, e com lhes rezar o padre João Gonçalves o Evangelho, quer o Senhor que salem por sua bondade e misericórdia.

Acham-se já índias escravas dos cristãos, que admoestadas nas confissões, que não pequem com seus senhores, nem outrem ninguém, antes se deixam espancar e se oferecem a matarem-nas antes que tornarem ao pecado passado.

O padre Ambrosio Pires fez muito fruto esta quaresma, com suas pregações, as quais fazia todos os domingos e festas e alguns dias outros da semana; é muito aceito a todos. Os cristãos nos têm muito crédito e amor, o que bem vimos esta quaresma, que sucedeu a terra estar necessitada de mantimentos, porque os índios não o tinham e padecem ainda agora muita fome; a causa disso foi não quererem os índios plantar, por terem para si, que os haviam de deitar da terra, e lhes haviam de dar guerra, no que eles tinham muita razão de cuidarem; porque em prática de muitos maus cristãos, por qualquer coisa que lhes não queriam dar os índios, ou fazer-lhes, os ameaçavam com o governador, dizendo que logo os haviam de matar e deitar fora da terra, pelo qual não ousavam a fazer nada de novo, mas somente comiam o mantimento que tinham feito, depois que estas duas igrejas se fizeram entre eles e os padres os seguraram, começaram a fazer roças, depois que aos índios se lhes acabou mantimento velho e o que tinham feito de novo não eram ainda de vez, veio-lhes grande trabalho de fome, de maneira que nem a si nem a seus mestres podiam socorrer.

No colégio da cidade também houve grande necessidade por haver muita gente e não haver remédio de sua manutenção, porque nem tinha com que mercar mantimentos aos cristãos, por não ter dinheiro, nem o haver d'el-rei para lhe darem, o que sabido pelos que regem a cidade, determinaram de nos manter a todos, sem ninguém o pedir, nem nisso nenhum de nós intervir. Mas eles, vendo nossa necessidade e falta tão manifesta, socorreram com muito mantimento, que abasta a esta casa da cidade, e daqui se provêm também os padres e irmãos, que estão nas outras igrejas com os índios.

(Da Bahia).

---

*Publicada no t. XLIII (1880) da Rev. do Inst.,  
p. 1, pp. 118/125*

## XVII - AOS MORADORES DE SÃO VICENTE (1557)

Exortações aos moradores. — Padre Antônio Pires. — Falta de bispo.

Muito amados em Jesus Cristo, irmãos, aquele Nosso Senhor que já se nos vai à destra de seu Padre, tenha por bem enviar-nos seu Santo Espírito, amém.

Obrigou-me o amor que no Senhor Nosso vos tenho a escrever estas regras a todos, já que com cada um particularmente não posso cumprir, porque como a todos eu tenho escrito em meu coração com o sangue do Novo Testamento, que o Cordeiro, poucos dias há crucificado, derramou por toda a cidade de Jerusalém com grande e igual amor por todo o mundo, assim também me pareceu bem com todos juntamente me alegrar, escrevendo a todos, pois o amor é todo um, e a todos igual.

Muito me alegrei no mesmo Senhor que caminhavam bem muitos para a vida eterna, e não lhes esqueceu logo de toda a doutrina que por boca deste pecador pobre ouviram; quererá o Senhor dar graça para se acabar, pois a deu para se começar algum fruto. Porque aproveitara de outra maneira correr um pouco após dos unguentos cheirosos do Senhor, após dos quais corriam as que diz a esposa nos cantares, senão achegardes à botica onde eles estão, que é a vida eterna, assim como diz o apóstolo São Paulo que chegueis, não como gente que açoita o ar, e que corre, e não sabe para onde nem

a que fim, mas como gente a quem espera Jesus Cristo para dar a coroa e fogaça da vida eterna, que os dias passados aparelhou a todos aqueles que o amam, padecendo e ressuscitando, e agora subirá aos Céus a aparelhar o lugar, assentado à destra de seu Padre, que somente faltava, e para dali nos mandar o seu espírito consolador a todos aqueles que, com as portas de seus sentidos fechadas, por medo das tentações diabólicas, estão com o discípulo do Senhor juntos em oração, e conformidade de vontade; porque, assim como é fogo de amor do Padre e do Filho, que é um Deus verdadeiro, assim também não obra sua infinita virtude senão onde acha uns mesmos corações, uns mesmos desejos, uma paz, uma opinião, um amor, uma bondade, uns propósitos, uns mesmos servidores de Cristo, o qual na oração que no horto fazia, quando nossos pecados lhe doeram tanto que obrigou a caridade sua infinita, com que amava sua criatura, a suar gotas de sangue que de seu corpo aos vestidos corria, e dos vestidos a terra regava, por ser muito para o tal tempo guardou pedir a seu Padre, que, assim como eles eram uma mesma coisa, todos os seus escolhidos fossem uma mesma coisa com eles, porque também na vida eterna tudo será com Deus; pois está escrito que os que querem bem a Deus, um mesmo espírito serão com ele. Esta é aquela coisa só, que o Senhor Jesus Cristo dizia às suas amigas Martha e Magdalena que lhes era necessária, porque todo o mais perturba muito, e faz lograr a este mundo ainda em suas maldades com pouco gosto, e faz perder o outro, porque arruidos, nem ódios, nem presunções, nem mur-

murações, nem desinquietações, e outras coisas semelhantes, não moram na casa de Cristo, a qual, posto que tenha muitas moradas, em nenhuma se recolhem as tais obras, pois que já tem a potência e justiça deputados outros aposentos no centro da terra para os tais, onde para responder uma coisa com outra há choro e bater de dentes, e outros trabalhos, os que queira o Senhor por sua bondade ordenar de maneira que nunca os experimenteis. Porque grande mal é de trabalhos deste mundo ir a possuir outros maiores no outro, e já que é posta a lei no mundo que os filhos de Adão padeçam trabalhos, sejam antes os da penitência proveitosa, os quais o Senhor, com sua graça de consolação e alegria espiritual, faz muito pequenos, pois o seu jugo é sempre suave e leve, e é fiel senhor e bom, que nos ajuda a levar, ainda agora por sua parte, e sempre quer levar o maior peso, desde que se avezou uma vez a levar a cruz às costas para o Calvário, ele de uma parte, e Simão Cirineu da outra. Com tal companheiro, com tão amoroso Senhor, quem poderá ser tão fraco, que não possa fazer penitência de seus pecados, com tanto sangue derramado, que é verdadeira mesinha de nossas chagas? Quem não se curará? Curai-vos, irmãos, curai-vos, se ainda não\* abastou a quaresma, nem padecer Cristo, nem ressuscitar, nem abrirem-nos lá o tesouro todo da santa Igreja, para pagardes com ele todas as vossas dívidas, porque, muito coitado será aquele por quem passaram estas coisas todas, e ficar ainda por curar, e muito mais coitado aquele, do qual se despede Jesus Cristo, subindo-se à destra do Padre, e o deixa ainda em pecado mortal,

e sobretudo muito mais mal aventurado aquele a quem, nem com tudo isto, nem com o Senhor nos mandar o seu espírito de vida abrasador de todos os corações de Jesus Cristo, pode acabar consigo aparelhar-se para recolher seu quinhão. Pois tanto de graça se dá, e em tanta abundância muitas vezes cuida eu, e é para mim grande sinal do mundo durar pouco, pois Nosso Senhor vejo que quer desperdiçar tanto sua glória, e busca tantas maneiras para andar e a dá, e promete tão barata, como coisa que muito já deseja encher o número dos escolhidos e recolher os chamados e convidados às bodas de seu filho. Porque, quando eu vejo que a um Abraão, Isaac e Jacob, tanto seus servidores, não lhes dava mais que muito gado e muitos filhos, e destes outros muitos, que direi agora de um Deus tão largo e liberal, que, não contente com dar-nos a seu unigênito filho para trinta e tantos anos nos servir e ensinar, e por derradeiro morrer por nós, agora nestes tempos derradeiros não deixa nada por trazer à praça, para cada um, com somente uma pouca de contrição, porque o que lhe fizer mister: vós, irmãos, a quem eu nas entranhas de Jesus Cristo desejo ver salvos, marcai muita perseverança, muita temperança, grande castidade, e se não puderdes guardar tanta coisa dos ladrões, que por nossos sentidos entram a roubar, enchei vossa alma de caridade, e nisto empregai todo o vosso mealheiro, porque é fogo tão forte que fogem dele os demônios, e não ousam a entrar na casa onde se ele acende; e, porque sempre traz todas as virtudes após si, logo tereis tudo, se a ele tiverdes. O meu amado irmão e padre Antônio Pires o dirá lá de

mais perto, com mais caridade do que o eu escrevo: ouvi-o, que creio que lhe dará o Senhor língua para vo-lo dizer, pois deu muitas de fogo a uns pobres e ignorantes pescadores, e também lhe dará coração para chorar vossos pecados, juntamente com os seus e meus.

Muito desejo saber a vantagem que achais da confissão continuada, a qual conhecereis da emenda da vida, com o qual rogo a Nosso Senhor me queira consolar, vindo-me disso boas novas, e folgaria muito que muitos me escrevessem muito particularmente; porque, posto que eu a todos não escreva, com todos falo muitas vezes, e em minha alma os converso, e às vezes, passeando com eles por essas ruas, e em minhas pobres orações e sacrifícios, cada um tem seu quinhão; queira o Senhor, por quem é, aceitar meus desejos, os quais são fazer-vos Nosso Senhor tais quais eram os da primitiva Igreja; porque, se aí não houver grande fogo de caridade, como será possível acenderem-se os corações do gentio? Primeiro acendeu o Espírito Santo fogo de línguas em seus doze apóstolos, dos quais se ateou toda a Europa e Ásia e Grécia e Palestina e África, quase todo o mundo, o qual fogo se apagou já muita parte dele por meus pecados e por não achar corações limpos e puros em que ardesse, porque esses que havia quis o grande *pater-familias* recolhê-los à sua glória, para que já o merecia, e porque somente destas partes, de Nosso Senhor tão esquecidas tantos mil anos há, nunca se acendeu, nem se conheceu tal fogo; muito desejo eu que aqueles a quem Nosso Senhor o der, tenham também grande cuidado que não se

lhe apague, mas antes, atizando com a comunicação dos sacramentos, com as orações ferventes, com as conversações castas e puras, com grande contrição do passado, e propôs constante do que está por vir, com a frequente meditação dos tempos passados, dos presentes e dos que esperamos, que serão sem fim, com muita guarda dos sentidos, e muito mais do coração, o qual não é razão, que seja senhor dele senão o mesmo que o criou à sua imagem e semelhança: com estas coisas, e outras muitas que o mesmo espírito de vida sabe muito bem ensinar nos corações, onde entra, queria eu que de tal maneira ardêsseis em caridade que até os matos se queimassem com ele.

Oh! Irmãos de Jesus Cristo, herdeiros com ele da sua glória, filhos perfilhados do Padre Eterno, vós sois as plantas, a nova semente, que o Senhor nestas partes pôs e plantou! Quem vos detém que não dais fruto digno de se apresentar na mesa do Rei Celestial? Estas são as fazendas principais que haveis de fazer no Brasil; este é o trato, que deveis de ter com os cidadãos da cidade de Jerusalém celestial, mandardes lá muitos gemidos, muitas setas de fogo; o portador, que leva e traz, é o mesmo Espírito Santo; o trato bendito não é de açúcar corruptível, mas de graça, mais saborosa que favo de mel: quão poucos há que te queiram ter? Quão poucos mercadores da vida eterna se acham? Se os mercadores de pedras preciosas topassem contigo, venderiam tudo por te marcar, e em ti tratar; tratto sem perigo, porque o piloto, que governa, não pode errar! Trato de tanto ganho, no qual não se ganha um por cento, e, sobretudo, vida eterna em

contrapeso! Trato que neste mundo enriquece de graça, e no outro de glória! Trato sem desassossego, antes quanto mais se trata, quanto mais de quietação se ganha! Trato onde nunca se perdeu ninguém, e todos possuem suas riquezas em paz! Trato sem perigos, mas antes ele livra de perigos! Trato onde onzenar é merecer, e não pecar! Trato, finalmente, com o qual se afermosenta a cidade de Deus celestial de almas que louvam a seu Senhor, e a terra dos desterrados filhos de Adão, recebe por retorno mercadorias espirituais de graça, de virtudes, de consolações! Desse trato quero eu, e desejo que haja muito nessa terra, ao menos entre aqueles que bem sabem chorar seus pecados, deixando o trato maldito de pecar, pois por retorno não têm senão fogo de enxofre, que queima, e nunca acaba de queimar; porque, assim como por fogo de concupiscência da carne e dos olhos e da soberba da vida, se paga no inferno este outro fogo infernal, assim também por fogo de caridade e amor se paga na cidade de riba moeda de outro fogo de glória, o qual é daquela grande fogueira da essência divina, que a todos abrasa e incendeia em si quantos ao redor estão; porque, como diz São Paulo, desta coisa pouca que o Espírito Santo reparte, iremos a outro grande e perfeito: o repartidor, que de onde quer espira, e que repartiu muito aos Apóstolos, reparta também com essa terra seu quinhão, porque querendo ele e querendo vós ouvi-lo, tenho por certo que alegrareis a cidade de Deus com o ímpeto do rio de lágrimas, e com a emenda de vossos pecados, e por mim rogareis todos ao Senhor, pois vo-lo digo com entranhas de amor, e muito mais o desejo.

Agora esperamos pastor<sup>55</sup>, e também padres da Companhia, o que tudo nos ajudará.

Desta Bahia.

---

*Sem data, mas deve ser de 1557, depois de 27 de abril e antes de 27 de maio, isto é, depois da Páscoa, e antes da Ascensão, como se vê do contexto. Publicada no t. XLIII (1880) da Rev. do Inst., p. Ia, pp. 81 / 87.*

---

<sup>55</sup>Porque tinha sido morto o bispo em junho de 1556.

## XVIII - PARA O PROVINCIAL DE PORTUGAL (1557)

Novas de Mem de Sá. — Morte do padre Navarro. — Antônio Pires, Ambrosio Pires, Antônio Blasques. — Órfãos. — Antônio Rodrigues, João Gonçalves. — cristãos e índios. — Estado da terra. — Carijós. — Capitania de São Vicente. — Martim Afonso de Sousa. — Castelhanos e portugueses. — Luiz da Grã, Manuel de Chaves.

Por via de Pernambuco escrevi duas cartas, uma a Vossa Reverendíssima e outra ao padre Dom Leão<sup>56</sup>, a qual também servia de informação a Vossa Reverendíssima; por outro navio, dos Ilhéus, escrevemos por diversas vezes, *scilicet*: uma carta com as do governador D. Duarte e outras por via de um Francisco d'Andrade, porque esteve nos Ilhéus, e outras em que iam os quadrimestres, com as da mulher de Antônio Cardoso<sup>57</sup>, que Deus haja.

Agora o faço também por via de Porto Seguro, para que não vá de cá navio sem carta nossa, e isso mesmo deviam lá de usar, de mandarem sempre por todos os navios alguma carta, para qualquer destas capitánias que venha, porque em todas se achará quem as encaminhe a esta Bahia.

Agora não há que escrever, porque temos já escrito muito e de nada temos visto resposta, e em muitas coisas estamos suspensos, por tardar tanto o recado que esperamos.

---

<sup>56</sup>Henriques, o confessor d'el-rei D. Henrique.

<sup>57</sup>de Barros.

No fim de julho<sup>58</sup> chegou aqui uma caravela d'el-rei que trazia gado; esta deu nova, como Mem de Sá, governador, partira de Cabo Verde, véspera da Ascensão<sup>59</sup>, primeiro que este navio três dias; espantam-se todos não ser já aqui, e tememos haver arribado, ou permitir Nosso Senhor algum desastre, para que venha sobre esta terra toda a perdição e desconsolação possível, porque até a feitura desta, não é chegada; presumimos virem ali padres, posto que ninguém nos saiba certificar; estas trabalhosas e venturosas viagens causam partirem navios de lá tão tarde e virem tão fora de tempo, que, se da vinda escapam, às vezes não escapam da tornada, e será muita parte, tanta perda de navios, para ganhar total aborrecimento a esta terra, o qual creio, que todos lhe têm ganhado, se não é Sua Alteza, cujo coração cristianíssimo está nas mãos de Deus.

O que ao presente há que escrever, direi brevemente, porque se Nosso Senhor trazer a armada, que cada hora esperamos, e ela se tornar este ano, por ela o faremos mais largamente.

Os padres e irmãos estão de saúde, *in utroque homine*, salvo o padre Navarro, que Nosso Senhor levou para si<sup>60</sup> saberão; todos procedem bem

---

<sup>58</sup> de 1557.

<sup>59</sup> 27 de maio de 1557.

<sup>60</sup> Simão de Vasconcellos (*Chron.*, I, I., n. 195) diz que Navarro morreu no Colégio da Bahia em 1555, e Franco (*Imag. ãa virt. em o nov. ão Coll. ãe Coimbra*, II, pp. 199 e 202) acrescenta que a 17 de Janeiro.

Quanto ao dia, não é possível aceitar-se a data, porque a 24 de junho do mesmo ano escrevia Navarro em Porto Seguro a carta em que descreve a sua jornada ao sertão em 1553, ao que parece, publ. no próprio ano de 1555 em Coimbra, e daí traduzida pela Visconde de Porto Seguro na *Hist. Ger.*, I<sup>o</sup> ed., t. I, pg. 460; será reproduzida nas *Cartas avulsas de jesuítas*.

no que lhes é mandado. Na cidade reside o padre Antônio Pires, como Reitor da Casa, com o padre Ambrosio Pires, o qual agora tem cuidado de ler uma classe aos que mais sabem de latim, e tem também a seu cargo as pregações da cidade; ficaram com Antônio Blasques os que menos sabiam. Há na mesma Casa, assim mesmo, escola de ler a alguns meninos do gentio, e com eles se ensinam outros da cidade, e de todos tem cuidado um irmão; os estudantes de fora não são mais que três ou quatro moços capelães da Sé; mas de casa são onze ou doze, deles irmãos, e outros moços órfãos, daqueles que pareceu mostrarem e terem melhor habilidade para estudar e melhores partes

---

*Quanto ao ano, também não se pode admitir: 1o, porque sabe-se (Rev. do Inst., XLIII, 1880, p. 18, p. 154) que Nóbrega assistiu à sua morte no Colégio da Bahia, quando este só aí chegou de São Vicente a 30 de julho de 1556; 2o, porque pelas Lettras quaãr. ãe Setembro, (de 1556) a janeiro de 1557 e pela Quârimestre de Nobrega de janeiro até abril de 1557, vê-se que Navarro ainda vivia; 3o, porque Navarro só chegou de Porto Seguro à Bahia em 1556, antes da partida da nau do bispo que se perdeu (em junho) em viagem para o Reino (Blasques, De alg. coisas que iam em a nau do bispo, na Rev. do Inst., LXIX, p. Ia, p. 7).*

*Na carta a Tomé de Sousa de 5 de julho de 1559, diz Nóbrega: "Neste tempo nos levou Nosso Senhor ao padre Navarro... e concedeu-nos que daí a pouco tempo viesse Mem de Sá." A vinda do 3o governador foi em 1557, depois de 14 de agosto, como em outro lugar direi.*

*Em apêndice á Quadrimestre de Nóbrega de janeiro a abril de 1557, dá-se notícia da morte de Navarro, sem declaração de mês nem dia, mas vê-se que foi logo depois da quaresma, pois ainda era vivo na Quinta-feira Santa (15 de abril). Este aditamento (Rev. do Inst., XLIII, p. 1\*, pp. 152/155) escrito em espanhol, provavelmente pelo padre Blasques, começa: "Por cabo desta me pareceu conveniente poner ei bienaventurado transito do padre Navarro, &."*

*Blasques na carta da Bahia do último de abril de 1558, que trata de maio de 1557 em diante, não diz palavra sobre Navarro, prova que já não existia nesse período.*

*A morte do padre Navarro foi, pois, provavelmente entre 15 e 30 de abril de 1557. [Quanto à data da expedição em que foi o padre Navarro, conff. nota 34]. — G.*

para poder ser da Companhia. Todos os mais órfãos são dados a ofícios, salvo dois ou três, que nem são para serem da Companhia por serem mal dispostos, nem para se darem a ofícios, por não serem para isso; a estes não vemos outro remédio, salvo torná-los lá a mandar.

Nesta Casa de Nossa Senhora do Rio Vermelho resido eu agora com o irmão Antônio Rodrigues<sup>61</sup>, e daqui visito, quando posso, aos irmãos, porque a falta do padre Navarro me obriga a isso. Na Igreja de São Sebastião reside o padre João Gonçalves com um irmãozinho mal disposto.

A manutenção de todos agora são as esmolas da cidade, a qual tomou a cargo manter-nos até havermos algum remédio com a vinda dos mais, que esperamos; porque d'el-rei não nós dão nada, nem há que dar, e, se Nosso Senhor não abrija este caminho, não sei que seria de nós, porque nem com vender os ornamentos, e cálices da Igreja, fora possível manter-se toda a gente. Esperamos maneira de sustentação.

Com os cristãos fazemos cá pouco, porque aos mais temos cerradas as portas das confissões, e de milagre achamos um, que seja capaz da absolvição, como por vezes lá é escrito, e não sinto poder-se a estes dar remédio; senão o que me parece, que não se há de pôr, é para nós grande desconsolação; com o gentio também se faz pouco, porque a maior parte dele, que era de fregueses destas duas igrejas, fugiu; a causa disto foi tomarem-lhes os cristãos as terras em que têm seus mantimentos,

---

<sup>61</sup> Este irmão foi admitido no Brasil; era intérprete dos índios (*An. da Bibl. Nac.*, I, p. 63).

e, por todas as maneiras que podem, os lançam da terra, usando de todas as manhas e tiranias que podem, dizendo-lhes, que os hão de matar, como vier esta gente, que se espera, e esta é a comum prática de maus cristãos, que com eles tratam, e de todos os seus escravos; e cuidam que salvam a alma em os deitar daqui e fazer-lhes mal pelo grande ódio que todos lhes têm.

E porque alguns se asseguravam com as nossas palavras, inventaram a dizer-lhes que nós os queríamos ter juntos para os melhor matar, e com este medo de os matar e com lhes tomar as roças e terras, que é outro gênero de os matar, se foram muitos, outros ficaram ainda, que também esperamos se irão se a causa vai como vai. O governador nisso não pode fazer nada, nem sei se o que vier fará alguma coisa; para nós é grande dor esta, porque vemos que são forçados irem-se onde não poderemos ter conta com eles, e levam-nos os filhos, que já estavam doutrinados, e, se não os batizamos é porque sempre tememos de se irem, ou por sua vontade ou forçados da necessidade, pela má vizinhança dos cristãos, assim que nenhuma ajuda nem favor temos nisto dos cristãos, antes muitos estorvam sua vida, dos quais muitos lhes não ensinam, senão a furta, e adulteram. Gentio contar coisas vergonhosas dos cristãos; e certo que nos tapam a boca, que não ousamos de lhe estranhar os seus pecados que neles são muito menos.

De maneira que por todas as vias está esta terra muito perdida e desbaratada, nem há nisso Justiça nem remédio, porque acharam que infiéis não podem testemunhar nada contra cristãos, e

por isso, quem quer se atreve a viver como quiser, ainda que seja pecar notoriamente perante o gentio; somente se guardam que cristão, que os não veja fazer pecado e fazer muitos agravos ao gentio e tomar-lhe o seu, porque não há justiça contra ele, que atente nisso, e ainda que queira atentar, como não há prova de brancos ficam absoltos, como aconteceu os dias passados, que um barco que estava ao resgate da banda de além da Bahia, porque se botou ao mar um escravo que lhes haviam vendido, porque teria saudade da mulher e filhos que lhe ficavam, podendo haver o seu por o mesmo senhor, que lhe havia vendido, que estava ainda no navio. Movidos os cristãos de raiva diabólica, mataram sete ou oito pessoas, *scilicet*: ao mesmo senhor do escravo, velho tolhido, e os mais, mulheres e moços, pelo qual se levantaram todos os daquela parte, de guerra, e têm feito já muito mal, e se quebraram as pazes que tinham com os cristãos, prenderam alguns, que fizeram isto, e por não haver provas, senão de índios, saíram soltos.

E, todavia, com estes poucos, que nos ficaram, trabalhamos, e a muitos batizariamos e casariamos já, se as coisas se pusessem em seu lugar; a ordem que desejamos era fazerem ajuntar ao gentio, este que está sujeito em povoações convenientes, e fazer-lhes favores em favor de sua conversão e castigar neles os males que forem para castigar e mantê-los em Justiça e verdade entre si, como vassallos d'el-rei, e sujeitos à Igreja, como nesta parte são, e fazer-lhes também justiça nos agravos, escândalos dos cristãos, o que se faria bem, se a Justiça secular e eclesiástica fosse mais zelosa, como

convém à honra de Nosso Senhor e bem comum da terra. Desta maneira podiam ir cada dia ganhando gente e sujeitando-a ao jugo da razão.

E os que não quisessem recebê-los, sujeitá-los e fazê-los tributários ao serviço d'el-rei e dos cristãos, que os ajudassem a como se fez em todas as terras novas que são conquistadas, como do Peru e outras muitas.

Com a escravaria se faz muito agora mais fruto em sua doutrina e pregações na sua língua e confissões, maiormente as do artigo da morte, de que cremos resultar muito proveito a muitas almas. Creio que, pelas movermos à contrição dos seus pecados, são salvas. Muitos meninos do gentio mandamos a Nosso Senhor regenerados com o batismo, e muitos que parecem que querem morrer, depois de batizados, vivem, que é causa de os virem já trazer à igreja a oferecer a Nosso Senhor com suas ofertas, disso que têm. De São Vicente e do Espírito Santo não temos ainda cartas, mas temos novas que estão todos bem, e trabalham o que podem no serviço de Nosso Senhor com edificação dos próximos.

Desde que fui entendendo, por experiência, o pouco que se podia fazer nesta terra na conversão do gentio, por falta de não serem sujeitos, e ela ser uma maneira de gente de condição mais de feras bravas que de gente racional, e ser gente servil, que se quer por medo, e conjuntamente ter a pouca esperança de se a terra senhorear, e ver a pouca ajuda e os muitos estorvos dos cristãos destas terras, cujo escândalo e mau exemplo bastara para não se convencer, posto que foi gente de outra

qualidade, sempre me disse o coração que devia mandar aos Carijós, os quais estão senhoreados e sujeitos dos castelhanos do Paraguai e muito dispostos para se neles frutificar com outras gerações que também conquistam os castelhanos, e juntamente com isto fazerem-me de lá instância grande por muitas vezes, *scilicet*, o capitão e os principais da terra, tendo todo o favor e ajuda necessária para bem empregar nossos trabalhos assim entre os cristãos como gentio. Tive também cartas de pessoas que esperavam nossa ida com bons desejos de servirem a Nosso Senhor nesta Companhia, de muito boas partes para isso, e com isto ver que a capitania de São Vicente se vai pouco a pouco despovoando, pela pouca conta e cuidado que el-rei e Martim Afonso de Sousa têm, e se vão lá passando ao Paraguai pouco a pouco, e considerar eu os muitos irmãos que há em São Vicente e o pouco que se faz aí e parecer-me que seria bom ter a Companhia lá um ninho onde se recolhesse, quando de todo São Vicente se despovoas. Ajuntava-se a isto parecer-me que estando lá os da Companhia se apagar-iam alguns escândalos que os castelhanos têm dos portugueses, e a meu parecer, com muito razão, porque usaram muito mal com uns que vieram a São Vicente, que se perderam de uma armada do rio da Prata; vivendo eu com este desejo, o deixei de pôr por obra, por não ter quem mandar, e algumas vezes estive determinado de eu mesmo sair a saber o que se poderia fazer. Nisto chegou<sup>62</sup> o padre Luiz da Grã, o qual desejei muito que fosse,

---

<sup>62</sup>Luiz da Grã chegou a São Vicente em maio de 1555 (Nóbrega, p. 109) e a 15 (Franco, *Imag. do Coll. de Coimbra*, II, p. 221).

mas porque o achei de opinião contrária *adquies concilio ejus*, e tive o meu espírito por suspeito; depois, vindo eu agora há um ano a esta Bahia<sup>63</sup>, achei cartas do provincial, o dr. Torres<sup>64</sup>, em resposta do que sobre isto lhe tinha escrito, depois de as ler aos padres, que aqui estávamos, pedi a todos seu parecer, os quais mandei com as cartas ao padre Luiz da Grã, tirando-me a mim afora, sem dar parecer, de sim nem de não, dizendo-lhe que fizesse fazer oração, e aconselhando-se com as cartas, que lhe mandava de Portugal, e com parecer dos padres e irmãos se lá parecesse bem, entrasse *in nomine Domini*. Agora recebi carta sua, em como feito o que lhe escrevi, todos os padres e irmãos, tirando um só, eram de opinião que fossem àquela terra; e por isso estava determinado a ir, se o caminho, que aquele tempo estava perigoso, se assegurasse mais. O que sempre nos deteve foi parecer-nos que Sua Alteza poderia ter disto algum desgosto, e esta foi a principal razão que isto estorvou até agora; se lá o sentirem podem o escusar, como lhes parecer melhor, e além de tal ida ser muito de serviço de Nosso Senhor, convinha para se ordenar cinco ou seis irmãos de São Vicente, com o bispo, que já lá é, e é muito conveniente ordenarem-se lá, que virem à Bahia, quanto mais que não há bispo, nem sabemos quando o haverá nesta costa.

Escreve-me o padre Luiz da Grã que agora não pode levar mais que um irmão língua por com-

---

<sup>63</sup>Como já se viu (nota 45), Nóbrega chegou à Bahia de São Vicente a 30 de julho de 1556, e pelo seu dizer esta carta foi escrita em agosto: como se vê do contexto, ainda não tinha vindo Mem de Sá.

<sup>64</sup>Miguel de Torres.

panheiro, para se lá ordenar, que é o irmão Chaves<sup>65</sup>, uma boa coisa, e pede-me que mande quem daqueles irmãos tenha cuidado, pelo qual será forçado de quatro que aqui estamos, que aqui há de fazer muita falta; portanto se deve lá trabalhar por nos mandarem socorro logo, ao menos de um provincial, e de alguns padres e irmãos, que ajudem, porque a mim me devem já ter por morto, porque, ao presente, fico deitando muito sangue pela boca. O médico de cá ora diz que é veia quebrada, ora que é do peito, ora que pode ser da cabeça; seja de onde for, eu o que mais sinto é ver a febre ir-me gastando pouco a pouco.

(Da Bahia, 1557).

---

*Sem data; provavelmente escrita em agosto, antes do dia 14. Publicada no t. XLIII (1880) da Rev. do Inst., p. 1, pp. 125/132.*

---

<sup>65</sup>Manuel de Chaves, admitido em São Vicente, era intérprete dos índios (*An. da Bibl. Nac.*, I, p. 61).

## XIX - AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL (1559)

Igreja de São Paulo. — Os feiticeiros. — Punição de um crime. — Cristovão da Costa. — Offícios da Semana Santa. — Simão da Gama. — Sebastião da Ponte. — Grande seca. — Os índios. — O melhor índio da terra. — Vasco Rodrigues de Caldas. — Igreja de São João. — Mirangaoba. — Novas dos Ilhéus. — Igreja do Espírito Santo. — Morte do padre João Gonçalves. — Antônio Rodrigues, Francisco Pires, Antônio Pires. — Demônios. — Uma conversão. — Feitiçarias. — Má vida dos cristãos.

A paz e o amor de Cristo. As novas que de nós há escreverei a V. R. e a nossos diletísimos padres e irmãos para que, como verdadeiros membros, se alegrem no Senhor conosco de nossa consolação e se compadeçam também conosco de nossas tristezas e trabalhos.

Pelos derradeiros navios que desta Bahia partiram o ano passado, escrevi largo do que até aquele tempo passava. Agora direi o que depois sucedeu. E espante-se V. R. e meus irmãos como tenho entendimento, nem mãos para o fazer, por a desconsolação que cá temos de não podermos ter resposta das muitas cartas que são escritas, porque as que trazia este navio de João Gomes não nos deram porque o principal maço em que deviam de vir se perdeu ou alguém as tomou, de maneira que não vieram à nossa mão; as que trazia o navio de Domingos Leitão tão pouco, porque o navio não

aportou cá armada d'el-rei que esperávamos já tarda tanto que não se espera este ano, e por isso não poderei contar as coisas com todas suas circunstâncias, mas contentar-me-ei com as dizer de qualquer maneira que puder.

Depois da vinda de Mem de Sá<sup>66</sup>, o governador, se fizeram três igrejas em três povoações de

---

<sup>66</sup>Ainda não está averiguado o mês em que chegou Mem de Sá à Bahia.

Quanto ao ano agora fica de uma vez assentado.

Na carta 18a diz Nóbrega (p. 170): "No fim de julho (de 1557) chegou aqui uma caravela d'el-rei, que trazia gado; esta deu nova como Mem de Sá, governador, partira de Cabo Verde, véspera da Ascensão (27 de maio de 1557), primeiro que este navio três dias; espantam-se todos não ser já aqui e tememos haver arribado ou permitir Nosso Senhor algum desastre"; e mais adiante acrescenta: "Se Nosso Senhor trouxer a armada,, que cada hora esperamos, e ela se tornar este ano..."

Blasques, na carta da Bahia do último de abril de 1558 (Rev. do Inst., XLIX, p. 1", p. 27) que trata de maio de 1557 em diante "até a partida dos navios", diz: "Esperando toda a terra navios de Portugal, por haver muito tempo que não vinham, chegou uma caravela e vinha para ir daqui a São Tomé; esta deu novas como Mem de Sá havia três dias que tinha partido da ilha do Cabo Verde em uma nau, em companhia de uma caravela, quando esta mesma partia e que de razão não havia de tardar muito. Estando assim todos com grande alvoroço esperando, véspera de Nossa Senhora de Agosto (14 de agosto de 1557) chegou uma nau muito formosa da Índia, que era a capitânia, em que ia D. Luiz, filho do arcebispo de Lisboa, por capitão-mor e veio com ele a caravela que vinha com Mem de Sá, e disse que se havia separado dele por acaso antes da Linha... Daí a alguns dias e quando estávamos receosos com a tardança de Mem de Sá, chegou outra caravela, que vinha carregada de escravos de Guiné, da ilha do Príncipe. Esta disse como a nau de Mem de Sá fora aportar àquela ilha com grande aperto e falta d'água e que dali tinha já partido no mesmo dia que esta partiu, mas não podia chegar, que cansava os espíritos de esperar, até que Nosso Senhor por sua misericórdia a trouxe."

Mem de Sá chegou, pois, em 1557, depois de 14 de agosto.

Anchieta (Mat. e Ach., I, p. 3) e pr. Vicente do Salvador (Hist. ão Brás., I. 3o, c. 6o) acusam a vinda no referido ano. Simão de Vasconcellos, porém, tanto na Chron. como na Vida de Anchieta, dá o ano de 1558, que tem sido aceito pelos historiadores. O Visconde de Porto Seguro assinala a posse em maio de 1558 (Hist., p. 1204); entretanto publicou (Hist. Ger., 1ª ed., I, p. 463) a carta de Mem de Sá a el-rei datada da Bahia ao 1º de junho de 1558, na qual já dá notícia da morte de seu filho Fernão de Sá na conquista do Espírito Santo. E não era esta a primeira carta de Mem de Sá a

índios e muitas mais se fariam, se houvesse padres e irmãos para nelas residirem; outras duas ou três juntas de índios estão juntas esperando por padres para os doutrinarem: estas são visitadas de nós quando podemos por se deterem assim até serem socorridos. A primeira igreja que se fez, a uma légua desta cidade, chama-se São Paulo; a segunda, São João, três léguas; a outra *Sancti Spiritus* sete léguas; mas será razão dizer o que em cada uma aconteceu em particular.

Em começando em São Paulo que foi a primeira, direi primeiramente a ordem que teve e tem em proceder aqui a escola de meninos que são para isso cada dia uma só vez porque tem o mar longe e vão pelas manhãs pescar para si e para seus pais que não se mantêm de outra coisa e as tardes têm escola três horas ou quatro. Destes há cento e vinte por rol, mas contínuos sempre há de oitenta para riba. Estes sabem bem a doutrina e coisas da Fé, leem e escrevem, já cantam e ajudam alguns a missa. Estes são já todos batizados com todas as meninas da mesma idade e todos os inocentes e lactantes. Depois da escola há doutrina geral a toda gente e acaba-se com Salve cantada pelos meninos e as Ave-Marias. Depois uma hora, de noite, se tange o sino e os meninos têm cuidado de ensinarem a doutrina a seus pais e mais velhos e velhas, os quais não podem tantas vezes ir à igreja e é grande con-

---

*el-rei, porque por Duarte da Costa escreveu outras, cujas datas não declara a resposta (da Rainha), publ. pelo próprio Porto Seguro (Hist., p. 284), sem data, mas que deve ser posterior a 10 de setembro de 1558; porque acusa-lhe uma carta desta data. — [A carta de nomeação de Mem de Sá foi registrada a 3 de janeiro de 1558. Quanto à sua viagem, chegada à Bahia e mais pormenores, conf. Varnhagen, Hist. Geral, I, 378, 4ª ed.] . — G.*

solação ouvir por todas as casas louvar-se Nosso Senhor e dar-se glória ao nome de Jesus.

Aos domingos e santos têm missa e pregação na sua língua e de contínuo há tanta gente que não cabe na igreja, posto que é grande; ali se toma conta dos que faltam ou dos que se ausentam e lhes fazem sua estação: o meirinho, que é um principal deles, prega sempre aos domingos e festas pelas casas de madrugada a seu modo. A obediência que têm é muito para louvar a Nosso Senhor, porque não vão fora sem pedir licença, porque lhe temos assim mandado por sabermos onde vão para que não vão comunicar ou comer carne humana ou embebedar-se a alguma aldeia longe; e, se algum se desmanda, é preso e castigado pelo seu meirinho e o governador faz deles justiça como de qualquer outro cristão e com maior liberdade. Se algum adocece, é obrigado a mandar-nos chamar e é de nós curado e remediado assim no corpo como na alma, o melhor que podemos, e assim poucos morrem que não sejam batizados no artigo da morte quando eles mostram sinais de fé e de contrição, e assim destes como dos inocentes regenerados com a água do batismo se salvam muitos.

Os feiticeiros são de nós perseguidos e outras muitas abusões que tinham se vão tirando, mas nos casos particulares que contarei poderão entender melhor o que digo. Aconteceu que um irmão do meirinho e principal da vila se foi a uns matos onde uma velha estava guardando a fruta e a matou, dizendo que esta velha e o seu espírito o fizeram estar doente muito tempo; este foi preso e, por ser a primeira justiça e por amor de seu irmão

o meirinho, foi açoitado e lhe cortaram certos dedos das mãos, de maneira que pudesse ainda com os outros trabalhar: disto ganharam tanto medo que nenhum fez mais delito que merecesse mais que estar alguns dias na cadeia.

Em um engenho se levantou uma Santidade\* por um escravo que desinquietou a toda a terra, porque os escravos dos cristãos são os que nos fazem cá a principal guerra por o descuido de seus senhores. Aconteceu que vindo um índio de outra aldeia a pregar a Santidade que andava, um o recolheu e lhe ajunctou gente em terreiro para ouvir e a Santidade que pregava era que aquele santo fizera bailar o engenho e ao senhor com ele, e que converteria a todos os que queria em pássaros, e que matava a lagarta das roças que então havia, e que nós não éramos para a matar e que havia de destruir a nossa igreja, e os nossos casamentos que não prestavam, que o seu santo dizia que tivessem muitas mulheres e outras coisas desta qualidade; e estando nesta prática não pode ser tão secreta que alguns não o viessem dizer ao irmão Christóvão da Costa<sup>67</sup> que ali residia com outro, o qual mandou lá o meirinho que o tomasse e o levasse ao governador, mas ele fugiu pelos matos desde que viu que era sentido; mas prendeu o que o recolheu, e havia outros culpados nisso, os quais se soltaram e fugiram de noite. Sabendo o governador onde estava, o

---

\*A santidade era uma assimilação grosseira de ritos católicos com tradições e práticas gentílicas. A tal abusão não faltam referências em cartas dos primeiros jesuítas, como também, e principalmente, nos documentos sobre a visitação do Santo Ofício às partes do Brasil, na última década do século XVI. — Conf. Varnhagen, *História Geral*, I, 443, 4a ed. — G.

<sup>67</sup>Este irmão provavelmente foi admitido no Brasil.

mandou buscar; mas ele também fugiu dos homens brancos, ferido em um braço; depois tomou por seu conselho vir pedir misericórdia e foi-lhe dada penitência que se disciplinasse em um domingo na igreja e pedisse perdão a Deus e ao povo do escândalo que dera em recolher ao que trazia a feitiçaria, o que ele fez melhor do que lhe foi mandado, não somente ele mas também os outros culpados; e meteu nos outros tanto fervor e devoção assim verem-no como se açoitava cruamente com a prática que fez que moveu a muitos, que se sentiam culpados em suas consciências, a virem confessar seu pecado secreto e a disciplinarem-se também com ele em público, que foi auto de muita devoção a todos e alguns brancos que aí estavam ficaram pasmados de verem o que viram; o que trouxe a Santidade fugiu para longe e não se pôde mais haver.

Na Semana Santa me fui para esta igreja de São Paulo com alguns irmãos para aí fazermos os ofícios daquele tempo; achou-se aí todos estes dias Simão da Gama e sua mulher e filhas e seu cunhado Bastião da Ponte, os quais com seu exemplo muito nos ajudaram. Fizemos a procissão de Ramos muito solene e todos os mais ofícios das Trevas e encerramos o Senhor, porque Simão da Gama tomou por sua devoção cuidado de a armar muito bem e de acompanhar o Senhor com toda a sua casa e criados; mas o que aconteceu na noite das Trevas é muito para louvar ao Senhor porque, quando vão ao *Miserere mei* Deus, que se diz por derradeiro, os irmãos se disciplinaram todos quando o diziam às escuras; os índios que da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo já tinham alguma notícia, *irruit spiri-*

*tus Domini in eis*, e movidos de grande compunção se davam de bofetadas muito asperamente, derramando muitas lágrimas, segundo soube de todos os cristãos brancos que na igreja estavam. Ao seguinte das Endoenças vieram todos ou a maior parte da gente, assim pequenos como grandes, disciplinando-se à cidade e chegaram a tempo que entraram na procissão que os cristãos faziam, o que foi de muita edificação de todos os cristãos.

Mas sempre nossas consolações desta qualidade se bebem com mistura de fezes amargas, porque aconteceu no mesmo dia de Endoenças estando eu para encerrar o Senhor, mandou o cabido um monitório a mim e a todos os cristãos que presentes estavam que não encerrasse aí o Senhor, e a Simão da Gama e a Bastião da Ponte, sob pena de excomunhão e de vinte cruzados, que logo se viessem a cidade; mas eu declinando o foro não deixei de o encerrar, nem Simão da Gama se quis ir, mas demos glória a Deus, posto que com desconolação e turbação; na cidade também lançaram fama que eram descomungados quem viesse visitar o Senhor a São Paulo. Estes são os favores e ajudas que dos padres desta terra recebemos na conversão do gentio.

Ao Sábado Santo logo seguinte, fizemos o officio das Fontes muito solene e batizamos naquele dia a muitos, os quais estavam confessados e aparelhados assim para o batismo como para o casamento que haviam de receber depois da Ressurreição. Houve muitos desposados e fizemos a procissão muito solene, porque veio folia da cidade que Simão da Gama ordenou a Bastião da Ponte,

seu cunhado, os meninos cantando na língua, em português, cantigas a seu modo, dando glória a Nosso Senhor, e foram todos os irmãos em procissão, assim homens como mulheres, tendo as ruas limpas e bem enramadas, de que muito se alegrou meu espírito no Senhor.

Dia de Corpus Christi<sup>68</sup> seguinte se fez outra procissão solene da mesma maneira e muitas vezes se faz, pelas necessidades que ocorrem, com sua ladainha, a qual dizem os meninos e respondem todos; principalmente uma fizeram pedindo chuva pela grande seca que havia, de maneira que secavam os mantimentos e foram ouvidos de Nosso Senhor; todos têm já por costume quando seus filhos adoecem trazerem-nos à igreja com suas pobres ofertas a oferecer e dos que morrem fazem-los enterrar com pompa funeral, e dizem-lhes seus ofícios de que se eles muito edificam; quando podemos têm missas cantadas em festas principais.

A carne humana que todos comiam e muito perto da cidade é agora tirada e muitos tomam já por injúria lembrar-lhes aquele tempo, e se em alguma parte se comem, são admoestados e castigados por isso; isto em partes onde não pôde chegar a doutrina, como foi pela Bahia adentro, sete ou oito léguas desta cidade, um principal não quis senão comê-la com festas. Mandou o governador prendê-lo e teve-o um ano preso por isso e por desobedecer e é agora o melhor índio que há na terra; outros foram à guerra e mataram contrários e deixaram-nos de trazer por medo do governa-

---

<sup>68</sup> 18 de maio de 1559.

dor; e estes são os de Apacé<sup>69</sup> e de Cerigipe<sup>70</sup> e da ilha de Taparica<sup>71</sup>, entre os quais se fariam já igrejas se houvesse padres para as sustentarem. Os do Paraçu<sup>72</sup> estavam muito soberbos e não queriam paz com os cristãos, mas antes vinham assaltar os barcos e tomaram um sem gente, porque se lhe acolheu a gente, mas pagaram-no muito bem, porque foram três vezes a guerra a eles e mataram muitos e cativaram grande soma queimando-lhes suas casas e tomando-lhes seus barcos, pelo qual pediram paz e a deram, com tributo de certa farinha e galinhas e que não comerão carne humana e serão cristãos quando lhes mandarem padres e estarão à obediência do governador.

O mesmo quiseram os de Tinharé<sup>73</sup>, que são da mesma geração, por estarem bem com os cristãos, e é esta uma coisa tão grande, que nunca os cristãos desta terra souberam desejar nem querer tanto, porque tinham por impossível poderem-se domar aqueles, nem poderem lhes dar guerra em suas aldeias, por serem os caminhos de muitos matos e águas e serras fragosas, e fez isto um mancebo que se chama Vasco Rodrigues de Caldas, por mandado do governador, com bem pouca gente, que não eram oitenta pessoas, mas ajudaram muito

---

<sup>69</sup>Hoje diz-se *Passe*.

<sup>70</sup>Hoje diz-se *Sergipe (do Conde)*.

<sup>71</sup>*Itaparica*.

<sup>72</sup>Em outros lugares lê-se *Paraçu*; hoje diz-se *Paraguçu*.

<sup>73</sup>*Ilha da costa da Bahia que já em 1531 era conhecida com esse nome que parece indígena. A 24 de março deste ano foi visitada por Martim Afonso de Sousa; Pero Lopes no seu diário chama-lhe Tynhaáréa. Em julho de 1535 a armada de Simon de Alcazaba também aí esteve e Alonso Vehedor na sua Belacion (Arch. ãe Inãias, V, pg. 144), escreve Tenereques. É o atual morro de São Paulo.*

bem os nossos catecúmenos destas três povoações, os quais, com muita fidelidade e diligência, servem nestas guerras e a sua custa, e pelejam já de outra maneira, porque vão armados com o nome de Jesus, e quando partem se encomendam a Deus e pedem-nos que roguemos a Deus por eles, e Nosso Senhor ouve a eles e a nós, porque sempre, até agora, lhes tem dado vencimentos grandes com não lhes matarem lá ninguém, posto que vêm deles feridos e são curados de nós, com a caridade que pudemos.

Um principal, dez ou doze léguas daqui, tendo dez ou doze contrários para matar, sendo admoestado pelo governador, não quis senão comê-los com muita soberba e queria sobretudo vir dar guerra a uma fazenda dos cristãos; mas logo lhe foi socorrer em breve e eles não ousaram chegar, antes todos os daquela comarca e parentes daqueles que se acharam nas festas, de medo despovoaram e deixaram roças e casas e foram se fazer todos fortes no sertão com este. Estava determinado darem neles por ser terra para cavalos lá poderem ir, e fazendo-se prestes a gente sobreveio a nova dos Ilhéus, que estava em guerra, e quatro engenhos que aí havia despovoados e roubados do gentio: foi necessário acudir lá o governador levando consigo alguns cristãos e os nossos catecúmenos e outro gentio; mas este índio e todos estão amedrontados e pedem pazes e peitam escravos aos cristãos para que os façam amigos do governador.

Na vila de São João se procede da mesma maneira, posto que com menos fervor, porque o principal deles, que também servia de meirinho,

não ajudava, mas estorvava e desobedecia muitas vezes ao governador e aos padres e, sendo contrário dos do Paraaçú, entrava com eles desobedecendo nisso ao mandado do governador, do qual se temia alguma traição por ser índio muito sábio e muito estimado e por isso muito soberbo; este se chama Mirãgaoba, pelo qual de conselho dos cristãos que todos suspeitavam mal dele fazer pazes com seus contrários; foi preso e humilhado, e agora foi ajudar ao governador com todos os seus e dizem que o faz tão bem que vai merecendo soltarem-no de todo. Nesta vila de São João me achei dia de Santo Antônio, onde me deram novas das vitórias que o governador houve nos Ilhéus, e fizemos com os índios procissão solene, dando graças a Nosso Senhor, onde se acharam alguns cristãos e suas mulheres presentes, por estar esta casa perto de algumas fazendas e alguns domingos e festas irem ali à missa.

Desta igreja se visita outra vila de tanta gente e mais, que está uma légua pequena, a qual ajuntamos de outros índios que eram contrários destes de São João, que ainda quando se foi o padre Ambrosio Pires se comiam com grande crueldade, a que não podemos fazer mais que batizar os lactantes e saber dos doentes, para que não morram sem lhes oferecer a Jesus Cristo Nosso Senhor.

A terceira igreja que se chama *Sancti Spiritus*, sete léguas d'esta cidade, principiou o padre João Gonçalves e em ela começou a lançar os primeiros fundamentos em companhia do irmão Antônio Rodrigues, o qual, como é lingua e mui fervente obreiro, vai sempre diante a esmoitar a terra;

aqui se ajuntou mais gente que em nenhuma; aqui ha cento e cinquenta moços de escola, afora outros muitos que ainda se não puderam ajuntar, aqui batisou o padre João Gonçalves grande número de meninos lactantes, dos quais faleceram muito. Este é um fruto grande e seguro de almas regeneradas que a Nosso Senhor mandamos de todas estas três povoações e de outras vizinhas. Mas antes que vá adiante quero contar do trânsito glorioso do padre João Gonçalves. Sendo mandado, como digo, a *Sancti Spiritus* a doutrinar aquelas almas e batizar os habitantes, porque a estes batizamos logo pelo perigo que correm, ele o aceitou com muita alegria, como aceitava tudo o que lhe era mandado, e de lá escrevia cartas de sua consolação grande, por ser logar onde juntamente com doutrinar se podia dar á oração, de que ele era mui zeloso, e por ser o sítio muito aprazível, e como era devoto de Nossa Senhora da Conceição, determinou em aquele dia batizar os inocentes e fazer aquelas almas limpas à honra da pureza de Nossa Senhora, e escreve-me que me pedia que pregasse em seu dia as grandezas desta Senhora e que dissesse que soubessem negociar com Nosso Senhor por meio dela que não podia haver outro melhor negociar e outras palavras, o que eu fiz o melhor que soube por que o amava e reverenciava muito por suas virtudes.

Aconteceu que no mesmo dia de Nossa Senhora, acabando de batizar os meninos, havendo sido largo o ofício e solene, lhe deu grande febre e, todavia, acabou a missa de Nossa Senhora da Conceição, a derradeira que disse com muito trabalho, e desde que disse a primeira missa

até àquela nunca deixou dia por dizer missa, por mais trabalho e mais fraco e doente que estivesse. Foi tão grande a febre e trazia tão grande febre a chamá-lo, que em 13 ou 14 dias expirou neste colégio onde foi trazido já muito mortal, e dia de Nossa Senhora ante Natal esteve tão bom e rezou comigo e falamos louvores de Nossa Senhora, que me parecia a mim que me queria Nosso Senhor dar; mas logo sobre a noite entrou em tranguia de sono no qual expirou a noite de São Tomé<sup>74</sup>. Foi levado à igreja para lhe fazerem os ofícios, onde por ser dia santo e porque era amado de todos, concorreu toda a cidade a seu enterramento e faziam todos grande pranto não cessando de lhe beijar os pés e as mãos e com trabalho o tiramos para lhe dar sepultura; mas eu a mim chorava e não deixo de chorar quando me acho sem ele, porque de todas as partes fiquei órfão; ele era meu exemplo, minha coluna que me arrimava e consolava, seus conselhos sempre me foram saudáveis, tão fiel companheiro nunca ninguém perdeu como eu; ele me descansava e me fazia dormir meu sono quieto porque tomava todos meus trabalhos sobre si, por ele e pela graça que Nosso Senhor lhe deu; vivia eu assim no espírito como no corpo *qui amplius de fratre nostro*, nos trabalhos o primeiro, no descanso o derradeiro, na conversão do gentio servente e zeloso com os cristãos, muita caridade e humildade no serviço de seus irmãos e dos pobres, muito diligente na obediência, muito pronto nos conselhos, muito

---

<sup>74</sup>21 de Dezembro de 1558.

maduro na governança da casa que teve, muito vigilante na observância das regras, muito cuidadoso: *O' frater, quis mihi daret ut pro te morerer!* por que assim acabara um mau de escandalizar e ficara uma candeia de luz e bom exemplo nesta casa e nesta terra.

Mas pois já comecei de contar o castigo com que Nosso Senhor me castigou a mim e a meus irmãos levando-nos tal companheiro, prosseguirei esta matéria até acabar. Foram este ano tantas doenças e trabalhos que houve nesta casa que não saberei contar, porque todos os padres chegaram às portas da morte e passaram *per ignem et aquam*.

O padre Francisco Pires, depois do falecimento do padre João Gonçalves, adoeceu também muito.

O irmão Antônio Rodrigues da mesma maneira, e porque não foi sangrado, foi sua enfermidade mais prolixa, porque lhe saiu aquele sangue em apostemas e sarna por todo o corpo e durou muito tempo; mas assim não deixava de falar e tratar com os índios o negócio de Nosso Senhor, estando em São Paulo.

O padre Antônio Pires veio de São João, onde residia, ajudou as confissões da Quaresma, mas no fim dela adoeceu, estando eu em São Paulo a Semana Santa, e foi tão grande e perigosa sua enfermidade que eu o tive por morto, e permitiu Nosso Senhor porque, já que eu não sentia a morte a meu Senhor Jesus Cristo por si, sequer assim atribulado me lembrasse dela. Não vinha portador nem escrito da cidade que eu não fosse sobressaltado, maiormente por ser em tempo de Endoen-

ças, não havendo quem armasse a igreja nem quem fizesse os ofícios e encerrasse o Senhor, porque ainda a este tempo Francisco Pires não era bem são, e eu desejava que na cidade e em São Paulo se glorificasse Nosso Senhor naqueles dias e viame eu só, também com minhas manqueiras de tal maneira que com muito trabalho podia andar se me não levavam. Mas tudo Nosso Senhor ordenou de maneira que tudo se cumprisse, posto que com muito trabalho.

Deixo de contar de outras enfermidades e gente desta casa que seria nunca acabar por tornar a contar da casa de Sancti Spiritus, na qual se procede com a mesma ordem que nas outras. Esta casa trabalhou o *Inimigo* mais por estorvar que nenhuma, porque aconteceu, depois do falecimento do padre João Gonçalves, que os oficiais que lá trabalhavam adoeceram alguns e punham-no ao sítio, sendo ele o melhor que há na terra, pelo que ninguém lá queria ir trabalhar. E ao governador e a todos parecia que do sítio viria e queriam impedi-lo passar-se dali, o que nunca me pareceu, antes muito confiado em Nosso Senhor, mandei lá Antônio Rodrigues, mal são, com ter os mais dos dias febres, e foi são. O padre Antonio Pires, que também não podia reconvalescer e recaía muitas vezes, foi-se lá e deu-lhe Nosso Senhor saúde perfeita, de maneira que de onde os outros fugiram por não adoecer, mandava eu os enfermos a sarar, no que se viu ser aquilo estorvo do *Inimigo*, porque desta casa é ele muito conquistado.

Aqui aconteceram casos muito notáveis que eu não poderei dizer todos, mas somente me contentarei com alguns poucos. Uma criança esteve

morta, chorada de seu pai e mãe e, estando para expirar, foi batizada do irmão e logo sarou, de que todos ficaram espantados e muito edificados com o crédito de batismo.

Estando eu lá um dia aconteceu que estando os meninos na escola dizendo as orações *Pater Noster*, chegando aquele passo de *et ne nos inducas in tentationem*, foi arrebatado do espírito do maligno, segundo que todos julgamos pelos sinais que fez naquela hora e três dias contínuos, e ele, mesmo como assombrado das visões que via, bramava e não queria estar senão com os olhos tapados, dizendo que via demônios, e foi muito cruelmente atormentado de tal maneira que parecia que morria e tornei a batizá-lo e sarou, pela misericórdia de Nosso Senhor.

Aconteceu que dali me fui a outra povoação adiante, que está duas léguas desta, onde não podemos residir por não haver quem, onde chamam o Chorão, e batizei os lactantes pelo perigo que passam e fizemos rol de àquela gente toda: algumas crianças doentes se escondiam, porque os feiticeiros dizem que com o batismo as mataremos, mas pela muita diligência do irmão e porque sempre há alguns bons que ajudam, batizamos todas, mandando-as buscar onde as escondiam e depois de batizados muitos destes enfermos viveram, outros entraram no Céu.

Aconteceu um dia que estando um feiticeiro tirando uma palha a um doente, um menino da escola se chegou e estando o feiticeiro gloriando-se de haver tirado a palha, que era a doença daquele, o moço movido por Nosso Senhor e com

zelo da Fé, porque era já cristão, lhe arrebatou da mão, dizendo que era grande mentira e lança a fugir e mostrá-la ao irmão Antônio Rodrigues, que não levava fôlego para lhe contar daquilo; mandou chamar aquele feiticeiro e os principais e depois de feita prática e repreender aquilo, disse aos principais que levassem o feiticeiro ao governador preso; ele ouvindo isto rompeu a casa de palha e foi-se e andou pelos matos maltratado, mas tomando bom conselho se veio a humilhar e pedir penitência e deram-lhe que trabalhasse nas obras da igreja que se fazia.

A um principal morreu um filho pequeno sem batismo por não chamarem ao irmão, porque estes meninos de *Sancti Spiritus*: ainda não são batizados até não serem mais instruídos na Fé, mas tem-se tento que não morram sem batismo. Foi logo chamado a juízo perante todos os principais e depois de bem repreendido mandou aos principais que em ferros o levassem ao governador e obedeceram-lhe, mas juntaram-se todos os moradores da vila e postos de joelhos pediram ao irmão que o não mandasse, mas ali lhe desse penitência e prometeram que nunca nenhum morreria sem o chamarem; e desta maneira se vai tirando seu costume e vão tomando obediência e aborrecendo os feiticeiros e tomando crédito ao batismo.

Passando nós por uma aldeia onde nunca se ensinou, achamos um menino muito doente, e na casa onde estava, muitas feitiçarias e laços armados para prender a morte se ali viesse, e falando em Nosso Senhor não queria o pai nem a mãe que lhe batizassem seu filho, porque um feiticeiro

seu, que ali estava, dizia que não; fiz o chamar, e perguntado por manha quem lhe ensinara a ciência, disse que seu pai e começou-se a vangloriar de sua ciência e que dava saúde aos doentes. Depois de tomada sua confissão, fiz ajuntar a gente da aldeia toda e disse-lhes o irmão: “Vinde a ver o vosso feiticeiro e o vosso Deus em quem credes”, e sobre isso lhes falou largo e depois disse que cada um levasse seu tição de lume e a lenha que pudessem e que o queimassem no meio do terreiro que assim mandava o nosso Deus verdadeiro. E todos rogavam-lhe pela vida e, vendo que não aproveitavam, dizia que o queimassem fora da aldeia por não feder: uns cristãos que se ali acharam o puseram no terreiro e achegavam-lhe lume já o que se fazia para fazer medo aos outros até que vieram uns principais velhos e postos os joelhos em terra lhe pediam a vida e que o levasse consigo para taipar nas taipas de Sancti Spiritus, que se fazia, e eu o levei, não para taipar mas para se doutrinar na Fé e doutrina com os outros. Desta maneira está a terra agora e esta é a condição do gentio e, todavia, o pai e a mãe do menino consentiram depois que lhes batizassem o filho.

Com os cristãos desta terra se faz pouco, porque lhes temos errada a porta da confissão por causa dos escravos que não querem senão ter e resgatar mal e porque geralmente todos ou os mais estão amancebados das portas adentro com suas negras, casados e solteiros, e seus escravos todos amancebados, sem em um caso nem outro quererem fazer consciência e acham lá outros padres liberais da absolvição em que vivem da mes-

ma maneira, mas não deixei o Advento passado e a Quaresma e festas e os mais dos domingos, de lhes pregar e lembrar a lei de Deus; somente as mulheres e gente pobre que não alcançam escravos são confessados de nós.

Escola de ler e escrever se tem em casa, estudo houve muito tempo até que os estudantes, que era gente da Sé, não quiseram vir; espera-se pelo bispo<sup>75</sup> para pôr tudo em seu lugar. Isto é, amado padre, o que agora se pode escrever de pressa e com tristeza por tardar tanto a consolação e remédio que esperamos nas orações e sacrifícios de Vossa Reverendíssima, e de nossos caríssimos padres e irmãos queremos ser encomendados em Cristo Jesus Nosso Senhor. De São Vicente não são chegados navios nem temos novas que escrever; aguarda-se cada dia. Novas do Espírito Santo saberão pela cópia<sup>76</sup> que com esta vai.

Desta Bahia, a 5 de julho de 1559.

Inutilíssimo filho de V. R.

---

*Inédita.*

---

<sup>75</sup>D. Pedro Leitão, que, segundo S. de Vaseoncellos, chegou a 9 de dezembro de 1559.

<sup>76</sup>Fica reservada a sua publicação para as Cartas avulsas de jesuítas.

## XX - A TOMÉ DE SOUSA (1559)

### JESUS

Cristãos e gentio. — Morte do bispo. — Maus exemplos dos clérigos. — Fruto feito em São Vicente. — Ódio dos cristãos ao gentio. — Uso da antropofagia. — Tupiniquins de São Vicente. — Gentio do gato. — Pecados da terra. — Capitania do Espírito Santo. — Mem de Sá. — Mirãgaoba. — Maus tratos aos índios. — Índios e cristãos. — O melhor índio da terra. — O governador e o povo. — Garcia d'Ávila. — O gentio do Paraguçu. — Vasco Rodrigues de Caldas. — Destroços de índios. — Pazes. — A gente do Brasil. — Guerra dos Ilhéus e Porto Seguro. — Castelhanos do Paraguai. — Tupis e Carijós de São Vicente.

PAZ e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em seu contínuo favor e ajuda. Amém.

Razão é que, pois Vossa Mercê por sua boa condição se tanto comunica comigo tão indigno, e me dá conta com tanto amor de si, de seus gostos e desgostos, por suas cartas, pelas quais Nosso Senhor me muito consola, que eu também não deixe coisa de consolação ou desconolação de que lhe não dê parte. E, si for mais largo e prolixo do que necessário, Vossa Mercê o atribua à caridade com que o amo, a qual está muito desejosa de se dilatar por carta, pois mais não pode, sendo certo que muita que em Vossa Mercê há, terá paciência e folgará de ler carta prolixa, ainda que nisso se perca algum tempo.

E primeiramente quero fazer pranto sobre esta terra e dar-lhe conta dela particular de coisas que mais tenho na alma desde o tempo que a Vossa Mercê deixou, e, ainda que isto não sirva de mais que de mover as orações de Vossa Mercê a que com mais fervor e piedade roguem a Nosso Senhor por ela, com isso me contentarei porque devem elas agora ser muito aceitas diante o divino acatamento, como de viúvo, velho e prudente, que cada dia espera pela conta que lhe há de tomar cedo, cujos desejos sou eu certo que serão os do outro Simeão, que desejava *lumen ad revelationem gentium, et gloriam plebis tuce, Israel: defecerunt prce lacrymis oculi mei, conturbata sunt viscera mea, effusum est in terra jecur meum*, porque vejo o mau caminho que esta terra leva, cada vez vai merecendo a Nosso Senhor os grandes castigos, porque cada vez se faz mais incorrigível e lança maiores raízes em sua obstinação.

Desde que nesta terra estou que vim com Vossa Mercê, dois desejos me atormentaram sempre: um, de ver os cristãos destas partes reformados em bons costumes e que fossem boa semente transplantada nestas partes, que desse cheiro de bom exemplo; e outro, ver disposição no gentio para se lhe poder pregar a palavra de Deus e eles fazerem-se capazes da Graça e entrarem na igreja de Deus, pois Cristo Nosso Senhor por eles também padeceu, porque para isso fui com meus irmãos mandado a esta terra, e esta foi a intenção do nosso Rei, tão cristianíssimo, que a estas partes nos mandou, e porque para ambas estas coisas eu via sempre por esta costa toda mau aparelho. Oh

quantos cálices de amargura e de angústia bebia a minha alma sempre! E disto alguma coisa lembrará a Vossa Mercê porque eu comunicava com ele sempre na minha dor, posto que ainda naquele tempo não me amargavam tanto as *fezes d'este calix*, por não entrar tanto nelas.

Destes dois desejos que digo me nasciam outros, que era desejar os meios para que isto tivesse efeito, e destes escolhia dois que me pareciam melhores: um era desejar bispo, tal qual Vossa Mercê e eu o pintávamos cá para reformar os cristãos; e outro, ver o gentio sujeito e metido no jugo da obediência dos cristãos, para se neles poder imprimir tudo quanto quiséssemos, porque é ele de qualidade que domado se escrevera em seus entendimentos e vontades muito bem a fé de Cristo, como se fez no Peru e Antilhas, que parece gentio de uma mesma condição que este, e nós agora o começamos de ver a olho por experiência, como abaixo direi, e, se o deixam em sua liberdade e vontade, como é gente brutal, não se faz nada com eles, como por experiência vimos todo este tempo que com ele tratamos com muito trabalho, sem dele tirarmos mais fruto que poucas almas inocentes que aos Céus mandamos.

Trouxe Nosso Senhor o bispo D. Pero Fernandes, tal e tão virtuoso qual o Vossa Mercê conheceu, e muito zeloso da reformação dos costumes dos cristãos, mas quanto ao gentio e sua salvação se dava pouco, porque não se tinha por seu bispo, e eles lhes pareciam incapazes de toda doutrina por sua bruteza e bestialidade, nem as tinha por ovelhas de seu curral, nem que Cristo Nos-

so Senhor se dignaria de as ter por tais; mas nisto me ajude Vossa Mercê a louvar a Nosso Senhor em sua providência, que permitiu que fugindo ele do gentio e da terra, tendo poucos desejos de morrer em suas mãos, fosse comido deles, e a mim que sempre o desejei e pedi a Nosso Senhor, e metendo-me nas ocasiões mais que ele, me foi negado. O que eu nisso julgo, posto que não fui conselheiro de Nosso Senhor, é que quem isto fez, porventura quis pagar-lhe suas virtudes e bondade grande, e castigar-lhe o descuido e pouco zelo que tinha da salvação do gentio. Castigou-o, dando-lhe em pena a morte que ele não amava, e remunerou-o em ela ser tão gloriosa como já contaram a Vossa Mercê que ela foi, pois foi em poder de infiéis com tantas e tão boas circunstâncias como teve.

O bispo, posto que era muito zelador da salvação dos cristãos, fez pouco porque era só, e trouxe consigo uns clérigos por companheiros que acabaram com seu mau exemplo e mal usarem e dispersarem os Sacramentos da Igreja de dar com tudo em perdição. Bem lembrará a Vossa Mercê que antes que esta gente viesse, me dizia: está esta terra uma religião, porque pecado público não se sabia que logo por o zelo de Vossa Mercê e diligência de meus irmãos não fosse tirado, e dos secretos retínhamos absolvição a alguns, até tirarem toda ocasião e perigo de tornar a pecar. Mas como eles vieram, introduziram na terra estes clérigos e dignidades amancebados com suas escravas, que para esse efeito escolhiam as melhores e de mais preço, que achavam, com achaque que haviam de ter quem os servisse, e logo começaram a fazer filhos, e fazer-se

criação, porque convinha muito ao Brasil haver cá este treslado de dignidades de cônegos, como os há em outras igrejas da cristandade, e não sem muito descuido dos prelados, a quem Nosso Senhor castigará a seu tempo. E este lhe sei dizer que tem cá por o melhor proceder e mais quieto, porque quando eles não tinham escravas nem com que as comprar era pior, porque eram forçados de seus pecados a buscarem-nas com escândalo da terra e de seus vizinhos, e porque já disto no tempo de Vossa Mercê<sup>77</sup> havia muito e muito notório, me dizia muitas vezes. Melhor nos fora que não viessem cá. Começaram também de usar de suas ordens e dispensar os sacramentos e desatar as ataduras com que nós detínhamos as almas, e a dar jubileus de condenação e perdição às almas, dando o santo a cães e as pedras preciosas a porcos que nunca souberam sair do lodo de seus pecados, pelo qual não somente os maus, mas algum bom, se o havia, tomou liberdade de ser tal qual sua má inclinação lhe pedia. E assim está agora a terra nestes termos que, se contarem todas as casas desta terra, todas acharão cheias de pecados mortais, cheias de adultérios, fornicções, incestos, e abominações, em tanto que me deito a cuidar se tem Cristo algum limpo nesta terra, e escassamente se oferece um ou dois que guardem bem seu estado, ao menos sem pecado público. Pois dos outros pecados que direi? Não há paz, mas tudo ódio, murmurações e detrações, roubos e rapinas, enganos e mentiras; não há obediência nem se guarda um só mandamento de Deus e muito menos os da Igreja.

---

<sup>77</sup> 1549-1553.

Bem se lembrará Vossa Mercê de que, vendo eu isto logo em seu princípio, cuidei de dor perder o sizo, e assim como desesperado de poder na terra nem com cristãos, nem com gentio, fazer fruto, me fui com Vossa Mercê a São Vicente, correndo a costa<sup>78</sup>, desabrindo a mão de tudo, encomendando a Deus a Bahia e a seu prelado, e somente ficou um padre<sup>79</sup>

---

<sup>78</sup>Por ora não se sabe ao certo quando Tomé de Sousa partiu a correr a costa até São Vicente. Anchieta (*Mat. e Aeh.*, I, p. 15) diz: "Nóbrega indo àquela capitania no ano de 1553." Simão de Vasconcellos (*Chron.*, I, I, n. 124) escreve que o governador partiu em janeiro de 1553, levando consigo Nóbrega e Francisco Pires. Franco dá o mesmo ano. O Visconde de Porto Seguro (*Hist.*, p. 253) diz que a viagem só se verificou no fim de 1552. Hans Staden (*ed. franc. Ternaux-Compans*, p. 78) esteve com Tomé de Sousa em São Vicente, mas não declara em que mês e ano.

Se a armada em que foi Tomé de Sousa era dirigida por Pero de Góes, o que é muito provável, porque este era então o capitão-mor da costa, é certo que o governador partiu da Bahia em fins de 1552, como se deduz de pr. Gaspar da Madre de Deus (*Mem. ãa cap. ãe São Vicente*, p. 42) quando diz: "Tornou (Pero de Góes) a estas partes por capitão-mor de uma armada, que estava surta no porto de Santos aos 8 de fevereiro de 1553"; citando documento do Cart. da Prov. da F. R. de São Paulo. — [Em sua carta de 1º de junho de 1553, *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, III, 364/366, Tomé de Sousa escreveu a el-rei: "Eu cheguei a esta cidade do Salvador de correr a costa como tinha escrito a V. A. no primeiro de maio deste presente ano... ] . — G.

<sup>79</sup>Este padre era Salvador Rodrigues, o primeiro jesuíta que morreu no Brasil, a 15 de agosto de 1553. Nóbrega o deixou doente e lhe disse que não morresse até que voltasse. "Recebeu ele isto como mandado da obediência (diz Anchieta) e estando depois à morte parecia-lhe que não podia morrer contra aquele mandado; até que o padre Luiz da Grã lhe tirou o escrúpulo e lhe disse que bem podia, porque ele o desobrigava daquella obediência e com isso se determinou de morrer com muita alegria." (*Mat. e Aeh.*, I, p. 72). Um dos irmãos era Vicente Rodrigues e o outro Domingos Pecorella, segundo afirma Simão de Vasconcellos (*Cron.*, I, I, n. 137). Anchieta nas Cartas quaãr. ãe maio a setembro de 1554 (*An. da Bibl. Nac.*, I, 61), escritas de Piratininga, diz que Pecorella, recebido no Brasil, era intérprete dos índios e que havia morrido "não há muito" "privado do uso da razão pouco antes da morte." Simão de Vasconcellos (*Cron.*, I, I, ns. 188/192) diz que este irmão foi um dos primeiros admitidos na Bahia pelo padre Nóbrega e que morreu no colégio desta cidade a 24 de dezembro de 1554; data que parece ser exata à vista do testemunho de Anchieta.

na casa com um irmão ou dois, para ensinarem dois meninos e olharem por ela.

Pela costa que corremos achamos assaz de misérias e pecados que chorar, até chegar a São Vicente, onde por eu aí achar irmãos da Companhia<sup>80</sup> e muitos meninos do gentio em casa e algum pouco melhor aparelho para com o gentio entender, por achar aí irmãos que entendiam a língua e o gentio menos escandalizado dos cristãos, me deixei ficar, e Vossa Mercê se tornou em paz<sup>81</sup>.

Nesta capitania se fez algum fruto, posto que muito à força de braço, porque Nosso Senhor favorecia a salvação de alguns predestinados que tinha, que outra ajuda nenhuma não tínhamos, porque geralmente nesta terra todos são para estorvar o serviço de Nosso Senhor, e um só se não acha para favorecer o negócio de salvar almas.

Em todas estas capitancias, além destes pecados que tenho dito, notei outros, que muito mais que todos ofendem a Divina Bondade e mais lhe atiram de rosto, porque são contra a caridade, amor de Deus e do próximo. E estes pecados têm sua raiz e princípio no ódio geral que os cristãos têm ao gentio, e não somente lhe aborrecem os corpos, mas também lhe aborrecem as almas, e em tudo estorvam e tapam os caminhos que Cristo Nosso Senhor abriu para se elas salvarem, os quais direi a Vossa Mercê, pois já comecei a lhe dar conta de minha dor.

---

<sup>80</sup> *Já aí se achavam os padres Leonardo Nunes, Diogo Jacome e Manuel de Paiva e alguns irmãos admitidos no Brasil.*

<sup>81</sup> *Também se ignora o mês em que voltou Tomé de Sousa em 1553 e ainda o em que chegou à Bahia; supõe-se porém que em julho entregou o governo ao seu successor D. Duarte da Costa.*

Em toda a costa se tem geralmente por grandes e pequenos que é grande serviço de Nosso Senhor fazer ao gentio que se comam e se travem uns com os outros, e nisto têm mais esperança que em Deus vivo, e nisto dizem consistir o bem e segurança da terra, e isto aprovam capitães e preladados, eclesiásticos e seculares, e assim o põem por obra todas as vezes que se oferece, e daqui vem que, nas guerras passadas que se tiveram com o gentio, sempre dão carne humana a comer não somente a outros índios, mas a seus próprios escravos. Louvam e aprovam ao gentio o comerem-se uns a outros, e já se achou cristão a mastigar carne humana, para darem com isso bom exemplo ao gentio.

Outros matam em terreiro à maneira dos índios, tomando nomes, e não somente o fazem homens baixos e mamelucos, mas o mesmo capitão, às vezes! Oh cruel costume! Oh desumana abominação! Oh cristãos tão cegos! Que, em vez de ajudarem ao Cordeiro, cujo ofício foi (diz São João Batista) tirar os pecados do mundo, eles, por todos os modos que podem, os metem na terra, seguindo a bandeira de Lúcifer homicida e mentiroso desde o princípio do mundo! E não é muito que sigam a seu capitão gente, que não sei se alguma hora do ano está sem pecado mortal! Lembra-me que o ano passado disputei em direito esta opinião, e mostrei sua falsidade por todas as razões que soube, e o mandei a meus irmãos para se ver por letrados.

Deste mesmo ódio que se têm ao gentio, nasce não lhe chamarem senão cães, tratarem-nos

como cães, não olhando o que dizem os santos que a verdadeira justiça tem compaixão e não indignação, e quanto maior é a cegueira e bruteza do gentio e sua erronia, tanto se mais havia o verdadeiro cristão apiadar a ter dele misericórdia, e ajudar a remediar sua miséria quanto nele fosse, à imitação daquele Senhor, *qui venit quorere ovem quoe, perierat* deixando as noventa e nove no deserto *et manducábat cum peccatoribus et publicanis*, o que veio a buscar não justos, mas pecadores para salvar, *et venit quorere et sálvum facere quod perierat*, e disse: *beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur* e apiedou-se do roubado e ferido dos ladrões, deixado deles meio morto na deserto, o qual estes sacerdotes e Levitas desta terra deixam, passando sem d'ele fazer caso nem usarem de misericórdia com ele. Outro pecado nasce também desta infernal raiz, que foi ensinarem os cristãos ao gentio a furtar-se a si mesmo e vender-se por escravo. Este costume, mais que em nenhuma capitania, achei no Espírito Santo, capitania de Vasco Fernandes<sup>82</sup>, e por haver ali mais disto se tinha por melhor capitania.

Em São Vicente não usam isto aqueles gentios Tupinaquins; mas os cristãos de São Vicente no Rio de Janeiro haviam do gentio do Gato muitas fêmeas que pediam por mulheres dando a seus pais algum resgate, mas elas ficavam escravas para sempre. Em Pernambuco há também muito trato deste, principalmente depois das guerras passadas, que os índios, por mais não poderem, davam.

---

<sup>82</sup>Coutinho, que, segundo fr. Vicente do Salvador, chamava a sua capitania pela abundância de viveres, o meu vilão farto.

<sup>83</sup>1553-1557.

O mesmo se introduziu nesta Bahia em tempo de D. Duarte<sup>83</sup>, porque ainda em tempo de Vossa Mercê não havia disto nada, e isto depois da guerra passada, da qual os índios ficaram medrosos, e por medo e sujeição dos cristãos, e também por cobiça do resgate, vendem os mais desamparados que há entre eles. Os de Porto Seguro e Ilhéus nunca se venderam, mas os cristãos lhes ensinaram que aos do sertão, que vinham a fazer sal ao mar, os salteassem e vendessem, e assim se pratica lá os do mar venderem aos do sertão quanto podem, porque lhes parece bem a rapina que os cristãos lhes ensinaram e porque isto é geral trato de todos, me conveio cerrar as 'confissões, porque ninguém quer nisto fazer o que é obrigado e têm toda outra cleresia que os absolve e lh'o aprova.

Desta mesma raiz nasce darem-se pouco os cristãos pela salvação dos escravos que têm do gentio, deixando-os viver em sua lei, sem doutrina nem ensino, em muitos pecados; e si morrem os enterram nos monturos, porque deles não pretendem mais que o serviço e para terem mais quem os sirva, trazem gentios á casa para se contentarem de suas escravas, e assim estão amancebados cristãos com o gentio. E porque não haja pecado que nesta terra, também topei com opiniões luteranas e com quem as defendesse, porque, já que não tínhamos que fazer com o gentio em lhe tirar suas erronias por argumentos, tivéssemos hereges com quem disputar e defender a Fé católica. Pois que direi das tiranias, agravos e sem razões que se fazem aos índios, maiormente nesta capitania e outras de onde os cristãos têm algum domínio sobre os índios?

Vossa Mercê as poderá julgar, pois já cá estive: de maneira que a sujeição do gentio não é para se salvarem e conhecerem a Cristo e viverem com justiça e razão, senão para serem roubados de suas roças, de seus filhos e filhas e mulheres, e dessa pobreza que têm, e quem disso usa mais, maior serviço lhe parece que faz a Nosso Senhor, ou, por melhor dizer, a seu senhor, o príncipe das escuridades. Muito mal olham que a intenção do nosso Rei santo<sup>84</sup>, que está em glória, não foi povoar tanto por esperar da terra ouro nem prata, que não a tem, nem tanto pelo interesse de povoar e fazer engenhos, nem por ter onde agasalhar os portugueses que lá em Portugal sobejam e não cabem, quanto por exaltação da Fé católica e salvação das almas.

Mas, pois, Vossa Mercê ouviu os pecados da terra, ouça agora o cuidado que teve a Divina Justiça de os castigar. A capitania do Espírito Santo, onde mais reinava a iniquidade dos cristãos e onde os índios estavam mais travados entre si com guerras, porque vissem que sua esperança que tinham nos índios estarem diferentes não era boa, permitiu Nosso Senhor que se destruísse por guerra dos índios, morrendo nela os principais, como foi D. Jorge e D. Simão<sup>85</sup> e outros, e todos perderem com isso suas fazendas; e a terra, depois que de novo se tornou a povoar, sem haver emenda do

---

<sup>84</sup>D. João III morreu a 11 de junho de 1557.

<sup>85</sup>D. Jorge de Menezes e D. Simão de Castello Branco. Estes dois fidalgos acompanharam a Vasco Fernandes Coutinho, quando veio conquistar e povoar a sua capitania do Espírito Santo. Gabriel Soares (p. 72) diz que eles vieram por mandado “cumprir suas penitências a estas partes.” Como

passado, não deixa a vara do Senhor de castigar, porque poucos a pouco os vai consumindo, e misericórdia é do Senhor muito grande que de todo os não destrói; mas não tem quietação com guerras e sobressaltos até agora de índios e agora de franceses, e os Tupiniquins de Porto Seguro que tinham por si e chegavam lá, tem agora levantados. E nestes trabalhos pereceu Bernaldo Pimenta e Manuel Ramalho\*, que eram os que mais zelavam contra o gentio, que V. Mercê bem conheceu: e sobre tudo de contínuo têm guerras civis entre si, que pouco a pouco se consomem, e permitiu a Justiça Divina, a qual faz seu ofício<sup>86</sup>.

Esta capitania da Bahia me parece que tem o segundo lugar na maldade e os pecados desta se parecem mais com os daquela, porque aqui há menos gentio que em nenhuma, e esse se dividiu em

---

*se vê, eram degradados e foram mortos na ausência de Vasco Coutinho que tinha ido ao Reino.*

*De D. Jorge escreve fr. Vicente do Salvador (Hist. do Bras., l. 2<sup>o</sup>. c. 40): "Ao qual logo o gentio fizera tão cruel guerra que lhe queimaram os engenhos e fazendas e a ele matara a flechadas, sem lhe valer ser tão grande capitão, e que na Índia Maluco e outras partes tinha feitas muitas cavalarias." Chamavam-no o de Maluco, acrescentando Jaboatão "por ter sido capitão-mor desta fortaleza na Índia, vindo dela capitulado para o Reino." (Orbe Ser., Digr. IV, Est. III). A respeito do segundo fidalgo, diz fr. Vicente: "O mesmo fizeram a D. Simão de Castello Branco que lhe sucedeu na capitania."*

*\*Conf. Varnhagen, História Geral, I, 352, 4a ed. — Manuel Ramalho houve de Antônio Paes um filho, o cônego Jacome de Queiroz, mameluco, natural do Espírito Santo, com 46 anos de idade em 1591, que figura tristemente na Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil — Confissões da Bahia, 54, e Denúncias, 399. — G.*

*<sup>86</sup>Com efeito, Vasco Fernandes Coutinho foi desafortunado nesta sua donatária. Dele escreve Gabriel Soares (pg. 74): "No povoar desta capitania gastou Vasco Fernandes Coutinho muitos mil cruzados que adquiriu na Índia e todo patrimônio que tinha em Portugal, que todo para isso vendeu, o qual acabou nela tão pobrememente, que chegou a darem-lhe de comer por amor de Deus e não sei se teve um lençol seu, em que o amortalhassem."*

tempo de Vossa Mercê entre si; mas, porque nela havia os pecados que bem sabe, foi destruída, e seu capitão Francisco Pereira<sup>87</sup> comido dos índios; e depois que el-rei, que está em glória, a tornou a povoar com tanto zelo e com tanto custo, mandando a Vossa Mercê a lançar bons fundamentos na terra e bispo e clérigos e religiosos para fazerem serviço a Nosso Senhor, e para que todos entendêssemos em curar esta Babilônia; mas ela não ficou curada, mas permitiu o Senhor que fosse uma nau que levava o bispo e a principal gente da terra<sup>88</sup>, e fosse toda comida dos índios<sup>89</sup>. Ali acabaram clérigos e leigos, casados e solteiros, mulheres e meninos. Ainda escrevendo isto, se me renova a dor que tive, quando vi que não havia casa em que não houvesse prantos de muitas viúvas e órfãos.

Pernambuco também por seus pecados foi muito castigado e muitas fazendas perdidas, como é notório.

---

<sup>87</sup>Coutinho. *A seu respeito veja-se o que diz Capistrano de Abreu nos Mat. e Aeh.*, I, pg. 77. — [Francisco Coutinho foi morto “por mão de um irmão do moço que ele mandara matar, de idade até de cinco anos, que ajudará a ter a espada, e segundo dizem o não comerão” — De algumas coisas notáveis do Brasil, in *Revista do Instituto*, XCIV, 374] — G.

<sup>88</sup>A queixa dos moradores da Bahia contra D. Duarte feita a 18 de dezembro de 1556 dá a seguinte relação: “Antônio Cardoso de Barros, Lázaro Pereira, Francisco Mendes da Costa, Sebastião Ferreira, que ia por procurador da cidade, marido de Clemência Doria, a sogra de Rodrigo de Freitas, a mulher de Braz Fernandes, seu pai Antônio Pinheiro, a velha que veio com as órfãs, o capitão Boas, o Deão e outros dois cônegos, os quais todos iam com assaz agravos a queixar-se a Vossa Alteza e fazendo muita falta na terra e todos morreram com outros muitos inocentes.” — [Conf. Varnhagen, *Hist. Geral*, I, 366/367, 4a ed.] — G.

<sup>89</sup>Blasques (Carta de 10 de junho de 1557) diz que escaparam 10 pessoas. Fr. Vicente do Salvador (*Hist.*, I. 3o, c. 3o) escreve que apenas escaparam “dois índios que iam da Bahia e um português que sabia a língua.” Jaboatão (*Orbe Ser.*, Dig. II, Est. III) também observa que foram mortos todos e comidos, “menos dois índios úiansos da Bahia e um português, por serem línguas.”

São Vicente, da mesma maneira, sempre perseguida dos contrários, e em uma guerra que com eles tiveram morreram os principais nela, mas não permitiu o Senhor que de todo se perdesse, tendo um gentio tão grande e tão unido, sem haver entre ele as divisões que há no das outras capitânicas; mas porque também não conhece o dia de sua visitação, é cercada de todas as partes de seus inimigos, *scilicet*: contrários e franceses.

Pois que direi da capitania dos Ilhéus e Porto Seguro, as quais também têm um só gentio todo conforme e grande? A estas duas capitânicas dilatou mais Nosso Senhor o castigo, mas agora chegou o tempo em que pagou alguma coisa do que deve, e disto direi abaixo mais largo.

Deixo de dizer um geral açoite, que cada dia vemos nesta terra com perdas de barcos e gente comida dos índios, a qual por experiêcia veio ser mais a que nisso se gasta, que a que se de novo acrescenta à terra. E disto poderá contar muitas particularidades, as quais, assim porque Vossa Mercê sabe já muitas, como por vir a outras que mais folgara de saber por serem de mais perto, as deixarei de dizer, e todavia não deixarei de relatar o açoite de Nosso Senhor que deu a esta Bahia nas guerras civis, que permitiu que houvesse entre o bispo e o governador D. Duarte<sup>90</sup>, o qual eu não tenho por o mais ou menos castigo, o que mais dano fizeram na terra que as

---

<sup>90</sup>Sobre essas dissensões vejam-se a carta do bispo de 1554 e as do governador e Jorge Fernandes de 1555, n. Rev. do Inst., XLIX (1886), p. Ia, pp. 557/581; e ainda a Queixa dos moradores da cidade do Salvador contra D. Duarte da Costa e seu filho e Peãror Borges, feita a 18 de Dezembro de 1556, da qual possuem cópias Sua Magestade o Imperador (n. 5710 do Cat. da Exp. de Hist. do Bras.) e a Biblioteca Nacional (n. 19587 do cit. Cat.).

guerras que se teve com o gentio, porque naquelas não morreu nenhum homem, e nestas se engendrou a morte a muitos e perderam a honra e fazenda, e a terra perdeu muitos povoadores. E nisto note Vossa Mercê a bondade de Nosso Senhor, juntamente com sua justiça, que de tal maneira castigou que também houve misericórdia: não quis que os índios prevalessem contra os cristãos, porque têm almas suas, criaturas que salvar entre eles, e da guerra bem dada ou mal dada soube tirar esse bem que os índios ficassem sujeitos e medrosos e dispostos para agora receber o Evangelho, e a doutrina de Cristo poder entrar com eles, como abaixo direi, e contentou-se seu furor com levar aqueles cento a ser comidos dos índios.

Estando eu em São Vicente, e sabendo a vitória dos cristãos e sujeição dos gentios e que ao bispo mandavam ir, parecendo-me que já se po-

---

<sup>91</sup>Nóbrega só voltou à Bahia a 30 de julho de 1556, tendo partido de São Vicente a 3 de maio, como já ficou dito. Os irmãos que com ele chegaram, segundo Simão de Vasconcellos (*Chron.*, I. II, n. 4), foram o padre Francisco Pires e os irmãos Antônio Rodrigues, Antônio de Sousa e Fabiano Lucena. Blasques, que estava na Bahia quando Nóbrega chegou, diz que foram quatro irmãos e um padre, cujos nomes não declara. (Carta de 4 de Agosto de 1556). O seu testemunho deve ser, pois, insuspeito. O nome, porém, do outro irmão por ora não se sabe; Anchieta, segundo parece, não foi, apesar do meu amigo Capistrano de Abreu dizer (*Mat. e Aeh.*, I, pg. XIII) que ele acompanhou Nóbrega à Bahia em 1556. Primeiro, porque em dezembro de 1556 escrevia Anchieta uma carta de Piratininga (*An. da Bibl. Nac.*, I, 268), em que refere que em o 1º de novembro ele e mais irmãos passaram-se e entraram em procissão na igreja nova do mesmo lugar. Segundo, porque escreveu também as *Letras quaãr. ãe Setembro a Dezembro de 1556*, como se vê na carta quadr. de 1º de janeiro até maio de 1557, dat. de Piratininga em o fim de abril deste ano. Terceiro, porque não parece provável que se Anchieta tivesse chegado à Bahia a 30 de julho com Nóbrega, já em setembro ou outubro estivesse em Piratininga de volta. Nóbrega, na 15ª carta (de Piratininga, 1556), diz: "Nem com eu agora levar cinco ou seis deles para o Espírito Santo, deles para a Bahia. "Agora, se ficou algum irmão no Espírito Santo é o que também não sei por enquanto

deria trabalhar com o gentio e tirar algum fruto, me tornei a esta cidade<sup>91</sup>, trazendo comigo alguns irmãos que soubessem a língua da terra, e entre outras coisas, que pedi a D. Duarte, governador, para bem da conversão, foram duas, *scilicet*: que ajuntasse algumas aldeias em uma povoação, para que menos de nós bastassem a ensinar a muitos e tirasse o comer para carne humana, ao menos aqueles que estavam sujeitos e ao redor da cidade, tanto quanto seu poder se estendesse. Não lhe pareceu a ele bem, nem a seu conselho, porque Sua Alteza lhe tinha mandado que desse paz aos índios e não os escandalizasse: todavia nos favoreceu em duas igrejas que fizemos de palha, das quais se visitavam quatro aldeias aqui perto da cidade, e lhes mandou que não comessem carne humana, de tal maneira, que ainda que a comessem, não se fazia por isso nada, e assim a comiam a furto de nós e pelas outras aldeias ao redor, muito livremente.

Nós, por ter que fazer alguma coisa, ensinávamos a doutrina; havia escola de meninos em cada uma destas duas igrejas, pregávamos o Evangelho com muita desconsolação, pedindo a Nosso Senhor que alguma hora tivesse por bem que nossos trabalhos não fossem sem fruto. Neste tempo nos levou Nosso Senhor ao nosso companheiro o padre Navarro, que era um grande operário desta obra, e, como tinha atravessado nas entranhas o zelo e amor da conversão dos gentios, *usque in finem dilexit eos*, porque morrendo disse que por isso somente partia triste deste mundo, por não ver cumpridos seus desejos; mas eu creio que Nosso Senhor ouviu lá suas orações mais perto, e concedeu-nos que

daí a pouco tempo viesse Mem de Sá com um regimento de Sua Alteza, em que o mandava muito de propósito ajudar a conversão, por paz ou por guerra, ou como mais conveniente fosse. E agora começarei a contar o estado desta terra mais pelo miúdo, se Vossa Mercê tiver paciência para o ouvir, pois que o dito até agora foi relatar coisas e trazê-las à memória, que Vossa Mercê já saberá.

Como Mem de Sá tomou a governança, começou a mostrar sua prudência, zelo e virtude, assim no bom governo dos cristãos como do gentio, pondo tudo na ordem que Nosso Senhor lhe ensinou; primeiramente cortou as longas demandas que havia, concertando as partes, e as que de novo nasciam atalhava da mesma maneira, ficando as audiências vazias e os procuradores e escrivães sem ganho que era uma grande imundície que comia esta terra e fazia gastar mal o tempo e engendrava ódios e paixões. Tirou quanto pôde o jogo, que era outra traça, fazendo a todos entender em seus trabalhos com fruto, e, evitado este, se evitaram muitas ofensas de Nosso Senhor, como blasfêmias e rapinas que finalmente\* mostrou-se muito diligente em tudo o que pertencia a serviço de Deus e d'el-rei.

---

\*No capítulo quarto do "Instrumento dos serviços de Mem de Sá", *Anais da Biblioteca Nacional*, XXVII, 131, lê-se: "Ao tempo em que vim a esta cidade havia nela muitas demandas, jogos de cartas e alguns ódios. Encurtei as demandas, concertando as partes e com outros meios tirei os ódios, fazendo amizades." Fr. Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 165, ed. de 1918, a propósito das demandas, narra o seguinte: "E assim cessaram as demandas, de modo que, fazendo o doutor Pedro Borges, ouvidor-geral, uma vez audiência, não houve parte alguma requerente, do que levantando as mãos ao céu, deu graças a Deus." — G.

\*\*Conf. capítulos nono e décimo do Instrumento citado, 132. — G.

Acabou o engenho, e acabará cedo a Sé\*\*, e com exemplo de sua pessoa convida a todos a bom viver de tal maneira, que sabe Nosso Senhor quanta inveja lhe eu tenho. Na conversão do gentio nos ajudou muito, porque fez logo ajuntar quatro ou cinco aldeias que estavam ao redor da cidade, em uma povoação junto ao rio Vermelho, onde pareceu mais conveniente, para que toda esta gente pudesse aproveitar-se das roças e mantimentos que tinham feito, e aqui mandou fazer uma igreja grande, em que coubesse toda esta gente, a que chamam São Paulo. Mandou apregoar por toda a terra, *scilicet*: oito e nove léguas ao redor, que não comessem carne humana, e por se mostrar ao gentio foi ouvir a primeira missa dia de São Paulo<sup>92</sup>, acompanhado de todos os principais da terra, e naquele dia se batizaram muitos, onde deu a todos de comer, grandes e pequenos; esta será uma légua da cidade. Outra igreja mandou logo fazer, de São João Evangelista, quatro ou cinco léguas de cidade, onde se ajuntaram outras tantas aldeias do gentio de Mirãgoaba. A terceira mandou fazer onde chamam o rio de Joanne, esta se chama Sancti Spiritus; aqui há mais gente junta que em todas; está sete ou oito léguas da cidade, perto da costa do mar. Nestas três igrejas se faz agora muito serviço a Nosso Senhor, e o gentio vai conhecendo que só a Jesus Cristo se deve crer, amar e servir.

As coisas que nisto há particulares para muito dar graças a Nosso Senhor, faço eu escrever

---

<sup>92</sup>Provavelmente dia da Conversão de São Paulo, a 25 de janeiro de 1558. É mais uma prova que Mem de Sá chegou à Bahia em 1557.

a meus irmãos; se muito desejo tiver de a saber, eles lhe dirão lá.

Em todas há escola de muitos meninos pequenos nem grande morre sem ser de nós examinado se deve ser batizado, e assim Nosso Senhor vai ganhando gente para povoar sua glória, e a terra se vai pondo em sujeição de Deus e do governador, o qual os faz viver com justiça e razão, castigando os delinquentes com muita moderação, com tanta liberdade como aos mesmos cristãos. E cada povoação destas tem seus meirinhos, os principais delas, os quais por mandado do governador prendem e lhe trazem os delinquentes, e assim lhes tira a liberdade de mal viver e os favorece no bem.

Além destas três, estão juntas outras muitas aldeias em duas povoações grandes, e estas não têm igrejas porque esperam por sacerdotes e quem resida entre eles, mas somente são visitadas a tempo das outras casas, porque somos poucos e não podemos suprir a muita messe que há, e por esta causa não entendemos em Apacê e Cirigype, e na ilha de Tapariqua e no Pará açú, nos quais há já aparelho para se tratar com eles, se tivéssemos padres: tudo isto se deve a Nosso Senhor e ao bom zelo do governador. E desde que eu isto vi na terra, comecei a ressuscitar e já não quero ser ético, nem morrer, por dar graças muitas a Nosso Senhor e ter que o louvar em suas misericórdias e me alegrar não sobre um só pecador que faz penitência, mas sobre muitos que de sua infidelidade se convertem a Cristo.

Mas o inimigo da humana geração, a quem muito magoaram estas obras, trabalha pelas estor-

var e nos desconsolar, tomando por seu instrumento muitos maus que há nesta terra, os quais não favorecem nada esta obra, mas por muitas maneiras trabalham cerrar as portas todas à salvação do gentio, pelo ódio que comumente se tem a esta geração, e o primeiro golpe que começou a dar foi desinquietar os índios de São Paulo, tomando-lhe suas terras e roças, em que primeiro estiveram de posse e nunca fizeram por onde as perdessem, antes na guerra passada estes ajudaram aos cristãos contra os seus próprios. A causa que tinham os cristãos por si não era outra senão que as haviam mister, e porque nisto o governador e eu estorvamos essa tirania, contra ele e contra mim conceberam má vontade, o que me fez lembrar da dada de terras que Vossa Mercê deu a este colégio, e fiz as marcar e achou-se que as mais de aquelas terras que os índios possuíam, estavam na nossa dada, e por isso abrandou alguma coisa sua perseguição; mas os índios que acertaram a ter terras fora da nossa dada ainda agora são perseguidos, e sendo agora os índios com o governador à guerra dos Ilhéus, cá lhes tomam suas roças e os perseguem ainda.

Outra grande desinquietação se dá aos índios, por gente de mau viver, que anda entre eles e que lhes furtam o que têm e lhes dão pancadas e feridas pelos caminhos, tomando-lhes seu peixe, furtando-lhes seus mantimentos. E nisto não pode haver justiça, porque recebe cá o ouvidor-geral uma opinião muito prejudicial, que sem prova de dois ou tres cristãos brancos não se castiga nada, ainda que seja notório, pelos índios, a qual prova é impossível haver-se, e assim fica tudo sem castigo.

Outros muitos estorvos temos, os quais conhecerá pelos casos particulares que contarei.

Bem lembrará Vossa Mercê como em seu tempo se dividiram estes índios desta Bahia, *scüicet*: os do Tubarão com os de Mirãgaoba, com que Vossa Mercê folgou muito e os cristãos todos, e em tempo de D. Duarte se encarniçaram tanto em tão grande crueldade, que cada dia se matavam e comiam, porque não estavam mais de meia légua uns dos outros, e desta cidade duas ou três, e tão desassossegados andavam que não era possível poder-se-lhes ensinar doutrina a uns nem a outros. Pelo qual mandou o governador ajuntá-los de uma parte em povoações sobre si, e mandou-lhes que em mentes se ajuntavam, não guerreassem, nem também queria que fossem amigos, a que eles obedeceram. Depois de juntos, tendo já contentamento do bem da paz, não quiseram guerrear, nem tão pouco estão amigos, posto que alguns parentes se entram a furto, os quais com as guerras de antes ficaram divididos, por se acharem daquela banda. Estes, assim uns como outros, são agora doutrinados, e todos bem sujeitos à obediência do governador. Por esta causa, se levantou também grande murmuração entre os cristãos, dizendo que os deixassem comer que nisso estava a segurança da terra, não olhando que, ainda para o bem da terra, é melhor serem eles cristãos e estarem sujeitos, que não como de antes estavam, pondo mais confiança nos meios de Satanás que nos de Cristo, maiormente em tempo que os cristãos estão tão poderosos contra eles, e eles estão sujeitos e abatidos que sofrem

a quem quer dar-lhes muita pancada, posto que seja longe daqui.

E cuida esta gente do Brasil que, estando os índios diferentes, não poderá Nosso Senhor castigá-los se quiser, e não escarmentam ainda, vendo quão mal foi a terra toda, e quanto castigou Nosso Senhor o pôr nisso e em tomarem as filhas dos índios por mancebas, e em outros semelhantes ardis, e não nele, a confiança, pois nas capitánias em que eles estavam mais divisos e mais amancebados com as filhas do gentio, deu maiores trabalhos como acima disse na guerra em que a capitania do Espírito Santo se destruiu. Estando todos os índios entre divisos, se fizeram amigos contra os cristãos, porque a Justiça Divina o queria assim. Melhor conselho seria fazer penitência e emenda de seus pecados, e assim teriam a Nosso Senhor de sua parte, e deixava sua justiça de os castigar, e porque eu isto não vejo, antes se multiplicam os pecados e a gente se diminui, temo perder-se tudo.

Outros zelando por parte dos índios, ou por parte de Satanás, murmuram por serem presos e castigados por seus delitos, e por serem premiados a doutrina e a bons costumes, temendo que por isso se levantem, e não murmuram sem razões que eles fazem aos índios que é maior ocasião de se eles amotinarem, porque nós, posto que por uma parte os premiamos a bem viver, por outra lhes mostramos entranhas de amor, pugnando por eles em tudo e defendendo-os de tiranias e servindo-os e curando-os de suas enfermidades com muito amor, de que eles são bem em conhecimento, e por outra parte estes cristãos, se algum índio lhe pre-

judica em uma palha de sua fazenda, querem logo que seja crucificado.

Acima disse como o governador mandara notificar a estes da Bahia que não comessem carne humana; muitos obedeceram, mas não um principal da ilha de Corurupeba<sup>93</sup>, que está pela Bahia adentro sete ou oito léguas, que matou e comeu com festas seus escravos, e sobre isso não quis vir a chamado do governador, falando palavras de muita soberba, porque estes nunca haviam conhecido sujeição, e entrava-se com estes de novo, pelo que mandou o governador a Vasco Rodrigues de Caldas, com quinze ou vinte homens buscá-lo por força, e trouxeram ao pai e filhos presos, sem os seus ousarem a os defender. Este foi o formento de grande escândalo nesta terra, porque tiveram logo os maliciosos que murmurar e ocasião de levantar mentiras: disseram que aqueles índios haviam morto certos escravos do engenho que foi de Antônio Cardoso que lá estavam perto, e como se conheceu ser mentira, disseram que um barco que o governador havia mandado a Tatuapara o haviam os índios tomado e morto a gente, tudo por entristecerem ao governador, o que também logo se soube ser mentira. Este principal esteve preso perto de um ano e agora é o melhor e o mais sujeito que há na Terra. Por estas coisas têm concebido todos grande aborrecimento ao governador, uns porque lhes tirou o ganho das demandas que antes havia,

---

<sup>93</sup>Simão de Vasconcellos (*Chron.*, 1.<sup>o</sup> II, n. 53) diz que este principal “chamava-se entre os seus Cururupeba, que em nosso falar vem a dizer “sapo bufão”. “A etimologia vai por conta do cronista. Provavelmente a ilha tomou o nome do principal.

outros porque perderam a liberdade que antes tinham de jogar e adulterar, outros porque os obriga a trabalhar nas obras d'el-rei e em prol da terra, maiormente aos que têm soldo d'el-rei, os quais antes viviam muito à larga, e os outros porque lhes não pagam à sua vontade, e nisto só têm alguma razão. Mas não sei se tem nisso o governador culpa, pois não o há tanto que baste a contentar a todos, mas a maior ocasião que têm de o aborrecerem de graça é isto que tenho dito dos índios e ainda direi mais por onde conheça o que tenho dito e o estado da terra.

O ajuntar dos índios que o governador faz, para se melhor poderem doutrinar, deu também muita ocasião de escândalo a muitos que tinham índios perto de suas fazendas, dos quais se ajudavam em seus serviços, deixando-os viver em seus costumes e morrer sem batismo, nem haver quem lhes lembrasse a Jesus Cristo Nosso Senhor: outros, depois que viram o gentio, com estas coisas que se fizeram entre eles, domados e metidos no jugo e sujeição que nunca tiveram, cobiçaram ser repartidos para seu serviço, como se fez nas Antilhas e Peru e assim o pediu a Câmara ao governador. Mas a ele não lhe pareceu bem por não haver causa para isso justa, porque os mais deles nunca fizeram por onde merecessem isso, antes na guerra passada se lançaram da banda dos cristãos, e para os que foram na guerra passada tão pouco havia causa justa, pois a guerra não se houve lá por justa da parte dos cristãos e mandou el-rei, que está em glória, restituí-los em suas terras, como de antes estavam, e já que os houvessem de repartir, como

no Peru, haviam de ser obrigados a terem um padre para sua doutrina como lá também se costuma, o que esta gente não pode fazer, assim por não terem possibilidade de manter um capelão, como também porque não se trata de salvar almas nesta terra, senão de qualquer seu interesse, e dos próprios seus escravos se tem tão pouco cuidado que os deixam viver como gentio e morrer como bestas e assim os enterram pelos monturos e não é muito, pois eles de suas próprias têm tão pouco cuidado de as salvar e muito por enriquecer e levar boa vida, segundo a carne nos vícios e pecados que, segundo a pobreza da terra, se pode ter nela. Bem me pareceria a mim conquistar-se a terra e repartir-se os índios pelos moradores obrigando-se a doutriná-los, que há muitos que possam se sujeitar, mas não há homem que por isso queira levar uma má noite, e se o governador por segurança da terra quer fazer alguma coisa ou castigar algum índio todos o estorvam e ninguém o ajuda. Agora que vêm os índios sujeitos sem custar sangue de cristão nenhum, nem guerra (posto que da passada ficaram amedrontados); agora que estão juntos com igrejas para se doutrinarem; agora os querem repartidos, e assim não falta quem vá tirar nossos índios que temos juntos com muito trabalho e levá-los às suas roças a viver. Muitos vão por fugir à sujeição da doutrina e viverem como seus avós e comerem carne humana como de antes.

Estas coisas todas e outras desta qualidade que o governador não consente e outras que faz, conformando-se conosco no que nos parece glória de Deus e bem das almas e proveito da terra,

engendram escândalo em todos e tumulto no povo contra ele e contra nós, porque sempre no serviço de Nosso Senhor há coisas contrárias ao que pretendem de seus interesses e a estas acrescentam mil falsidades e mentiras que levantam, porque assim é costume do povo, quando está mal afeiçoado.

Agora entram os queixumes que eu tenho de Garcia d'Ávila: é ele um homem com quem eu mais me alegrava e consolava nesta terra, porque achava nele um rasto do espírito e bondade de V. Mercê de que eu sempre muito me contentei, e com o ter cá me alegrava, parecendo-me estar ainda Tomé de Sousa nesta terra. Tinha ele uns índios perto de sua fazenda. Quando o governador os ajuntava, pediu-me ele lhe alcançasse do governador que os deixasse, prometendo ele de os meninos irem cada dia à escola em São Paulo, que estava meia légua dele, e os mais iriam aos domingos e festas à missa e pregação. Concederam-lhe; mas ele teve mau cuidado de o cumprir, sendo de mim muitas vezes admoestado, antes deixava viver e morrer a todos como gentio; e tinha ali um homem que lhe dava pouco por ele nem os escravos, e muito menos o gentio irem à missa. Pelo qual fui forçado de minha consciência a pedir que os ajuntassem com os outros em São Paulo, e posto que ainda não os tiraram, contudo ele muito se escandalizou de mim, assim que, nem a ele, nem a outro nenhum já tenho nem quero mais que a Deus Nosso Senhor e a razão e justiça, se a eu tiver.

Também começou a entender com os do Para açú e com os da ilha de Tapariqua, que são todos uns; e isto por razão dos escravos dos cristãos

que para eles fugiam e não os davam e isto contentou a todos, porque lhes tocava em seu proveito. Os de Tapariqua obedeceram, mas os do Pera açú muitos deles não quiseram paz nem dar os escravos, antes tomaram um barco de Pero Gonçalves\*, de São Tomé, com ferramenta que levava, e os negros de Guiné fugiram e esconderam-se pelos matos e por isso escaparam. Depois sendo requeridos com paz e com restituírem o barco e os escravos, não quiseram, pelo qual lhe pareceu mandar a eles com conselho de muitos a tomar-lhes os rodeiros, que tinham feitos com que determinavam fazer a guerra aos cristãos, e mandou a Vasco Rodrigues de Caldas com a gente e barcos que pôde, o qual deu neles, saindo em terra, matando muitos e trazendo outros cativos. Aqui se quebrou o desencantamento do Para açú, onde ninguém ousava sair em terra e perderam os cristãos o medo que tinham aquele gentio, vindo com muita vitória, sem lhes matarem ninguém.

Não puderam muitos que aborreciam ao governador dissimular sua paixão do bom sucesso e porventura folgaram mais de suceder alguma desgraça ao governador para ficar mais desacreditado em suas obras.

Com esta boa fortuna alguns índios principais do Para açú vieram a pedir paz ao governador, trazendo-lhe o barco dos cristãos que haviam tomado aos outros para com ele alcançarem paz para

---

\*A este Pero Gonçalves, ou outro de igual nome, declarou Mem de Sá em seu testamento, Varnhagen, *História Geral*, I, 450, 4a ed., dever seis vacas, entregues em julho de 1568, e mandou que as restituíssem, e, sendo paridas, com as crianças. — G.

si, ficando os outros em sua pertinácia e fazendo-se fortes. Tornou a eles Vasco Rodrigues e deu em uma aldeia que estava meia légua do mar, por um caminho muito áspero que andaram de noite e deram nela, que era grande e toda a gente mataram, porque os tomaram dormindo, salvo vinte ou trinta pessoas, meninos e mulheres, que trouxeram por escravos, de que não escapou mais de um índio ou dois, mal feridos, para levarem novas aos outros.

Outra vez, terceira, tornou lá Vasco Rodrigues já com maior ânimo dos cristãos e todo perdido o medo; queimou muitas aldeias, matando muitos sem lhes matarem ninguém.

E com esta se renderam os mais e pediram paz e se fizeram tributários a el-rei, obrigando-se a pagar certa farinha e galinhas e de não comerem carne humana e serem sujeitos e cristãos, como lá lhes mandassem padres, os quais eu desejo que haja para lhes dar e fazer-lhes lá igrejas, dando eles cá alguns filhos para segurança e reféns, agora pelo princípio que eles darão de boa vontade; o mesmo fizeram os de Tapariqua e os de Tinharé e todos desejam estar bem com os cristãos e se obrigam a pagar o tributo que tenho dito.

A mim, me lembra de ser este mesmo o espírito que regia Vossa Mercê quando governava esta terra e comigo o praticava muitas vezes, desejando sujeitá-los e dar-lhes qualquer jugo e tinha então muito maior aparelho e muito mais gente que agora, mas estorvaram os meus pecados e a gente desta terra, a qual tinha tão impresso na

---

<sup>94</sup>Coutinho, *o infeliz donatário da Bahia*.

mente o medo que lhe ficou da guerra de Francisco Pereira<sup>94</sup> e do Espírito Santo, que por ali queriam medir tudo, não lançando suas contas com Deus, nem lhe lembrando sua glória e honra e salvação das almas e que Nosso Senhor sempre favorece quem anda por seus caminhos e dá graça aos humildes e resiste aos soberbos que fora dele põem sua confiança, porque amam a paz que o mundo dá, mas Cristo a aborrece.

Oh se então Vossa Mercê começara, quantas almas se ganharam em Nosso Senhor! Favorecera e povoara a terra melhor do que a povoou e levava tudo melhor fundamento, porque se fundaram na pedra viva que é Cristo Nosso Senhor, e para maior prova desta verdade que só em Cristo e com Cristo se devem fundar estas coisas lhe contarei outro caso que aconteceu.

A capitania dos Ilhéus e Porto Seguro, as quais tinham o gentio Tupiniquim grande e todo amigo, e que mais favorável se mostrou sempre aos cristãos e em cuja amizade os cristãos confiavam muito e mais perseveravam que outro nenhum da costa, havendo nestas capitanias muita gente, mas muito pouco temor de Deus, nem zelo de sua honra, mas muitos pecados e favoreciam o comer da carne humana e ensinavam-lhes outros pecados, que eles nem seus avós tinham, porque esta gente do Brasil não tem mais conta que com os seus engenhos e ter fazenda, ainda que seja com perdição das almas de todo o mundo, aconteceu que por matarem um índio em Porto Seguro e outro nos Ilhéus, sem lhes fazerem satisfação de justiça, eles se levantaram e mataram dois ou três homens que

acharam no caminho dos Ilhéus para Porto Seguro e deram em uma roça de cristãos nos Ilhéus e passando pelo engenho de São João, em que estava Thomaz Alegre, meteu Nosso Senhor tanto medo nos ossos dos cristãos que despovoam o caminho sem índio atirar flechas; antes se crê que já satisfeitos da morte dos seus se contentavam, porque a muitos cristãos que puderam matar e roubar muito liberalmente deixaram ir. Como isto se soou entrou o mesmo medo nos outros engenhos e sem verem índio despovoam e largam tudo, recolhendo-se na vila, o que vendo os índios, ao recolher de Thomaz Alegre, lhe tomaram alguns escravos que puderam alcançar e entraram e roubaram o que acharam nas fazendas; e assim postos os cristãos em cerco, mandaram pedir socorro a esta Bahia ao governador de gente, munição e mantimentos, porque não comiam senão laranjas. E agora ouça o que sucedeu.

Pondo o governador isto em conselho, uns diziam que ele devia de ir e outros que não, mas, finalmente, por um só voto de mais, se determinou que fosse: mas como as principais pessoas eram de opinião que não fosse e esta opinião agradava mais aos pobres, porque estes são por derradeiro os que se levam e deixam suas casas e temiam levarem-nos, depois de todavia se determinar sua ida, contentando-se mais de suas razões que não da obediência e parecer do governador e dos outros, entrou em muitos a murmuração, semelhante a de Judas que dizia: *potest unguentum istud venundari multo et dari pauperibus, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat*, e assim esta gente, havendo de con-

solar e animar aos pobres que haviam de ir, diziam que para que era levá-los e tirar a gente de suas casas e isto não por se tanto doerem deles, como por temerem que poderia cair o céu e suas fazendas correrem ventura, não vendo que o governador levava muita gente dos índios e os que ficavam não haviam de ousar de bulir consigo, maiormente estando tão sujeitos, nem olhavam que em tempo de tão extrema necessidade como estavam, havia obrigação de lhes socorrer. E com este desgosto que todos os principais tinham e a gente popular bramava, se embarcou o governador sem haver quem o ajudasse naquela armada, pobre, feita mal e por mal cabo e mal aviado, com muita desconsoção, que houvera Vossa Mercê lastimar se o visse, como o eu vi, porque uns não ajudavam, outros estorvavam, outros mordiam e todos com fastio e outros o desacatavam, de maneira que como a homem de capa caída quem quer se lhe atreve, porque dizem que não tem lá no Reino ninguém por si e tudo lhe convertem em mal, até a morte de seu filho<sup>95</sup>, que ele sacrificou por esta terra. Mas, neste negócio, de Garcia d'Ávila só sei que se lhe ofereceu para ir com ele, porque quando é tempo

---

<sup>95</sup>Fernão de Sá, na conquista do Espírito Santo. Veio com Mem de Sá e morreu antes do 1º de junho de 1558, porque na carta do governador desta data já fala na sua morte. Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Bras.*, 1. 3o, c. 7o), narrando os acontecimentos, assim conclui: "Feito isto se foram (os companheiros de Fernão de Sá) a São Vicente e daí à Bahia, onde o governador os não quis ver sabendo como haviam deixado matar seu filho, e quando eles não tiveram esta culpa, nem por isso a devemos dar ao pai em fazer extremos pela morte de tal filho." [Conf. capítulo décimo quarto do Instrumento citado, 132/133. A morte do filho do governador ocorreu antes do último de abril de 1558, porque a ela já se refere o irmão Antônio Blasques, em sua carta daquela data, *Revista do Instituto*, XLIX, parte Ia, 28]. — G.

sabe bem usar da boa criação que Vossa Mercê nele pôs; mas o governador o escusou. Outro se lhe ofereceu, parecendo-lhe que também o escusasse o governador, mas lançando mão por sua palavra, se tornou a escusar, querendo mais parecer vergonha no rosto que mágoa no coração. Desta maneira o tratam, mas ele se há com muito sofrimento e paciência em tudo.

Depois de embarcado, ventando sudoeste e sendo a força do inverno, quis Nosso Senhor haver piedade daquelas almas que nos Ilhéus estavam e se mudou ao nordeste, vento próspero, com que em dois dias chegou lá e achou-os em tanto aperto que, se mais tardasse oito dias, dizem que os acharia comidos dos índios, e se tiveram embarcação todos houveram já despovoado. Logo que chegou, tomada a informação da terra, desembarcou à meia-noite, começou a caminhar pela praia com a sua gente e outra da terra, que toda estava sem alma e sem espíritos vitais e com sua ida tornaram em si e foram-se pela praia, pelo caminho que vai para Porto Seguro, e tomaram umas espias dos índios que foram logo mortas e presas; foram dar em uma aldeia, onde mataram três ou quatro pessoas, porque os mais fugiram e não puderam mais fazer que lhes queimar as aldeias, tornando-se a recolher para a vila; vinham os índios ladrando de trás às flechadas. Meteu-se Vasco Rodrigues que levava a dianteira em cilada no mato e deixou-os passar, e como os teve diante, deu neles e mataram um só os cristãos, porque todos se acolheram ao mar, com os quais se lançaram também os nossos índios da Bahia que o governador levou e foram nadando

uma grande légua e lá tiveram uma forte batalha; mas os nossos, ajudando-os o Favor Divino, sendo já alguns deles cristãos, mostraram muito esforço e mataram lá alguns e outros trouxeram mal feridos, que na praia acabaram de matar. Outras vezes foram a outras partes e não acharam já índios, que todos se afastaram longe. De todas estas vezes foi o governador em pessoa, e todos se espantam de seu ânimo e forças, porque ele mostrou sentir menos o caminho, sendo ele de muitas subidas e muitas águas e matos muito bravos\*.

Depois veio outra nova, e é que, parecendo aos índios dos Ilhéus que o governador seria ido, porque viram sair alguns barcos e navios, os quais mandava o governador buscar mantimentos e a buscar índios que pediam pazes e se ofereciam a pelejar contra os outros, dizendo que não foram consentidores do que os outros fizeram, determinaram de vir ao salto e vieram ter a uma roça de André Gavião, onde estavam oito negros de Guiné, doentes e tristes, e foi mandado Vasco Rodrigues com a gente a fazer-lhes cilada e puseram-se em quatro partes, para não poderem escapar por nenhuma, e entraram na cilada sessenta negros valentes, homens e mancebos, e todos foram tomados, sem nenhum escapar. Os quarenta mataram aí logo, os vinte trouxeram, os quais o governador tem para por eles haver algumas crianças que ainda estão em poder dos negros e alguma fazenda dos cristãos; mas, todavia, os outros negros de Guiné acharam mortos por estes 60 antes que a cilada se

---

\*Conf. capitulo décimo quinto do Instrumento citado, 133. — G.

descobrisse. Dizem que daí, jornada de dois dias, se faziam fortes os índios com cerca; esperava-se por bom tempo para darem nela, e, se estes forem vencidos pela misericórdia de Nosso Senhor, acabar-se-á aqui, porque todos os mais pedem pazes, e na verdade mostram-se sem culpa e submetem-se à obediência. Vinham umas canoas de índios do rio das Caravelas, e foram tomadas, em que vinha uma grande Santidade sua; estes todos e seus parentes se querem vir viver aos Ilhéus, para os guardarem e defenderem, os quais dizem que são de outra geração, que já em outro tempo se comiam com estes que deram a guerra, do que eu também colijo que, quando Deus quer ajudar, os amigos se fazem inimigos em favor dos cristãos, e quando quer castigar, faz dos inimigos amigos: e uma coisa e outra se viu nesta terra por experiência. E por isso em Nosso Senhor só se deve esperar, como diz o sábio no Eclesiástico: *respicite, filii, nationes hominum et scitote quia nullus sperabit in Domino et confusus est*; e o profeta diz: *spera in Domino et fac bonitatem*.

Deste negócio se deve muito a Vasco Rodrigues de Caldas, a quem Nosso Senhor deu tão boa fortuna como até agora tem dado e por seu esforço tira o medo aos cristãos desta terra e se crê que os índios não são serpes, mas gente nua, dos quais estou espantado, porque não parecem que são da casta dos portugueses que lemos nas crônicas e sabemos que sempre no mundo tiveram o primado em todas as gerações e pelas histórias antigas e modernas se lê. Estando tanta gente nos Ilhéus, sem verem mais queimarem uma casa de uma roça, largam engenhos e fazendas e quanto tinham, e

põem-se em um outeiro, vendo que lhes matavam o gado e o comiam perante eles e todos encurralados, que seriam mais de mil almas de peleja com escravos e tudo! E o mesmo será de todas as outras capitánias, em mentes o gentio não for senhareado por guerra e sujeito, como fazem os castelhanos nas terras que conquistam e no Paraguai o fizeram com muito pouca gente, senhareando o maior gentio que há na terra; e assim estão as fazendas e vidas dos homens na mão dos índios cada vez que quizerem, se não for nesta Bahia, onde já o gentio está sujeito e medroso, este que está perto dos cristãos. Meu conselho seria ou bem se ganhar e se segurar ou largá-la, porque se espera-se que com qualquer paz se irá povoando, eu vejo que cada vez há menos gente, menos resistência aos índios e mais gente vai do que vem, e outros que morrem à mão de índios, em barcos que se perdem. Se isto fosse, os índios seriam cristãos e a terra se povoaria em serviço de Deus Nosso Senhor e em prol do Reino.

Em São Vicente, onde eu creio que há mais gente para senharear índios que em nenhuma capitania, porque além de haver muitos brancos e mamelucos, há aí muita escravaria, não se trata de ganhar a terra, senão de se darem à boa vida e com ardis e manhas muito prejudiciais às suas almas e com peitarem os índios querem lograr suas cans com queixadas sãs, e assim vivem á mercê dos índios.

O ano passado me escreveram que vieram os castelhanos a vingar a morte de alguns cristãos e índios Carijós, que os Tupis de São Vicente haviam morto, havendo o capitão do Paraguai feito pazes

entre os Tupis e Carijós, que não lhe cumpriram, pelo qual vieram castelhanos e Carijós a vingar isto e foi a mortandade tanta que fizeram nos Tupis, que despovoaram o rio Grande e vinham fugindo para o mar de São Vicente, o qual conheceram os índios e por isso determinaram de se vingarem nos portugueses de São Vicente e vinham com determinação de matarem os cristãos de Gerabatiba<sup>96</sup>, e lá houveram de ir também meus irmãos de Piratininga, se Nosso Senhor não socorrera e foi que meteu na vontade a dois principais do campo, os quaes detiveram a muita gente que já caminhava com aquele mau propósito e fizeram os tornar. A gente de São Vicente e Santos ouvindo estas novas, mandaram lançar fama que era chegada uma caravela cheia de castelhanos, que haviam de ir por terra e outros haviam de vir do Paraguai e tomariam no meio a todos e os matariam.

O que nisto pretendiam era por meter medo ao gentio que não viesse, mas como souberam da mentira, não serviu de mais que de ficarem mais desacreditados com os índios, de maneira que aquela capitania está em grande pendura, e não está em mais que em quererem os índios, porque, ainda que há muita gente, é toda triste e desarmada e agora se lhe acrescentou outra desventura, que foram os franceses, e temo vir alguma triste nova e estou muito arrependido de não haver já tirado meus irmãos de lá, porque segundo parece muito claro, está aquela terra com a candeia na mão, porque cada vez se lhe acrescenta a desventura e lhe falta o socorro.

---

<sup>96</sup>*Jaraibatiba, escreve Anchieta (An. da Bibl. Nac., I, pp. 269, 270, 273, 274).*

O capitão do Paraguai se mandou oferecer por vezes que sujeitaria os Tupis a São Vicente se lhe dessem licença e querem com os portugueses trato e conversação e ajudá-los contra o gentio, e outros inimigos, e nem o querem aceitar nem querem ganhar a terra, mas deixam-se estar esperando que por uma parte os matem franceses e os contrários por outra, e os índios da terra que se levantem e os acabem de consumir e comer a todos. Este segredo eu não o entendo, mas vejo ir-se a perder tudo.

Já tenho dito muita parte de minha dor a Vossa Mercê; muitas mais dores me ficavam para com ele desabafar que por carta se não podem dizer: peço-lhe pela caridade de Cristo Nosso Senhor com que sempre me amou, que a soberba e ignorância que nesta conhecerá, emende paternalmente em quanto nele for. Faça socorrer a este pobre Brasil do que ele bem sabe que lhe será necessário para tantas enfermidades quantas tem, para que esta pequena faísca de Fé e amor divino que agora se começa acender nos corações deste gentio, se continue e não se apague, pois Cristo Nosso Senhor. *Venite hunc ignem mittere in terram et vultur accendatur.* Ele lhe dê por sua misericórdia a sua paz na terra e glória nos céus. Amém.

Desta Bahia, a 5 de Julho de 1559.

Orada escaço de v. n. d. em 30 p.<sup>o</sup>

Manoel donobrego

---

Foi publicada pela primeira vez em 1835 por B. da Silva Lisboa no An. do Rio, VI, pp. 66/100; depois reproduzida por Acioli nas Mera. históricas da Bahia, III, pp. 210/235.

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro guarda o original (que segundo Barbosa Machado se achava [em 1753] no arquivo do Colégio de São Roque de Lisboa) desta interessantíssima carta, com as palavras “Orador e servo de V. M. em Cristo” e a assinatura escritas do próprio punho do veneravel jesuíta.

A assinatura combina perfeitamente com a da carta a D. João III, existente na Torre do Tombo, cujo fac-símile publicado na página 127 nos foi mandado pelo nosso prestimoso amigo Lino de Assumpção.

Na última página da carta acha-se averbado: “Brazil. 1559. — Copiou-se e mandou-se a Thomé de Souza.” Quer dizer que os padres em Portugal receberam a carta, remeteram cópia ao ex-governador do Brasil e arquivaram o original.

É mais uma preciosidade que possui a Biblioteca Nacional.

Em Barbosa Machado vem errado o ano, lendo-se 1560. O bibliógrafo português diz que a carta consta de 9 páginas; mas são 9 folhas de muito boa letra.

A gravura do fac-símile deve-se igualmente ao sr. Manuel J. da Costa Pinheiro.

## XXI - AO INFANTE CARDEAL (D. HENRIQUE) (1560)

Conversão do gentio. — Cristãos e índios da Bahia. — Guerra dos Ilhéus. — Os índios do Paraguaçu. — Pazes. — Chegada de uma armada à Bahia. — Mem de Sá. — Vasco Fernandes Coutinho. — Conquista do Rio de Janeiro. — Franceses. — Guerra aos índios.

A PAZ de Cristo Nosso Senhor seja sempre em contínuo favor e ajuda de Vossa Alteza.

O ano passado de 1559 me deram uma de Vossa Alteza em que me manda que lhe escreva e avise das coisas desta terra, que ele deve saber. E pois assim me manda, lhe darei conta do que Vossa Alteza mais folgará de saber, que é da conversão do gentio, a qual, depois da vinda deste governador Mem de Sá, cresceu tanto que por falta de operários muitos deixamos de fazer muito fruto, e todavia com esses poucos que somos, se fizeram quatro igrejas em povoações grandes, onde se ajuntou muito número de gentio, pela boa ordem que a isso deu Mem de Sá, com os quais se faz muito fruto, pela sujeição e obediência que têm ao governador, e em mentes durar o zelo dele se irão ganhando muitos; mas, cessado em breve se acabará tudo, ao menos entretanto que não têm ainda lançadas boas raízes na Fé e bons costumes.

A causa por que no tempo deste governador se faz isto, e não antes, não é por agora haver mais gente na Bahia; mas porque pôde vencer Mem de Sá a contradição de todos os cristãos

desta terra, que era quererem que os índios se comessem, porque nisso punham a segurança da terra, e quererem que os índios se furtassem uns aos outros, para eles terem escravos, e quererem tomar as terras aos índios contra razão e justiça, e tiranizarem-nos por todas vias, e não quererem que se ajuntem para serem doutrinados, por os terem mais a seu propósito, e de seus servidos e outros inconvenientes desta maneira. Todos ele vence, a qual eu não tenho por menor vitória que as outras que Nosso Senhor lhe deu, e defendeu a carne humana aos índios tão longe quanto seu poder se estendia, a qual antes se comia ao redor da cidade, e às vezes dentro nela, prendendo os culpados e tendo-os presos até que eles bem conhecessem seu erro, sem nunca mandar matar ninguém. Só isto bastou para subjugar a muitos e obrigá-los a viver segundo a lei da natureza, como agora se obrigam a viver; mas isto custou-lhe descontentar a muitos e por isso ganhar inimigos, e certifico a Vossa Alteza que nesta terra, mais que nenhuma outra, não poderá um governador e um bispo e outras pessoas públicas, contentar a Deus Nosso Senhor e aos homens; e o mais certo sinal de não contentar a Nosso Senhor é contentar a todos, por estar o mal assim introduzido na terra por costume.

Depois sucedeu a guerra dos Ilhéus, a qual começou por matarem um índio no caminho de Porto Seguro, e creio que foi por desastre, ou, por melhor dizer, querer Nosso Senhor castigar aqueles Ilhéus, e feri-los para os curar e sarar. Foi assim que, estando os engenhos todos quatro queimados

e roubados, e a gente recolhida na vila em muito aperto, foi lá o governador a socorrer com o contradizerem os mais, ou todos da Bahia por temerem que, tendo ido, se poderiam levantar os da Bahia; mas com ele levar muitos índios da Bahia consigo, cessava todo este inconveniente, e o que é muito para louvar a Nosso Senhor é que, sendo isto no inverno em tempo de monções contrárias para ir aos Ilhéus, na hora que foi embarcado lhe concertou o tempo e lhe veio vento próspero, tanto quanto lhe era necessário, e não mais nem menos. Lá, deu-se tão boa mão, que em menos de dois meses que lá esteve, deixou os índios sujeitos e tributários, e restituíram o mal todo que tinham, assim aquele presente, como todo o passado, e obrigados a refazerem os engenhos e não comerem carne humana e receberem a doutrina quando houvesse padres para a dar; de maneira que já, agora, a geração dos Tupiniquins, que é muito grande, poderá também entrar no Reino dos Céus. Neste tempo, que o governador era ido ao socorro dos Ilhéus, sucedeu que uns pescadores da Bahia se desmandaram, e foram pescar nas terras dos índios do Parauaçu, os quais sempre foram inimigos dos cristãos, posto que a este tempo alguns tinham feito pazes com o governador, e foram tomadas e mortas quatro pessoas.

Depois, tornado o governador, lhes mandou pedir os matadores, e por lhes não quererem dar, lhes apregoou guerra, e foi a eles com toda a gente da Bahia que era para pelejar e com muitos índios entrou pelo Parauaçu, matando muitos, queimando muitas aldeias, entrando muitas cercas, destruindo-

lhes seus mantimentos, coisa nunca imaginada que podia ser, porque geralmente quando se nisso falava, diziam que nem todo o poder de Portugal bastaria, por ser terra muito fragosa e cheia de muita gente. Foi a vexação que lhes deram, que eles ganharam entendimento para pedirem pazes e deram-nas como eles darem dois matadores que tinham, e com restituírem aos cristãos quantos escravos lhes tinham comido, e com ficarem tributários e sujeitos e obrigados a receberem a palavra de Nosso Senhor, quando lhes pregassem. Esta gente está agora muito disposta para neles se frutificar muito. Disto poderá Vossa Alteza entender quantos operários de nossa Companhia há mister tão grande messe como esta, e cada dia se irá fazendo maior, tanto quanto a sujeição do gentio se continuar. Depois sendo o governador de muitos requerido que fosse vingar a morte do bispo e dos que com ele iam, por ser um grande opróbrio dos cristãos, ser causa dos índios ganharem muita soberba, porque morreu ali muita gente e muito principal, ele se fazia prestes aparelhando muitos índios da Bahia; mas isto estorvou a vinda da armada<sup>97</sup> da qual se determinou de ir livrar o Rio de Janeiro do poder de franceses, todos luteranos.

---

<sup>97</sup>Esta armada chegou à Bahia a 30 de novembro de 1559, tendo por capitão-mor Bartholomeu de Vasconcellos [da Cunha]. Carta de Mem de Sá a el-rei, de São Vicente a 16 de junho de 1560, publ. na *História Sebástica de Fr. Manuel dos Santos*, 1735, pp. 16/17; nas *Mem. d'el-rei D. Sebastião*, de Barbosa Machado, I, (1736), pp. 438/441; nas *Mem. hist. do Rio de Janeiro*, de Pizarro, I, (1820), pp. 12/15; nos *An. do Rio*, de Silva Lisboa, I, (1834), pp. 117/120; no *Almanaque do Rio de Janeiro*, de Duarte Nunes, 1790, *Rev. do Inst.*, XXI (1858), pp. 13/14; e no *Brasil Histórico*, do dr. Mello Moraes, 2a série, I (1866), pp. 118/119, segundo a cópia dos *An. do Rio de Janeiro*, msc. da Bibl. Nac. (n. 5524 do Cat. ãa Exp. de Hist. ão Brás.), cópia por sua vez extraída da *Hist. Sebástica*, em que vem com a data errada de 17 de junho.

E partiu<sup>98</sup>, visitando algumas capitâneas da costa até chegar ao Espírito Santo, capitania de Vasco Fernandes Coutinho, onde achou um pouco de gente, em grande perigo de serem comidos dos índios e tomados dos franceses, os quais todos pediram que ou tomasse a terra por el-rei ou os levasse dali, por não poderem já mais sustentar, e o mesmo requeria Vasco Fernandes Coutinho por suas cartas ao governador. Depois de tomado sobre isto conselho, a aceitou, dando esperanças de que, da tornada, a fortaleceria e favoreceria no que pudesse, por não ter tempo para mais e por não se estorvar do negócio a que vinha do Rio de Janeiro. Esta capitania se tem por a melhor coisa do Brasil depois do Rio de Janeiro: nela temos uma casa, onde se faz fruto com cristãos e com escravos, e com uma geração de índios, que ali está que se chamam do Gato, que aí mandou vir Vasco Fernandes do Rio de Janeiro. Entendem-se também com alguns Tupiniquins, e se Nosso Senhor der tão boa mão ao governador à tornada como lhe deu em todas as outras partes, que os ponha a todos em sujeição e obediência, poder-se-á fazer muito fruto, porque este é o melhor meio que pode haver para sua conversão.

Dali nos partimos ao Rio de Janeiro, e assentou-se no conselho que dariam de súbito no Rio de noite, para tomarem os franceses despercebidos; e mandou o governador a um que sabia bem

---

<sup>98</sup>Partiu Mem de Sá a 16 de janeiro de 1560 e chegou ao Rio de Janeiro a 21 de fevereiro. (Carta cit.) Como se vê, Nóbrega o acompanhou nesta empresa.

aquele Rio, que fosse adiante guiando a armada, e que ancorassem perto de onde pudessem os batéis deitar gente em terra, a qual havia de ir por certo lugar; mas isto aconteceu de outra maneira do que se ordenara, porque esta guia, ou por não saber, ou por não querer, fez ancorar a armada tão longe do porto que não puderam os batéis chegar senão de dia, com andarem muita parte da noite, e foi logo vista e sentida a armada.

No mesmo dia que chegamos, se tomou<sup>99</sup> uma nau que estava no Rio para carregar de *brasil*: a gente dela fugiu para terra e recolheu-se na fortaleza. Tomou-se conselho no que se faria, e vendo todos a fortaleza do sítio em que estavam os franceses e que tinham consigo os índios da terra, temeram de a combaterem, e mandaram pedir ajuda de gente a São Vicente; mas os de São Vicente, sabendo primeiro da vinda do governador ao Rio, já vinham por caminho, e, quando chegaram, determinou-se o governador de os combater; mas toda a sua gente o contradizia, porque tinham já bem espiado tudo, e parecia-lhes coisa impossível entrar-se coisa tão forte, e sobre isso lhe fizeram muitos desacatamentos e desobediências. Mas eu sobre isto tudo, a maior dificuldade que lhe achava era ver aos capitães da armada tão pouco unidos com o governador e ver tão pouca obediência em muitos, toda aquela viagem em que me achei presente. Isto nasceu de se dizer publicamente e saberem que o governador estava mal acreditado no Reino com Vossa Alteza,

---

<sup>99</sup>pela galé *Esaura*.

e que se haviam lá dado capítulos dele por pessoas que com paixão informaram lá mal a Vossa Alteza e parece que com pouca razão, porque as mais das coisas me passavam pela mão como terceiro que era nelas para as remediar, e por isso quem quer se lhe atrevia, e por dizer que tinha lá inimigos no Reino e poucos que favorecessem sua causa, o que lhe tirou muito a liberdade de bem governar. Mas agora ouça Vossa Alteza as grandezas de Nosso Senhor.

A primeira me parece que foi dar Nosso Senhor graça ao governador para saber sofrer tudo, e dar-lhe prudência para em tal tempo saber trazer as vontades de todos tão contrárias à sua, a condescenderem com aquilo que ele entendia e Nosso Senhor lhe inspirava. Foi assim que a uns por vergonha, a outros por vontade, lhes pareceu bem de cometerem a fortaleza.

A segunda maravilha de Nosso Senhor foi que, depois de combatida dois dias<sup>100</sup>, não se podendo entrar e não tendo já os nossos pólvora, mais que a que tinham nas câmaras para atirar; e tratando-se já como se poderiam recolher aos navios sem os matarem todos, e como poderiam recolher a artilharia que haviam posto em terra, sabendo que na fortaleza estavam passante de sessenta franceses de

---

<sup>100</sup>A 15 de março acometeu Mem de Sá os franceses. (Carta cit.) O governador escreve: "E naquele dia entramos à ilha, onde está a fortaleza posta, e todo aquele dia e o outro pelejamos sem descansar de dia nem de noite, até que Nosso Senhor foi servido de a entrarmos com muita vitória e morte dos contrários e dos nossos poucos. Se esta vitória me não tocara tanto, poderá afirmar a Vossa Alteza que há muitos anos que se não faz outra tal entre cristãos; porque posto que vi muito e li menos, a mim me parece que se não viu outra fortaleza tão forte no Mundo."

peleja, e mais de oitocentos índios<sup>101</sup> e que eram já mortos dos nossos dez ou doze homens com bombardas e espingardas, mostrou então Nosso Senhor sua misericórdia, e deu tão grande medo nos franceses e nos índios que com eles estavam, que se acolheram da fortaleza e fugiram todos, deixando o que tinham sem o poderem levar<sup>102</sup>.

---

<sup>101</sup> *Mem de Sá na carta citada diz: "Havia nela 74 franceses ao tempo que cheguei e alguns escravos; depois entraram mais de 40 dos da nau e outros que andavam em terra e havia muito mais de mil homens dos do gentio da terra, tudo gente escolhida e tão bons espingardeiros como os franceses. Nós seríamos 120 homens portugueses e 140 dos do gentio, os mais desarmados e com pouca vontade de pelejar: a armada trazia 18 soldados moços que nunca viram pelejar."*

O governador escreveu a el-rei logo depois da conquista, como diz em outra carta também escrita do Rio de Janeiro a 31 de março (e não 30 como se lê em *Porto Seguro, Hist.*, p. 294), ainda inédita e da qual possui cópia a *Bibl. Nac.* A carta em que dá conta da vitória, provavelmente com todos os pormenores, porque foi escrita sob a impressão da luta, deve ser muito interessante, mas infelizmente não se sabe onde foi parar. Nesta carta também conta *Mem de Sá* o que lhe sucedeu na guerra que teve com o gentio de Paraguaçu, segundo declara. — [A carta de *Mem de Sá* para el-rei, datada do Rio de Janeiro, derradeiro de março (1560), está publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional*, XXVII, 227/229]. — G.

<sup>102</sup> Como se vê, os franceses não capitularam, como dizem o *Visconde de Porto Seguro* (*Hist.*, p. 289) e *Popellinière*, segundo *Gaffarel* (*Hist. au Brésil Français*, p. 313). Entretanto *Porto Seguro* conhecia e cita as cartas de *Nóbrega* a *Mem de Sá*. Da carta deste que é a mesma que chama de ofício e que vem como de 19 de junho, evidente lapso tipográfico, provavelmente conheceu as edições de *Pizarro e Silva Lisboa* que em vez de ao tempo que cheguei trazem ao tempo que negociei. Deste grave erro tipográfico inferiu o ilustre historiador para assegurar que *Mem de Sá* diz que "negociara" com os franceses, dando esta palavra entre aspas como aqui está. A edição *Barbosa Machado* é a que merece fé, porque o cronista declara que a carta foi copiada do original existente na *Torre do Tombo*, gav. 2, maço 10. A edição da *Hist. Seb.*, de Santos, menos correta que a precedente, também traz cheguei e diz-se à margem que o mse. está na *Torre do Tombo*, gaveta extras. O *Almanaque*, de *Duarte Nunes*, e a cópia que se acha nos *An. do Rio*, mse. cit. na nota 97, em tudo conforme à edição da *Hist. Seb.*, trazem também cheguei.

*Porto Seguro* diz que os franceses, sem água nem pólvora, capitularam em número de 74, e alguns escravos; aos quais depois se uniram mais de 40, dos de um navio apresado, e de outros que andaram em terra. *Mem de Sá*, porém, é bastante claro, pois quando fala dos 74 franceses e alguns escravos que estavam na fortaleza quando chegou, nos que depois entraram mais de 40 dos da nau

Estes franceses seguiam as heresias da Alemanha, principalmente as de Calvino, que está em Genebra, e segundo soube deles mesmos e pelos livros que lhes acharam muitos, e vinham a esta terra a semear estas heresias pelo gentio. Segundo soube tinham mandado muitos meninos do gentio a aprendê-las ao mesmo Calvino e outras partes para depois serem mestres, e destes levou alguns a Villagalhão que era o que fizera àquela fortaleza, e se intitulara *Rei do Brasil*.

Deste se conta que dizia que, quando el-rei de França o não quisesse favorecer para poder ganhar esta terra, que se havia de ir confederar com o turco, prometendo-lhe de lhe dar por esta parte a conquista da Índia, e as naus dos portugueses que de lá viessem, porque poderia aqui fazer o turco suas armadas com a muita madeira da terra. Mas o Senhor olhou do alto tanta maldade e houve misericórdia da terra e de tanta perdição de almas, e *mentita est iniquitas sibi*, e desfez-lhe o ninho e deu sua fortaleza em mão dos portugueses, a qual se destruiu o que dela se podia derrubar, por não ter o governador gente para logo povoar e fortificar como convinha.

Esta gente ficou entre os índios, e esperam gente e socorro de França maiormente que dizem

---

*tomada (pela galé Esaura), e outros que andavam em terra, e nos mais de mil do gentio espingardeiro, dá ao mesmo tempo a força portuguesa e a sua auxiliar brasileira, confrontando-as por conseguinte.*

*Anchieta, que estava em São Vicente quando aí chegaram Mem de Sá e Nóbrega com a nova da vitória, diz na carta do 1º de junho de 1560: "E quando já nas naus não havia pólvora e os que pelejavam em terra desfaleciam já pelo muito trabalho, fugiram os franceses, desamparando a torre e recolheram-se às povoações dos bárbaros em canoas de maneira que é de crer que mais fugiram com espanto que lhes pôs o Senhor do que com as forças humanas." — [Conf. Varnhagen, História Geral, I, 402, nota VI, da 4a ed.]. — G.*

que por el-rei de França o mandar, estavam ali para descobrir os metais que houvesse na terra; assim há muitos franceses espalhados por diversas partes, para melhor buscarem. Parece muito necessário povoar-se o Rio de Janeiro e fazer-se nele outra cidade<sup>103</sup> como a da Bahia, porque com ela ficará tudo guardado, assim esta capitania de São Vicente como a do Espírito Santo, que agora estão bem fracas, e os franceses lançados de todo fora, e os índios se poderem melhor sujeitar, e para isso mandar mais moradores que soldados, porque de outra maneira pode-se temer com razão *ne redeat immundus spiritus cum aliis septem nequioribus se, et sint novíssima pejora prioribus*; porque a fortaleza que se desmanchou, como era de pedras e rocha, que cavaram a picão, facilmente se pode tornar a reedificar e fortalecer muito melhor<sup>104</sup>.

Depois de tomada a fortaleza deu o governador em uma aldeia de índios e matou a muitos, e não pôde fazer mais porque tinha necessidade de consertar os navios que das bombardas ficaram mal aviados, e fazê-los prestes para se tornarem, o que veio fazer a esta capitania de São Vicente<sup>105</sup>, onde

---

<sup>103</sup>Nóbrega pouco tempo depois contribuiu mais do que ninguém para a fundação da cidade e povoamento do Rio de Janeiro, como o confirma Anchieta (*Mat. e Aeh.*, I, pag. 24): “Do colégio do Rio de Janeiro foi o primeiro o padre Manuel da Nóbrega que o começou o fundamento e nele acabou a vida, depois de deixar toda aquela terra sujeita e pacífica, com os índios Tamoios sujeitos e vencidos, e tudo sujeito a el-rei, sendo ele o que mais fez na povoação dela, porque com seu conselho, fervor e ajuda se começou, continuou e levou ao cabo a povoação do Rio de Janeiro.”

<sup>104</sup>É a atual fortaleza de Villegaignon.

<sup>105</sup>Sobre a empresa de Mem de Sá veja-se a carta de Anchieta da mesma data da presente, publicada por B. da Silva Lisboa nos *Ann. do Rio de Janeiro*, VI, pp. 111 / 139. Anchieta assim descreve o estado de Nóbrega quando chegou a São Vicente: “Com o governador veio o padre Manuel da Nobrega, muito doente e magro, com os pés e cara inchada, pernas cheias de apóstemas e com outras muitas enfermidades, das quais, quando aqui chegou, começou a passar melhor; esperamos na bondade do Senhor que pouco a pouco lhe irá dando saúde.”

eu fico por assim. O que mais houver para escrever o provincial, que agora é o padre Luiz da Grã, o fará da Bahia<sup>106</sup>.

Nosso Senhor Jesus Cristo dê a Vossa Alteza sempre a sua graça. Amém.

De São Vicente, 1º de junho de 1560.

---

*Foi publicada pela primeira vez em 1835 por Balthazar da Silva Lisboa nos An. do Rio de Janeiro, VT, pp. 102/111. Depois reproduzida na Rev. do Inst. Hist., V (1843), pp. 328/333, [3a ed., 352/358] e na ed. de Lisboa de 1865 da Cron. de S. de Vasconcellos, vol. II, pp. 312/317.*

*Barbosa Machado dá-lhe a data de 1º de julho, que evidentemente é erro tipográfico, e diz que o seu original se achava no arquivo do Colégio de São Roque de Lisboa.*

*Nos Ann. do Rio de Janeiro, mse. da Bibl. Nac. (nº 5524 do Cat. Exp. Hist.), acha-se ela transcrita, declarando-se à margem que a possuía João Pereira Ramos (de Azeredo Coutinho), que foi guarda-mor da Torre do Tombo. Esta cópia que tinha Azeredo Coutinho é talvez o próprio mse que possui a Bibl. Nac., oferecido mais tarde por Diogo de Toledo Lara Ordonhez.*

---

<sup>106</sup>Luiz da Grã achava-se ainda em São Vicente e chegou à Bahia a 29 de agosto de 1560 em companhia de Mem de Sá (Carta de Ruy Pereira, da Bahia de 15 de setembro de 1560, nos An. do Rio, de Silva Lisboa, VI, p. 162). Fr. Vicente do Salvador (Hist., l.º 3o, c. 9o), diz erradamente que o governador chegou em junho.

## DIÁLOGO DO PADRE NÓBREGA SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO

INTERLOCUTORES: GONÇALO ALVES E  
MATHEUS NOGUEIRA

PORQUE me dá o tempo lugar para me alargar, quero falar com meus irmãos o que meu espírito sente, e tomarei por interlocutores ao meu irmão Gonçalo Alves, a quem Deus deu graça e talento para ser trombeta de sua palavra, na capitania do Espírito Santo, e com meu irmão Matheus Nogueira, ferreiro de Jesus Cristo, o qual, posto que com palavra não prega, fá-lo com obras e com marteladas.

Entra logo o irmão Gonçalo Alves, tentado dos negros do Gato, e de todos os outros, e, meio desesperado de sua conversão, diga, por demais é trabalhar com estes que são tão bestiais, que não lhes entra no coração coisa de Deus; estão tão encarniçados em tratar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, é pregar em deserto às pedras.

**Matheus Nogueira:** — Se tiveram rei, poderão se converter, ou se adorarão alguma coisa; mas como não sabem que coisa é crer, nem adorar, não podem entender a pregação do Evangelho, pois ela se funda em fazer crer, e adorar a um só Deus, e a este só servir; e como este gentio não adora a coisa alguma, nem crê em nada, tudo o que lhe dizeis se fica em nada.

**Gonçalo Alves:** — O que bem dizeis, quão fora estes são de se converter em um dia

cinco, e no outro três mil, por uma só pregação dos Apóstolos, nem de se converterem Reinos e cidades, como se fazia no tempo passado, por ser gente de juízo.

**Matheus Nogueira:** — Uma coisa têm estes pior de todas, que quando vêm à minha tenda, com um anzol que lhes dê, os converterei a todos, e com outros os tornarei a desconverter por serem inconstantes, e não lhes entrar a verdadeira Fé nos corações; ouvi eu já um Evangelho a meus padres, onde Cristo dizia: “Não deis o santo aos cães, nem deiteis as pedras preciosas aos porcos”. Se alguma geração há no mundo por quem Cristo Nosso Senhor isto diga, deve ser esta; porque vemos que são cães, em se comerem e matarem, e são porcos, por vícios e na maneira de se tratarem, e esta deve ser a razão por que alguns padres que do Reino vieram, os vejo resfriados, porque vinham cuidando de converter a todo o Brasil em uma hora, e vêm-se que não podem converter em um ano, por sua rudeza e bestialidade.

**Gonçalo Alves:** — Ora isso deve ser, porque não sei a quem ouvi, que quando vinham na nau, imaginavam-se um São João Batista, junto de um rio Jordão a batizar quantos a eles viessem.

**Matheus Nogueira:** — Se forjam tainhas do Piraique pudera ser.

**Gonçalo Alves:** — Não há homem em toda esta terra, que conheça estes, que diga outra coisa; eu tive um negro, que criei de pequeno, cuidei que era bom cristão e fugiu-me para os seus; pois quando aquele não foi bom, não sei quem o seja. Não é este o que só me faz desconfiar destes

serem capazes do batismo, porque não fui eu só o que criei este corvo, nem sei se é bem chamar-lhe corvo; pois vemos que os corvos, tomados nos ninhos se criam, e amansam, e ensinam, e estes mais esquecidos de criação que os brutos animais, e mais ingratos que os filhos das víboras que comem suas mães, nenhum respeito têm ao amor e criação que neles se faz.

**Matheus Nogueira:** — Pois que razões mais vos movem a desconfiar de nossos padres, que a isso foram mandados do Senhor para lhes mostrarem a Fé, não fizeram fruto nestas gentes por demais.

**Gonçalo Alves:** — Muito bem lhe chamais, sabeis qual é a maior dificuldade que lhes acho serem tão fáceis de dizerem a tudo si ou pá ou como vós quiserdes, tudo aprovam logo, e com a mesma facilidade, com que dizem pá, dizem *aani*, e se algumas vezes chamados dizem *neim tia* é pelos não importunardes, e mostra-o bem a obra, que se não é com bordão não se erguem para beber, nunca dormem, esta sua facilidade de tudo lhe parecer bem, acompanhada com a experiência de nenhum fruto de tanto *pá* tem quebrado os corações a muitos; dizia um de nossos irmãos que estes eram o filho que disse no Evangelho a seu pai, que o mandava que fosse e nunca foi.

**Nogueira:** — Pois que remédio hemos de cansar debalde; a minha forja de dia e de noite e o meu trabalho não me renderão nada entre eles para levar diante de Cristo quando nos vier julgar, para que ao menos outra alguma parte de meus pecados muitos.

**Gonçalo Alves:** — Disso, irmão, estais seguro que vós não perdeis nada, se Cristo promete por um pucaro de água fria, dado por seu amor, o Reino dos Céus, como é possível, que percais vós tantas marteladas, tanto suor, tanta vigília, e a paga de tanta ferramenta, como fazeis as vossas foices, machados muito bons são para roçardes a mata de vossos pecados, na qual o Espírito Santo plantará muitas graças e dons seus, se por seu amor trabalhais.

**Nogueira:** — Ai, ai.

**Gonçalo Alves:** — Porque dais estes ais?

**Nogueira:** — Porque vós meteis esse pontinho, se vós por seu amor trabalhais.

**Gonçalo Alves:** — Pois que cuidais, desenganai-vos, pois que se assim não é tudo perdeis quanto fazeis.

**Nogueira:** — Pois digo-vos, irmão meu, que me meteis em confusão, e como saberei eu, que trabalho por seu amor, se eu vejo que trabalho para quem não o ama, nem o conhece?

**Gonçalo Alves:** — Conhece logo o Senhor; porque vos haveis de fazer que desejais vós que o conheçam, amam e sirvam todos estes a todo o mundo.

**Nogueira:** — Desejo certo, e sempre lhe peço, que Ele seja santificado, de todos conhecido e amado, pois é muita razão que a criatura conheça a seu Criador, pois todo o ser e perfeição Ele lhe comunicou, e a criatura racional sobre todos os conheçam e para ir para ela foram criadas e feitas todas as coisas, e é obrigada a ser a boca de todos, para louvar a Deus por tamanho bem, que de tudo o fez senhor.

**Gonçalo Alves:** — Pois, meu irmão, isso me parece que basta para se Deus contentar de vosso serviço, ou sacrifício; chamo-lhe assim, porque esse vosso ofício parece que vos faz o sacrifício, que na lei velha se chamava holocausto, que ardia tudo, e nada se dava a ninguém dele.

**Nogueira:** — Irmão, não digais isso por amor de Deus, não é bem que um pecador, como eu, ouça isso de tão imperfeito serviço, como faz a Deus, e mais que ouvi eu já, que isso era figura do amor grande, com que o filho de Deus ardeu em fogo de caridade por nós na cruz.

**Gonçalo Alves:** — Assim, perdoai-me, irmão, que a humildade não sofre bem louvores, e eu descuidei-me.

**Nogueira:** — Agora me amastes bem, chamais humildade a viva soberba; não sejais vós como o padre ou irmão, que o padre Leonardo Nunes, que está em glória, nos contava, que por se desculpar se emelava como mosca no mel.

**Gonçalo Alves:** — Oxalá estivesse eu tanto avante, que me parecesse eu com ele, que é santo; mas, tornemos ao propósito: irmão Nogueira, por amor de Nosso Senhor, que livremente e segundo o que entendeis diante de Nosso Senhor digais que vos parece deste gentio, segundo a experiência que tendes dele, os anos que há que com eles conversais.

**Nogueira:** — Que aproveita conversar que os não entendo, ainda que, segundo me parece deles, para este fim de se converterem, e serem cristãos, não há mister muita inteligência; porque as obras mostram quão poucas mostras eles têm de o poder vir a ser.

**Gonçalo Alves:** — Logo, de que me aproveita a mim a minha língua?

**Nogueira:** — Ah, ah, ah: sabeis de que me rio de me perguntardes de que aproveita a vossa língua; porque vos pergunto de que aproveita a minha forja?

**Gonçalo Alves:** — Já vos eu respondi a esta pergunta.

**Nogueira:** — Tomai a mesma resposta.

**Gonçalo Alves:** — Não, que os officios são diferentes; porque o meu é falar e o vosso, fazer.

**Nogueira:** — Não é logo diferente o fim; porque cada um de nós há de fazer o seu.

**Gonçalo Alves:** — E qual é esse fim?

**Nogueira:** — A caridade ou amor de Deus e do próximo.

**Gonçalo Alves:** — E vós, irmão, sois já teólogo?

**Nogueira:** — Alguma coisa se me há de pegar de meus frades, pois lhe eu pego, quando se chegam a mim, das manchas do carvão da forja, e queira o Senhor, que com meu mau viver não lhe pegue algum escândalo, ainda que pois são espirituais, ensinados estão a sofrer os enfermos e fracos.

**Gonçalo Alves:** — Dizei-me, irmão Nogueira, esta gente é próxima?

**Nogueira:** — Parece-me que sim.

**Gonçalo Alves:** — Por que razão?

**Nogueira:** — Porque nunca me acho senão com eles, e com seus machados e foices.

**Gonçalo Alves:** — E por isso lhe chamais próximos?

**Nogueira:** — Sim, porque próximo, chegados quer dizer, e eles sempre se chegam a mim, que lhes faça o que hão mister, e eu como a próximos lhes faço, cuidando que cumpro o preceito de amar ao próximo como a mim mesmo, pois lhe faço o que eu queria que me fizessem, se eu tivesse a semelhante necessidade.

**Gonçalo Alves:** — Pois a pessoas muito avisadas ouvi eu dizer, que estes não eram próximos, e porfiam-no muito, nem têm para si que estes são homens como nós.

**Nogueira:** — Bem, se eles não são homens, não serão próximos; porque só os homens, e todos, maus e bons, são próximos; todo homem é uma mesma natureza, e todo pode conhecer a Deus, e salvar sua alma, e este ouvi eu dizer, que era próximo; prova-se no Evangelho do Samaritano, onde diz Cristo Nosso Senhor, que aquele é próximo, que usa de misericórdia.

**Gonçalo Alves:** — Deveis de ter boa memória, porque vos lembram bem as coisas que ouvistes já disputar entre os irmãos, ou falar nisto, em que praticamos da conversão deste gentio.

**Nogueira:** — Muitas vezes, ou quase sempre, entre meus irmãos se fala disso, e vós bem o sabeis, pois sois de casa; cada um fala de seu ofício; e como eles não têm outro, senão andar atrás desta ovelha perdida, sempre tratam dos impedimentos, que acham para atrair.

**Gonçalo Alves:** — E que concluem, ou em que se determinam os mais dos que nesse ofício andam, das partes, que acham nestas gentes para virem à nossa Santa Fé?

**Nogueira:** — Todos remetem o feito a Deus, e determinam de morrer na demanda, porque a isso são obrigados, assim porque a obediência o manda, como por que não fique nada por fazer a esta gente; alguns não têm cá grande esperança dela, olhando a sua rudeza e as coisas da Fé serem delicadas, e que requerem outros entendimentos e costumes; porque, dizem eles, que é muito grande disposição, para um vir a ser cristão, ter bom entendimento, que ainda que só este não baste para entender as coisas da Fé, ainda há lhe fazer entender que não há nela coisa que seja contra a razão natural, de que estes carecem, e daqui dizem que nasceu, que no tempo dos Apóstolos quando os homens eram mais sábios e de boa vida, mais facilmente vinham ao conhecimento da verdade; e o mártires mais lhes contrariavam os maus costumes dos tiranos, que as razões que nenhum deles tivessem contra o que lhes pregavam; e que, porque este gentio não tem razão e são muito viciosos, têm a porta cerrada para a Fé naturalmente, se Deus por sua misericórdia não a abrisse.

**Gonçalo Alves:** — Parecem boas razões essas, a memória das coisas de Deus. Dizei-me, irmão, por amor de Nosso Senhor, não há entre estes meus irmãos e padres quem esteja da parte destes negros?

**Nogueira:** — Todos, porque todos os desejam converter, e estão determinados de morrer na demanda, como disse.

**Gonçalo Alves:** — Não duvido eu que todos têm esses desejos; mas como isso é coisa de necessidade, quisera eu que houvesse um que desse razões para nos acender o fogo, e para nos falar

por nossos termos, quiséramos uns foles para nos assoprar o fogo, que se nos apaga.

**Nogueira:** — Não falta isso, bastam os nossos padres para fazer fogo artificial; que nos queime a todos os que neste negócio nos ocupamos; porque, como o eles devem de ter no espírito, não fazem senão destruir razões e dar outras, ainda que a frios, como eu, não satisfazem.

**Gonçalo Alves:** — Por quê?

**Nogueira:** — Porque todas elas parecem que não convêm mais, senão que já que havemos de trabalhar com esta gente, seja com muito fervor, o que a todos nos convém muito, pois, segundo a caridade, com que trabalharmos na vinha do Senhor, nos pagará, quando chamar à tarde os obreiros para lhes pagar seus jornais, os quais já ouvireis que só deram, não conforme ao trabalho e tempo, senão ao fervor, amor e diligência que se puser na obra.

**Gonçalo Alves:** — Não falemos como ferreiro.

**Nogueira:** — Não sei como falo, falo como me vem à boca, se for mal dito, perdoai, que não é ninguém obrigado a mais que ao que tem e sabe.

**Gonçalo Alves:** — Dissemos isto, sou tão descuidado, que logo me esquece que esperais, como vos louvam, como o fio quente quando o batem; eu me guardarei de vos dar mais martelada, porque me não queime, por amor de Deus, que me digais algumas das razões que os padres dão para este gentio vir a ser cristão, que alguns têm acertado, que trabalhamos debalde, ao menos até que este gentio não venha a ser muito sujeito, e que com medo venha a tomar a Fé.

**Nogueira:** — E isso que aproveitaria, se fossem cristãos por força, e gentio na vida, nos costumes e na vontade?

**Gonçalo Alves:** — Aos pais, dizem os que têm esta opinião, que pouco; mas os filhos, netos, e daí por diante, o poderiam vir a ser, e parece que têm razão.

**Nogueira:** — E a mim sempre me pareceu este muito bom e melhor caminho, se Deus assim fizesse, que outros não falemos em seus segredos, e potência e sabedoria, que não há mister conselheiros, mas, humanamente, como homens, assim falando, este parece melhor e o mais certo caminho.

**Gonçalo Alves:** — Mas as razões dos padres, se vos lembram, desejo ouvir, porque as que eu apontei no princípio, não sei como, mas ele desfará.

**Nogueira:** — Olhai cá, irmão, a caridade tudo desfaz e derrete, como o fogo ao ferro muito duro amolenta e faz em massa.

**Gonçalo Alves:** — Nisso me parece que vós não tendes razão, porque a caridade não poderá tirar a verdade, e mais, que razões pertencem ao entendimento, e a caridade à vontade, que são coisas diferentes, assim como o fogo não tira ao ferro senão a escória, e não gasta o ferro limpo e puro; se as razões são boas e caridade não será contra elas, porque seria contra a verdade, e assim não ficaria caridade, senão pertinácia.

**Nogueira:** — Parece-me que é isso verdade, e que onde houver sobejo zelo, às vezes haverá cegar-se as razões, ou usar pouco delas, o que cada dia se vê nos muito afeiçoados a uma coisa.

**Gonçalo Alves:** — E isso não é mau.

**Nogueira:** — Não sei eu ora quão mau será, parece-me que ouvi dizer que São Paulo não aprovava tudo o que com bom zelo se fazia, se que a uns dava testemunho de zelo, ainda que era bom, a circunstância necessária, que é saber, se é conforme a vontade de Deus; porque esta é a regra que mede todas as obras e tanto vão direitas e boas, quanto com ela conformam, e tanto desviam da bondade, quanto desta se desviam.

**Gonçalo Alves:** — Parece muita razão, que seja isso muita verdade, conforme a isso não foi bom fazer el-rei D. Manuel os judeus cristãos, depois da matança, ainda que os mais deles diriam que sim; mas tomou-o com os portais cheios de sangue, que derramaram os ministros do demônio perspicaz, que por justiça de Deus os feriu, incitados por dois frades dominicanos, que depois pelo mesmo caso morreram no Porto, por mandado do dito rei, e assim se pagou um mal com outro, como se costuma no mundo, permitindo e dissimulando Nosso Senhor, até o dia em que manifestou a todos nossas obras, quais foram; e el-rei Jesebuto, rei de Aragão, não se lhe condena nos sagrados cânones o zelo com que contra vontade dos pais judeus, mandou em seu Reino batizar seus filhos, mas o fim não o louvam; logo nem tudo o que parece bom, se há de fazer, senão o que realmente for bom.

**Nogueira:** — E como saberá homem sempre acertar, que é homem ignorante e fraco, se reis com seus conselhos não acertam?

**Gonçalo Alves:** — Tomando conselho com Deus, e com os homens desapaixonados, e que tenham boa consciência.

**Nogueira:** — E onde se acharão esses, acerta-se muitas vezes, que não se acham senão uns regelados e frios, como eu, que por se poupar não querem sair do ninho, não se lembrando quanto as almas custaram a Cristo, e estes tais parece que não podem aconselhar bem em semelhantes negócios.

**Gonçalo Alves:** — A falta de outros, que tenham zelo e saber, todavia me aconselharia com esses, porque alguma hora falou já o Espirito Santo, e aconselhou um profeta, ainda que não muito virtuoso, por bem do povo, que ele amava, e se ele quer fazer bem a estes, como é de crer que quer, porque não aborrece nada do que fez, ainda que sim, o que nós fazemos, ele aconselhara por maus o que se deve fazer; mas já folgaria ouvir-vos as razões, que tendes ouvido dos padres, para nos animarmos a trabalhar com eles, e as que têm em contrário das que demos no princípio.

**Nogueira:** — Já que tanto apertais comigo, e me pareceis deseioso de saber a verdade deste negócio, creio que vos tenho esgotado, dir-vos-ei o que muitas vezes, martelando naquele ferro duro, estou cuidando, e o que ouvi a meus padres, por muitas vezes, parece que nos podia Cristo, que nos está ouvindo dizer: ó estultos e tardios de coração para crer, estou eu imaginando todas as almas dos homens uma, nos serem umas e todas de um metal feitas à imagem e semelhança de Deus, e todas capazes de glória e criadas para ela, e tanto vai diante de Deus por natureza a alma do Papa, como a alma do vosso escravo Papana.

**Gonçalo Alves:** — Estes têm almas como nós.

**Nogueira:** — Isso está claro, pois a alma tem três potências, entendimento, memória e vontade, que todos têm: eu cuidei, que vós éreis mestre, já em Israel, e vós não sabeis isso; bem parece, que as teologias que me dizeis arriba eram postigas do padre Braz Lourenço, e não vossas; quero-vos dar um desengano, meu irmão. Que tão ruim entendimento tendes vós para entender o que vos queria dizer, como este gentio, para entender as coisas de nossa Fé.

**Gonçalo Alves:** — Tendes muita razão, e não é muito, porque ando na água aos peixes-bois, e trato no mato com *brasil*, e não é muito ser frio, e vós andais sempre no fogo, razão é que vos aqueteis, mas não deixeis de prosseguir adiante, pois uma das obras de misericórdia é ensinar aos ignorantes.

**Nogueira:** — Pois estai atento: depois que nosso pai Adão pecou, como diz o salmista, não conhecendo a honra que tinha, foi tornado semelhante à besta, de maneira que todos, assim portugueses, como castelhanos, como Tamoios, como Aimorés, ficamos semelhantes a bestas, por natureza corrupta, e nisto todos somos iguais, nem dispensou a natureza mais com uma geração que com outra, posto que, em particular, dá melhor entendimento a um que a outro, façamos logo do ferro todo um frio e sem virtude, sem só poder volver a nada, porém, metido na forja, o fogo o torna, que mais parece fogo que ferro; assim todas as almas sem graça e caridade de Deus são ferros frios sem proveito, mas, quanto mais se aqueça, tanto mais fazeis dele o que quereis, e bem se vê

em um, que está em pecado mortal, fora da graça de Deus, que para nada presta, das coisas que tocam a Deus, não pode rezar, não pode estar na igreja, a toda coisa espiritual tem fastio, não tem vontade para fazer coisa boa nenhuma; e se por medo, ou por obediência, ou por vergonha a faz, é tão tristemente e tão preguiçosamente, que não vale nada; porque está escrito que ao doador, com alegria recebe Deus.

**Gonçalo Alves:** — Isso bem entendo eu, porque o vi em mim antes que fosse casado, que andava em pecados, e ainda agora praza a Deus, que não tenha muito disso.

**Nogueira:** — Pois que, direi eu, que envelheci neles, e, como homem que foi ferido, falo.

**Gonçalo Alves:** — Pois assim é, que todos temos uma alma e uma bestialidade naturalmente, e sem graça todos somos uns, de que veio estes negros não serem tão bestiais, e todas as outras gerações como os romanos, e os gregos, e os judeus, serem tão discretos e avisados.

**Nogueira:** — Esta é boa pergunta, mas clara está a resposta; todas as gerações tiveram também suas bestialidades; adoravam pedras e paus, dos homens faziam deuses, tinham crédito em feitiçarias do diabo; outros adoravam os bois e vacas, e outros adoravam por Deus aos ratos, e outras imundícies; e os judeus, que eram a gente de mais razão que no mundo havia, e que tinha contas com Deus, e tinham as escrituras desde o começo do mundo, adoravam uma bezerra de metal e não os podia Deus ter, que não adorassem os ídolos, e lhes sacrificavam seus próprios filhos, não olhan-

do as tantas maravilhas que Deus fizera por eles, tirando-os do cativeiro do faraó. Não vos parece tão bestiais os mouros, a quem Maomé, depois de ser cristão, converteu à sua bestial seita, como estes, se quereis cotejar coisa com coisa, cegueira com cegueira, bestialidade com bestialidade, todas achareis de um jaez, que procedem de uma mesma cegueira. Os mouros creem em Maomé, muito vicioso e torpe, e põem-lhe a bem-aventurança nos deleites da carne e nos vícios. Estes dão crédito a um feiticeiro, que lhes põe a bem-aventurança na vingança de seus inimigos, e na valentia, e em terem muitas mulheres. Os romanos, os gregos, e todos os outros gentios pintam, e têm ainda por Deus a um ídolo, a uma vaca, a um galo. Estes têm que há Deus, e dizem, que é o trovão, porque é coisa que eles acham mais temerosa, e nisto têm mais razão que os que adoram as rãs, ou os galos; de maneira que, se me cotejardes horror com horror, cegueira com cegueira, tudo achareis mentira, que procede do pai da mentira, mentiroso desde o começo do mundo.

**Gonçalo Alves:** — Bem, estou com isso; mas como são os outros todos os mais polidos, sabem ler e escrever, tratam-se limpamente, souberam a filosofia, inventaram as ciências que agora há, e estes nunca souberam mais que andarem nus e fazerem uma flecha, o que está claro que denota haver entendimento em uns e em outros.

**Nogueira:** — Não é essa razão de homem que anda fazendo *brasil* no mato, mas estai atento, e entenderéis: terem os romanos e outros gentios mais polícia que estes não lhes veio de te-

rem naturalmente melhor entendimento, mas de terem melhor criação, e criarem-se mais politicamente, e bem creio, que vós o vereis claro, pois tratais com eles, e vedes que nas coisas de seu mestre, e em que eles tratam, têm tão boas sutilezas, e tão boas invenções e tão discretas palavras, como todos, e os padres os experimentam cada dia com seus filhos, os quais acham de tão bom entendimento, que muitos fazem a vantagem aos filhos dos cristãos.

**Gonçalo Alves:** — Pois como tiveram estes pior criação que os outros, e como não lhes deu a natureza a mesma polícia que deu aos outros; isso podem-vos dizer claramente, falando a verdade, que lhes veio por maldição de seus avôs, porque estes cremos serem descendentes de Cham, filho de Noé, que descobriu as vergonhas de seu pai bêbado, e em maldição, e por isso ficaram nus, e têm outras mais misérias os outros gentios, por serem descendentes de Set e Jafé, era razão, pois eram filhos de bênção, terem mais alguma vantagem. Porém toda esta maneira de gente, uma ou outra, naquilo em que se criam, têm uma mesma lama e um entendimento, e prova-se pela escritura, porque logo os primeiros dois irmãos do mundo, um seguiu uns costumes e outro outros: Isac e Ismael, ambos foram irmãos; mas Isac foi mais político que o Ismael que andou nos matos. Um homem tem dois filhos de igual entendimento, um criado na aldeia, e outro, na cidade; o da aldeia empregou seu entendimento em fazer um arado, e outras coisas da aldeia, o da cidade, em ser cortesão e político; certo está, que, ainda que tenham diversa criação,

ambos têm um entendimento natural exercitado segundo sua criação; e o que dizeis das ciências, que acharam os filósofos, que denota haver entendimento grande, isso não foi geral benefício de todos os humanos, dado pela natureza, mas foi especial graça dada por Deus, não a todos os romanos, nem a todos os gentios, senão a um ou a dois, ou a poucos, para proveito e formosura de todo o universo, mas que estes, por não ter essa polícia, fiquem de menos entendimento para receber a Fé, que os outros que a têm, me não provareis vós nem todas as razões acima ditas; antes provo quanto esta polícia aproveita por uma parte, tanto dana por outra e quanto a simplicidade destes estorva por uma parte, ajuda por outra. Veja Deus isso, e julgue-o; julgue-o tão bem quem ouvir a experiência desde que começou a igreja, e ver que mais se perdeu por sobejos e soberbo entendimento, que não por simplicidade, e pouco saber: mais fácil é de converter um ignorante que um malicioso e soberbo. A principal guerra que teve a Igreja foram sobejos entenderes; daqui vieram os hereges, e os que mais duros e contumazes ficaram; daqui manou a pertinácia dos judeus, que nem com serem convencidos com suas escrituras, nunca se quiseram render à Fé; daqui veio a dizer São Paulo: nós pregamos a Jesus Cristo crucificado aos judeus escândalo, e às gentes, justiça. Dizei-me, meu irmão, qual será mais fácil de fazer: fazer crer a um destes, tão fáceis a crer que nosso Deus morreu, ou a um judeu, que esperava o Messias poderoso, o Senhor de todo o mundo? Com mais dificuldade a um judeu; mas desde que ele caísse na conta, ficaria mais constan-

te, como ficaram muitos, que logo davam a vida por isso.

**Nogueira:** — O mesmo vos digo, que assim que estes caírem na conta, o mesmo farão: dai-me vós, que lhe entre a Fé no coração, que o mesmo será de um que de outro, e o tempo e o trabalho, e a diligência, que é necessário para convencer um judeu ou um filósofo, se outro tanto gastardes com doutrinar de novo um destes, mais fácil será sua conversão de coração, dando Deus igual graça a um que a outro, e está clara a razão. Porque, como as coisas de nossa fé das mais essenciais, como são da Santíssima Trindade, e que Deus se faz homem, e os mistérios dos Sacramentos, não se podem provar em razão demonstrativa, antes muitas são sobre toda razão humana, claro está que mais difícil será de crer a um filósofo, que todo se funda em sutilezas de razão, que a um que outras coisas muito mais só menos crê.

**Gonçalo Alves:** — É verdade, porque estes se lhes deitais a morte, cuidam, que os podeis matar, e morrerem da imaginação, pelo muito e sobejo que creem, e creem que o pânico há de ir à roça, e outras coisas semelhantes, que seus feiticeiros lhes metem na cabeça, mas ainda nem isso não falta, porque muito há que estou na terra, e tenho falado de Deus muito, por mandado dos padres, e nunca vi a nenhum ter tanta fé, que me parecesse que morreria por ela, se fosse necessário.

**Nogueira:** — Se me vós désseis licença, eu vos diria.

**Gonçalo Alves:** — Dizei, meu irmão, que eu vos perdoe.

**Nogueira:** — Parece-me que por mais fáceis que fossem a se converterem, não se converteriam de maneira que lhe dizeis, nem o dizem os padres, e por isso estai-me atento, sabereis como o officio de converter almas é o maior de quantos há na Terra, e por isso requer mais alto estado de perfeição, que nenhum outro.

**Gonçalo Alves:** — Que requer, não basta ser língua, sabê-lo bem dizer.

**Nogueira:** — Muito mais há mister, vede vós, o que tinha um dos apóstolos de Cristo, que converteram o mundo, e por aí vos regereis; primeiramente tinham muito espírito, tanto que ardião dentro do fogo do Espírito Santo, porque de outra maneira, como a de atear fogo divino em coração do gentio, o que tem o seu um camelo. Há de ter muita Fé, confiando muito em Deus, e desconfiando muito de si; há de ter graça de falar muito bem a língua; há de ter virtude para fazer milagres, quando cumprir, e outras graças muitas, que tinham os que converteram gente, e sem isto não tenho ouvido que ninguém se convertesse; e vós quereis converter sem nada disto, e que de graça sejam logo todos santos. Esse seria o maior milagre do mundo, e ainda que vós sejais língua e o sabeis bem dizer, não me negareis, que se algum vos não fala à vontade, logo perdeis a paciência, e dizeis que nunca hão de ser bons; nem têm razão de vos darem crédito a vossas palavras, porque ontem lhe pedíeis o filho por escravo, e este outro dia os queríeis enganar, e têm razão de se temerem de os quererdes enganar, porque isto é o que comumente tratam os maus cristãos com eles.

**Gonçalo Alves:** — Isso é verdade, mas os padres que lhes falam com tanto amor, por que os não creem?

**Nogueira:** — Porque até agora não têm os índios visto essa diferença entre os padres e os outros cristãos, seja logo esta a conclusão, que quando Santiago com correr toda a Espanha, e falar muito bem a língua, e ter grande caridade, e fazer muitos milagres, não converteu mais que nove discípulos; e vós quereis e os padres, sem fazer milagres, sem saber sua língua, nem entender-se com eles, com terdes presunção de Apóstolo e pouca confiança e Fé em Deus, e pouca caridade, que sejam logo bons cristãos. Porém, por vos fazer a vontade, vos contarei que já vimos índios desta terra com muito claros sinais de terem verdadeira fé no coração, e mostrarem-no por obra, não somente dos meninos que criamos conosco, mas também dos outros grandes, de muito pouco tempo conversados. Quem viu na capitania de São Vicente, que é terra onde se mais tratou com os índios, que nenhuma do Brasil, a morte gloriosa de Pero Lopes; quem viu suas lágrimas, os abraços de amor aos irmãos e padres; diga-o quem viu a virtude tão viva de sua mulher, quão fora dos costumes, que antes tinha, quão honesta viúva, e que cristanamente vive, tanto que pareceu a todos digna de lhe darem o Santíssimo Sacramento; pois que direi de suas filhas, duas, a qual melhor cristã; que direi da Fé do grão velho Sayobi, que deixou sua aldeia e suas roças, e se veio morrer de fome em Piratininga, por amor de nós, cuja vida e costumes e obediência mostram bem a Fé do coração; quem

viu vir Fernão Corrêa de tão longe com fervor de Fé vir a pedir o batismo, e depois de tomado, levá-lo N. S. e muitos outros da aldeia, os quais, ainda que alguns não deixem a vida viciosa por exemplo de outros maus cristãos, que veem, todavia se crê deles terem Fé, pois o principal pecado, e que lhes mais estranham, deixaram, que é matarem em terceiro, e comerem carne humana. Quem não sabe que indo à guerra estes, e tomando contrários, os mataram, e enterraram; e para mais vos alegrar, também vos direi que se viu na Mandiçoba, onde se matavam uns índios Carijós, outro índio, que com os padres andava, oferecer-se com grande fervor e lágrimas a morrer pela Fé; e porque aqueles morressem cristãos, e outros muitos casos particulares, que acontecem cada dia, que seria largo contar, pois entre tão poucos colher-se logo tal fruto, e com tão fracos obreiros, como será possível, se N. S. mandar bons obreiros à sua vinha com as partes necessárias, vão se colher muito fruto, por certo tenho, que se vos achareis no tempo dos mártires, e vireis aquelas carniçarias daqueles infieis, que não abastava tantos milagres e maravilhas para os amolentar, nem tão boas pregações e razões, vós e eu disséramos, nunca estes hão de ser bons. Resolvendo-me logo, digo, enfim, razões, que o negócio de converter é principalmente de Deus, e ninguém traz a conhecimento de Jesus Cristo, senão quem seu pai traz, e quando ele quer, faz de pedras filhos de Israel, como tão pouco ninguém pode salvar-se, nem ter graça sem ele.

**Gonçalo Alves:** — Isso é tudo da parte de Deus, mas da parte do gentio também é neces-

sário aparelho, porque ouvi dizer que diz Santo Agostinho: que Deus, que me fez sem mim, não me salvará sem mim.

**Nogueira:** — Da parte do gentio, digo, que uns e outros tudo são ferro frio e duro, e que quando Deus os quiser meter na forja, logo se converterão esse, estes na fragoa de Deus, ficaram para se meterem no fogo por derradeiro; o verdadeiro ferreiro senhor do ferro, o sabe o porque, mas do aparelho de sua parte, tão mau o têm estes, como o tinham todas as outras gerações.

**Gonçalo Alves:** — Isso desejo saber mais claro.

**Nogueira:** — Quanto mais impedimentos um tiver para a conversão, tanto diremos que está menos disposto, e quanto menos do mal tem Deus que tirar deles, tanto mais dispostos serão.

**Gonçalo Alves:** — Ide adiante, e provai isso.

**Nogueira:** — Contai-me o mal de um destes, e o mal de um filósofo romano, um destes, muito bestial, sua bem-aventurança é matar, e ter nomes, e esta é sua glória; porque mais fazem, a lei natural não a guardam, porque se comem, são luxuriosos, muito mentirosos, nenhuma coisa aborrecem por má, e nenhuma louvam por boa; têm crédito em seus feiticeiros, aqui me encerrais tudo. Um filósofo é muito sábio, mas muito soberbo, sua bem-aventurança está na fama ou nos deleites, ou nas vitórias de seus inimigos, muito malicioso, que a verdade que Deus lhe ensinou escondeu, como diz São Paulo, não guardam a lei

natural, posto que a entendam, muito viciosos no vício contra a natureza, muito tiranos e amigos de senhorear, muito cobiçosos, e muito temerosos de perderem o que têm, adoram ídolos, sacrificam-lhes sangue humano, e senhores de todo gênero de maldade, o que não achareis nestes, porque, segundo dizem os padres que confessam, em dois ou três dos mandamentos, têm que fazer com eles, entre si vivem muito amigavelmente, como está claro, pois qual nos parece maior punido para desfazer.

**Gonçalo Alves:** — De ruim ganadio não há que escolher, mas, todavia queria que me respondêsseis às razões de cima mais distintamente.

**Nogueira:** — Pelo que está dito, bem clara está a resposta.

---

*Publicado na Revista do Instituto, tomo XLIII, parte Ia, 133/152, conforme cópia existente no mesmo Instituto, Biblioteca de Évora, tomo 2o, fls. 44 e segs. — G.*

## ESCLARECIMENTOS

Homem Santo (Barcaclué), p. 56.

SIMÃO de Vasconcellos (*Cron.*, 1. I, n. 131) diz que Nóbrega era muito conhecido nos sertões do Paraguai, nos quais o chamavam *Barcaclué*, “que vai o mesmo Homem Santo”. Aí dominavam os Carijós (Guaranis), que falavam a mesma língua dos índios da costa do Brasil.

A respeito desta palavra “Barcaclué” foram consultados os srs. conselheiro H. de Beaurepaire Rohan, dr. Macedo Soares e Hilário Peixoto, que me deram as seguintes indicações.

O conselheiro Beaurepaire Rohan:

“Barcaclué não é, nem poderia em caso algum ser, vocábulo guarani, já pela sua estrutura, que vai de encontro à prosódia desta língua, e já pela presença da letra L, que não existe no seu alfabeto. *Barcaclué* é evidentemente o resultado ou de um erro de escrita servilmente copiado pela tipografia, ou de um erro de tipografia, que, não tendo sido corrigido na primeira edição, se tem reproduzido em todas as outras. Seria inútil tentar a interpretação deste pseudo-vocábulo, se Simão de Vasconcellos lhe não tivesse dado a tradução em português. Segundo este autor, Barcaclué quer dizer *homem santo*. Em guarani, homem se traduz em Abá. Quanto a santo, em falta de termo equivalente, podemos recorrer a diversos adjetivos na acepção de bom, “honrado”, “virtuoso”, atributos necessários dos bem-aventurados. Entre esses adjetivos, temos *catueté*, composto de *catu*, bom, e

*eté*, superlativo, significando, portanto, *muito bom*, *ótimo*. A versão de homem santo seria pois Abá-catueté. Mas como esse homem de quem se trata era um sacerdote, eu adoto inteiramente a opinião do sr. Valle Cabral de que as primeiras quatro letras “Barc” são o estropeamento de *Abaré*, pela supressão do A inicial, e troca do E final por C. As seguintes “aclué” o são, quanto a mim, de *catueté*, e facilmente corrigíveis como se segue: ac = ca; lu = tu; é = eté. Desta sorte, o incompreensível “Barcaclué” ficará reduzido a “Abaré catueté”, cuja tradução literal é *sacerdote ótimo*”.

O dr. Macedo Soares:

A palavra “barcaclué” com que, sg. Simão de Vasc, *Cron.*, I, n. 131, os índios dos sertões do Paraguai designavam o padre Manuel da Nóbrega, significando “homem santo”, salta aos olhos que não é guarani. A língua geral não tem L, nem sílaba trilitera de mais de uma consoante (bar, clu, are), nem consoantes juntas, mesmo de sílabas diversas, com vogais intercalada (r-c, c-l). Há visivelmente grande erro de grafia, ou do copista do mss. de Vasconcellos, ou do seu impressor, nesse epíteto de *barcaclué*.

Como restituir a palavra original?

“Homem santo” em guar. é *abá marangatu* = *morangatu* = *porangatu*. Mas, aos padres do Paraguai chamavam os índios *pai-abarê* (*padre homem*) — outro, diferente do pajé, o padre deles, como se explica no *Conquista Espiritual*, § 14. Ora, um abaré grande, ilustre, maioral da comunidade, distinguindo-se de todos, como o Nóbrega, é um *abaré eté* = *eté*. Não será barcaclué completa perversão

gráfica de ábaréeté, escrevendo-se talvez o adjetivo com TT (etté), e dando assim mais uma haste para as letras do “clué”?

“Estará a glosa longe do mote; mas, não está fora do sentido. Em falta de melhor, é a interpretação que alcanço.”

O sr. H. Peixoto:

“Barcaclué. Analiticamente a forma gráfica deste vocábulo, tal como chegou até nós, não representa os sons que apreendeu o ouvido: em “abáfieen” não existem as semivogais (vulgo consoantes líquidas) L e R (esta com o som trilante, ou, melhor, contínuo). Assim os fonemas r e cl não ocorrem na palavra que se tentou reproduzir. Atribuindo a corruptela em parte à má interpretação de manuscrito (C em vez de E), daí o erro tipográfico; em parte à infidelidade do ouvido (cl por c); temos para forma primitiva barécué = abaré-f- cuéra, por aferese de a e apocope de ra, ambas sílabas átonas, fenômeno devido à conhecida *lei do menor esforço*. São inúmeros os exemplos destas alterações, e, notadamente da última, manifestam-se no Rio Grande do Sul, Rio da Prata e Paraguai, onde, — ao contrário do que se dá no centro e norte do Brasil, — persiste a tendência de fazer agudas as palavras de origem *abáneen*. Cp. Capané = Capanema; Piratinim (melhor Piratiny) = Piratininga; Yberá = Uberaba etc.

Assim explicado, o vocábulo significa *padre salvador, esforçado*; porquanto abaré = padre, cuéra = são, valente, esforçado, salvador etc., como diz-lo Montoya em definições e exemplos; e ainda quanto ao adjetivo, é ele demasiado corrente (F. é

um cuéra etc.) no Brasil para que careçamos deduzir mais provas.

É digno de reparo que se depare vocábulo como *barcaclué* na mesma obra em que Simão de Vasconcellos avança não terem nossos índios nem fé, nem lei, nem rei, só porque desconheciam os sons iniciais daquelas palavras.

Segundo Simão de Vasconcellos, os padres em geral eram chamados pelos índios *Abarés* (*Cron.*, 1. I, n. 54) e também *Abaréguas* (*Cron.*, 1. I, n. 108). Os de São Vicente chamavam (S. de Vasc, *Cron.*, 1. I, n. 68) ao padre Leonardo Nunes *Abarébébé, padre que voa*". Timon (João Francisco Lisboa) diz (*Jornal de Timon*, 1853, p. 365): "Nóbrega partiu para São Vicente a dar pressa à conclusão da paz, e Anchieta ficou como em reféns. Tão multiplicadas e rápidas viagens fazia Nóbrega, em proveito comum, que os índios admirados lhe puseram o nome de *Abarê-Bebe, padre voador*". Não declara, porém, a fonte de que se serviu. Seria confusão de Timon com o nome com que designavam os índios o padre Leonardo Nunes, ou a melhor explicação que achou para dar a palavra *Barcaclué*?

"Este homem com um seu genro", p. 111.

Efetivamente é Paulo Dias Adorno, o genro de Diogo Álvares, o Caramuru, a que se refere Nóbrega, como o comprova esta carta do ouvidor-geral Pero Borges dirigida a D. Catarina, e cujo original se acha na Torre do Tombo, Part. Ia, Maço 102, Doc. 129:

“Senhora. — Paulo Dias é dos primeiros povoadores desta capitania da Bahia, e quando a ela veio Tomé de Sousa, governador-geral, nestas partes do Brasil o achou nela com mulher e filhos. Serviu desde aquele tempo até agora muito bem em tudo o que o encarregavam de serviço de Sua Alteza à sua própria custa e com seus navios e escravos, e agora na guerra que houve na capitania do Espírito Santo muito bem. Disse-me que o escrevesse a Vossa Alteza, digo que passa assim na verdade e que o pode Vossa Alteza encarregar em alguma capitania de algum navio, porque é muito para isso e entende do mar bem e porque ele vai enfadado desta terra e o porque Vossa Alteza o pode mandar saber deles e será necessário nela por o que dela sabe, deve-o Vossa Alteza mandar encarregar em alguma coisa nestas partes e será como digo de capitão de algum navio, porque é para isso. Desta cidade do Salvador, a 7 de agosto de 1558. — O doutor Pero Borges.

Paulo Dias ia a Portugal e parece ficar explicada a razão porque era condecorado e veio à conquista do Rio de Janeiro com Estácio de Sá, comandando um dos navios da armada.

Como diz fr. Vicente do Salvador, Paulo Dias foi à conquista do Espírito Santo com Fernão de Sá, e Pero Borges o confirma: “e agora na guerra que houve na capitania do Espírito Santo muito bem.” Talvez, pois, que um dos seus desgostos, que allega a carta do ouvidor-geral, fosse o governador não o querer ver por causa da morte do filho, que se deu antes do 1º de junho de 1558 (vide nota 95).

Simão da Gama e sua mulher, pp. 247, 248.

Segundo fr. Vicente do Salvador (*Hist.*, 1. 3o, c. 2o), mandado por D. João III, chegou à Bahia em 1550 com uma armada, no galeão Velho. A seu respeito escreve o historiador: “Foi este fidalgo em esta cidade grande repúblico e daí a muitos anos morreu nela de herpes, que lhe deram em uma perna, deixando uma capela perpétua de missas na igreja da Misericórdia, onde está sepultado com um epitáfio que diz assim:

Pela suma caridade de  
Cristo crucificado,  
está aqui sepultado  
Simão da Gama de Andrade  
para ser ressuscitado.”

O Visc. de Porto Seguro (*Hist.*, p. 242):  
“Terras do esteiro de Pirajá sabemos, porém, que foram dadas a Simão da Gama de Andrade, o qual tendo vindo por comandante do galeão São João Batista, preferiu ali ficar, recebendo uma légua de sesmaria além da ilha dos Frades, em 17 de janeiro de 1552.”

Sua mulher chamava-se Leonor, segundo diz o padre Leonardo do Valle na carta da Bahia de 26 de junho de 1562. Gabriel Soares fala de um engenho desta senhora situado no rio Pirajá, acrescentando-lhe o apelido Soares, “mulher que foi de Simão da Gama de Andrade.” Este portanto em 1587 já era falecido. D. Leonor Soares era provavelmente irmã de Sebastião da Ponte. [A carta

de sesmaria de Simão da Gama lê-se em Varnhagen, *História Geral*, I, 315/316, 4a ed. — D. Leonor ainda era viva na Bahia, em 1591. Contra ela, perante a mesa do Santo Ofício, em 16 de agosto daquele ano, denunciou D. Lúcia de Mello, dizendo que “haverá dois meses ou três que Gaspar Leitão, cônego da Sé desta cidade, se queixou em casa dela denunciante, que Dona Leonor, viúva, mulher que foi de Simão da Gama, moradora nesta cidade, dera quebranto a uma sua irmã, e dizendo ela denunciante que não dissesse tal que não podia aquilo ser, ele lhe respondeu que quando nesta cidade houve um dia grandes brigas e revoltas entre o bispo e o governador Luís de Brito que ela na mesma noite daquele dia fora a Portugal dar aquela nova.” — Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil — Denúncias da Bahia, 343, São Paulo, 1925]. — G.

Sebastião da Ponte, pp. 242.

Mais tarde este poderoso morador da Bahia deu causa a diferenças entre o bispo D. Antônio Barreiros e o governador Luiz de Brito de Almeida, segundo o testemunho de fr. Vicente do Salvador (*Hist.*, 1. 3o, c. 21): “Havia nesta terra um homem aliás honrado e rico, chamado Sebastião da Ponte, mas cruel em alguns castigos, que dava a seus servos, fossem brancos ou negros; entre outros chegou a ferrar um homem branco em uma espádua com o ferro das vacas, depois de bem açoitado: sentido o homem disto se embarcou e foi para Lisboa, onde, esperando uma manhã a el-rei

quando ia para a capela, deixou cair a capa que só levava sobre os ombros e lhe mostrou o ferrete pedindo-lhe justiça com muitas lágrimas.

“Informado el-rei do caso, escreveu ao governador, que lhe mandasse preso a bom recado ao Reino o dito Sebastião da Ponte.

“Teve ele notícia disto e acolheu-se a uma ermida de Nossa Senhora da Escada, que está junto a Pirajá, onde o réu então morava: demais disto chamou-se às ordens, dizendo que tinha as menores, e andava com hábito e tonsura, porque não era casado, pelas quais razões depreciou o bispo ao governador não o prendesse, mas não lhe valeu, começou logo a proceder a censuras e finalmente chegou o negócio a tanto, que houveram de vir às armas correndo com elas o povo néscio e inconstante, já ao bispo com o temor das censuras, já ao governador com o temor da pena capital, que ao som da caixa se publicava, e o que mais era que ainda depois de todos acostados ao governador, seus próprios filhos, que estudavam para se ordenarem, com pedras nas mãos contra seus pais, se acostavam ao bispo e a seus clérigos e familiares.

“Porém enfim (*jussio regis urgebat*), e se mandou o preso ao Reino como el-rei o mandava, onde foi metido na prisão do Limoeiro e nela acabou como suas culpas mereciam.”

Quando se deram estes fatos o bispo “não era chegado de muitos dias”, como diz fr. Vicente. Agora, segundo o Cat. dos bispos até 1676, que acompanha as *Constituições Prim. do Arceb. da Bahia*, ed. de Coimbra de 1720, o bispo chegou à Bahia no dia da Ascensão (31 de maio) de 1576; mas An-

chieta (Mat. e Ach. I L. p. 9) diz que ele veio em 1575. O Visc. de Porto Seguro o dá como empossado a 15 de agosto (dia da Assunção) de 1576.

Quanto à capela de Nossa Senhora da Escada, que lhe dá acesso estreito caminho de barro, está situada em um pequenol alta em Itacaranha, lugar pitoresco do recôncavo da Bahia. A seu respeito escrevia Gabriel Soares em 1587: “É uma formosa igreja dos padres da Companhia, que a têm muito bem concertada, onde às vezes vão convalescer alguns padres de suas enfermidades, por ser o lugar para isso; a tal igreja está uma légua do rio Pirajá e duas da cidade.”

Há 20 anos a vi no mais completo abandono e muito arruinada; mas, segundo informações fidedignas, foi restaurada há poucos anos e acha-se de presente em muito bom estado.

A povoação de Pirajá, muito distante da embocadura do rio, dista talvez uma légua ou pouco mais de Nossa Senhora da Escada.

Gabriel Soares fala de um engenho “que se diz de Sebastião da Ponte”, no rio Matoim; de um “curral de Sebastião da Ponte”, cinco léguas ao longo do mar da barra do Juquirijape; e de outro “engenho de Sebastião da Ponte”, no rio Una.

Jaboatão, que não conheceu nem a *História do Brasil* nem a *Crônica da Custódia do Brasil*, escritas por fr. Vicente do Salvador, escreve: “Desta (Bahia) passou para as terras do Cairu um Sebastião de Pontes, de posses e cabedais, deixando nas da Bahia fabricados já dois engenhos, e, com outros portugueses mais, foi escolher por morada e vivenda as terras que naquele país rega e fertiliza um dos seus

principais rios, chamado Una; e nelas fabricou o terceiro engenho, domesticando muitos dos naturais Tapuias ao seu mando e serviço, fazendo-se na terra, sobre poderoso, insolente. Por esta desordem foi acusado na Corte, e, entre os crimes que lhe imputaram os ofendidos, foi um nomearem-no por Rei ou Regulo do Brasil, pelo qual foi levado ao Reino, e do Limoeiro sem se falar mais nele, depois de muitos anos foi levado à sepultura, com o custo só de um bastão, diz o que nos dá esta notícia.” (*Orbe Serafico*, Digr. IV, Est. V, n. 77).

Vasco Rodrigues de Caldas, pp. 242, 250, 261, 283, 287, 294.

Este conquistador dos índios da Bahia era português, nobre, capitão de gente, serviu de vereador da Câmara e ia a Portugal em 1562, como tudo se colige da seguinte carta dirigida a D. Catarina:

“Senhora. — O portador se chama Vasco Rodrigues de Caldas, que este ano presente serviu de vereador nesta cidade. É pessoa de qualidade e nobre e há muitos anos que habita nesta cidade e tem boa experiência da terra e servido muito bem Sua Alteza nas guerras desta capitania e dos Ilhéus; e sendo capitão de gente fez muito boas coisas, como leva por instrumentos. Pedimos a Vossa Alteza que dele se informe sobre o que escrevemos a Sua Alteza e do mais que não se pode escrever, porque é pessoa de qualidade e nobre, a quem se pode dar inteiro crédito. E dará boa informação de tudo e do estado em que a terra fica.

Escrita nesta cidade do Salvador, sob nossos sinais e selo da dita cidade. Braz Alcoforado, escrivão da Câmara dela por Sua Alteza, a fez aos 22 de julho de 1562 anos. — João Fernandes Cocho (?). — Gaspar de Barros Magalhães (?). — Francisco Pantoja (?). — Sebastião Álvares.”

O original desta carta está na Torre do Tombo, parte Ia, maço 105, doe. 141.

[Impressa diplomaticamente nos *Anais da Biblioteca Nacional*, XXVII, 237. — A carta de mercê, que Mem de Sá fez a Vasco Rodrigues de Caldas e a cem homens que vão com ele a descobrir minas, de 24 de dezembro de 1560, *ibidem*, 231/233]. — G.

Copyright 2021  
Todos direitos reservados

Concepção visual e capa  
Juliana Rabinovitz

Idealização e Curadoria da *Coleção AutoConhecimento Brasil*:  
Aninha Franco

Produção  
Levina Ferraz

THEATRO  
XVII

Republica af

NAÇÃO  
FULFJO

**APOIO FINANCEIRO:**



SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



“O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal”.

Lendo esses livros, encontrei a Bahia e o Brasil. Com eles, estudei caminhos para escrever e criar lugares de Pensar – o Bleff (Anos 1980), Theatro XVIII (Anos 2000), República\_AF (Agora). Neles, tive certeza de que o autoconhecimento pode fazer do Brasil um lugar melhor, um lugar onde se Pensa.

Aninha Franco.

Auto Conhecimento Nação Fulejo.

THEATRO  
XVIII

REPÚBLICA  
AF

BLEFF  
FULEJO

Apoio Financeiro:



GOVERNO  
DO ESTADO

SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO

